

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

JULIANA RANGEL SCARDUA

**VARIAÇÃO E ESTILO: UMA INVESTIGAÇÃO DA CONCORDÂNCIA
NOMINAL EM DIFERENTES SITUAÇÕES COMUNICATIVAS**

**VITÓRIA
2022**

JULIANA RANGEL SCARDUA

**VARIAÇÃO E ESTILO: UMA INVESTIGAÇÃO DA CONCORDÂNCIA
NOMINAL EM DIFERENTES SITUAÇÕES COMUNICATIVAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Marta Pereira Scherre

VITÓRIA

2022

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

S285v Scardua, Juliana Rangel, 1994-
Variação e estilo : uma investigação da concordância nominal
em diferentes situações comunicativas / Juliana Rangel Scardua. -
2022.
302 f. : il.

Orientadora: Maria Marta Pereira Scherre.
Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Linguística. 2. Sociolinguística. 3. Língua portuguesa -
Variação. 4. Língua portuguesa - Concordâncias. 5. Língua
portuguesa - Português falado. I. Scherre, Maria Marta Pereira.
II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

Juliana Rangel Scardua

VARIAÇÃO E ESTILO: UMA INVESTIGAÇÃO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL EM DIFERENTES SITUAÇÕES COMUNICATIVAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutora em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 03 de agosto de 2022.

Comissão Examinadora:

Profa Dra Maria Marta Pereira Scherre (UFES)
Orientadora e Presidente da Comissão

Profa Dra Lilian Coutinho Yacovenco (UFES)
Examinadora Interna

Profa Dra Leila Maria Tesch (UFES)
Examinadora Interna

Profa Dra Flavia Medeiros Alvaro Machado (UFES) – Coordenadora do PPGE
Por: **Prof. Dr. Gregory R. Guy (NYU)**
Examinador Externo

Profa Dra Christina Abreu Gomes (UFRJ)
Examinadora Externa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
MARIA MARTA PEREIRA SCHERRE - SIAPE 99992013
Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGLI/CCHN
Em 04/08/2022 às 19:39

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/531069?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
LILIAN COUTINHO YACOVENCO - SIAPE 297946
Departamento de Linguas e Letras - DLL/CCHN
Em 05/08/2022 às 18:22

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/531924?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
LEILA MARIA TESCH - SIAPE 2859620
Departamento de Linguas e Letras - DLL/CCHN
Em 09/08/2022 às 10:07

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/533383?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
FLAVIA MEDEIROS ALVARO MACHADO - SIAPE 3039500
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGLi/CCHN
Em 19/08/2022 às 19:06

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/543599?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



Documento assinado digitalmente

CHRISTINA ABREU GOMES

Data: 21/08/2022 19:04:40-0300

Verifique em <https://verificador.itl.br>

Aos meus pais, Nino e Rosa, por tudo o que representam para mim.

Ao meu marido, Bruno, por sempre me encorajar a ser quem eu quisesse ser.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo sustento ao longo de toda a caminhada e por possibilitar a realização de mais um sonho.

Aos meus pais, Reinaldo Antonio Scardua e Rosa Maria Rangel Scardua, pela ajuda sem-fim com os afazeres diários para que eu pudesse me dedicar inteiramente à escrita da tese. O tempo de vocês está em cada palavra aqui redigida. Obrigada por tudo e por tanto!

Ao Bruno Patrício Rodrigues, que caminha comigo há dez anos, pela parceira, pelo amor, pelo zelo e pela generosidade cotidiana. Agradeço pelos gráficos e, especialmente, por compreender que minhas ausências eram necessárias para que este trabalho pudesse tomar corpo. Eu te escolheria em mais um milhão de vidas!

Ao meu irmão, Helder Rangel Scardua, pela companhia de uma vida inteira, por custear meus estudos durante os três anos do ensino médio e por torcer por mim todos os dias, desde sempre.

Meu agradecimento também aos demais familiares, pelos momentos de descontração. Agradeço, em especial, ao Fabricio Eduardo Dias Martinelli, pela boa vontade e por ter estado sempre disposto a me ajudar com as traduções.

À minha orientadora-amiga Maria Marta Pereira Scherre, por aguçar em mim, em todo o tempo, o interesse pela pesquisa. Obrigada por ter sido luz no decorrer desta intensa jornada, pelas orientações precisas dos últimos oito anos, pelas leituras críticas e, sobretudo, pelo carinho e afeto de sempre. Sou muito grata por nossos caminhos terem se entrelaçados na academia.

À Lilian Coutinho Yacovenco, meu agradecimento sincero pela recepção acolhedora no grupo de pesquisa PortVix. Agradeço pelos muitos ensinamentos, pelo cuidado e pelas valiosas contribuições feitas a este trabalho desde o exame de qualificação.

Às professoras Christina Abreu Gomes e Edair Maria Görski, pela leitura atenta da versão piloto da qualificação e pelos importantes apontamentos que certamente engrandeceram este estudo.

Agradeço, de igual modo, ao Gregory Riordan Guy e à Leila Maria Tesch, por aceitarem o convite para compor a banca examinadora desta tese. Obrigada pela disponibilidade, pela leitura e pela atenção.

Ao Frederico Pitanga Pinheiro e à Carolina Amorim Zanellato, pela amizade, pela escuta zelosa e pelo suporte quando das dificuldades enfrentadas durante a realização deste trabalho. Compartilhar com vocês todos os momentos de minha trajetória acadêmica tornou mais leve o processo.

Aos queridos colegas do PortVix e aos companheiros de doutorado, pelo convívio e pelas relevantes discussões. Meu muito obrigada, em especial, à Tarsila Machado Pinto, pelas palavras de incentivo; à Caroliny Batista Massariol, pelos desabaços e pelas relevantes reflexões acerca das abordagens da variação estilística; à Elaine Cristina Borges de Souza, por ter esclarecido minhas dúvidas sobre o Comitê de Ética em Pesquisa; à Lays de Oliveira Joel Lopes, por partilhar comigo dicas para dar conta do doutorado trabalhando 43 horas semanais na educação básica; e à Marianna Cardoso Reis Merlo, pela generosidade e pela revisão do abstract.

Aos meus amigos e amigas de fora da universidade, por entenderem minha falta de tempo, principalmente nos últimos seis meses. Agradeço, especialmente, à Ana Caroline Alves Carneiro Queiroz, à Camila Matias de Souza, ao Igor Miranda Chagas, à Laiane Lopes Cruz, à Lídia Romana Teles da Silva, ao Lucas Gomes Trarbach e ao Yago Saturnino, pela paciência, pelo carinho e pelas energias positivas a mim ofertados.

Aos colegas da E.E.E.F.M. Professora Maria de Lourdes Santos Silva, pelas palavras de encorajamento e aconchego.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, pelo conhecimento compartilhado.

De maneira especial, agradeço aos participantes da pesquisa, Gabriel e Lavínia, que tornaram este trabalho possível ao oportunizarem que as suas práticas cotidianas e institucionais pudessem ser objeto de investigação.

RESUMO

Estudos sobre o estilo, no âmbito da Sociolinguística Variacionista, são fundamentados no princípio de que a variação estilística está relacionada à atenção à fala, à audiência e aos múltiplos papéis sociais que os falantes desempenham na vida cotidiana (cf. BELL, 1981, 2001; ECKERT, 2000, 2001, 2005, 2016; HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2016; LABOV, 2008 [1972], 2001a; PODESVA, 2007a, 2007b, 2011; SCHILLING-ESTES, 2002). Conciliando essas perspectivas teóricas, esta pesquisa analisa, em uma abordagem intrafalante, a variação entre a presença e a ausência de marcas explícitas de plural nos elementos flexionáveis do sintagma nominal em situações naturais de fala. Nossas amostras compõem-se de, aproximadamente, 16 horas e 41 minutos de gravações orais de dois jovens capixabas, um homem e uma mulher, ambos com 25 anos e mais de onze anos de escolarização, interagindo com diferentes interlocutores, em contextos cotidianos e institucionais. Para compreender o funcionamento do processo da concordância nominal de número, no plano linguístico, foram controladas três importantes variáveis: posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal, saliência fônica na relação singular/plural dos itens nominais e marcas precedentes. No plano estilístico, primeiramente, foi examinada a situação comunicativa e, posteriormente, um conjunto de traços que a compõem: o enquadre interativo, o conhecimento da gravação, o tópico discursivo e a relação de proximidade entre os interlocutores. A análise quantitativa dos dados foi feita por meio do programa computacional *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que forneceu a influência estatística das variáveis linguísticas e estilísticas, e complementada com uma análise interpretativa de ordem interacional do *aqui e agora* das trocas verbais. Os resultados depreendidos da análise por indivíduo apontam que, na produção verbal de ambos os jovens, ocorre a predominância da marcação de plural em detrimento da não marcação. As variáveis linguísticas evidenciam que os itens situados mais à esquerda no sintagma nominal, os mais salientes e os precedidos de marcas favorecem o emprego do morfema plural. A variável situação comunicativa indica que, mesmo os falantes tendo escolarização alta, há um trânsito estilístico em que o uso de concordância tende a crescer ou diminuir em função da configuração e dos acontecimentos do evento comunicativo,

ou seja, é ativado por um conjunto complexo de traços que envolvem a monitoração da fala, os ouvintes, o tópico discursivo e os papéis assumidos em cada interação. A abordagem dos traços estilísticos que integram a variável situação comunicativa confirma o observado de modo interpretativo ao explicitar estatisticamente que o enquadre não conversa, o conhecimento da gravação, os assuntos institucionais e a relação de distanciamento entre os interlocutores influenciam positivamente a inserção de marcas explícitas no interior do sintagma nominal. A análise comparativa entre indivíduo e comunidade demonstra a regularidade da dimensão estrutural da variação da concordância nominal de número e, finalmente, sugere que um possível rumo para esse processo variável em comunidades urbanas é o plano estilístico. Este trabalho contribui, portanto, para uma compreensão mais aprofundada da dinâmica da concordância nominal e, especialmente, para os estudos de estilo no português brasileiro.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Variação estilística. Concordância nominal.

ABSTRACT

Studies on style within the scope of Variationist Sociolinguistics are based on the principle that stylistic variation is related to attention to speech, the audience and the multiple social roles that speakers play in everyday life (cf. BELL, 1981, 2001; ECKERT, 2000, 2001, 2005, 2016; HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2016; LABOV, 2008 [1972], 2001a; PODESVA, 2007a, 2007b, 2011; SCHILLING-ESTES, 2002). Combining those theoretical perspectives, this research analyzes, through an intra-speaker approach, the variation between the presence and absence of explicit plural marks in the inflectable elements of the noun phrase in natural speech situations. Our samples consist of approximately 16 hours and 41 minutes of oral recordings of two young speakers from Espírito Santo, a man and a woman, both aged 25 and over eleven years of schooling, interacting with different interlocutors, in everyday and institutional contexts. To understand the functioning of the noun phrase agreement process, three important variables were controlled at the linguistic level: relative and linear position of the elements within the noun phrase, phonic salience in the singular/plural relation of nominal items and preceding marks. At the stylistic level, firstly, it was examined the communicative situation and, later, a set of features that compose it: the interactive frame, the awareness of the recording, the discursive topic and the relationship between the interlocutors. The quantitative analysis of the data was performed using the computer program GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), which provided the statistical influence of linguistic and stylistic variables and complemented with an interpretative analysis of the interactional order of the “here and now” of the verbal exchanges. The results obtained from the analysis by individual indicate that, in the verbal production of both young speakers, there is a predominance of plural marking to the detriment of non-marking. The linguistic variables show that the items located more to the left in the noun phrase, the most salient ones and those preceded by marks favor the use of the plural morpheme. The communicative situation variable indicates that, even with upper educational speakers, there is a stylistic transit in which the use of concordance tends to increase or decrease depending on the configuration and events of the communicative event, that is, it is activated by a complex set of traits that involve speech monitoring, the listeners, the

discursive topic and the roles assumed in each interaction. The approach of the stylistic traits that integrate the communicative situation variable confirms what was observed in an interpretive way by statistically explaining that the non-conversational frame, the awareness of the recording, the institutional issues and the distance relationship between the interlocutors positively influence the insertion of explicit marks in the noun phrase. The comparative analysis between individual and community demonstrates the regularity of the structural dimension of variation in nominal number agreement and, finally, suggests that a possible direction for this variable process in urban communities is the stylistic plane. Therefore, this research contributes to a deeper understanding of the dynamics of noun phrase agreement and, especially, for studies of style in Brazilian Portuguese.

Keywords: Variationist Sociolinguistics. Stylistic variation. Noun phrase agreement.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – DISTRIBUIÇÃO DOS ESTILOS CONTEXTUAIS EM FUNÇÃO DO EIXO DE ATENÇÃO À FALA, SEGUNDO LABOV (2008 [1972])	52
FIGURA 2 – ÁRVORE DA DECISÃO.....	53
FIGURA 3 – ESTILO NAS DIMENSÕES INICIATIVA E RESPONSIVA SEGUNDO O MODELO DA <i>AUDIENCE DESIGN</i>	58

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – FREQUÊNCIAS GERAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL E COLABORADORA LAVÍNIA)	188
GRÁFICO 2 – VARIAÇÃO ESTILÍSTICA SEGUNDO AS SITUAÇÕES COMUNICATIVAS (COLABORADOR GABRIEL).....	189
GRÁFICO 3 – VARIAÇÃO ESTILÍSTICA SEGUNDO AS SITUAÇÕES COMUNICATIVAS (COLABORADORA LAVÍNIA)	190
GRÁFICO 4 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COMUNIDADE DE VITÓRIA, COLABORADOR GABRIEL E COLABORADORA LAVÍNIA)	205
GRÁFICO 5 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL MARCAS PRECEDENTES NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COMUNIDADE DE VITÓRIA, COLABORADOR GABRIEL E COLABORADORA LAVÍNIA)	208
GRÁFICO 6 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COMUNIDADE DE VITÓRIA, COLABORADOR GABRIEL E COLABORADORA LAVÍNIA)	210

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – PRINCÍPIOS SUBJACENTES AO MODELO LABOVIANO DE ATENÇÃO À FALA.....	55
QUADRO 2 – DISTRIBUIÇÃO DAS GRAVAÇÕES ESPONTÂNEAS DO COLABORADOR HOMEM.....	67
QUADRO 3 – DISTRIBUIÇÃO DAS GRAVAÇÕES ESPONTÂNEAS DA COLABORADORA MULHER.....	68
QUADRO 4 – SÍNTESE DAS SITUAÇÕES COMUNICATIVAS DO COLABORADOR GABRIEL.....	73
QUADRO 5 – SÍNTESE DAS SITUAÇÕES COMUNICATIVAS DA COLABORADORA LAVÍNIA	82
QUADRO 6 – PONTUAÇÃO DOS PARÂMETROS QUE COMPÕEM A VARIÁVEL PROXIMIDADE ENTRE OS INTERLOCUTORES.....	107
QUADRO 7 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA ANÁLISE LINGUÍSTICA E ESTILÍSTICA DA CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL – ANÁLISE A).....	111
QUADRO 8 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA ANÁLISE LINGUÍSTICA E ESTILÍSTICA DA CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA – ANÁLISE A).....	111
QUADRO 9 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA ANÁLISE LINGUÍSTICA E ESTILÍSTICA DA CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL – ANÁLISE B).....	112
QUADRO 10 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA ANÁLISE LINGUÍSTICA E ESTILÍSTICA DA CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA – ANÁLISE B).....	112
QUADRO 11 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA A SEGUNDA ETAPA DE ANÁLISE ESTILÍSTICA DA CONCORDÂNCIA NOMINAL	

(COLABORADOR GABRIEL – TRAÇOS QUE COMPÕEM A SITUAÇÃO COMUNICATIVA).....	155
QUADRO 12 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA A SEGUNDA ETAPA DE ANÁLISE ESTILÍSTICA DA CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA – TRAÇOS INICIAIS QUE COMPÕEM A SITUAÇÃO COMUNICATIVA).....	181
QUADRO 13 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA A SEGUNDA ETAPA DE ANÁLISE ESTILÍSTICA DA CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA – TRAÇOS FINAIS QUE COMPÕEM A SITUAÇÃO COMUNICATIVA).....	184

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – FREQUÊNCIA GERAL DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL).....	114
TABELA 2 – FREQUÊNCIA GERAL DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEM OS ELEMENTOS DA PRIMEIRA POSIÇÃO (COLABORADOR GABRIEL)	115
TABELA 3 – FREQUÊNCIA ABSOLUTA E RELATIVA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL)	116
TABELA 4 – EFEITO DETALHADO DA VARIÁVEL POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL)	118
TABELA 5 – EFEITO SINTÉTICO DA VARIÁVEL POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL)	120
TABELA 6 – EFEITO DA VARIÁVEL SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL)	123
TABELA 7 – FREQUÊNCIA ABSOLUTA E RELATIVA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO AS MARCAS PRECEDENTES (COLABORADOR GABRIEL).....	124
TABELA 8 – EFEITO DA VARIÁVEL MARCAS PRECEDENTES NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL)	126
TABELA 9 – INTERFERÊNCIA ENTRE POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR E MARCAS PRECEDENTES NA ANÁLISE A (COLABORADOR GABRIEL)	128
TABELA 10 – FREQUÊNCIA ABSOLUTA E RELATIVA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL DE ACORDO COM A SITUAÇÃO COMUNICATIVA (COLABORADOR GABRIEL).....	130

TABELA 11 – EFEITO DA VARIÁVEL SITUAÇÃO COMUNICATIVA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL).....	132
TABELA 12 – DISTRIBUIÇÃO DO EFEITO DA SITUAÇÃO COMUNICATIVA EM FUNÇÃO DOS NÍVEIS DE ANÁLISE (COLABORADOR GABRIEL).....	141
TABELA 13 – EFEITO DA VARIÁVEL CONHECIMENTO DA GRAVAÇÃO (COLABORADOR GABRIEL).....	150
TABELA 14 – INTERFERÊNCIA ENTRE SITUAÇÃO COMUNICATIVA E CONHECIMENTO DA GRAVAÇÃO (COLABORADOR GABRIEL).....	151
TABELA 15 – FREQUÊNCIA ABSOLUTA E RELATIVA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL DE ACORDO COM OS TRAÇOS ENQUADRE INTERATIVO, CONHECIMENTO DA GRAVAÇÃO, TÓPICO DISCURSIVO E PROXIMIDADE ENTRE OS INTERLOCUTORES (COLABORADOR GABRIEL).....	152
TABELA 16 – EFEITO DO TRAÇO ENQUADRE INTERATIVO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL).....	156
TABELA 17 – EFEITO DO TRAÇO CONHECIMENTO DA GRAVAÇÃO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL).....	157
TABELA 18 – EFEITO DO TRAÇO TÓPICO DISCURSIVO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL).....	158
TABELA 19 – EFEITO DO TRAÇO PROXIMIDADE ENTRE OS INTERLOCUTORES NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL).....	159
TABELA 20 – FREQUÊNCIA GERAL DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA).....	161
TABELA 21 – FREQUÊNCIA GERAL DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEM OS ELEMENTOS DA PRIMEIRA POSIÇÃO (COLABORADORA LAVÍNIA).....	161
TABELA 22 – FREQUÊNCIA ABSOLUTA E RELATIVA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA).....	163

TABELA 23 – EFEITO DETALHADO DA VARIÁVEL POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA)	164
TABELA 24 – EFEITO SINTÉTICO DA VARIÁVEL POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA)	168
TABELA 25 – EFEITO DA VARIÁVEL MARCAS PRECEDENTES NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA)	169
TABELA 26 – INTERFERÊNCIA ENTRE POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR E MARCAS PRECEDENTES NA ANÁLISE A (COLABORADORA LAVÍNIA).....	171
TABELA 27 – EFEITO DA VARIÁVEL SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA).....	173
TABELA 28 – EFEITO DA VARIÁVEL SITUAÇÃO COMUNICATIVA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA)	175
TABELA 29 – FREQUÊNCIA ABSOLUTA E RELATIVA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL DE ACORDO COM OS TRAÇOS ENQUADRE INTERATIVO, PROXIMIDADE ENTRE OS INTERLOCUTORES E TÓPICO DISCURSIVO (COLABORADORA LAVÍNIA).....	179
TABELA 30 – TABULAÇÃO CRUZADA DE DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS DAS VARIÁVEIS ENQUADRE INTERATIVO E PROXIMIDADE ENTRE OS INTERLOCUTORES (COLABORADORA LAVÍNIA)	183
TABELA 31 – EFEITO DA VARIÁVEL ENQUADRE/PROXIMIDADE INTERACIONAL NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA).....	185
TABELA 32 – EFEITO DA VARIÁVEL TÓPICO DISCURSIVO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA)	186

TABELA 33 – COMPARAÇÃO DAS FREQUÊNCIAS GERAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COMUNIDADE DE VITÓRIA, COLABORADOR GABRIEL E COLABORADORA LAVÍNIA)	198
TABELA 34 – COMPARAÇÃO DAS FREQUÊNCIAS GERAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL EM FUNÇÃO DO NÍVEL DE ESCOLARIZAÇÃO (COMUNIDADE DE VITÓRIA, COLABORADOR GABRIEL E COLABORADORA LAVÍNIA)	199
TABELA 35 – COMPARAÇÃO DAS FREQUÊNCIAS GERAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL EM FUNÇÃO DA FAIXA ETÁRIA (COMUNIDADE DE VITÓRIA, COLABORADOR GABRIEL E COLABORADORA LAVÍNIA).....	200
TABELA 36 – COMPARAÇÃO DAS FREQUÊNCIAS GERAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL EM FUNÇÃO DO SEXO (COMUNIDADE DE VITÓRIA, COLABORADOR GABRIEL E COLABORADORA LAVÍNIA)	201
TABELA 37 – FREQUÊNCIA GERAL DE CONCORDÂNCIA NOMINAL POR INDIVÍDUO NA COMUNIDADE DE VITÓRIA	202
TABELA 38 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COMUNIDADE DE VITÓRIA, COLABORADOR GABRIEL E COLABORADORA LAVÍNIA)	204
TABELA 39 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL MARCAS PRECEDENTES NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COMUNIDADE DE VITÓRIA, COLABORADOR GABRIEL E COLABORADORA LAVÍNIA)	206
TABELA 40 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COMUNIDADE DE VITÓRIA, COLABORADOR GABRIEL E COLABORADORA LAVÍNIA)	209
TABELA 41 – FREQUÊNCIAS GERAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL EM COMUNIDADES URBANAS BRASILEIRAS: RIO DE JANEIRO, SALVADOR, VITÓRIA E SÃO PAULO	213

TABELA 42 – EFEITO DA VARIÁVEL SITUAÇÃO COMUNICATIVA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL E COLABORADORA LAVÍNIA)	214
TABELA 43 – EFEITO DA VARIÁVEL CONTEXTO INTERACIONAL NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO PEREIRA E SCHERRE (1995).....	215
TABELA 44 – EFEITO DA VARIÁVEL ESTILO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO SOUSA (2012)	216
TABELA 45 – EFEITO DA VARIÁVEL SITUAÇÃO COMUNICATIVA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO SOUZA (2017)	217
TABELA 46 - EFEITO DO ESTILO DE FALA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (INFORMANTES DE 1-8 ANOS, 9-11 ANOS E >11 ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO DA AMOSTRA PORTVIX)	219
TABELA 47 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA (INFORMANTES >11 ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO DA AMOSTRA PORTVIX)	220
TABELA 48 – EFEITO DA VARIÁVEL GRAU DE FORMALISMO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO SCHERRE (1978).....	222
TABELA 49 – EFEITO DA VARIÁVEL REGISTRO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO ROSA (2019)	223

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

PortVix	Projeto Português Falado na Cidade de Vitória
P.R.	Peso relativo
SN	Sintagma nominal
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Ufes	Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	29
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO FENÔMENO VARIÁVEL	31
1.2 PONTOS DE PARTIDA.....	40
1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	41
1.4 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO	42
1.5 ENCAMINHANDO: ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	42
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	44
2.1 LÍNGUA COMO SISTEMA HETEROGÊNEO ORDENADO.....	44
2.2 VARIAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL	46
2.3 VARIAÇÃO ESTILÍSTICA: (DES)ALINHAMENTOS NA NOÇÃO DE ESTILO....	50
2.3.1 Estilo e atenção à fala	51
2.3.2 Estilo e audiência	57
2.3.3 Estilo e construção de <i>personae</i>	60
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	65
3.1 AS AMOSTRAS	65
3.1.1 Geração e transcrição dos dados	65
3.1.2 Perfil social dos participantes.....	69
3.1.3 Caracterização das situações comunicativas	71
3.1.3.1 Falante Gabriel.....	72
3.1.3.2 Falante Lavínia.....	82
3.2 DELIMITAÇÃO DO FENÔMENO VARIÁVEL.....	86
3.3 FATORES INTERNOS CONTROLADOS	90
3.4 FATORES EXTERNOS CONTROLADOS	101
3.5 TRATAMENTO QUANTITATIVO DOS DADOS.....	108
4 ANÁLISE DOS DADOS EM UMA PERSPECTIVA INTRAFALANTE	110
4.1 “PODE DEIXAR QUE EU VOU FAZER TODAS AS CONCORDÂNCIAS”: O CASO DE GABRIEL.....	113
4.1.1 Resultados gerais	113
4.1.2 Variáveis linguísticas.....	116
4.1.2.1 Posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal	116
4.1.2.2 Saliência fônica na relação singular/plural dos itens nominais.....	121

4.1.2.3 Marcas precedentes.....	124
4.1.3 Variáveis estilísticas	129
4.1.3.1 Situação comunicativa.....	129
4.1.3.2 Traços estilísticos que compõem a situação comunicativa: enquadre interativo, conhecimento da gravação, tópico discursivo e proximidade entre os interlocutores.....	152
4.2 “EXIGE-SE MAIS DA MULHER DEPENDENDO DE DE QUAL... CARGO ELA OCUPA”: O PERFIL DE LAVÍNIA	160
4.2.1 Resultados gerais	160
4.2.2 Variáveis linguísticas	162
4.2.2.1 Posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal	162
4.2.2.2 Marcas precedentes.....	169
4.2.2.3 Saliência fônica na relação singular/plural dos itens nominais.....	172
4.2.3 Variáveis estilísticas	174
4.2.3.1 Situação comunicativa.....	174
4.2.3.2 Traços estilísticos que compõem a situação comunicativa: enquadre interativo, proximidade entre os interlocutores e tópico discursivo	179
4.3 REFLEXÕES SOBRE O TRÂNSITO ESTILÍSTICO DOS INDIVÍDUOS	187
5 COMPARAÇÃO ENTRE INDIVÍDUO E COMUNIDADE	198
5.1 A REGULARIDADE DA DIMENSÃO ESTRUTURAL DA VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL.....	203
5.2 O RUMO ESTILÍSTICO DA VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL.....	211
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	225
REFERÊNCIAS	229
APÊNDICES	239
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	239
APÊNDICE B – RODADAS PRINCIPAIS DO COLABORADOR GABRIEL	243
APÊNDICE C – RODADAS PRINCIPAIS DA COLABORADORA LAVÍNIA.....	275
APÊNDICE D – TESTE DE SIGNIFICÂNCIA ESTATÍSTICA.....	297
ANEXOS	298
ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	298
ANEXO B – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO	302

1 INTRODUÇÃO

A concordância nominal de número plural, objeto de estudo desta tese, pode ser realizada de duas maneiras no português brasileiro: com presença de marcas explícitas de plural em todos os elementos flexionáveis ou com ausência de marcas explícitas de plural em alguns elementos flexionáveis. A alternância dessas duas variantes no fluxo de fala de um mesmo indivíduo pode ser observada nos *super tokens* relacionados a seguir¹, que constituem, nos termos de Tagliamonte (2006), os casos ideais para exemplificar a variação linguística.

(1) “cê tem direito **aos bloco** tudo... **os bloco** é tudo open bar... e **as atrações** são pica véi... é atração nacional... tudo atração nacional... tem um tal de bloco do caixão lá que é famoso pra carai... bloco do siri... são **os dois blocos mais famosos**... mas tem **um monte de bloco**” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(2) “[...] ela faz **uns comentários muito engraçado**, Fernando... tipo, teve uma hora a Rosana tava falando de de variação, né? aí ela levantou a mão e falou: “então, eu tenho:: **sete variações linguísticas**... porque tem uma que eu sou meio-”, ela começou a falar **um monte de de escritor**... “eu sou meio Hilda Hilst... eu sou meio tal coisa e tem a variedade da Umbanda... e também tem do:: do do/ da comunidade LGBT”... **umas parada** tipo assim, a Rosana ficava tipo assim” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), a variação e a mudança linguística não ocorrem de maneira caótica e aleatória, mas de forma ordenada, pois variáveis internas e externas à língua condicionam o uso e o deslocamento no tempo das formas variantes. À luz dessa concepção sociolinguística, diversos pesquisadores realizaram estudos sobre o fenômeno da concordância nominal em comunidades

¹ É importante esclarecer ao leitor que, nos *super tokens* (1) e (2) e nos demais exemplos desta tese, temos os sintagmas nominais sublinhados e os dados de análise em negrito.

brasileiras, observando os fatores linguísticos e sociais que atuam sobre ele (cf. BRAGA, 1977; CARVALHO, 1997; FERNANDES, 1996; GUY, 1981; LOPES, L. de O. J., 2014, 2020; LOPES, N. da S., 2001; MARTINS, 2013; OUSHIRO, 2015; SCARDUA, 2018; SCHERRE, 1978, 1988; entre outros). Todavia, esses pesquisadores têm se voltado pouco para o estudo da variação estilística, isto é, para as “diferenças dentro da fala de um único falante”² (BELL, 1984, p. 145, tradução nossa).

Entre os poucos trabalhos que buscam abordar a influência de aspectos estilísticos sobre a marcação de plural nos elementos do sintagma nominal (SN) em entrevistas sociolinguísticas, podemos citar Scherre (1978), que analisa gravações realizadas com o conhecimento e sem o conhecimento por parte de três falantes; Scherre (1988), que observa traços estilísticos por meio da informalidade léxica; Scardua (2018), que examina efeitos estilísticos com base na *Árvore da Decisão* (LABOV, 2001a); e Lopes, L. de O. J. (2020), que explora a dimensão estilística via origem da entrevistadora. No âmbito de pesquisas que focalizam o significado social da prática estilística em comunidades de prática, podemos mencionar Salomão-Conchalo (2015), que investiga como os adolescentes de uma escola de São José do Rio Preto/SP constroem suas identidades; e Mangabeira (2012, 2016), que averigua a construção de identidades no cotidiano escolar de jovens e adultos do Centro do Trabalhador em Porto Alegre/RS. Na linha de acompanhar um mesmo falante em interações sociais distintas, temos conhecimento das pesquisas de Rosa (2019), de Pereira e Scherre (1995)³, de Sousa (2012) e de Souza (2017), por exemplo⁴.

Com o intuito de contribuir para os estudos sociolinguísticos do português brasileiro, buscamos analisar o uso variável da concordância nominal tendo como foco a identificação da variação estilística em situações naturais de fala. Para tanto, investigamos dois jovens capixabas em contextos cotidianos e institucionais, sendo um homem e uma mulher, ambos com 25 anos e mais de onze anos de escolarização. Nossa intenção é evidenciar que a atuação multidimensional de forças estilísticas rege

² Original: [...] the stylistic denotes differences within the speech of a single speaker.

³ Parte dos resultados do trabalho de Pereira e Scherre (1995) encontram-se publicados em Scherre e Naro (2014).

⁴ Oportunamente, no capítulo 5, retomaremos algumas dessas pesquisas, apresentando uma síntese da direção dos resultados obtidos por elas.

a variação das marcas explícitas de plural dentro do sintagma nominal no português brasileiro e que um possível rumo para esse processo variável em comunidades urbanas, que têm apresentado índices altos de concordância, é o plano estilístico. No desenrolar de nosso trabalho, estamos assumindo explicitamente, portanto, a multidimensionalidade da variação estilística, trazendo evidências de que existe uma confluência de fatores gerenciando os diferentes estilos dos falantes na vida cotidiana.

Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), um trabalho variacionista não pode abdicar dos aspectos sociais nem dos estruturais. Em razão disso, estabelecemos oito grupos de fatores a fim de alcançar a regularidade existente por trás do processo de marcação de plural nos elementos do sintagma nominal, a saber: no plano linguístico, investigamos as variáveis posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal, saliência fônica na relação singular/plural dos itens nominais e marcas precedentes; já no plano estilístico, examinamos a situação comunicativa, o conhecimento da gravação e, posteriormente, as variáveis enquadre interativo, proximidade entre os interlocutores e tópico discursivo com o intuito de evidenciar os aspectos multidimensionais do estilo que atuam sobre a concordância nominal na fala dos indivíduos em estudo.

Ainda que o exame do que acontece no *aqui e agora* dos eventos comunicativos seja mais importante quando da interpretação e explicação dos diferentes estilos de fala, a análise das restrições linguísticas que condicionam a variação é essencial para delinear um panorama estrutural dos dados e, por conseguinte, mostrar que as circunstâncias linguísticas em que os falantes usarão todas as marcas explícitas de plural ou apenas algumas delas replicam, estruturalmente, o que acontece na comunidade de fala. Nas próximas seções, faremos uma breve contextualização da marcação de plural no interior do sintagma nominal no português brasileiro falado, bem como comentaremos sobre os pontos de partida, os objetivos, a justificativa e a organização de nossa pesquisa.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO FENÔMENO VARIÁVEL

No território brasileiro, a concordância de número entre os elementos do sintagma

nominal é, nos termos de Labov (2003 [1969]), uma regra variável, uma vez que a presença ou a ausência de marcas explícitas ocorre numa frequência acima de 5% e abaixo de 95%. Embora haja diferenças quantitativas de uso entre os falantes, mecanismos estruturais atuam sobre o fenômeno linguístico de forma bastante regular nas mais variadas comunidades da macro comunidade de fala brasileira. Em linhas gerais, a posição relativa e linear do item dentro do sintagma nominal aponta que os elementos situados mais à esquerda são mais marcados que os localizados mais à direita (cf. FERNANDES, 1996; LOPES, N. da S., 2001; MARTINS, 2013; SCHERRE, 1988, 1998a). A saliência fônica, observada via processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares, revela que a maior diferenciação fônica na relação singular/plural favorece a concordância, enquanto a menor diferenciação fônica na relação singular/plural a desfavorece, embora haja diferenças na hierarquia interna da saliência (cf. FERNANDES, 1996; LOPES, N. da S., 2001; MARTINS, 2013; SCHERRE, 1988, 1989). As marcas precedentes, examinada em função da posição, atestam que a presença de marcas conduz a mais marcas e a presença de zeros leva a mais zeros (cf. FERNANDES, 1996; LOPES, N. da S., 2001; MARTINS, 2013; SCHERRE, 1988, 2001). O contexto fonético/fonológico seguinte, caso estatisticamente significativo, demonstra que a presença de uma consoante subsequente costuma inibir a retenção de marcas explícitas de plural (cf. FERNANDES, 1996; LOPES, N. da S., 2001; MARTINS, 2013; SCHERRE, 1988). Os traços mórficos, semânticos e estilísticos do substantivo e do adjetivo indicam que o traço [-humano], os itens informais e o grau diminutivo/aumentativo inibem a marcação de plural (cf. FERNANDES, 1996; LOPES, N. da S., 2001; MARTINS, 2013; SCHERRE, 1988, 2021).

Do ponto de vista social, as pesquisas exibem um padrão geral de crescimento no uso de marcas de plural conforme o aumento nos anos de escolarização (cf. FERNANDES, 1996; LOPES, N. da S., 2001; MARTINS, 2013; SCHERRE, 1988; SCHERRE; NARO, 2014). O sexo/gênero, embora nem sempre estatisticamente relevante, sugere que as mulheres tendem a favorecer mais a inserção do morfema plural do que os homens (cf. FERNANDES, 1996; LOPES, N. da S., 2001; MARTINS, 2013; SCHERRE, 1988). Por fim, a faixa etária tem evidenciado que a marcação de plural no interior do sintagma nominal vislumbra um modelo de fluxos e contrafluxos, com algumas comunidades apresentando comportamento de variação estável e

outras se movimentando em direção à perda ou aquisição de marcas (cf. LOPES, N. da S., 2001; MARTINS, 2013; NARO; SCHERRE, 1991, 2013; SCHERRE, 1988).

No que diz respeito à avaliação social, o fenômeno da concordância nominal de número trata-se de um estereótipo (LABOV, 1994), o que significa dizer que, pelo fato de estar acima do nível da consciência, é passível de comentários e avaliações por parte dos falantes. De modo geral, especialmente em áreas urbanas, o zero plural é uma forma desprestigiada socialmente⁵, tal como se verifica em episódios de preconceito linguístico encontrados na mídia e no ciberespaço brasileiro (cf. MATOS, 2014; SCHERRE, 2005, 2013; SCHERRE; NARO, 2014).

No Espírito Santo, mais especificamente na capital Vitória, a análise da concordância nominal foi iniciada por Janaína Biancardi da Silva e aprofundada pela presente pesquisadora, sob orientação da professora Maria Marta Pereira Scherre. Essas pesquisas foram feitas com base nas entrevistas que compõem a amostra *Projeto Português Falado na Cidade de Vitória* (PortVix), as quais são estratificadas segundo o sexo (masculino e feminino), a faixa etária (7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e >49 anos) e os anos de escolarização (ensino fundamental ou 1-8 anos, ensino médio ou 9-11 anos e ensino superior ou >11 anos) de 46 informantes. Neste momento, vamos nos restringir à apresentação do trabalho de Scardua (2018), que fornece uma visão de conjunto da temática, avaliando as dimensões linguística, social e estilística da variação. Para particularidades das etapas intermediárias, direcionamos o nosso leitor aos textos de Silva (2011) e Silva e Scherre (2013).

Com a análise do material gravado entre os anos de 2001 e 2003, Scardua (2018) obteve um total de 10.923 ocorrências de elementos nominais, das quais 9.683 apresentaram marcas explícitas de plural (88,6%). Nos planos linguístico e social, a autora investigou detalhadamente as variáveis posição relativa e linear, saliência fônica, marcas precedentes, faixa etária, sexo/gênero e escolaridade, bem como realizou uma análise comparativa entre os resultados de Vitória e os obtidos para o Rio de Janeiro/RJ (NARO; SCHERRE, 2013; SCHERRE, 1988, 1998a; SCHERRE;

⁵ É digno de nota comentar que algumas estruturas são mais negativamente avaliadas (*os papel*) do que outras (*um monte de coisa*), porém há situações em que a avaliação negativa é atribuída a qualquer ocorrência de ausência de concordância, como é o caso da polêmica do livro didático *Por uma vida melhor*, de Heloísa Ramos, criticado pelos meios de comunicação por, segundo eles, ensinar a falar errado (cf. BENFICA, 2016; MATOS, 2014; SCHERRE, 2013; SCHERRE; NARO, 2014; SILVA, 2011).

NARO, 1998, 2006, 2014), para a Região Sul (FERNANDES, 1996), para Salvador/BA (LOPES, N. da S., 2001), para a microrregião do Alto Solimões/AM (MARTINS, 2013) e para Santa Leopoldina/ES (LOPES, L. de O. J., 2014). Vejamos a síntese dos resultados de Scardua (2018) a seguir, organizada com base na ordem de seleção das variáveis:

- a) Posição relativa e linear: a análise estatística aponta que o morfema plural é favorecido nos elementos não nucleares antepostos ao núcleo (**as aulas**) e nos nucleares localizados na primeira posição (**coisas novas**). Em contrapartida, ele é desfavorecido nos elementos não nucleares pospostos ao núcleo (**pessoas competente/nesses barzinho novo**) e nos nucleares situados a partir da primeira posição (**as gaveta**). Scardua (2018, p. 128) sinaliza que o comportamento dessa variável é similar nas seis localidades comparadas, pois “em todas as pesquisas a probabilidade do uso de plural é maior nos constituintes que se encontram mais à esquerda no sintagma nominal e menor nos que se situam mais à direita”, embora se possa vislumbrar um aumento nas chances de marcação de plural para os núcleos da terceira e da quarta posição no Rio de Janeiro e em Salvador, respectivamente.
- b) Marcas precedentes⁶: os resultados assinalam que os constituintes antecededidos por marcas favorecem a concordância, em especial em sintagmas com mais de dois elementos (**NAS MINHAS orações**). Por outro lado, os constituintes precedidos imediatamente por zero desfavorecem-na (**UNS NEGÓCIO legal**). Esse padrão “indica que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros, o que confirma, mais uma vez, a hipótese de Poplack (1980) e a tendência encontrada por Scherre (1988)” (SCARDUA, 2018, p. 132). Além disso, ele se assemelha ao obtido por Fernandes (1996), Lopes, N. da S. (2001), Martins (2013) e Lopes, L. de O. J. (2014).
- c) Faixa etária: os dados revelam que os falantes de 7-14 anos e de 15-25 anos – os mais jovens – favorecem a presença de marcas de plural nos elementos

⁶ É importante esclarecer ao nosso leitor que, nos exemplos da variável marcas precedentes, o sintagma nominal vem sublinhado, o dado de análise em negrito e o contexto precedente em caixa alta.

nominais, enquanto os de 26-49 anos e >49 anos – os mais velhos – desfavorecem-na. Nos termos de Scardua (2018), a análise em tempo aparente indica que Vitória está em um processo de mudança em direção à aquisição de marcas de plural. Nesse aspecto, os capixabas se distanciam dos soteropolitanos e se alinham aos moradores do Rio de Janeiro da década de 2000, do Alto Solimões e de Santa Leopoldina.

- d) Escolaridade: a análise aponta que a marcação de plural cresce à medida que os anos de escolarização aumentam. Tendo em vista que todas as cidades brasileiras comparadas apresentam esse mesmo padrão, Scardua (2014) conclui que o letramento, observado via ensino regular, influencia fortemente o crescimento da presença de concordância.
- e) Saliência fônica: os dados evidenciam, de modo geral, que o plural é mais marcado nos itens de oposição singular/plural mais saliente (os animais) do que nos de oposição menos saliente (as perna), o que reafirma as expectativas de Scherre (1988) e aponta para a tendência geral já observada no Rio de Janeiro, na Região Sul, em Salvador, na microrregião do Alto Solimões e em Santa Leopoldina.
- f) Sexo/gênero: os resultados mostram que os homens favorecem mais a concordância do que as mulheres. Convém dizer que essa configuração da variável sexo/gênero difere da prevista na literatura sociolinguística e, também, da observada em outras comunidades brasileiras, incluindo todas as selecionadas para a análise comparativa. Em verdade, por ora, nos dados do PortVix, o efeito do sexo/gênero desafia as tendências do papel das mulheres no uso de mais concordância, visto que essa particularidade também é observada por Benfica (2016) para a concordância verbal quando do cruzamento entre sexo/gênero e faixa etária. A hipótese aventada por Scardua (2018, p. 156) é a de que “os homens utilizariam a forma de prestígio como elemento de afirmação da sua superioridade sobre as mulheres”.

No plano estilístico, Scardua (2018) aplicou a proposta laboviana da *Árvore da Decisão* (LABOV, 2001a) em todas as entrevistas da amostra PortVix. Como veremos

mais adiante no item 2.3.1, essa árvore divide a produção linguística nos estilos de (1) fala monitorada (*careful speech*): resposta às perguntas do entrevistador (*response*), falas a respeito da língua (*language*), opiniões genéricas (*soapbox*) e fala residual (*residual*); e de (2) fala não-monitorada (*casual speech*): narrativas pessoais (*narrative*), conversa com outra pessoa diferente do entrevistador (*group*), temas sobre brincadeiras e experiências de infância (*kids*) e assuntos que fogem das perguntas do entrevistador (*tangent*).

Com base no postulado laboviano de que não existe falante de estilo único (cf. LABOV, 2003 [1969]) e na hipótese de que “o estilo pode atuar de maneira diferente em função do perfil social dos indivíduos” (SCARDUA, 2018, p. 85), a pesquisadora analisou os efeitos estilísticos das partes da entrevista sobre a concordância nominal em função dos anos de escolaridade dos falantes. A seguir, apresentamos um resumo dos resultados depreendidos de três etapas de análise:

- a) Contextos estilísticos amalgamados em estilo monitorado e casual (etapa 1): em todos os três agrupamentos de falantes, o estilo casual inibe a inserção de marcas explícitas de plural no interior do sintagma nominal, ao passo que o monitorado a favorece relativamente. Convém salientar que este último estilo corresponde a 88,8% da amostra dos mais escolarizados, a 86,9% da amostra dos de escolaridade intermediária e a 87,2% da amostra dos menos escolarizados. Mesmo com essa distribuição relativamente polarizada dos dados, a diferença entre os estilos de fala nos três agrupamentos de falantes por escolarização foi considerada estatisticamente significativa e indica uma sistematicidade/uniformidade dos ramos de fala monitorada e de fala casual, com *ranges*⁷ – diferença entre os pesos relativos (TAGLIAMONTE, 2006) – muito semelhantes para os mais e os menos escolarizados.

- b) Árvore da Decisão laboviana (etapa 2): além de agrupar os estilos contextuais grupo e tangente à luz do critério de pertencerem ao ramo de falas não monitoradas, Scardua (2018) retirou da análise de pesos relativos dos universitários os dois casos da categoria língua pelo fato de serem

⁷ No capítulo 4, mais especificamente no item 4.1.2.1, faremos a conceituação de *range* com base em Tagliamonte (2006).

categoricamente marcados. Pelo mesmo motivo, excluiu as seis ocorrências do estilo contextual infância da rodada dos falantes de nível médio. Além disso, a autora não encontrou dados dos nós grupo e tangente nas entrevistas do ensino fundamental. No que diz respeito aos resultados das demais categorias, nas entrevistas do ensino superior, os casos de resposta e de opinião genérica favorecem a marcação de plural, enquanto os de narrativa de experiência pessoal e de grupo e tangente a desfavorecem; em um ponto intermediário, encontra-se o resíduo. De maneira análoga, as categorias apontam para a mesma tendência nas entrevistas do ensino médio, embora a variável estilo não seja selecionada como estatisticamente relevante. Por fim, nas entrevistas do ensino fundamental, os contextos de resposta e de resíduo favorecem relativamente a concordância, ao passo que os de opinião genérica, narrativa de experiência pessoal e infância a desfavorecem. Nesta etapa, Scardua (2018) percebe que a maioria dos dados se encontram no resíduo (73% para o ensino universitário; 61,3% para o ensino médio; 59,3% para o ensino fundamental) e decide avançar em relação ao modelo arbóreo laboviano, propondo uma remodelação para esse ponto crítico do ramo de fala monitorada. Como mencionado pela autora, o próprio Labov (2001a) reconhece que o nó resíduo necessita de refinamento. Assim, a partir das reflexões registradas em Görski, Coelho e Souza (2014), Scardua (2018) remodela o resíduo com base nas noções de gênero e tipo textual. Agora, o constructo metodológico possui três ramos: (1) o de falas monitoradas – resposta e opinião genérica; (2) o de falas casuais – narrativa de experiência pessoal, infância e grupo e tangente; e (3) o de falas residuais – narrativa habitual, narrativa vicária, opinião pessoal, exposição/descrição de caráter geral, exposição/descrição de caráter pessoal e demais casos.

- c) *Árvore da Decisão remodelada (etapa 3)*: no que diz respeito aos mais escolarizados, os nós grupo e tangente, narrativa de experiência pessoal, narrativa habitual e exposição/descrição de caráter pessoal inibem a marcação de plural; os trechos de resposta, de exposição/descrição de caráter geral, de narrativa vicária e de opinião genérica retêm marcas explícitas; e os demais casos do resíduo e as opiniões pessoais possuem efeitos intermediários. Quanto aos falantes de escolaridade intermediária, os contextos

exposição/descrição de caráter pessoal, grupo e tangente, narrativa vicária e narrativa de experiência pessoal desfavorecem a concordância; opinião genérica, narrativa habitual e exposição/descrição de caráter geral a favorecem; e resposta, opinião pessoal e demais casos do resíduo apresentam valores intermediários. Por fim, no que tange os menos escolarizados, as opiniões pessoais são as que exibem mais chances de inserção do morfema plural; as categorias infância e narrativa de experiência pessoal tendem a desfavorecer o morfema plural; os outros nós – resposta, opinião genérica, narrativa vicária, narrativa habitual, exposição/descrição de caráter geral, exposição/descrição de caráter pessoal e demais casos do resíduo – possuem efeitos intermediários. Scardua (2018) chega à conclusão de que os resultados da metodologia remodelada evidenciam que a variação da concordância nominal é sensível ao estilo em função do grau de atenção à fala, com maior consistência para os falantes mais escolarizados, uma vez que eles transitam mais estilisticamente do que os menos escolarizados.

Outra localidade do Espírito Santo em que a concordância gramatical de número plural entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal foi investigada é a área rural de Santa Leopoldina, município situado na região serrana do estado. Em sua dissertação de mestrado e em sua tese de doutoramento, Lays de Oliveira Joel Lopes estuda a fala dos leopoldinenses por meio de uma amostra aleatória e estratificada, organizada entre os anos de 2011 e 2013, constituída de 44 entrevistas distribuídas em sexo/gênero (masculino e feminino), faixa etária (7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e >49 anos) e escolaridade (ensino fundamental I ou 1-4 anos, ensino fundamental II ou 5-8 anos e ensino médio ou 9-11 anos). Nesta ocasião, a fim de mostrar um panorama da comunidade rural leopoldinense, vamos nos ater à exposição da pesquisa que examina a amostra na íntegra, isto é, Lopes, L. de O. J. (2020). Discorreremos aqui, exclusivamente, sobre a concordância nominal, todavia, salientamos que essa pesquisa também contempla o estudo da concordância verbal de terceira pessoa.

Ao todo, Lopes, L. de O. J. (2020) encontrou 8.653 casos de elementos flexionáveis no interior do sintagma nominal, sendo 62,1% de presença de marcas explícitas de

plural e 37,9% de ausência de marcas explícitas de plural. No que diz respeito aos fatores internos e externos que governam a retenção de marcas nos elementos do sintagma nominal, as conclusões estabelecidas pela pesquisadora se encontram listadas a seguir:

- a) Posição relativa e linear: os dados assinalam que os elementos não nucleares antepostos ao núcleo (os bebezinho) e os nucleares localizados na primeira posição (comidas típicas) apresentam mais marcas explícitas de plural do que os pospostos ao núcleo (umas coisinha pequena) e os nucleares a partir da primeira posição (os filho), ratificando a hipótese de Scherre e Naro (1998).
- b) Saliência fônica: os resultados atestam que os itens que possuem mais inserção de material fônico na flexão para o plural (as condições financeiras iguais) tendem a ser mais marcados do que os que possuem menos inserção de material fônico (todas as festas), alinhando-se aos resultados de Scherre (1988), Martins (2013) e Scardua (2018).
- c) Marcas precedentes: os números sugerem que a presença de marcas explícitas de plural ocasiona mais marcas em elementos subsequentes (AS MINHAS amigas), assim como a presença de zeros precedentes gera mais zeros subsequentes (UNS MENINO bagunceiro), ratificando a hipótese de Poplack (1980) e os resultados de Scherre (1988).
- d) Origem da entrevistadora: a análise aponta que os falantes marcam menos o plural quando interagem com a pesquisadora leopoldinense, de dentro da comunidade, do que quando estão dialogando com a da Grande Vitória, de fora da comunidade. A interpretação feita é que essa diferença é “resultado da familiaridade entre os contextos vivenciados pelos interlocutores leopoldinenses – entrevistador e entrevistado, ou seja, podem ser atribuídas ao contexto interacional da relação entrevistador/entrevistado” (LOPES, L. de O. J., 2020, p. 296).
- e) Faixa etária: os dados indicam que os mais jovens favorecem a concordância,

enquanto os mais velhos a desfavorecem, o que sinaliza que a comunidade rural leopoldinense está passando por um processo aquisitivo de marcas explícitas de plural.

- f) Grau, formalidade e animacidade dos substantivos: os resultados mostram que os traços [-humano] e [+animado] – vocábulos designadores de animais – inibem o uso de marcas explícitas de plural independentemente do grau devido à “intimidade/familiaridade desses elementos no contexto rural leopoldinense” (LOPES, L. de O. J., 2020, p. 296).
- g) Sexo/gênero: a análise estatística sinaliza que as mulheres realizam mais concordância do que os homens leopoldinenses, alinhando-se, assim, a ideia laboviana para mudança *from above* (LABOV, 2001b), isto é, acima do nível da consciência.
- h) Escolaridade: a amostra de dados de fala de Santa Leopoldina, que não há falantes universitários, revela, com diferenças não robustas, que os mais escolarizados fazem mais concordância do que os menos escolarizados.

Com essa explanação, finalizamos a apresentação do funcionamento geral da concordância gramatical de número plural nos cenários nacional e capixaba. Cumpre pontuar que, no capítulo 5, que trata da comparação entre indivíduo e comunidade, resgataremos parte dos resultados aqui elencados.

1.2 PONTOS DE PARTIDA

Conforme relatado acima, a dissertação de mestrado da autora desta tese, defendida em 2018, examina a dimensão estilística da variação entre presença e ausência de marcas formais de plural nos elementos do sintagma nominal e confirma que esse fenômeno linguístico é sensível ao estilo em consequência do grau de atenção prestada à fala. Com base no *Paradoxo Cumulativo* de Labov (2008 [1972], p. 236)

de que “quanto mais se conhece uma língua, mais se pode descobrir sobre ela”, após a conclusão do mestrado, a presente pesquisadora tinha em mente que, no doutoramento, continuaria explorando aspectos estilísticos na variação linguística.

Em uma tarde de orientação qualquer, que aconteceu na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), a professora Marta Scherre relatou que, diante do fato de as pesquisas sociolinguísticas apontarem que as comunidades urbanas estão cada vez mais adquirindo marcas de plural, o pesquisador norte-americano Gregory Riordan Guy havia lhe feito o seguinte questionamento: *a variação da concordância irá acabar no português brasileiro?*

A partir disso, surgiu o interesse de ampliar a discussão do funcionamento do fenômeno da concordância nominal de número, refletindo acerca da influência das situações comunicativas sobre o comportamento linguístico dos falantes e, por conseguinte, da dimensão estilística da variação. Convém salientar que, no Espírito Santo, não temos um estudo consolidado da marcação de plural no interior do sintagma nominal com base no acompanhamento de falantes em diferentes interações sociais. Frisamos, desse modo, que este é o primeiro trabalho realizado em solo capixaba a abordar minuciosamente a dinâmica desse fenômeno linguístico por meio desse tipo de procedimento metodológico, com falantes mais escolarizados de ambos os sexos, isto é, um homem e uma mulher com mais de onze anos de escolarização.

1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

Na presente pesquisa, temos por objetivo geral verificar, por meio de diferentes situações comunicativas, a influência de aspectos estilísticos na concordância nominal de número com o intuito de colaborar para o conhecimento linguístico do português brasileiro.

Por objetivos específicos, temos os listados a seguir:

- Captar a variação estilística em contextos cotidianos e institucionais;

- Evidenciar que aspectos multidimensionais regem a variação estilística;
- Analisar o efeito de variáveis linguísticas sobre a presença ou ausência da marcação de plural nos sintagmas nominais;
- Verificar se indivíduos do sexo masculino e feminino têm o mesmo grau de trânsito estilístico;
- Refletir sobre o rumo da variação da concordância nominal em comunidades urbanas brasileiras.

1.4 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

No contexto acadêmico brasileiro, como já mencionado nesta introdução, não conhecemos muitos estudos que observam a atuação de traços estilísticos na concordância nominal de número, embora haja um número expressivo de pesquisas sobre o tema. Os trabalhos existentes que abordam a influência do estilo o fazem, em especial, via conhecimento e desconhecimento da entrevista, via influência léxica, via *Árvore da Decisão* e via comunidades de prática. Dentro da perspectiva metodológica que propomos aqui, de observação dos falantes em diferentes situações comunicativas, tal como feito nos estudos de Pereira e Scherre (1995), de Sousa (2012), de Souza (2017) e de Rosa (2019), ainda há muito por se desbravar, o que justifica o desenvolvimento desta pesquisa.

1.5 ENCAMINHANDO: ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Após esta introdução, o presente trabalho se divide em outras cinco seções. Inicialmente, apresentamos o referencial teórico que guia nossa análise: no segundo capítulo, discorreremos, então, sobre os pressupostos basilares da Sociolinguística Variacionista e das três principais abordagens da variação estilística.

Dando sequência, o terceiro capítulo aborda os aspectos metodológicos de nossa pesquisa. Nele, caracterizamos as amostras utilizadas na investigação da concordância nominal, bem como os participantes da pesquisa e as situações em que foram gravados. Além disso, discorremos sobre o fenômeno variável, as variáveis independentes consideradas e o programa estatístico usado na análise dos dados.

No quarto capítulo, dedicamo-nos à análise e à interpretação dos resultados obtidos em nossa pesquisa. Com análises quantitativas e qualitativas, discutimos o efeito de variáveis linguísticas e estilísticas sobre a marcação de plural entre os elementos do sintagma nominal, divulgando ao nosso leitor, sempre que possível, todo o caminho percorrido na busca do conhecimento dos fatos.

O quinto capítulo é reservado ao estudo comparativo entre o indivíduo e a comunidade. Em primeiro lugar, estabelecemos um paralelo entre os resultados dos falantes individuais e os obtidos em Vitória/ES a fim de situá-los no cenário capixaba. Em seguida, propomos uma reflexão sobre o rumo estilístico da variação da concordância nominal em comunidades urbanas brasileiras.

Para finalizar, no sexto capítulo, apontamos as nossas considerações finais e, por fim, registramos as referências bibliográficas e disponibilizamos alguns materiais metodológicos que auxiliaram a elaboração desta tese.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Tendo em vista que o propósito primeiro deste trabalho é observar a atuação de aspectos estilísticos sobre a variação da concordância de número no interior do sintagma nominal, neste capítulo, discorreremos sobre a Sociolinguística Variacionista, corrente da Linguística que estuda a língua em seu contexto social, buscando compreender os fatores internos e externos que atuam sobre a variação e a mudança linguística.

Num primeiro momento, trataremos de alguns princípios basilares que fundamentam a Teoria da Variação e Mudança Linguística, abordando as noções de heterogeneidade ordenada e de variação como prática social. Em seguida, comentaremos as noções de estilo que sustentarão a nossa análise acerca da concordância nominal variável.

2.1 LÍNGUA COMO SISTEMA HETEROGÊNEO ORDENADO

Os estudos linguísticos do início do século XX foram marcados por duas grandes teorias: o Estruturalismo, de Ferdinand de Saussure, e o Gerativismo, de Noam Chomsky. Na primeira, a língua é compreendida como uma estrutura homogênea, sistemática e regular, de modo que a tarefa do linguista é descrever o valor dos signos linguísticos dentro de um sistema determinado, bem como retratar como eles se relacionam segundo leis internas em um determinado momento do tempo (cf. SAUSSURE, 2006). Na teoria gerativista, o foco permanece nos aspectos internos da língua, porém sob outra perspectiva: o propósito é descrever o funcionamento da faculdade da linguagem presente na mente dos falantes, isto é, explicar o conjunto de regras que permite a criação de frases gramaticais e aceitáveis na língua (cf. CHOMSKY, 1975 [1965])⁸.

⁸ Registramos aqui a ideia central do Gerativismo. Para detalhes dos modelos teóricos desenvolvidos ao longo dos anos, ver Chomsky (1957, 1975 [1965], 1981, 1986, 1995).

Assim como outras correntes da Linguística, a Sociolinguística Variacionista, que se constitui e floresce a partir dos estudos do norte-americano William Labov, rompe com a ideia de língua como sistema autônomo, homogêneo e imune às pressões sociais, advindas do Estruturalismo e do Gerativismo. Ao estudar a língua inserida em seu contexto social, seja no âmbito de *comunidades de fala*, de *redes sociais* ou de *comunidades de prática*, os variacionistas concebem a língua como uma entidade heterogênea dotada de variabilidade ordenada.

E é justamente elegendo a variabilidade da língua como objeto de estudo que as pesquisas sociolinguísticas evidenciam que há diversas formas linguísticas (fenômenos variáveis) que podem ser expressas por duas ou mais variantes. Essas variantes são “a opção de dizer a mesma coisa de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística” (LABOV, 2008 [1972], p. 313). É importante ressaltar, porém, que a noção de variabilidade incorporada à estrutura linguística não acarreta, nas palavras de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), um sistema caótico e desprovido de qualquer regularidade.

Como postulado por Labov (2008 [1972]), a escolha do falante entre uma ou outra variante não é arbitrária, mas condicionada por forças linguísticas e extralinguísticas. As forças de natureza linguística dizem respeito às características internas da estrutura da língua (por exemplo, fatores fonético-fonológicos, morfossintáticos, discursivos ou prosódicos) que podem explicar o padrão de funcionamento da variação, ao passo que as de natureza extralinguística consistem na influência de aspectos geográficos (origem regional), sociais (sexo/gênero, faixa etária, nível socioeconômico, grau de escolarização, entre outros) e estilísticos (estilos contextuais dentro da entrevista associados a graus de atenção prestada à fala e o contexto situacional imediato)⁹. Com efeito, “explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidade que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 126).

⁹ Em Labov, os aspectos estilísticos remetem a parâmetros ora de ordem psicológica (atenção à fala) ora de ordem interacional (contexto imediato de fala). Ver Görski e Valle (2014) para detalhes sobre essa ambivalência em relação à variação estilística.

Chegamos, pois, ao princípio central da pesquisa sociolinguística: a variação e a mudança são estruturadas, isto é, elas são governadas por forças internas e externas à língua, o que torna possível descrever e sistematizar as circunstâncias em que os falantes tendem a empregar uma ou outra forma variante. Nesse sentido, para os variacionistas, a estrutura linguística “inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle dessas estruturas heterogêneas” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 125).

Neste trabalho, partimos da ideia de língua como sistema heterogêneo ordenado para, então, trilhar o caminho dos estudos variacionistas de correlacionar a “variação linguística com muitos aspectos do comportamento social: características dos falantes, da interação com os interlocutores e com a situação de fala de forma geral”¹⁰ (ECKERT; LABOV, 2017, p. 2, tradução nossa). No tópico a seguir, discorreremos sobre a variabilidade da língua como prática social.

2.2 VARIAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL

Antes de realizarmos alguns apontamentos a propósito da concepção de variação como prática social, cremos ser importante lembrar que os estudos sociolinguísticos passaram, conforme Eckert (2012), por três ondas de enfoque analítico ao longo dos anos. Vejamos uma breve síntese das colocações da autora:

- a) Primeira onda: tendo como marco inicial a pesquisa de Labov (2006 [1966]) sobre a estratificação social do inglês na cidade Nova York, interessa-se pela investigação de grandes comunidades de fala. Empregando métodos quantitativos, os estudos dessa tradição correlacionam fenômenos linguísticos variáveis e amplas categorias sociais (faixa etária, sexo, escolaridade, classe

¹⁰ Original: sociolinguistic research has correlated linguistic variation with many aspects of social behavior: characteristics of the speakers, of interaction with the listeners, and with the speech situation more generally.

social e etnia) a fim de obter um panorama da variação e mudança linguística no espaço social.

- b) Segunda onda: utiliza métodos etnográficos para analisar a variabilidade linguística em comunidades de fala menores. Além de observar as categorias macrossociais, os trabalhos dessa natureza observam as relações interpessoais dos falantes, o que os permitem depreender o significado local da variação linguística, isto é, a relação existente entre a variabilidade da língua e as categorias locais.
- c) Terceira onda: realiza estudos etnográficos sob a perspectiva estilística. Com o foco no significado social da variação, as pesquisas observam como os indivíduos, no decorrer da prática estilística, combinam e (re)combinam diferentes recursos linguísticos em projetos contínuos de construção e apresentação do “eu”. Em outras palavras, a variação não é entendida simplesmente como um reflexo do lugar social, mas como “parte da produção ativa – estilística – da diferenciação social”¹¹ (ECKERT, 2012, p. 98, tradução nossa).

É especificamente no campo dos estudos de terceira onda que se tem a ideia de variação linguística enquanto prática social. Eckert (2016) entende a linguagem como uma prática em que os falantes constroem e negociam significado social a partir da combinação dos recursos linguísticos. Nesse sentido, a variação surgiria “na construção e apresentação do eu em relação a qualquer aspecto do mundo social que seja destacado no momento e no longo prazo”¹² (ECKERT, 2016, p. 3, tradução nossa).

Inseridos nessa perspectiva, temos que as variáveis compõem o estilo de fala dos indivíduos, de modo que “os significados das variáveis, assim como de todos os signos linguísticos, são subespecificados e somente são especificados em seu contexto

¹¹ Original: part of the active – stylistic – production of social differentiation.

¹² Original: Variables emerge in the construction and presentation of self in relation to whatever aspect of the social world is salient at the moment and in the long term.

estilístico”¹³ (ECKERT, 2016, p. 6, tradução nossa). Em outras palavras, não há apenas um único valor na correlação entre os elementos linguísticos e o significado social, mas, sim, “uma constelação de significados que são ideologicamente correlacionados”¹⁴ (ECKERT, 2008, p. 464, tradução nossa) e que surgem nas diversas práticas sociais experienciadas pelos indivíduos na sociedade.

A título de ilustração de pesquisas que tomam como foco a variação enquanto prática social, podemos citar as de Podesva (2007a, 2007b). Podesva (2007a, 2007b) analisa a prática linguística de um estudante de medicina gay, a quem foi atribuído o pseudônimo de Heath. Seu estudo examina trinta minutos da fala de Heath em duas situações comunicativas: no trabalho, onde ele “resume as estatísticas de saúde de seu paciente e passa a testar seus reflexos e memória de curto prazo”¹⁵ (PODESVA, 2007a, p. 135, tradução nossa), e no churrasco com amigos, cujos tópicos conversacionais “são geralmente informais, abrangendo desde o preparo dos alimentos até hábitos de consumo”¹⁶ (PODESVA, 2007a, p. 135, tradução nossa).

Em linhas gerais, a análise no cenário clínico aponta que o falante tende a produzir: a) frequente soltura de /-t/ e /-d/, que remete a competência; b) o não apagamento de /-t/ e /-d/, que sugere formalidade; c) uma entonação ascendente em sentenças declarativas, que demonstra uma postura não ameaçadora; d) leves falsetes, que indiciam expressividade. Em contrapartida, na interação com amigos, Heath tende a empregar: a) frequente apagamento de /-t/ e /-d/, que aponta informalidade; b) longas e intensas solturas de plosivas, que alude a um caráter meticoloso; c) vogais periféricas, que sugerem precisão; d) entonação descendente em sentenças declarativas, que reporta a uma pessoa animada; e) falsetes intensos e frequentes, que manifestam expressividade. De acordo com o autor, a coocorrência de tais

¹³ Original: The meanings of variables, as of all linguistic signs, are underspecified and only become specified in their stylistic context.

¹⁴ Original: a constellation of meanings that are ideologically linked.

¹⁵ Original: Heath summarizes his patient’s health statistics and goes on to test his reflexes and short-term memory.

¹⁶ Original: Topics of conversation at the barbecue are generally informal, ranging from food preparation to habits of consumption.

características na fala de Heath constrói uma imagem de “doutor dedicado e zeloso” e de “diva gay”, respectivamente (cf. PODESVA, 2007a, 2007b).

Como pode ser observado no trabalho mencionado, a variação linguística ganha significado no interior de comunidades de prática, definidas por Eckert e McConnell-Ginet (1992, p. 464, tradução nossa) como “um agrupamento de pessoas que se juntam em torno de uma iniciativa em função de um compromisso mútuo”¹⁷. É por meio das práticas que os indivíduos combinam elementos linguísticos na composição dos distintos modos que desejam se apresentar na vida social, isto é, que negociam uns com os outros sua *persona* ou *personae* – “tipos sociais particulares que estão explicitamente localizados na ordem social”¹⁸ (ECKERT, 2005, p. 17, tradução nossa).

Ao voltar nosso olhar para o indivíduo e suas práticas cotidianas, a concepção de variação como prática social se mostra bastante adequada neste trabalho. Todavia, reconhecemos a importância de uma proposta de investigação que não abdica do caráter altamente estruturado da variação no interior do próprio sistema linguístico nem das amplas tendências apontadas na comunidade.

Conforme mencionado por Eckert (2012), as pesquisas de primeira onda são as responsáveis por focalizar o entendimento da estrutura interna da língua de uma determinada comunidade de fala, correlacionando formas linguísticas em coocorrência (variação estável) ou concorrência (mudança em curso) e categorias macrossociais, tais como sexo, faixa etária e classe social, de modo a obter um panorama da variação e da mudança linguística no espaço social.

Embora não desconsiderem a relevância desse tipo de observação sistemática (cf. ECKERT, 2012), os estudos de terceira onda, a depender dos objetivos do analista, podem assumir uma postura que privilegia a dimensão etnográfica da pesquisa em detrimento da linguística. Em outros termos, com a atenção voltada especialmente para o que os falantes individuais estão fazendo na interação ao combinar um conjunto de variáveis, há a possibilidade de as circunstâncias linguísticas em que as variantes tendem ou não a ocorrer serem colocadas em segundo plano.

¹⁷ Original: an aggregate of people who come together around mutual engagement in na endeavor.

¹⁸ Original: These ways of speaking are a key to the production of *personae*, and *personae* in turn are particular social types that are quite explicitly located in the social order.

No entanto, considerando que fatores linguísticos e extralinguísticos constituem as duas facetas da variação, adotaremos aqui uma postura que apreende a variação como prática social, mas que não deixa à margem aspectos de ordem estrutural, pois reconhecemos que estes são fundamentais para o entendimento da sistematicidade e generalidade que envolvem os usos linguísticos.

Partilhamos, portanto, do entendimento de Gomes (2017) de que a observação dos estilos individuais dos falantes deve ser situada tanto em relação a aspectos micro quanto macrossociais. Nesse sentido, tal como sugerido por Freitag, Martins e Tavares (2012), partiremos do ponto de vista macro, que contempla os padrões gerais de uso da concordância nominal nas comunidades brasileiras, para compreender o micro, isto é, o comportamento dos falantes individuais em situações comunicativas.

2.3 VARIAÇÃO ESTILÍSTICA: (DES)ALINHAMENTOS NA NOÇÃO DE ESTILO

A presente seção tem como objetivo central pensar um dos aspectos menos explorados no interior da Sociolinguística Variacionista: a variação estilística. Segundo Labov (2008 [1972]), as pesquisas sociolinguísticas privilegiaram, ao longo dos anos, a dimensão interfalante (variação entre diferentes indivíduos) em detrimento da intrafalante (variação de um único indivíduo), não porque esta seja menos importante do que aquela, mas devido à dificuldade para captá-la.

Especificamente no que se refere ao quadro conceitual, a noção de estilo parece reunir uma grande quantidade de propostas, ou seja, uma multiplicidade de posicionamentos teóricos a fim de explicar a variação estilística. Trazemos aqui três importantes abordagens encontradas na literatura sociolinguística:

- a) **abordagem centrada na atenção à fala (*Attention to speech*):** compreende que a variação de estilo da fala individual ocorre à medida que a pessoa alterna a monitoração da sua fala (cf. LABOV, 2008 [1972], 2001a).

b) abordagem centrada na audiência (*Audience Design*): é fundamentada no princípio de que a alternância estilística de um indivíduo é determinada pela sua audiência (cf. BELL, 1984, 2001).

c) abordagens centradas no falante (*Speaker Design*): postula que a variação estilística está relacionada à construção de identidade e aos papéis sociais que os falantes assumem em cada situação comunicativa (cf. COUPLAND, 2007, 2014; ECKERT¹⁹, 2000, 2001, 2005, 2016; HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2016; IRVINE, 2001; PODESVA, 2007a, 2007b, 2011; SCHILLING-ESTES, 2002).

Nesse sentido, direcionaremos a discussão para os principais princípios que compõem tais perspectivas, uma vez que tomamos a decisão de recorrer a essas três noções de estilo no interior deste trabalho. De antemão, assinalamos que não iremos elaborar aqui uma nova abordagem teórico-conceitual de estilo. Interessa-nos, especificamente, sinalizar que essas três concepções distintas nos permitirão observar, com maior propriedade, como os jovens por nós analisados escolhem seu repertório linguístico nas diferentes práticas cotidianas, uma vez que, além de não serem excludentes, os aspectos focalizados por elas constituem toda a complexidade do estilo (HORA; WETZELS, 2011). A proposta de uma articulação teórico-conceitual fica, portanto, como sugestão para o futuro.

2.3.1 Estilo e atenção à fala

O norte-americano William Labov foi quem organizou as primeiras bases teórico-metodológicas para a investigação da variação estilística dentro da Sociolinguística Variacionista. Interessado em captar a fala casual em entrevistas sociolinguísticas,

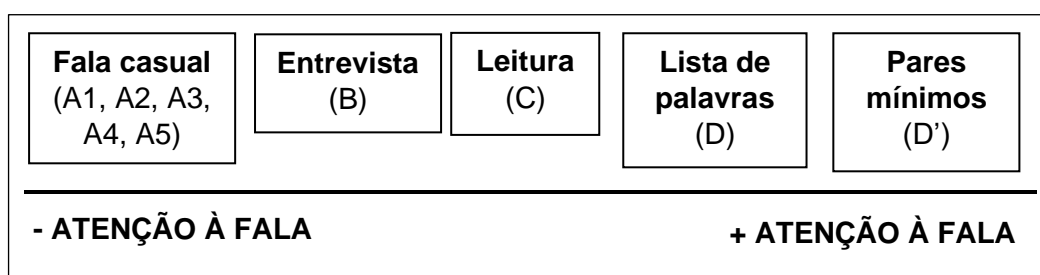
¹⁹ Ressaltamos, apenas em termos de curiosidade, que a abordagem dos estudos de Penelope Eckert é, atualmente, considerada como *Speaker Design*. Porém, em 2001, no livro *Style and Sociolinguistic Variation*, organizado por ela e por John R. Rickford, o capítulo de sua autoria, intitulado *Style and social meaning*, é colocado dentro da seção denominada *Atenção prestada à fala* (cf. ECKERT; RICKFORD, 2001).

Labov desenvolveu duas propostas metodológicas: uma conhecida como *Isolamento de estilos contextuais* e a outra denominada *Árvore da Decisão*.

No *Isolamento de estilos contextuais*, desenvolvido para um banco de dados composto por entrevistas face a face e diferentes situações de leitura, Labov (2008 [1972]) diferencia fala casual e fala monitorada por meio da segmentação da entrevista em diferentes contextos estilísticos. Como fala casual, temos as situações (A₁) Fala fora da entrevista formal, (A₂) Fala com uma terceira pessoa, (A₃) Fala que não responde diretamente a perguntas, (A₄) Parlendas e rimas infantis e (A₅) Risco de vida. Já como fala monitorada, temos as categorias (Contexto B) Situação de entrevista, (Contexto C) Estilo de leitura, (Contexto D) Lista de palavras e (Contexto D') Pares mínimos.

Na visão de Labov (2008 [1972], p. 126), os contextos de A a D' "se organizam numa única dimensão, a da atenção prestada à fala, com a fala casual numa extremidade do *continuum* e os pares mínimos na outra", como demonstrado na Figura 1. Vale ressaltar, contudo, que, para serem classificados seguramente como fala casual, os contextos elencados acima devem ser associados a pistas no canal, tais como mudança no ritmo e na altura da voz, alterações no volume e na respiração, bem como a presença de risos.

FIGURA 1 – DISTRIBUIÇÃO DOS ESTILOS CONTEXTUAIS EM FUNÇÃO DO EIXO DE ATENÇÃO À FALA, SEGUNDO LABOV (2008 [1972])

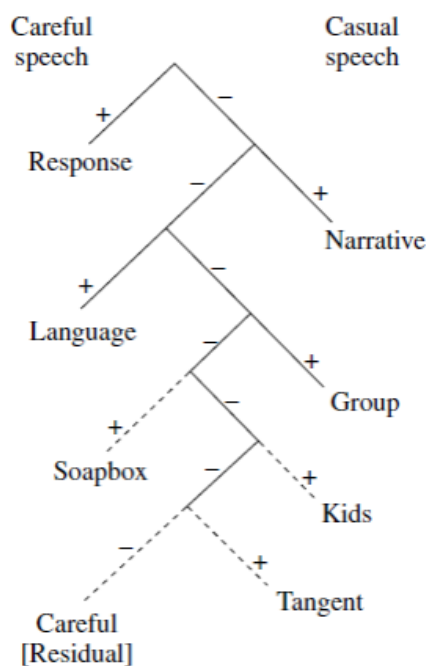


Fonte: Scardua (2018, p. 52)

A *Árvore da Decisão*, por sua vez, é um recurso metodológico que se restringe à troca entre entrevistador e entrevistado. De maneira análoga ao *Isolamento de Estilos Contextuais*, nessa "árvore", representada na Figura 2, temos uma divisão binária: de

um lado, os nós estilísticos característicos da fala monitorada e, de outro lado, os da fala casual.

FIGURA 2 – ÁRVORE DA DECISÃO



Fonte: Labov (2001a, p. 94)

Passeando pelos ramos da *Árvore da Decisão*, seguindo sua ordem decrescente de objetividade, temos: (1) na fala não monitorada – narrativas de experiência pessoal (*Narrative*), conversas com terceiras pessoas ou com o entrevistador fora da situação de entrevista (*Group*), falas sobre experiências de infância (*Kids*) e falas que se desviam das perguntas do entrevistador (*Tangent*); (2) na fala monitorada – respostas às perguntas do entrevistador (*Response*), conversas sobre língua (*Language*), opiniões genéricas (*Soapbox*) e falas residuais (*Residual*), isto é, que não se enquadram em nenhum dos contextos anteriores²⁰.

²⁰ Para detalhes sobre os critérios que envolvem a identificação dos oito contextos estilísticos da *Árvore da Decisão*, remetemos o leitor ao texto de Labov (2001a).

O prestígio social explícito, noção que se tornou uma das mais caras na Sociolinguística Variacionista, é um dos pilares que sustenta a definição dos estilos monitorado e casual nas propostas de Labov (2008 [1972], 2001a)²¹. Com base no padrão identificado nos estudos variacionistas, depreende-se que as classes mais altas da sociedade tendem a usar mais variantes padrão e a evitar mais variantes não padrão do que as classes sociais mais desfavorecidas. Com efeito, costuma ser atribuído, respectivamente, um valor positivo (prestígio) e um valor negativo (estigma) a tais variantes, especialmente em comunidades mais urbanizadas. Por esse viés, Labov “viu o prestígio da variedade do falante como o resultado da fala formal, cuidada, e o estigma como o resultado da fala casual, não monitorada” (HORA; WETZELS, 2011, p.155).

Para além das noções de prestígio e estigma, outro ponto a se destacar diz respeito ao postulado de que a fala casual (menos ou não monitorada, vernacular) é mais sistemática e regular, ao passo que a monitorada exhibe padrões irregulares, com grande quantidade de hipercorreção (LABOV, 2008 [1972]). Vejamos nas palavras do sociolinguista:

Nem todos os estilos ou pontos do *continuum* estilístico são de igual interesse para os linguistas. Alguns estilos exibem padrões fonológicos e gramaticais irregulares, com grande volume de “hipercorreção”. Em outros estilos, encontramos a fala mais sistemática, onde as relações fundamentais que determinam o curso da evolução linguística podem ser vistas mais claramente. Este é o “vernáculo” – o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala. A observação do vernáculo nos oferece os dados mais sistemáticos para a análise da estrutura linguística (LABOV, 2008 [1972], p. 243-244).

Dentro desse cenário, Labov (2008 [1972], 2001a) assume explicitamente a postura teórica de que os estilos estão diretamente relacionados à atenção que se presta à fala. Desse modo, partindo do pressuposto de que não há falantes de estilo único, o ponto chave da abordagem laboviana é que a variação estilística ocorre à medida que

²¹ É importante comentar que, nos estudos sociolinguísticos, há também a noção de prestígio encoberto, isto é, a atribuição de um valor positivo ao vernáculo da comunidade local. Para maiores detalhes sobre essa noção, que costuma ser importante para explicar por que as pessoas continuam usando formas linguísticas consideradas não padrão, sugerimos as leituras de Labov (2006 [1966], p. 402]; 2008 [1972], p. 288), Labov et al. (1968, p. 218-220) e Trudgill (1972).

o falante aumenta ou diminui a monitoração sobre a sua fala em função das partes da entrevista.

Na intenção de sumarizar os postulados da variação intrafalante sob essa perspectiva, vale lembrar os apontamentos feitos por Hernández-Campoy (2016), em seu livro *Sociolinguistic Styles*. Nele, o autor apresenta oito princípios que caracterizariam o modelo da atenção à fala: (1) princípio da alternância graduada de estilo; (2) princípio da taxa de variabilidade; (3) princípio da diferenciação socioestilística; (4) princípio da estratificação sociolinguística; (5) princípio da variação estilística; (6) princípio da atenção; (7) princípio vernacular; e (8) princípio da formalidade.

No Quadro 1, a seguir, tais princípios encontram-se sistematizados. Cumpre pontuar aqui que, neste ponto do trabalho, não temos a pretensão de detalhar todos esses princípios. Interessa-nos, especificamente, apresentar ao leitor um panorama geral dos fios condutores que guiam Labov quando da elaboração de seus constructos metodológicos.

QUADRO 1 – PRINCÍPIOS SUBJACENTES AO MODELO LABOVIANO DE ATENÇÃO À FALA
(continua)

PRINCÍPIO	CONCEITO
Princípio da Alternância Graduada de Estilo	Nenhum falante é monoestilístico, embora alguns tenham um repertório verbal mais amplo que outros. ²²
Princípio da Taxa de Variabilidade	A variação que qualquer indivíduo mostra em sua fala nunca é maior do que as diferenças entre os grupos sociais dos quais sua alternância de estilo é derivada. ²³
Princípio da Diferenciação Socioestilística	Os recursos linguísticos envolvidos na variação estilística são basicamente os mesmos que marcam a variação social; isto é, os recursos normalmente encontrados na extremidade superior da escala social são igualmente altos na escala estilística e vice-versa. ²⁴

²² Original: no single speaker is mono-stylistic, though some have a wider verbal repertoire than others.

²³ Original: the variation that any individual shows in their speech is never greater than the differences between the social groups that their style-shifting is derived from.

²⁴ Original: the linguistic features involved in stylistic variation are mostly the same as those marking social variation; i.e. those features typically found at the high end of the social scale are equally high on the stylistic scale, and vice versa.

QUADRO 1 – PRINCÍPIOS SUBJACENTES AO MODELO LABOVIANO DE ATENÇÃO À FALA
(conclusão)

Princípio da Estratificação Sociolinguística	A variação se origina em uma hierarquia de julgamentos avaliativos, em que os indicadores denotam apenas estratificação social e os marcadores mostram estratificação social e alternância de estilo. ²⁵
Princípio da Variação Estilística	Estilos diferentes constituem maneiras diferentes de dizer a mesma coisa. ²⁶
Princípio da Atenção	Os estilos podem ser classificados unidimensionalmente de acordo com o grau de atenção prestado à fala. ²⁷
Princípio Vernacular	O vernáculo é o mais natural, espontâneo e requer menos atenção ao modo de falar. ²⁸
Princípio da Formalidade	Qualquer observação sistemática do vernáculo deve minimizar seus efeitos na produção da linguagem do informante para garantir a captura da fala genuinamente mais natural e espontânea. ²⁹

Fonte: Hernández-Campoy (2016, p. 82, tradução nossa)

Diante desse mote mais geral, importa frisar que Labov não estava propondo formular uma teoria estilística, mas, sim, construtos metodológicos para organizar a dimensão estilística no contexto de entrevista (cf. ECKERT, 2001; LABOV, 2008 [1972], 2001a). Mesmo assim, cumpre deixar registrado que se, por um lado, a abordagem laboviana corresponde a um marco da pesquisa em variação estilística, por outro lado, essa abordagem sofre críticas em virtude de tratar o estilo em uma única dimensão e do estabelecimento *a priori* das categorias de fala casual e monitorada (cf. BAUGH, 2001; COUPLAND, 2007; ECKERT, 2001; GORSKI; VALLE, 2014; SCHILLING-ESTES, 2002).

Para os propósitos a que se destina a presente pesquisa, interessa-nos a ideia de que uma das dimensões envolvidas na variação estilística é o grau de atenção prestado à

²⁵ Original: variation originates in a hierarchy of evaluative judgments, where *indicators* denote social stratification only and *markers* show both social stratification and style-shifting.

²⁶ Original: different styles constitute different ways of saying the same thing.

²⁷ Original: styles can be classified uni-dimensionally according to the degree of attention paid to speech.

²⁸ Original: *The Vernacular Principle*: the vernacular is the most natural, spontaneous and requires the least attention to the way of speaking.

²⁹ Original: any systematic observation of the vernacular must minimize its effects on the informant's language production in order to guarantee the capture of the genuinely most natural and spontaneous speech.

fala. Esse é um dos pontos que guiará nossa leitura e análise dos dados que compõem a presente tese: os falantes mudam o estilo de fala influenciados pelo seu próprio audiomonitoramento.

2.3.2 Estilo e audiência

Em Alan Bell, temos o desenvolvimento da *Audience Design*, abordagem que coloca o ouvinte como elemento basilar para entender a variação estilística dos falantes. Orientado pelos pressupostos teóricos da Teoria da Acomodação, de Giles e Powesland (1975), o autor afirma que “o estilo é essencialmente uma resposta dos falantes à sua audiência”³⁰ (BELL, 1984, p. 145, tradução nossa).

É digno de nota comentar que, para Bell (1984), a variação estilística está relacionada à variação social. Nas palavras do autor: a “variação na dimensão do estilo na fala de um único falante deriva e reproduz a variação que existe entre falantes na dimensão ‘social’”³¹ (BELL, 1984, p. 151, tradução nossa), de modo que o “estilo deriva seu significado da associação dos recursos linguísticos com grupos sociais específicos”³² (BELL, 2001, p. 142, tradução nossa). Há, portanto, um trabalho cognitivo do falante em examinar o perfil do(s) seu(s) ouvinte(s) dentro dos padrões de avaliação do grupo para, então, escolher os recursos linguísticos apropriados para interagir com diferentes públicos.

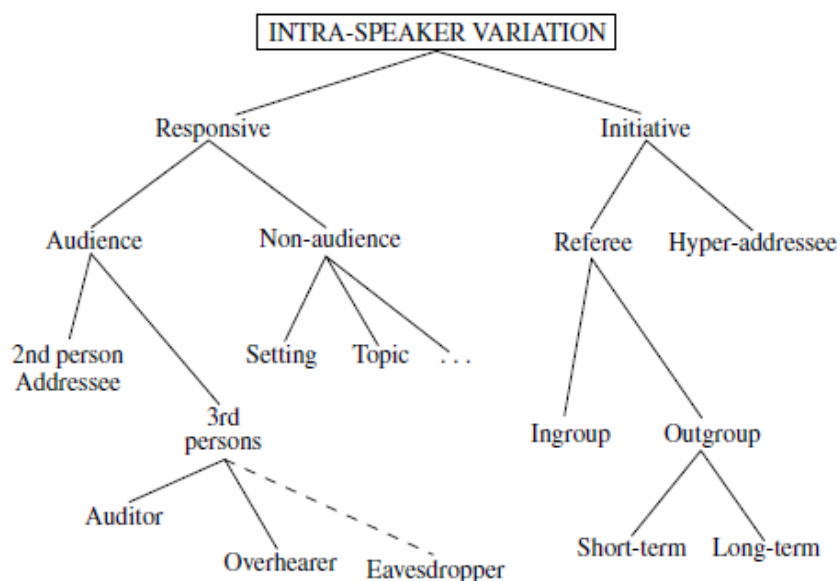
Segundo Bell (2001), a variação intrafalante possui duas dimensões: uma responsiva e uma iniciativa. Esquemáticamente, na Figura 4, podemos ver o desenho dessas duas dimensões.

³⁰ Original: Style is essentially speaker’s response to their audience.

³¹ Original: Variation on the dimension within the speech of a single speaker derives from and echoes the variation which exists between speakers on the “social” dimension.

³² Original: Style derives its meaning from the association of linguistic features with particular social groups.

FIGURA 3 – ESTILO NAS DIMENSÕES INICIATIVA E RESPONSIVA SEGUNDO O MODELO DA AUDIENCE DESIGN



Fonte: Bell (2001, p. 144)

Na dimensão responsiva (*responsive*), o falante realiza acomodações estilísticas com base na audiência (*audience*), que é formada por destinatários diretos (*2nd person addressee*) – indivíduos que são conhecidos e participam da situação comunicativa – e indiretos (*auditor, overhearer, eavesdropper*) – pessoas conhecidas que se encontram ausentes no momento da interação ou até mesmo desconhecidos que não participam da comunicação verbal (cf. BELL, 1984).

Dentro desse quadro, temos, ainda, a alternância de estilo em função da não audiência (*non-audience*), isto é, do cenário (*setting*) ou do tópico (*topic*). Esse tipo de alternância, nos termos Bell (2001, p. 146, tradução nossa), “deriva seu significado e direção da mudança a partir da associação subjacente dos tópicos e cenários aos membros típicos da audiência”³³. Portanto, além do público, a situação comunicativa em si exerce influência na mudança de estilo de fala, uma vez que, embora o interlocutor seja o mesmo, o falante pode alternar estilos ao correlacionar os tópicos e o cenário da interação verbal a determinados tipos de ouvintes.

³³ Original: [Style-shifting according to topic or setting] derives its meaning and direction of shift from the underlying association of topics or settings with typical audience members.

Na dimensão iniciativa (*initiative*), por seu turno, “a própria mudança estilística inicia uma mudança na situação em vez de resultar de uma tal mudança”³⁴ (BELL, 2001, p. 146, tradução nossa). Aqui, a variação estilística presume duas atitudes do falante: em primeiro lugar, a rejeição da acomodação ao destinatário direto e, em segundo lugar, a escolha de se identificar com um grupo de referência (*referee* e *hyper-addressee*), que, comumente, está ausente na situação comunicativa.

Para Bell (2001), a integração das dimensões responsiva e iniciativa é de suma importância nos estudos de variação estilística, visto que é necessário considerar a dinamicidade das línguas e o fato de que os falantes as utilizam de forma criativa a fim de demarcar aspectos identitários. O autor propõe, então, que a análise da variação estilística seja feita em três níveis, a saber: (1) quantificação dos traços estilísticos particulares; (2) análise qualitativa dos traços estilísticos das falas individuais; e (3) análise da coocorrência de diferentes traços em trechos de linguagem.

Como salienta Hernández-Campoy (2016), a *Audience Design* avança em relação à abordagem laboviana, sobretudo em quatro pontos: (i) não se limita à metodologia de entrevista sociolinguística, podendo ser aplicada em conversas espontâneas; (ii) aborda a relação entre variação intrafalante e interfalante e seu padrão quantitativo; (iii) introduz a noção de agentividade do falante ao incorporar a dimensão iniciativa à variação intrafalante; (iv) aponta a maleabilidade da identidade sociolinguística. Alguns questionamentos, contudo, foram feitos pelos pesquisadores da área, especialmente em relação à manutenção da unidimensionalidade, agora associada à audiência, à ênfase na predeterminação de quais fatores podem influenciar o estilo, bem como à inexistência de explicação se é o padrão de fala ou as características sociais dos ouvintes que influenciam os falantes a transitar estilisticamente (cf. BELL, 2001; COUPLAND, 2007; SCHILLING-ESTES, 2002).

De tudo o que aqui foi discutido, por ora, destacamos a concepção de que a variação estilística de um indivíduo pode ser determinada pela sua audiência. Será também sobre esse aspecto que lançaremos nosso olhar nos dados gerados nesta pesquisa de falantes interagindo com diferentes interlocutores.

³⁴ Original: As well as the “responsive” dimension of style, there is the “initiative” dimension where the style-shift itself initiates a change in the situation rather than resulting from such a change.

2.3.3 Estilo e construção de *personae*

Sob a influência do Construcionismo Social, teoria pós-modernista que “se preocupa com a consciência humana e o ‘senso’ comum e como o mundo é entendido e estruturado a partir dos indivíduos e pontos de vista dos grupos como sujeitos”³⁵ (IRWIN, 2011, p. 102, tradução nossa), os estudos recentes a propósito do estilo, denominados *Speaker Design*, propõem que analisemos a variação estilística enquanto prática social. Desse modo, o foco sai do contexto ou do ouvinte e recai sobre o indivíduo.

Uma das consequências é que a visão do falante reativo dá espaço a uma noção de sujeito como agente proativo. Segundo Irvine (2001, p. 23-24, tradução nossa), “os falantes, como agentes no espaço social (e sociolinguístico), negociam suas posições e objetivos dentro de um sistema de distinções e possibilidades”³⁶. Nesse sentido, o estilo – entendido como uma representação do “eu”, nas palavras de Coupland (2007) – consiste em “um recurso no desempenho (criação ativa, apresentação e até recriação) da identidade social, pessoal e interpessoal dos falantes; em outras palavras, a variação estilística é um recurso para criar e projetar a personalidade de uma pessoa”³⁷ (HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2016, p. 182, tradução nossa).

A criação de estilos de fala ou de identidades, porém, não ocorre de maneira livre e irrestrita. Inseridas em uma sociedade, as pessoas se valem de características que estão disponíveis dentro do sistema social do qual fazem parte (SCHILLING-ESTES, 2002). Mesmo assim, ainda que não pressuponha consciência, os indivíduos são considerados ativos, já que “é através da combinação de elementos existentes nas novas formas e da interposição dessas combinações em novos contextos que os falantes efetuam mudanças, não apenas na atual situação, mas também no

³⁵ Original: concerns itself with human consciousness and 'common sense' and how the world is understood and structured from individuals' and groups' points of view as subjects.

³⁶ Original: speakers, as agents in social (and sociolinguistic) space, negotiate their positions and goals within a system of distinctions and possibilities.

³⁷ Original: SD views stylistic variation as a resource in the performing (active creation, presentation, and even recreation) of speaker's personal and interpersonal social identity; in other words, stylistic variation is a resource for creating as well as projecting one's persona.

significado de características e estilos”³⁸ (SCHILLING-ESTES, 2002, p. 11, tradução nossa).

Noção importante que perpassa a questão da agentividade do falante é a de performatividade. De acordo com Coupland (2007), há dois tipos de *performance*: a *alta performance* e a *performance mundana*. A primeira diz respeito à fala da mídia e do palco, isto é, à fala ensaiada e com elevado grau de consciência, ao passo que a segunda se refere à fala produzida naturalmente. É especialmente deste último tipo de *performance* que se ocupam os estudos variacionistas recentes.

Partindo de um viés analítico que considera a fala como performativa, os pesquisadores que vêm realizando trabalhos nesse novo paradigma compreendem que, em suas práticas estilísticas, as pessoas modelam e remodelam a fala para projetar uma caracterização social específica ou performar uma determinada *persona* (ECKERT, 2005). Nessa via, a variação de estilo é diretamente relacionada aos diversos papéis assumidos pelos indivíduos em diferentes situações comunicativas.

É importante assinalar que os atos de construção e negociação da imagem social por meio da fala envolvem vários fatores. De acordo com Coupland (2014), há cinco aspectos contextuais relevantes para a inferência desses atos: (i) os participantes; (ii) o cenário e a cena; (iii) as normas e os gêneros discursivos; (iv) os propósitos, os enquadres e as pistas comunicativas; e (v) as instrumentalidades. Embora não necessariamente todos sejam importantes nas interações, eles ajudam o analista a apreender a forma como os significados sociais emergem nos eventos comunicativos ao fazê-lo refletir sobre as seguintes indagações:

- *Participantes*: Quais pessoas em quais papéis sociais estão ativas ou passivamente presentes no ambiente social da conversa, e os significados indexicais são salientes para todas elas da mesma maneira? Os participantes compartilham identidades ou são definidos em relações de identidade particulares entre si? A conversa é direcionada ao estabelecimento de identidades para falantes, ou para ouvintes ou outros? ³⁹

³⁸ Original: speaker agency is still paramount, since it is through combining existing elements in new ways and interjecting these combinations into new contexts that speakers effect change, not only in the current situation but in the meanings of features and styles as well.

³⁹ Original: *Participants*: Which people in which social roles are actively or passively present in the social environment of talk, and are indexical meanings salient to them all in the same ways? Do

- *Cenário e cena*: A configuração física de um evento de fala influencia o modo como a conversa prossegue, por exemplo, ao ditar ou excluir estilos e identidades particulares? Os participantes constroem mais "cenas" locais (no sentido teatral de uma "cena"), por exemplo, quando eles podem se redefinir como participantes de uma conversa casual, mesmo que o contexto institucional seja uma reunião de negócios? ⁴⁰
- *Normas e gêneros*: [...] os significados sociais construídos e inferidos na interação devem ser medidos em relação a gêneros discursivos específicos, que podemos definir como conjuntos de expectativas normativas sobre como a comunicação irá proceder. Os gêneros posicionam as pessoas de formas específicas, como contadores de histórias e membros da audiência (identidades discursivas) ou profissionais e clientes (identidades institucionais)?⁴¹
- *Propósitos, enquadres e pistas*: os falantes têm objetivos específicos de identidade em episódios de interação social, como querer soar proficiente, simpático ou poderoso? [...] Os falantes pretendem que suas autoprojeções sejam interpretadas em uma "tonalidade" lúdica ou irônica (uma metáfora musical)? Eles estabelecem um "enquadre" (ou um conjunto de suposições locais sobre como a conversa está procedendo) que deixa isso claro? [...]⁴²
- *Instrumentalidades*: [...] o significado social e as identidades sociais significativas são construídos por meio de diferentes modos comunicativos ao mesmo tempo. Os significados indexicais mais importantes surgem da própria fala, por exemplo, em significados que se ligam à variação de sotaque e de dialeto? Como essa dimensão de significado se interliga com o que os falantes estão dizendo? As modalidades visuais também são salientes? Os significados construídos em diferentes modos são compatíveis ou não? Uma análise de estilo deve ser holística, atenta a múltiplas dimensões de significado simultaneamente⁴³ (COUPLAND, 2014, p. 293, tradução nossa – grifos no original).

participants share identities or are they defined in particular identity relationships to one another? Is talk targeted at establishing identities for speakers, or for listeners or others?

⁴⁰ Original: *Setting and scene*: Does the physical setting of a speech event have a bearing on how talk proceeds, for example in dictating or excluding particular styles and identities? Do participants construct more local "scenes" (in the theatrical sense of a "scene"), for example when they might redefine themselves as taking part in a casual conversation, even though the institutional context is a business meeting?

⁴¹ Original: *Norms and genres*: [...] the social meanings constructed and inferred in interaction have to be gauged in relation to particular speech genres, which we can define as sets of normative expectations about how communication will proceed. Do genres position people in particular ways, such as storyteller and audience members (discourse identities), or professional and client (institutional identities)?

⁴² Original: *Purposes, frames and keys*: Do speakers have specific identity goals in episodes of social interaction, such as wanting to sound proficient or likeable or powerful? [...] Do speakers intend their self-projections to be interpreted in a playful or ironic "key" (a musical metaphor)? Do they set up a "frame" (or a set of local assumptions about how talk is proceeding) that makes this clear? Do they "stylize" their talk, deliberately projecting ambiguous identities? Do they "voice" other speakers?

⁴³ Original: *Instrumentalities*: [...] social meaning and meaningful social identities are constructed through different communicative modes at the same time. Do the most important indexical meanings arise from speech itself, for example in meanings that attach to accent and dialect variation? How does this dimension of meaning interconnect with what speakers are saying? Are visual modalities salient too? Are the meanings constructed in diferente modes compatible with each other, or not? A style analysis has to be holistic, attentive to multiple dimensions of meaning concurrently.

Tendo em vista que cada interação social possui suas particularidades, a abordagem da variação estilística centrada no falante compreende que um determinado estilo de fala pode apresentar significados distintos a depender da situação comunicativa em que é usado. Podendo expressar posturas, características pessoais, identidades e papéis sociais ou interacionais dos indivíduos, a significação dos recursos linguísticos não pode ser estabelecida *a priori*, visto que ela vem à tona e é indexada no *aqui e agora* das trocas verbais.

Assim, diferentemente das abordagens anteriores, que compreendiam a variação intrafalante de maneira unidimensional, seja em termos da atenção à fala ou da audiência, as propostas mais atuais tendem a realizar uma análise multidimensional, envolvendo múltiplos fatores, como a audiência, o tópico discursivo, o cenário e, principalmente, os papéis sociais e os aspectos da identidade dos falantes (COUPLAND, 2007, 2014; ECKERT, 2000, 2001, 2005, 2016; HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2016; PODESVA, 2007a, 2007b, 2011; SCHILLING-ESTES, 2002). Para além do olhar quantitativo, é de extrema importância, portanto, uma observação voltada para interação.

Com efeito, as propostas centradas no falante ampliam o escopo da variação estilística ao incorporar não apenas traços linguísticos (fonológicos, morfossintáticos, lexicais, pragmáticos e discursivos) em suas investigações, mas também paralinguísticos (entonação) e não linguísticos (vestimenta, cabelo, maquiagem, entre outros). Entretanto, é justamente esse posicionamento teórico abrangente que recebe algumas objeções no interior da Sociolinguística Variacionista, tais quais:

1. Observabilidade: as motivações dos falantes não são facilmente observáveis, uma vez que a capacidade preditiva de abordagens unidimensionais se perde com a multidimensionalidade e a subsequente inclusão de fatores internos e externos dos falantes que podem afetar as escolhas estilísticas (Bell 1984:185; Schilling-Estes 2002a:392). Precisamente, devido à ênfase na performance, é bastante difícil fazer previsões sobre o comportamento sociolinguístico de um indivíduo em particular na interação comunicativa; em vez disso temos de confiar nas motivações e atitudes específicas do falante – geralmente observadas ou suscitadas qualitativamente através do trabalho etnográfico (Cutillas-Espinosa e Hernández-Campoy 2007)⁴⁴.

⁴⁴ Original: Observability: speaker's motivations are not easily observable, since the predictive capacity of unidimensional approaches is lost with the multidimensionality and the subsequent inclusion of speaker-internal and external factors that might affect stylistic choices (Bell 1984: 185; Schilling-Estes

2. Interpretação: devido à dificuldade de observação e à natureza imprevisível das alternâncias iniciativas de estilo, a interpretação pode não ser única, o que significa que há um problema de validade: como refutar (ou apoiar) as interpretações de outros analistas (Coupland 1980:11)⁴⁵.

3. Confiabilidade: a generalização reducionista das motivações de um falante, com uma complexa gama de papéis e condições, ao comportamento de todo o grupo ou a uma comunidade maior não é empiricamente confiável (Bell 2014:305; Coupland 2001a:7; Schilling-Estes 2002a:392-393)⁴⁶;

4. Competência comunitária: se a base proativa da mudança de estilo é tão individualista, como os outros reconhecem e respondem?⁴⁷

5. Reformulações e redefinições: com essas novas premissas de agentividade proativa na variação estilística, qual o repertório de estilos e/ou identidades disponíveis para os falantes? Como pode ser definido?⁴⁸ (HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2016, p. 182, tradução nossa).

Para a análise dos dados que compõem o trabalho em tela, o raciocínio importante é o de que a variação estilística está relacionada aos múltiplos papéis que os falantes desempenham na vida cotidiana. É com um olhar voltado para o que está acontecendo no evento comunicativo que observaremos, de modo mais nítido, os participantes da pesquisa se alinhando a diferentes propósitos em contextos de relações e interações sociais.

2002a: 392). Precisely because of the emphasis on performane, it is quite difficult to make predictions about a particular individual's sociolinguistic behavior in communicative interaction; instead we have to rely on the specific motivations and atitudes of the speaker – usually observed or elicited qualitatively through ethnographic work (Cutillas-Espinosa and Hernández-Campoy 2007).

⁴⁵ Original: Interpretation: because of the difficulty of observation and the unpredictable nature of initiative style shifts, interpretation may not be unique, which means that there is a validity problem: how to refute (or support) the interpretations of Other analysts (Coupland 1980: 11).

⁴⁶ Original: Reliability: reductionist generalization from the motivations o fone speaker, with a complex range of roles and conditions, to the behavior of the whole group or to a larger Community is not empirically reliable (Bell 2014: 305; Coupland 2001a: 7; Schilling-Estes 2002a: 392-393);

⁴⁷ Original: Communal competence: if the proactive basis of style-shifting is so individualistic, how do others recognize and respond?

⁴⁸ Original: Reformulations and redefinitions: with these new assumptions of proactive agentivity in stylistic variation, what is the repertoire of styles and/or identities available to speakers? How can it be defined?

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Inserida dentro do arcabouço teórico da Sociolinguística Variacionista, a presente pesquisa está fundamentada em posturas metodológicas que visam explorar tanto os padrões de funcionamento da inserção ou apagamento da marca de plural no interior do sintagma nominal quanto a configuração do *aqui* e *agora* das interações verbais nas quais essa variação é analisada.

Neste capítulo, discorreremos sobre o processo de composição das amostras, delineando a geração e a transcrição dos dados, bem como os participantes da pesquisa e suas situações comunicativas. Detalharemos, também, o tratamento dispensado à variável concordância nominal, tais como a descrição dos dados linguísticos selecionados e excluídos da composição do objeto de estudo; o tipo de abordagem analítica adotada; as razões que guiaram a escolha das variáveis independentes e as hipóteses subjacentes a elas. Por fim, dissertaremos sobre a abordagem estatística aplicada.

3.1 AS AMOSTRAS

3.1.1 Geração e transcrição dos dados

A formação das amostras teve início no ano de 2019, após a aprovação do nosso projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (CEP/UFES) e a autorização dos participantes das interações por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁴⁹.

Em posse das autorizações para observação da influência do estilo, investigamos um homem e uma mulher, ambos da faixa etária de 25 anos e com mais de onze anos de escolarização. Sabendo que a concordância nominal é fortemente influenciada pelo nível de escolaridade, a escolha por falantes mais escolarizados foi motivada pelo fato

⁴⁹ Ver Anexo A para detalhes sobre o parecer do CEP/UFES e ver Apêndice A para detalhes sobre o TCLE.

de a pesquisa de Scardua (2018), no detalhamento da Árvore da Decisão (LABOV, 2001a), ter confirmado a hipótese de que os mais escolarizados variam estilisticamente em maior grau do que os menos escolarizados, especialmente em fenômenos estigmatizados socialmente, por terem tido mais tempo de contato com o ambiente escolar. Esse fato foi evidenciado por meio das escalas estilísticas dos falantes em função dos estilos contextuais, as quais apresentaram pesos relativos nitidamente polarizados para os dois grupos com mais de oito anos de escolarização e exibiram efeitos aproximados no agrupamento dos menos escolarizados, sugerindo, assim, que este último “faz menos distinção entre fala monitorada e fala casual, em circunstâncias analíticas mais finas” (cf. SCARDUA, 2018, p. 193). Em outras palavras, os *ranges*⁵⁰ – cálculo da diferença entre os pesos relativos (TAGLIAMONTE, 2006) – apontam que o estilo tem influência mais forte na fala dos falantes com mais de onze anos de escolarização (605), seguido dos de 9-11 anos de escolarização (409) e dos de 1-8 anos de escolarização (308).

A decisão de observar semelhanças e/ou diferenças no trânsito estilístico dos dois falantes em função do sexo/gênero se deu pelo fato de sabermos que o comportamento linguístico feminino e masculino se difere em uma sociedade (cf. LABOV, 1990, 2001b; SCHERRE; YACOVENCO, 2011). A escolha do segmento de 25 anos foi feita sob o critério de essa faixa etária ser propensa a ter uma maior participação em situações comunicativas diversificadas, uma vez que costuma ter atuação em eventos no âmbito cotidiano, acadêmico ou no mercado de trabalho.

Em nosso estudo, utilizamos como principal método de investigação a observação assistemática (LABOV, 2008 [1972]), visto que nosso propósito central é captar a variação estilística em situações naturais de fala. Em posse de aparelhos celulares, as gravações foram coletadas por esta pesquisadora e por terceiras pessoas, que são próximas dos falantes. Por um lado, o primeiro tipo de coleta apresenta a vantagem de nos permitir experienciar, verdadeiramente, os eventos comunicativos; por outro lado, o segundo nos permite obter gravações em situações nas quais não estaríamos presentes.

As amostras compõem-se, no total, de 16 horas e 41 minutos de gravações em áudio

⁵⁰ É válido sinalizar que, no capítulo 4, mais especificamente no item 4.1.2.1, faremos a conceituação de *range* com base em Tagliamonte (2006).

dos nossos colaboradores, interagindo com diferentes interlocutores, em contextos cotidianos e institucionais. Convém enfatizar que a obtenção de gravações profícuas em interações espontâneas é uma tarefa bastante árdua. No nosso caso, como os dados foram gerados, de modo majoritário, em festas de aniversário, churrascos de confraternização e bares, são muitas as gravações com ruídos externos, tais como música tocando e pessoas conversando, o que reduz a qualidade do áudio. Associado a isso, tem-se o fato de as trocas conversacionais ocorrerem, preponderantemente, entre mais de dois falantes, favorecendo o advento de muitas sobreposições de vozes e, por conseguinte, dificultando a compreensão do que foi dito.

Nos Quadros 2 e 3, pode ser observada a distribuição das gravações de cada falante por situação comunicativa. É de suma importância esclarecer aqui que, tal como consta no TCLE, embora todas as interações verbais sejam previamente consentidas, em algumas delas, os falantes não têm conhecimento do momento exato em que estavam sendo gravados.

QUADRO 2 – DISTRIBUIÇÃO DAS GRAVAÇÕES ESPONTÂNEAS DO COLABORADOR HOMEM

HOMEM		
Situação comunicativa	Conhecimento da gravação	Duração
Conversa com amigos íntimos (gravação feita pela pesquisadora)	Não	53min28seg.
Conversa com colegas do bairro (gravação feita pela pesquisadora)	Não	24min42seg.
Conversa com colegas do futebol (gravação feita pela pesquisadora)	Não	33min16seg.
Conversa com colegas do trabalho (gravação feita pela pesquisadora)	Sim	1h07min04seg.
Conversa com familiares da namorada (gravação feita pela pesquisadora)	Não	4h38min13seg
Conversa de estudo com a prima (gravação feita pela pesquisadora)	Não	8min47seg.
Consulta nutricional (gravação feita pela pesquisadora)	Não	2h11min47seg.
Apresentação de seminário a distância (gravação feita pelos amigos)	Sim	04min04seg.
TOTAL		10h19min21seg.

Fonte: Elaboração própria.

QUADRO 3 – DISTRIBUIÇÃO DAS GRAVAÇÕES ESPONTÂNEAS DA COLABORADORA MULHER

MULHER		
Situação comunicativa	Conhecimento da gravação	Duração
Conversa com amigo íntimo (gravação feita pelo amigo)	Não	3h50min38seg.
Conversa com colegas da universidade (gravação feita pela pesquisadora)	Não	2h8min57seg.
Apresentação de seminário (gravação feita pela pesquisadora)	Não	22min09seg.
TOTAL		6h41min05seg.

Fonte: Elaboração própria.

Após o procedimento de gravação das amostras, fizemos a transcrição dos áudios com auxílio do *Elan* (HELLWIG; GEERTS, 2013), programa computacional desenvolvido pelo Instituto Max Planck de Psicolinguística, que permite o alinhamento entre o arquivo de áudio ou vídeo e a anotação textual. Para tanto, adotamos algumas convenções do modelo Jefferson de transcrição (cf. detalhes no Anexo B), que, nos termos de Garcez, Bulla e Loder (2014, p. 271), “se consolidaram como conjunto estável de convenções detalhadas, evidenciando o caráter sequencial dialógico dos encontros transcritos”.

Em termos do registro gráfico, optamos pela grafia modificada, pois esse recurso, “enquanto mantém, em certa medida, os benefícios da ortografia (de leitura mais acessível), permite um registro mais próximo de como a elocução foi vocalmente proferida” (GARCEZ; BULLA; LODER, 2014, p. 268).

Vale registrar aqui que esta pesquisa não foi iniciada na pandemia do Covid-19, mas foi atravessada por ela. Durante os anos de 2020 e 2021, como protocolo de enfrentamento à disseminação do Novo Coronavírus, tivemos todos de viver em isolamento social, não podendo mais estabelecer relações presenciais com pessoas de fora do convívio familiar. Consequentemente, nesse período, ficamos impossibilitados de realizar novas gravações para obter uma diversidade de interações da falante mulher tão abrangente quanto a do homem, o que afetou significativamente o desenvolvimento deste trabalho. Pela mesma razão, não tivemos condições de realizar gravações com o conhecimento da falante, ficando essa característica circunscrita, portanto, à amostra do falante masculino.

3.1.2 Perfil social dos participantes

Para este estudo, antes da constituição das amostras de gravações orais, no primeiro contato, fizemos um levantamento da ficha social dos participantes, perguntando dados como nome, endereço, idade, escolaridade, renda familiar e profissão dos pais. Em seguida, em outros encontros, conversamos sobre a convivência familiar, os estudos durante a educação básica e o ensino superior, os hábitos da vida cotidiana, assim como dialogamos sobre a participação em grupos sociais e sobre percepções a respeito da língua.

Com as anotações em mãos, apresentamos aqui as características sociais dos dois participantes da pesquisa. Antes, porém, convém informar que decidimos adotar nomes fictícios para os colaboradores, pois essa opção, além de resguardar o anonimato,

não desumaniza os participantes (como o uso de letras), evita a imposição de categorias *a priori* ao longo de toda a interação (como as categorias institucionais) e se aproxima da maneira como as pessoas normalmente nomeiam-se umas às outras nas interações rotineiras (por nomes próprios) (GARCEZ; BULLA; LODER, 2014, p. 271).

Gabriel, que possui vinte e cinco anos de idade, é natural de Vitória, capital do Espírito Santo, mas sempre residiu em Vila Velha, cidade que compõe a Região Metropolitana da Grande Vitória. Na época das gravações, vivia com a mãe, gerente financeira, o pai, autônomo, e o irmão mais novo, com os quais mantinha uma relação familiar estável e tranquila. Em 2021, casou-se e, por isso, mudou-se da casa dos pais.

Durante toda a educação básica, Gabriel estudou em instituições particulares de ensino e sempre teve facilidade com números, destacando-se nas disciplinas de Matemática e Física. Engenheiro civil de formação, atua como líder de sinistro numa prestadora de serviço automotivo.

Gabriel é uma pessoa extrovertida, tranquila e comprometida. Tem personalidade forte, mas, normalmente, prefere evitar o conflito. No tempo livre, gosta de estar com

os amigos, de jogar futebol e de frequentar praias, restaurantes e shoppings. Gabriel assiste à televisão regularmente, especialmente programas esportivos, filmes e séries. Não tem o hábito de ler e não gosta de escrever, porém costuma revisar diversas vezes os e-mails que troca no trabalho. Aliás, como profissional, Gabriel procura se dedicar o máximo possível para garantir a entrega de resultados à empresa que trabalha.

O jovem, que se identifica com a forma de falar do estado do Espírito Santo, reconhece que as pessoas falam de formas diferentes através do sotaque e das palavras. Considera que, por ser líder de equipe, cargo que está em evidência na rotina laboral, precisa se preocupar com o seu modo de falar, pois, no meio corporativo, as pessoas tendem a reparar na comunicação um do outro e, por conseguinte, realizar julgamentos.

Lavínia também possui vinte e cinco anos de idade, é natural de Vitória e, no período das gravações, vivia com a mãe, professora, o pai, tabelião, e os dois irmãos em Vila Velha. Embora tivesse uma boa relação com a família, decidiu sair da casa dos pais e ir morar sozinha na cidade de Vitória em busca da independência financeira.

Ao longo da educação básica, a jovem estudou em escola particular, tendo, inclusive, cursado com Gabriel os três anos do ensino médio. Em todo o tempo, sobressaiu-se na disciplina de Língua Portuguesa, especialmente pela sua facilidade de escrever. Com formação acadêmica em Letras-Português, à época das gravações, era mestranda em Estudos Linguísticos. Atualmente, é estudante do curso de Direito e exerce a profissão de tabeliã substituta em um Cartório de Registro Civil e Tabelionato de Notas.

Lavínia é uma pessoa atenciosa, curiosa e questionadora, que reflete sobre tudo o que vê e faz. No tempo livre, costuma ir a bares, a casa dos pais e a espaços culturais no Centro de Vitória. Lavínia não assiste à televisão corriqueiramente e gosta de se relacionar com pessoas. Tem o hábito de ler livros *on-line*, embora não seja com a frequência que gostaria, e pratica a escrita como parte do seu processo de autoconhecimento, isto é, escreve sobre o que já viveu e o sobre que tem vivido. Como aluna e profissional, é dedicada e responsável, desde que sinta prazer na atividade que está realizando.

Lavínia, que também se identifica com a variedade capixaba, reconhece que existem diversas formas de comunicar algo, as quais dependem de fatores linguísticos e sociais. Além disso, admite que tem reparado bastante nas variações estilísticas e acredita que elas tenham um peso muito grande na formação linguística de cada indivíduo. Devido à profissão atual, Lavínia considera que precisa, sim, preocupar-se com o seu modo de falar, o que não significa, necessariamente, ser mais formal. Pelo contrário, como tem de passar informações de cunho jurídico a grande parte da população que não está habituada a esse linguajar, pensa que deve se comunicar com o público da maneira mais simples possível.

Em resumo, os nossos colaboradores possuem perfis socioeconômicos similares: são capixabas, de vinte e cinco anos de idade, moradores da zona urbana, pertencentes ao segmento da classe média, além de serem profissionais que exercem atividades do setor terciário. Como o propósito da pesquisa é investigar a produção linguística dos falantes em situações reais de comunicação, a escolha deles não ocorreu de forma aleatória. Optamos por selecionar pessoas bem próximas desta pesquisadora a fim de facilitar a obtenção de gravações espontâneas e assistemáticas em interações cotidianas e institucionais.

3.1.3 Caracterização das situações comunicativas

A prática interacional dos dois falantes foi observada em contextos cotidianos e institucionais. No campo cotidiano, temos a conversação diária e natural, que pode ser definida, de forma geral, pela troca verbal entre ao menos dois falantes que “têm supostamente o mesmo direito à auto-escolha da palavra, do tema a tratar e de decidir sobre seu tempo” (MARCUSCHI, 2007, p.16). Como mencionado por Sacks, Schegloff e Jefferson (2003 [1974]), os conteúdos tratados na conversa não são previamente especificados e é comum ocorrências de breves sobreposições de fala entre os interlocutores, uma vez que a ordem e o tamanho dos turnos não são fixos.

No plano institucional, temos consultas nutricionais e apresentações de seminário. A consulta de nutrição consiste no atendimento oferecido pelo(a) nutricionista em consultório, ambiente hospitalar ou domiciliar no qual é realizada uma conversação

para “coleta de dados pessoais, anamnese alimentar e avaliação do estado nutricional, para em seguida proceder ao diagnóstico de nutrição e ao plano alimentar com orientação individualizada entregue presencialmente ou por meio eletrônico” (CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTAS, 2018). É prática ocorrer, após essa prestação de serviço, uma consulta de retorno, que diz respeito a um segundo atendimento realizado dentro de um prazo determinado.

O seminário, por seu turno, trata-se de “um gênero textual público, relativamente formal e específico, no qual um expositor especialista dirige-se a um auditório, de maneira (explicitamente) estruturada, para lhe transmitir informações, descrever-lhe ou lhe explicar alguma coisa” (DOLZ *et al.*, 2004, p. 218). Nesse sentido, no contexto de sala de aula, os estudantes, de forma individual ou em grupo, assumem uma posição de destaque ao realizar uma exposição oral, previamente planejada, sobre um determinado assunto indicado pelo docente, que passa a ter função de avaliador e mediador das apresentações. A audiência, que é constituída pelos demais integrantes da turma, exerce o papel de ouvir atentamente as exposições e, ao final, fazer perguntas e/ou fornecer contribuições ao trabalho dos colegas.

Feita essa apresentação geral das situações comunicativas, passemos agora à caracterização mais detalhada da participação dos nossos falantes nelas.

3.1.3.1 Falante Gabriel

O material linguístico de Gabriel foi obtido em oito situações comunicativas, a saber: (1) conversa com amigos íntimos; (2) conversa com colegas do bairro; (3) conversa com colegas do futebol; (4) conversa com colegas do trabalho; (5) conversa com familiares da namorada; (6) conversa de estudo com a prima; (7) consultas nutricionais; e (8) apresentação de seminário a distância.

No Quadro 4, encontra-se a síntese de tais situações para facilitar a visualização das características relativas a cada uma delas ao nosso leitor. Vale informar que os nomes dos interlocutores, participantes indiretos da pesquisa, também são fictícios.

QUADRO 4 – SÍNTESE DAS SITUAÇÕES COMUNICATIVAS DO COLABORADOR GABRIEL

(continua)

SITUAÇÃO	INTERLOCUTORES	LOCAL	TEMÁTICA
a) Conversa com amigos íntimos (Gravação feita pela pesquisadora)	✓ Italla (namorada) ✓ Manoel (amigo) ✓ Cecília (amiga)	Hamburgueria	Vivências cotidianas
	✓ Italla (namorada) ✓ Manoel (amigo) ✓ Cecília (amiga) ✓ Ivan (amigo) ✓ Yuri (amigo)	Casa de Manoel e Cecília	Vivências cotidianas
b) Conversa com colegas do futebol (Gravação feita pela pesquisadora)	✓ Italla (namorada) ✓ Rafael (colega)	Área de churrasqueira de um prédio	Carnaval e futebol
c) Conversa com colegas do bairro (Gravação feita pela pesquisadora)	✓ Italla (namorada) ✓ Pedro (colega) ✓ Aline (colega)	Casa de uma conhecida	Vivências acadêmicas e cotidianas
d) Conversa com colegas do trabalho (Gravação feita pela pesquisadora)	✓ Italla (namorada) ✓ Manoel (amigo) ✓ Cecília (amiga) ✓ João (colega de trabalho) ✓ Ana (colega)	Bar	Futebol e aniversário
		Casa de João e Ana	Vivências cotidianas e trabalho
e) Conversa com familiares da namorada (Gravação feita pela pesquisadora)	✓ Italla (namorada) ✓ Ronaldo (pai) ✓ Regina (mãe) ✓ Heitor (irmão) ✓ Elisa (avó) ✓ Alberto (tio) ✓ Helena (tia) ✓ Felipe (primo)	Casa da namorada	Futebol e vivências cotidianas
	✓ Italla (namorada) ✓ Ronaldo (sogro) ✓ Elisa (avó) ✓ Alberto (tio) ✓ Helena (tia)	Casa da namorada	Futebol e vivências cotidianas
	✓ Italla (namorada) ✓ Heitor (cunhado) ✓ Jéssica (cunhada)	Casa da namorada	Futebol e vivências cotidianas
	✓ Italla (namorada) ✓ Ronaldo (sogro) ✓ Manoel (amigo) ✓ Cecília (amiga) ✓ Ivan (amigo) ✓ Yuri (amigo)	Casa da namorada	Dimensionamento de quartos e aparelhos de ar-condicionado
	✓ Italla (namorada) ✓ Heitor (cunhado) ✓ Jéssica (cunhada) ✓ Manoel (amigo) ✓ Cecília (amiga)	Salão de festas de um prédio	Futebol e vivências cotidianas

QUADRO 4 – SÍNTESE DAS SITUAÇÕES COMUNICATIVAS DO COLABORADOR GABRIEL
(conclusão)

SITUAÇÃO	INTERLOCUTORES	LOCAL	TEMÁTICA
f) Conversa de estudo com a prima (Gravação feita pela pesquisadora)	✓ Italla (namorada) ✓ Amanda (prima)	Casa dos tios	Engenharia/cálculo
g) Consulta nutricional (Gravação feita pela pesquisadora)	✓ Italla (namorada) ✓ Maya nutricionista)	Consultório	Alimentação
h) Apresentação de seminário a distância (Gravação feita pelos amigos)	✓ Francisco (professor) ✓ Discentes em geral	Universidade	Painel hidrostático e prensa hidráulica

Fonte: Elaboração própria.

a) Conversa com amigos íntimos

Nesta interação, constam dois encontros entre Gabriel e amigos de longos anos. No primeiro, que ocorreu em uma hamburgueria localizada na Praia do Canto, bairro nobre de Vitória, estavam presentes três participantes: Italla, Manoel e Cecília.

Italla, vinte e seis anos de idade, é natural de Vitória, mas reside em Vila Velha desde o nascimento. Conheceu Gabriel na escola, durante o ensino médio, e é sua namorada há oito anos. Graduada em Letras-Português e Mestre em Estudos Linguísticos, Italla é servidora pública estadual, atuando como professora na Secretaria de Estado da Educação (SEDU/ES).

Manoel, vinte e cinco anos de idade, possui a educação básica completa e é morador de Vila Velha. É amigo pessoal de Gabriel desde os treze anos de idade quando se conheceram nos treinos de uma escolinha de futebol. Atualmente, atua como líder de sinistro na mesma prestadora de serviço automotivo que Gabriel.

Cecília, vinte e cinco anos de idade, baiana, é moradora de Vila Velha desde 2014, quando veio para o estado do Espírito Santo cursar o ensino superior. É namorada de Manoel, com quem reside atualmente, e estudante do curso de Engenharia Civil de uma faculdade privada da Grande Vitória.

Embora interagisse com todos, Gabriel tem como interlocutor predominante seu amigo de infância Manoel, pessoa com quem ele mantém contato diariamente e tem bastante intimidade. No tocante ao assunto, essa comunicação face a face possui pluralidade temática, a saber: relatos cotidianos, fatos ocorridos em uma festa organizada pelo irmão do falante, corrida de kart, paintball e vaga de estacionamento próxima à hamburgueria.

A segunda interação teve como participantes sua namorada Italla, Manoel, Cecília e um casal de amigos, a saber: Ivan e Yuri. Ivan, administrador de trinta e três anos de idade, é natural de Aracruz/ES e morador dessa cidade. Conheceu Gabriel através de Manoel e se tornou seu amigo pessoal, mantendo contato frequente há mais de dez anos.

Yuri, vinte e nove anos de idade, é natural de Vitória e morador dessa cidade. Graduado em Administração, trabalha em uma empresa de papel e celulose e é namorado de Ivan, amigo pessoal de Gabriel.

Essa interação aconteceu durante um jantar organizado no apartamento em que Manoel e Cecília residem, na Praia de Itapuã, em Vila Velha. Nela, os tópicos conversacionais envolvem, principalmente, eventos futuros e lembranças de vivências experienciadas individual ou coletivamente. Vale informar que, como eventos futuros, referimo-nos à mudança de apartamento de um dos casais e aos preparativos para a comemoração do aniversário de Ivan. Já como lembranças de vivências experienciadas individual ou coletivamente, reportamo-nos às narrativas pessoais de festas e shows frequentados quando mais jovens em Ibirapu/ES e do réveillon que passaram juntos em Porto Seguro, na Bahia.

b) Conversa com colegas do futebol

Gabriel participa de um time de futebol amador⁵¹ de Vila Velha, que joga em quase todas as tardes de sábado do ano. É prática comum as equipes de várzea reunirem

⁵¹ Futebol amador, também conhecido como futebol de várzea, diz respeito à prática não profissionalizada do futebol, geralmente realizada em campos de bairros que não possuem estrutura para a prática oficial do esporte. Em geral, os jogadores possuem outra profissão no dia a dia e praticam o futebol como lazer.

os membros do time e seus familiares para uma confraternização de fim de ano. Na situação comunicativa em foco, Gabriel, que estava em sua primeira comemoração com o grupo, interagiu especialmente com um colega, a quem atribuímos o pseudônimo de Rafael. Cumpre pontuar, porém, que, em alguns momentos da interação, ocorrem breves participações de Italla.

Rafael, vinte e cinco anos de idade, morador de Vila Velha, é formado em Educação Física e atua como educador físico em um centro de treinamento esportivo no bairro em que reside e como treinador de futsal em uma instituição de ensino particular de Vila Velha.

Como já mencionado em linhas acima, à época da gravação, a convivência de Gabriel e Rafael era recente e pouco frequente, uma vez que acontecia uma única vez na semana, no contexto dos jogos de futebol. Em relação ao conteúdo, a temática desta interlocução se concentra em questões relativas ao futebol e aos planos para o carnaval do ano seguinte.

c) Conversa com colegas do bairro

Gabriel possui um grande grupo de colegas que se conhecem desde muito novos. Com as responsabilidades da vida adulta, o convívio cotidiano entre eles foi naturalmente reduzido, uma vez que, no decorrer dos anos, todos constituíram novas redes de relacionamentos interpessoais. Atualmente, Gabriel encontra os colegas em eventos comemorativos, tais como aniversários, festas juninas e confraternizações de fim de ano.

A conversa espontânea em tela acontece, predominantemente, entre Gabriel e Pedro durante uma festa de aniversário. Em alguns momentos, porém, há a participação de outras duas pessoas: sua namorada Italla e Aline – vinte e cinco anos de idade, moradora de Vila Velha e estudante do curso de Nutrição. Como a participação de Aline é muito breve, focalizaremos aqui na relação de Gabriel com o interlocutor principal.

Pedro, vinte e sete anos de idade, é morador de Vila Velha e namorado de Aline. Estudante de Engenharia Elétrica de um centro universitário privado, atua como estagiário em uma empresa de manutenção de refrigeração. Apesar de conhecer Gabriel há, aproximadamente, quinze anos e ter passado a infância com ele brincando nas ruas do bairro, Pedro e Gabriel não possuem contato diário e regular. Atualmente, Gabriel encontra o colega nos eventos comemorativos supracitados.

Na conversação em tela, os tópicos versam, em especial, sobre algumas disciplinas de Engenharia Civil e de Engenharia Elétrica, assim como sobre o desempenho estudantil dos interlocutores nos primórdios da faculdade. Outro ponto a ser destacado é que o falante narra, de modo breve e conciso, a metodologia por ele empregada quando ensinou um determinado conteúdo de matemática para um amigo, que prestara o concurso público de soldado combatente do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Espírito Santo (CBMES).

d) Conversa com colegas do trabalho

Os integrantes destas interações são Gabriel, Italla, Manoel, Cecília, João e Ana. É importante informar que uma das pessoas aqui identificadas como colega de trabalho é seu amigo de infância – Manoel – e a outra é um dos supervisores da equipe – João, vinte e nove anos de idade, morador de Vila Velha, formou-se em Direito em uma faculdade particular da Grande Vitória e é marido de Ana, vinte e seis anos de idade, pedagoga. Apesar de o contato entre eles ser recorrente devido à rotina laboral, no período das gravações, a relação entre Gabriel, João e Ana era bastante recente, tendo sido iniciada há menos de seis meses.

O primeiro cenário se trata de um encontro em um bar localizado no Centro de Vila Velha. Enquanto assistiam a um jogo de futebol, o grupo conversa sobre os planos de Gabriel para a comemoração de seu aniversário e, sobretudo, discutem a conduta a ser adotada para conseguirem ir ao Rio de Janeiro assistir a um jogo do Clube de Regatas Flamengo, já que a partida desejada ocorreria numa quarta-feira e todos eles trabalham em horário comercial. Essa é a única situação comunicativa que os participantes foram comunicados, antecipadamente, por esta pesquisadora que seriam gravados.

O segundo contexto surgiu de uma outra perspectiva de situação. Gabriel estava trabalhando em *home-office* na casa de Manoel e, no fim do dia, eles combinaram de se reunir na casa de João, supervisor de equipe, para se distraírem. Sentados na varanda do apartamento que se localiza a uma quadra do mar da Praia de Itapuã, em Vila Velha, os membros da interação dialogavam sobre assuntos relacionados a trabalho, religião, assim como sobre episódios de jogos virtuais de adedonha⁵² e hábitos cotidianos.

e) Conversa com familiares da namorada

Esta situação comunicativa abarca uma série de interações, que podem ser distribuídas em dois grandes grupos: (1) conversas exclusivamente com familiares da namorada; e (2) conversas com familiares da namorada e amigos íntimos.

As conversas em que Gabriel interage apenas com familiares da namorada foram captadas em vários almoços ou jantares realizados na casa da avó, na da própria namorada ou na da tia. Além da namorada, os participantes dessas conversas são Ronaldo, Regina, Elisa, Heitor, Jéssica, Alberto, Helena e Felipe.

Ronaldo, sessenta e seis anos de idade, é o filho mais velho de Elisa, oitenta e quatro anos de idade, viúva e aposentada. Natural de Itaguaçu, cidade do interior do Espírito Santo, mudou-se com os pais e os quatro irmãos para Vila Velha há mais de trinta anos. É aposentado por invalidez, possui baixa escolarização e é casado com Regina, dona de casa de sessenta e um anos de idade, aposentada, que possui ensino médio incompleto.

Ronaldo e Regina têm dois filhos: Italla e Heitor. Servidor público estadual e estudante do curso de Educação Física de uma universidade particular da Grande Vitória, Heitor, trinta e quatro anos de idade, natural de Vitória e residente em Vila Velha, é namorado de Jéssica, vinte e quatro anos de idade, moradora de Vila Velha, atendente de uma

⁵² Adedonha, também conhecida como *adedanha* ou *stop*, é um jogo de conhecimentos gerais em que os participantes precisam escrever, no menor tempo possível, palavras de diversas categorias (animais, cores, nomes pessoais, frutas, flores, etc) iniciadas com uma determinada letra (cf. ADEDONHA! In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Adedonha!>>. Acesso em: 04 jun 2022).

clínica oftalmológica e estudante do curso de Enfermagem da mesma universidade particular da Grande Vitória.

Alberto, sessenta e seis anos de idade, técnico de apoio operacional e projetista industrial aposentado, é natural de Aracruz/ES e morador da cidade de Vitória. É casado com Helena, trinta e nove anos de idade, filha adotiva de Elisa (avó de Italla) e mãe de Felipe, jovem de vinte e três anos de idade, estudante de medicina de uma universidade particular da Grande Vitória. Alberto e Helena são pais de Mariana, criança de sete anos de idade.

Independentemente do local e dos interlocutores, Gabriel se sente muito à vontade nas comunicações, já que convive quase todos os fins de semana com essas pessoas há mais de sete anos. De maneira geral, podemos dizer que, nesse conjunto de gravações apenas com familiares, o que acontece no *aqui e agora* das interações é similar: uma conversa cotidiana, enquanto aguardam a preparação ou a entrega das refeições, sobre fatos do dia a dia, viagens, carros, exercícios físicos e, sobretudo, futebol.

Os dois diálogos em que há, também, a participação dos amigos íntimos exigem posturas interacionais distintas do nosso colaborador. No primeiro deles, que aconteceu no aniversário de Aline (namorada de Pedro, colega do bairro), estavam presentes Gabriel, Italla, Manoel, Cecília, Heitor e Jéssica. Os tópicos conversacionais dessa troca espontânea envolvem narrativas de episódios acontecidos com os falantes ou com terceiros, pagamento de compras realizadas e, principalmente, futebol.

No segundo, os interlocutores são dois casais de amigos (Manoel e Cecília; Ivan e Yuri), a namorada (Italla) e o pai dela (Ronaldo). Na noite de um sábado qualquer, os integrantes se reuniram no quintal da casa de Ronaldo para socializar e se alimentar. Nessa situação, os assuntos giram em torno de instalação e manutenção de ar-condicionado, dimensões dos quartos de casas e de apartamentos, bem como sobre o ambiente de trabalho. Gabriel, portanto, coloca em evidência alguns conhecimentos adquiridos durante seu estágio numa empresa de construção civil.

f) Conversa de estudo com a prima

Esta situação comunicativa contém duas interlocuções entre Gabriel e sua prima Amanda, assistente social de, aproximadamente, trinta e cinco anos de idade, moradora de Vitória e estudante de Engenharia Civil de uma faculdade particular da Grande Vitória. Embora sejam da mesma família, o contato de Amanda e Gabriel acontece mais nas ocasiões de confraternização familiar.

Em uma das interlocuções, o falante, que foi à casa dos tios com sua mãe numa tarde de domingo, foi informado que a prima estava no escritório estudando para uma prova da faculdade. Ao chegar no local em que a prima se encontrava, Gabriel a cumprimenta e eles começam a conversar sobre a grade de disciplinas de Engenharia Civil, graduação que ambos cursavam, porém em faculdades distintas. Essa situação comunicativa, que tem como gênese uma conversa cotidiana, desenvolve-se com Gabriel ensinando o conteúdo de cálculo para a prima.

Na outra, está acontecendo uma confraternização familiar na casa dos tios. Embora a circunstância seja inteiramente diferente, emerge um diálogo entre Gabriel e Amanda correlato ao anterior: o falante explana o método a ser seguido para a resolução do cálculo da integral de uma função.

g) Consulta nutricional

Dispomos de gravações de duas consultas presenciais que o falante realizou com uma nutricionista – Maya, trinta anos de idade, realiza atendimentos em um consultório particular no Centro de Vila Velha. A profissional não pode ser considerada uma pessoa com a qual Gabriel possui proximidade, uma vez que o convívio entre eles ocorre em encontros esporádicos, na situação de consulta.

Na primeira consulta, a nutricionista realizou a avaliação antropométrica de Gabriel por meio da medição das circunferências e dobras cutâneas e do exame de bioimpedância a fim de acompanhar a evolução de seu corpo com a mudança dos hábitos alimentares. Em seguida, iniciou-se a anamnese clínica, que consiste no

diálogo entre nutricionista e paciente em que o nosso colaborador passa a fornecer informações sobre sua saúde e seus históricos físico, emocional e comportamental. Nesse ínterim, Gabriel, além de expor seus objetivos e sua opinião em relação ao motivo que o levou a engordar durante o período de isolamento social, produz um recordatório alimentar, expondo, detalhadamente, sua rotina de alimentação, atividade física e trabalho. Durante sua explanação, a nutricionista realiza várias intervenções para fornecer orientações nutricionais a serem seguidas enquanto o falante aguarda a entrega do plano alimentar.

O segundo encontro aconteceu, aproximadamente, vinte dias depois. De maneira análoga ao primeiro, foi feito o exame de bioimpedância e a notação das medidas corporais para avaliação do progresso do falante após os novos hábitos. Posteriormente, Gabriel narra como foi sua constância na prática de exercícios físicos e, especialmente, sua adesão ao plano alimentar, indicando suas maiores dificuldades e apontando os aspectos que considera que podem ser aprimorados.

h) Apresentação de seminário a distância

Esta situação comunicativa não possui a organização estrutural de um seminário prototípico, uma vez que não há a presença do docente da disciplina e da turma. Como consequência, não há a ocorrência de trocas de turno nos tradicionais momentos reservados às perguntas e complementações.

No interior do laboratório do curso de Engenharia Civil, Gabriel é gravado em áudio e vídeo pelos integrantes do grupo do qual participa. O colaborador, em fala fluente e espontânea, sem leitura de texto, dirige-se ao público – o professor e os colegas de classe –, explicando o funcionamento do Painel Hidrostático e da Prensa Hidráulica, aparelhos que são responsáveis pela medição de propriedades dos fluidos, mais especificamente, a pressão e a viscosidade.

3.1.3.2 Falante Lavínia

Os dados de fala de Lavínia, por sua vez, foram gerados em situações interacionais similares, mas não idênticas, a saber: (1) conversa com amigo íntimo; (2) conversa com colegas universitários; e (3) apresentação de seminário. Nosso objetivo é observar o trânsito estilístico individual em diferentes situações comunicativas e, assim, comparar semelhanças e/ou diferenças no comportamento linguístico dos dois falantes em função do sexo/gênero.

No Quadro 5, apresentamos o resumo dos dados relativos a essas três situações.

QUADRO 5 – SÍNTESE DAS SITUAÇÕES COMUNICATIVAS DA COLABORADORA LAVÍNIA

SITUAÇÃO	INTERLOCUTORES	LOCAL	TEMÁTICA
a) Conversa com amigo íntimo (Gravação feita pelo amigo)	✓ Fernando (amigo)	Bar	Vivências cotidianas e acadêmicas
b) Conversa com colegas da universidade (Gravação feita pela pesquisadora)	✓ Fernando (amigo) ✓ Italla (colega)	Restaurante e universidade	Vivências cotidianas e acadêmicas
	✓ Fernando (amigo) ✓ Italla (colega) ✓ Alice (colega)	Universidade	Vivências cotidianas e acadêmicas
	✓ Italla (colega)	Carro	Vivências cotidianas e acadêmicas
c) Apresentação de seminário presencial (Gravação feita pela pesquisadora)	✓ Renata (professor) ✓ Discentes em geral	Universidade	Varição linguística

Fonte: Elaboração própria.

a) Conversas com amigo íntimo

Estas interações aconteceram entre Lavínia e um amigo próximo, a quem atribuímos

o nome de Fernando. Fernando é natural de Vitória e morador de Vila Velha. Tem vinte e sete anos de idade, possui graduação em Letras-Português e é discente do curso de Mestrado em Estudos Linguísticos. É importante pontuar que, embora tenham se conhecido na graduação, a convivência entre os interlocutores, que acontece desde 2014 de forma frequente, estende-se para além dos muros da universidade.

As aulas da pós-graduação da qual os interlocutores participavam se encerravam às 18h, horário em que o fluxo de veículos é alto e, por conseguinte, há muitos congestionamentos na Grande Vitória. A fim de evitar esse período de intenso tráfego, Lavínia e o amigo costumavam ir a bares localizados na rua popularmente conhecida como Rua da Lama, em Jardim da Penha, para beber cerveja e socializar. Considerada um dos principais pontos boêmios da capital capixaba por reunir diversas opções de bares e restaurantes, essa rua, situada a menos de duzentos metros da Ufes, é frequentada, em especial, pelos jovens universitários.

Tendo em vista que a conversa espontânea não é planejada por quaisquer partes, os diversos encontros se desenrolam em torno de assuntos variados, que abarcam de relatos pessoais à vida acadêmica, a saber: acontecimentos cotidianos, observações sobre pessoas conhecidas, relacionamentos interpessoais, alimentação, festas, relatos familiares, planos de internet, pensão alimentícia, vida financeira, valor das bebidas, locais que frequentavam quando mais jovens, tatuagem, religião, aquisição de livros, estágio docente, pesquisa e eventos acadêmicos.

b) Conversas com colegas da universidade

Reunimos aqui conversas entre Lavínia e colegas universitários, com os quais convive desde o final de 2014. O primeiro cenário observado compreende dois encontros ocorridos na própria universidade e possui como participantes três universitários: Fernando, Italla e Alice. Como os dois primeiros já foram apresentados anteriormente, passemos à caracterização de Alice.

Alice possui vinte e seis anos de idade, é natural de Vitória e sempre residiu nessa cidade. Estudante do curso de graduação em Letras-Português, Alice faz Iniciação

Científica. Diferentemente do convívio com Fernando, a relação entre Lavínia e as colegas Alice e Italla é circunscrita ao ambiente acadêmico, isto é, o convívio entre elas envolve somente atividades de pesquisa e estudo, sendo, portanto, de pouco contato.

Após as aulas, Lavínia e os colegas, habitualmente, reuniam-se em uma sala a fim de esperar o fluxo de veículos da cidade diminuir para, então, retornarem às suas residências. Essa sala, que fica no último andar do prédio destinado à pós-graduação, é frequentada, em sua maioria, pelos alunos pesquisadores, especialmente os aqui citados.

Assim como as conversas com o amigo íntimo, a atividade interacional desenvolvida nesses encontros é uma conversa que contempla uma gama ampla de assuntos, uma vez que os participantes falam sobre enredos de filmes, animais de estimação, redes sociais, bem como contam relatos de acontecimentos cotidianos e comentam sobre as aulas e o processo seletivo para o curso de mestrado.

O segundo cenário inicia-se em um almoço realizado num restaurante situado a cento e setenta metros da Ufes, na Rua da Lama, em Jardim da Penha. No restaurante, que possui dois andares e é climatizado, há uma mesa self-service com uma grande variedade de alimentos e saladas, além de uma ala com a opção de churrasco. Por não ter um valor muito acessível, o público predominante desse restaurante são os funcionários de empresas das imediações, os estudantes da pós-graduação e os das escolas privadas que se situam no entorno.

Durante o almoço em foco, Lavínia, Fernando e Italla têm como tópicos conversacionais a confecção e a venda de bolsas pela mãe de Lavínia, festas de calourada, relacionamentos e animais de estimação. Posteriormente, ao realizar o trajeto de volta à universidade, enquanto o grupo de amigos caminha comentando sobre a chuva que cai na cidade e a comida do restaurante, Lavínia pede informações sobre a localização de uma determinada sala dentro do espaço físico universitário. Ao chegarem no prédio das aulas, Lavínia e os amigos seguem conversando, porém, agora, sobre concursos públicos, as aulas da pós-graduação e a festa de casamento de uma conhecida dos interlocutores.

Por fim, o terceiro cenário pesquisado ocorreu no trajeto da universidade a um terminal de ônibus da Grande Vitória, em duas caronas ofertadas por Italla à Lavínia. O

caminho percorrido pelas colegas de pós-graduação possui doze quilômetros de extensão e tem duração de, aproximadamente, uma hora devido ao grande número de veículos circulando no período das 18h.

Nessas interações ocorridas dentro do carro, as interlocutoras conversam bastante sobre o ato de dirigir e as aulas práticas das autoescolas, uma vez que Lavínia estava realizando o curso prático de direção veicular da primeira habilitação. Diversos outros assuntos são também abordados, tais como as aulas e os eventos acadêmicos, os processos seletivos da pós-graduação e as suas experiências como docente e estagiária na educação básica e no ensino superior.

c) Apresentação de seminário presencial

O evento aqui analisado corresponde a uma aula da pós-graduação, ministrada às quintas-feiras, das 14h às 18h, para uma turma de, aproximadamente, dez discentes com os quais, no geral, Lavínia quase não se encontra na rotina diária e convive há menos de seis meses. Em relação à caracterização do espaço físico, há uma televisão, um aparelho de ar-condicionado e a disposição tradicional do ambiente escolar, com as carteiras dos estudantes organizadas em fila e a do professor centralizada na parte da frente da sala.

Inicialmente, a docente introduziu a temática da aula e, em seguida, passou a palavra à Lavínia, que ocupou a mesa da professora para apresentar o seu seminário, um requisito parcial para a obtenção da aprovação na disciplina cursada. A apresentação do trabalho, realizada com o recurso *PowerPoint*, ocorreu com a falante expondo o conteúdo do texto a ela reservado. Durante a comunicação, a falante detém, majoritariamente, o turno de fala. Entretanto, há momentos em que a docente pede permissão para intervir e complementar algumas informações ou que a própria falante solicita auxílio para esclarecimentos de trechos do texto estudado.

3.2 DELIMITAÇÃO DO FENÔMENO VARIÁVEL

A variável dependente aqui investigada é a concordância nominal de número, que se apresenta sob a forma de duas variantes no português brasileiro: presença de marcas explícitas de plural em todos os elementos flexionáveis do sintagma nominal e ausência de marcas explícitas de plural em alguns elementos flexionáveis do sintagma nominal. A título de ilustração, vejamos alguns exemplos dessas variantes, respectivamente, nos casos (3) e (4); e (5) e (6).

a. PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA

(3) “[...] a gente novamente utilizando a Artéria Visor... a gente consegue fazer/ provocar o delta h entre **os pontos** B1, A1 e A2 e B2... e com essa diferença de altura a gente vai conseguir provar a nova pressão... e conseguindo essa nova pressão a gente consegue provar o Princípio de Pascal... que diz que em **todos esses pontos** aqui essa pressão vai ser distribuída uniformemente” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(4) “[...] mano, é isso, véi... e eu percebo que eu sei **dessas coisas** que **as vezes** eu penso: "nossa, sei nada"... quando eu tô dando aula... tipo, que eu dei **poucas vezes** ainda, mas eu fico: "caraca, eu sei **as coisas**" (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

b. AUSÊNCIA DE CONCORDÂNCIA

(5) “[...] Ele reduz e na curva ele vai/ ele sai regaçando na curva acelerando... aí tipo assim... tem **umas curva** que você tem que fazer que você faz praticamente um U... **nessas curva** o o o kart praticamente para e ele vinha de bixo **nas curva**... mas oh... eu tomei **três volta**... o H. tomou **umas seis volta** dele porque eu dei volta no H.” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(6) “[...] e **os segurança** lá são tenso porque... inclusive quando eu fui expulsa de lá... eu fui muito maltratada, não é por nada não, tudo bem que eu tinha que ser expulsa,

mas porra... precisava de **três brutamente** me pegando?” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Segundo Labov (2008 [1972]), para um fenômeno linguístico ser selecionado como objeto de estudo, o ideal é que ele seja frequente, estrutural e fortemente estratificado. Quando tratamos da concordância nominal, percebemos que essa variável se manifesta, usualmente, tanto nas diversas conversações cotidianas quanto nas interações institucionais. Também notamos que a presença ou ausência do morfema plural é sensível a aspectos internos do sistema linguístico, bem como seu uso pode ser organizado num espectro de estratos sociais e estilísticos. Dessa forma, atendendo às três propriedades especificadas por Labov (2008 [1972]), o fenômeno da concordância nominal nos parece um terreno fértil para os estudos sociolinguísticos, seja nas dimensões linguística, social ou estilística.

Contudo, considerando que é indispensável “lidar com os fatos de variabilidade com precisão suficiente para nos permitir incorporá-los em nossas análises de estrutura linguística” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 107), é importante mencionar que nem todo e qualquer sintagma nominal foi considerado como objeto de estudo. Em nossa pesquisa, selecionamos os sintagmas nominais em que a ausência do morfema plural é classificada como desvio da norma gramatical (BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2007; ROCHA LIMA, 2011). Os dados linguísticos investigados são, portanto, sintagmas que apresentam marcas explícitas em todos os seus constituintes (*todos os pagamentos*), em alguns de seus constituintes (*nas outras loja*), em um único constituinte (*os cálculo*) ou, ainda, em nenhum de seus constituintes (*sessenta quilômetro/um monte de coisa*), mas com marca semântica de plural proporcionada pela presença de um numeral ou de construções complexas com sintagma nominal encaixado.

No que tange à abordagem analítica, examinamos o processo de concordância nominal sob a perspectiva atomística, nos termos de Scherre (1988). Assim, ao lançarmos olhos para os dados considerando cada item do sintagma nominal como uma unidade de análise, deparamo-nos com a necessidade de excluir alguns da análise em virtude de eles serem itens invariantes. São eles: o quantificador *tudo*, os

elementos supostamente invariáveis e os nomes próprios. A seguir, listamos todas as ocorrências desses casos.

Ocorrências do quantificador *todo/toda*, realizado na forma invariante *tudo*

(7) “mas cê já fez pra ser central, pra CEVEN, pra esses negócio **tudo** já?” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(8) “tá comendo nada porque eu passo ali eu como as batata dele **tudo**” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(9) “[...] rapaz, o Neto foi achado... com com as tripa **tudo** pro lado de fora” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(10) “cê tem direito aos bloco **tudo**...” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(11) “eu vejo que o Renan cata os seus **tudo** lá, né?” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(12) “nem no *twitter* que igual a gente expõe as nossas merda **tudo** ela fala merda” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(13) “[...] eu tava com unha postiça, minhas unha **tudo** caindo...” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(14) “[...] os pm **tudo** tipo em volta da gente depois que acabou a briga tipo de olho assim, né?” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Itens supostamente invariáveis

(15) “adiantaram minhas **férias**, vou sair de férias em julho...” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(16) “[...] cê só pode integrar essa de 0 a 2x quando você já tiver todos os seus xis abertos ali só...” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(17) “[...] a gente tá em novembro já, né? só depois das suas férias então” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(18) “ela tá com dor nas costas...” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(19) “[...] nas férias cê vai ficar vindo pra cá ou não?” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(20) “[...] porque tipo assim a gente sempre anima de fazer alguma coisa no::/ nas férias...” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Ocorrências de nomes próprios

(21) “[...] cê tem que entrar ali em Rio das Ostras” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(22) “[...] amiga, tô me sentindo no filme das Meninas Malvadas...” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(23) “[...] e eu que esses dia acabei indo... pro Bar dos Meninos...” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(24) “[...] teve uma vez que a gente foi em Domingos Martins num Summer Fest...” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(25) “[...] quem briga em Domingos Martins, mano?” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(26) “é Domingos Martins, não dá pra falar tipo carnaval” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

3.3 FATORES INTERNOS CONTROLADOS

Um aspecto de extrema importância na Sociolinguística Variacionista, como aludido anteriormente, diz respeito ao postulado de que a escolha de um falante por uma ou outra forma variante não é aleatória, mas, sim, condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Embora tenhamos conhecimento da gama ampla de trabalhos que envolvem o fenômeno da concordância de número entre os elementos do sintagma nominal no português brasileiro, para a seleção das variáveis independentes a serem investigadas em nossa pesquisa, optamos por nos fundamentar especialmente em Scherre (1988), que é a principal referência quando se trata dessa temática no âmbito dos estudos sociolinguísticos. Com vastas contribuições teórico-metodológicas nos planos linguístico e estatístico, a obra de Scherre (1988) subsidiou o desenvolvimento de inúmeras pesquisas posteriores em toda a comunidade de fala brasileira, entre as quais podemos citar Fernandes (1996), Lopes, N. da S. (2001), Martins (2013), Oushiro (2015), Lopes, L. de O. J. (2014, 2020) e Scardua (2018).

Nesse sentido, com base nos resultados apresentados nessas pesquisas, elegemos para análise as variáveis (grupo de fatores/condicionadores/restrições) linguísticas que atuam de modo mais robusto sobre a presença ou ausência do morfema plural no interior do sintagma nominal. São elas:

a) Posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal

Os trabalhos realizados sobre a concordância nominal no Brasil apontam que a posição que o elemento ocupa dentro do sintagma nominal influencia a presença de marcas explícitas de plural. A respeito do tema, Scherre (1988, p. 221) percebe, de forma pioneira, que “os elementos não nucleares se agrupam em função da sua relação com o núcleo do SN e os núcleos em termos da posição que ocupam dentro do SN”. Desse modo, partindo da hipótese da sociolinguista de que há mais coesão sintagmática entre o núcleo e os elementos não nucleares antepostos do que entre o núcleo e os elementos não nucleares pospostos, a expectativa para essa variável, tal como observado em outras pesquisas, é a de que os elementos antepostos ao núcleo

favoreçam a concordância e os pospostos desfavoreçam. Também é esperado que os elementos nucleares na primeira posição favoreçam a concordância e que os demais desfavoreçam⁵³ (FERNANDES, 1996; LOPES, L. de O. J., 2014, 2020; LOPES, N. da S., 2001; MARTINS, 2013; OUSHIRO, 2015; SCARDUA, 2018; SCHERRE, 1988).

Antes do núcleo

(27) “[...] soma **todas as mensalidades** e gera o boleto... não gera um boleto por mês... é é um boleto pra TUdo” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(28) “[...] **os remédio** que eu uso pra asma, bombinha, é caro pra caramba” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(29) “e depois eu volto a comer **uma... sete e meia oito horas**” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(30) “mas **o meu irmãos** me falaram que o Up é o melhor de todos mesmo... pra fazer a aula” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Núcleo na 1ª posição⁵⁴

(31) “[...] **estruturas hiperestáticas** elas não... não respeitam as condições normais, tá ligado?” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(32) “[...] mas eu acho que eu... tipo tenho noção de **conceitos assim importantes**, entendeu?” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

⁵³ Convém mencionar que, devido à relação entre a posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal e a configuração sintagmática, há a possibilidade de os núcleos localizados na terceira posição serem mais marcados do que os situados na segunda posição (cf. SCHERRE, 1988).

⁵⁴ As ocorrências de núcleo na primeira posição foram categoricamente marcadas tanto nos dados do homem quanto nos da mulher.

Núcleo na 2ª posição

(33) “Não, aí cê imagina esses caras que não eram sócios... os dez mil a mais que já tem” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(34) “cê é doido ficar estudando cinco horas da manhã, véi, meu Deus” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(35) “[...] cê anda mais setenta quilômetro pra dentro...” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(36) “[...] eu acho tipo... as pesquisa são muito legais os tema tipo... são ótimos” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Núcleo a partir da 2ª posição

(37) “hoje eu ainda tô em home office e assim... pelo menos aí nos próximos meses não tem previsão pra voltar” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(38) “e eu? vou tatuar todos os meus gatos... até parece...” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(39) “[...] C. meteu uma bola pra ele teve uma hora... ele perdeu uns três gol ontem” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(40) “[...] eu tava tipo assim vai ser essa que eu vou fazer pra matar as minhas hora” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Depois do núcleo

(41) “vai sobrar só os setores mais caros pra comprar... isso que ela tá falando” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(42) “pô, eu gostaria que fosse assim... tipo o pessoal falar de coisas relevantes, não um monte de bobeira que eles ficam mandando todo dia” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(43) “tá tudo de graça... as passagens aérea tão muito barata muito barata... pra elas tentar ir faturando, entendeu?” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(44) “[...] véi, eu fico imaginando as vezes o rolê tipo assim de pessoas... mais velha tipo... que bebem, sabe?” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

b) Saliência fônica na relação singular/plural dos itens nominais

O princípio da saliência, formulado por Lemle e Naro (1977), presume que a quantidade de material fônico inserido na flexão singular/plural interfere na marcação de concordância. Estudos anteriores, como os de Scherre (1978, 1988), Fernandes (1996), Lopes, N. da S. (2001), Martins (2013), Oushiro (2015), Lopes, L. de O. J. (2014, 2020) e Scardua (2018), demonstram que os itens com maior diferenciação fônica – os mais salientes – favorecem a retenção de marcas por serem mais perceptíveis e que os itens com menor diferenciação fônica – os menos salientes – inibem a retenção de marcas por serem menos perceptíveis. Esperamos, portanto, que a inserção do morfema plural seja maior nos itens mais salientes do que nos menos salientes.

É fundamental que explicitemos aqui que a organização da saliência fônica foi feita à luz da diferenciação material fônica e da tonicidade na relação singular/plural, tal como proposto por Naro (1981), para a concordância verbal, e adaptado por Scherre (1988), para a concordância nominal. Desse modo, como [+saliente], consideramos os itens com dupla possibilidade de marcação de plural, os terminados em -l, os terminados em -ão, os terminados em -R, os terminados em -S, os regulares oxítonos e os monossílabos de uso tônico. Já como [-saliente], consideramos os itens regulares proparoxítonos, os regulares paroxítonos e os monossílabos de uso átono.

Oposição singular/plural [+saliente] dos itens nominais

Plural duplo

(45) “[...] a gente via aquele carrão novo dele, sabe? tipo sempre... enchia muito nossos olhos” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(46) “parece aqueles da roça [...] por causa dos caroço” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Terminados em -l

(47) “[...] ah, quais foram as outras profissionais que ele considerou? [...]” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(48) “[...] os policial abriram, ele entrou... foi lá pegou a cerveja [...]” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Terminados em -ão

(49) “mas vou te falar... é/ envolve até:... outras situações como:... declaração de imposto mesmo... você TER patrimônio... cê consegue... outras isenções” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(50) “Até hoje dá/ tem umas... umas confusão lá por causa do Arão [...]” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Terminados em -R

(51) “[...] véi, a minha irmã... você coloca um celular na mão dela ela quebra... em um ano eu acho que ela teve uns quatro celulares” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(52) “[...] os pilar nasce do lajão mesmo, né?” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Terminados em -S

(53) “[...] ele emite o boleto assim óh:... cê tem mais três meses pra você pagar [...]” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(54) “[...] as duas cicatriz” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Regulares oxítonos e monossílabos de uso tônico

(55) “[...] aquilo ali é... é tudo muito machista... então tipo assim... no vídeo... é/ falava/ fez uma/ eles fizeram uma pesquisa no mundo inteiro pra ver quais eram os pornôs mais procura:dos [...]” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(56) “[...] meus pais dormem em ci:ma... e eu também durmo em cima” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(57) “tipo gritando pras pessoas: “esse pessoal é tudo um bando de ralé” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Oposição singular/plural [-saliente] dos itens nominais

Regulares proparoxítonos

(58) “[...] depois que acabou a briga tipo de olho assim, né? ... esses vândalos aí” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(59) “[...] por exemplo, as fábrica tão normal... tudo normal... isso no Brasil todo... no Brasil todo” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Regulares paroxítonos e monossílabos de uso átono

(60) “aí só que aí... aí começa **as sabotagens**, entendeu?” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(61) “minha amiga que faz Letras-Espanhol... tipo ela é muito animada com **as coisas** [...]” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(62) “eu nem... reparo muito **nessas coisa**, de verdade” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

c) Marcas precedentes

As marcas precedentes, ou paralelismo linguístico no plano sintagmático, têm a finalidade de averiguar a influência da presença ou ausência de marcas do vocábulo precedente na escolha das marcas do vocábulo subsequente. A hipótese que subjaz essa variável é a de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros (POPLACK, 1980; SCHERRE, 1988), uma vez que há uma “tendência de formas similares ocorrerem em conjunto dentro de um trecho do discurso” (SCHERRE, 2001, p.91). Assim, a expectativa é que itens precedidos de marcas sejam mais marcados do que itens precedidos de zero a partir da primeira posição⁵⁵ (FERNANDES, 1996; LOPES, L. de O. J., 2014, 2020; LOPES, N. da S., 2001; MARTINS, 2013; POPLACK, 1980; OUSHIRO, 2015; SCARDUA, 2018; SCHERRE, 1988, 1998b).

⁵⁵ O professor Gregory R. Guy observou que o mecanismo da repetição ou paralelismo linguístico, subjacente ao efeito da variável marcas precedentes, nos termos de Scherre (1988; 1998), tem sido mais recentemente denominado de efeito *priming*. Paiva e Scherre (no prelo) escreveram um texto intitulado *Revisitando o efeito da repetição na variação linguística*, a ser publicado até o final de 2022.

Ausência (não se aplica)⁵⁶

(63) “[...] aí o Nubank quando você adianta as parcelas ele te dá desconto” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(64) “ela já tem umas três cinco faltas” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(65) “[...] trabalho até uma... seis e meia ali geralmente” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(66) “[...] no caso eu vou pra considerações finais agora” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Zero precedente na primeira posição⁵⁷

(67) “[...] quando eu comecei a receber eu pensava que eu ia dar alguma coisa PRO meus pais” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Sintagma preposicionado com marca formal na primeira posição⁵⁸

(68) “pois é aí... nós vendemo ele por:... TRINTA E CINCO MILHÕES DE euro... pagou QUINze no Arrascaeta” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

⁵⁶ A observação das marcas precedentes não se aplica aos itens que ocupam a primeira posição no sintagma nominal. Ao codificar o fator ausência como “não se aplica”, esses dados não são contabilizados na análise desta variável.

⁵⁷ Na fala do colaborador masculino, não encontramos nenhum caso de elementos, na segunda posição de análise, precedidos de zero.

⁵⁸ Em nossas amostras, há apenas esta ocorrência de item precedido por um núcleo mais alto com marca formal.

Sintagma preposicionado com zero formal na primeira posição⁵⁹

(69) “a gente tem a noção de comunidade como UM GRUPO DE pessoas que possuem uma sensação de pertencimento em relação a uma a uma localidade particular” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(70) “[...] ele fez isso, só que aí ele fez isso com UM MONTE DE terreno” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(71) “arrasou... meu tio tem UM MONTE DE livro também... livro livro assim” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Numeral não terminado em –S na primeira posição

(72) “OITO horas no estádio” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(73) “mano, eu não tenho coragem de pensar em pagar CINQUENTA reais por mês... pra ter internet, véi” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(74) “oh lá oh... jogo seis lá... Santos tá com QUATRO ponto... tá ganhando e tá fazendo sete” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(75) “tipo, eles não tavam recebendo lá... e aí eu tive que tirar MIL print de tudo pra provar que eu tinha pagado” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

⁵⁹ Os constituintes precedidos por um núcleo nominal mais alto com zero formal apresentam variação apenas nos dados da falante mulher, sendo que, do total de dezessete casos, apenas um apresentou concordância. Na fala do homem, os dezenove dados foram categóricos no sentido de não marcação de plural.

Numeral terminado em –S na primeira posição

(76) “cê já ganhou já seu presente cê esqueceu? cê ganhou MIL E DUZENTOS reais hoje” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(77) “não, mas tem que ter DOIS fiadores” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(78) “abriram vaga, abriu vaga de analista de compras... tem DUAS vaga de comprador lá” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(79) “aham, fiz TRÊS semana de aula prática todo dia” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Uma marca formal na primeira posição

(80) “ESSES dias eu fui lá na mesa dele, ele tava lá se matando lá pra desenvolver um script” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(81) “e era tipo uma rua da Lama em Vila Velha porque... eles botavam AS cadeiras na rua... do BarGanha” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(82) “ele que falou que OS tomate dele ali vai dar do tamanho da bola de basquete... diz ele que vai parecer mais uma melancia” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(83) “ah eu não sei o nome DAS faculdade de lá... mas não é UFMG” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Duas ou mais marcas formais a partir da primeira posição

(84) “[...] em casa... que que eu faço? não são TODOS OS dias, mas tem dia que eu tomo” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(85) “[...] e ela tem VÁRIOS DESENHOS LEGAIS disponíveis também que já tão prontos lá” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(86) “OS OUTROS time não tem condição” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(87) “[...] toda vez que tipo ela pede o carro já dá uma aflição assim NOS MEUS pai de tipo não pode negar... mas também... sabe que pode acontecer alguma merda” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Mistura de marcas a partir da primeira posição

(88) “ah, o seu deve ter UNS SETE metros no máximo” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(89) “[...] no caso eu vou PRA CONSIDERAÇÕES finais agora” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(90) “[...] ele me deu UMAS DUAS volta eu acho” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(91) “[...] e ela tipo demorou... UMAS DUAS hora pra chegar aqui” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Zero imediatamente precedente a partir da primeira posição⁶⁰

(92) “véi... ele tem DOIS IRMÃO, VÉI, iguais” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(93) “então... aquela colher ali... UMAS DUAS COLHER branca daquela” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

⁶⁰ O falante masculino não exibiu variação nos elementos que são antecidos imediatamente por zero, de modo que todos os oito casos encontrados ocorreram com ausência de marcas explícitas de plural.

(94) “eu não gosto é de ver ESSAS PUTARIA explícita, véi” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

3.4 FATORES EXTERNOS CONTROLADOS

É do conhecimento de todos que, no Brasil, os estudos sociolinguísticos que investigam comunidades de fala têm como prática convencional a estratificação dos falantes segundo três tradicionais fatores sociais: sexo, faixa etária e grau de escolarização. De fato, tais características são muito relevantes para que compreendamos a variação da concordância nominal em termos de descrição e sistematização. Entretanto, nesta tese, a atuação dessas forças sociais não será analisada, dadas as particularidades da pesquisa focalizada no indivíduo, e não na comunidade.

Desse modo, lançamos nosso olhar, inicialmente, sobre aspectos estilísticos que se fazem presentes, de forma nítida, no tipo de material que dispomos, a saber: a situação comunicativa e o conhecimento da gravação. Contudo, a reflexão sobre semelhanças e/ou diferenças nos padrões abstratos da variação e no trânsito estilístico dos falantes em função do sexo/gênero é um dos motes de discussão.

a) Situação comunicativa

A variável situação comunicativa tem o intuito de mostrar um panorama geral das interações verbais em que os falantes foram observados, isto é, busca examinar se os falantes se comportam linguisticamente de maneira semelhante ou diferente nas diversas situações de interação social. A literatura sociolinguística registra que a atenção à fala, a audiência, o tópico discursivo e os papéis que os falantes desempenham na sociedade influenciam o seu modo de falar (cf. BELL, 1981, 2001; COUPLAND, 2007, 2014; ECKERT, 2000, 2001, 2016; HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2016; LABOV, 2008 [1972], 2001a; PODESVA, 2007a, 2007b, 2011; SCHILLING-

ESTES, 2002). Desse modo, a expectativa é que o índice de concordância aumente ou diminua em função da monitoração da fala, do interlocutor, do tópico discursivo ou do papel social do falante, aspectos captados simultaneamente nos fatores da situação comunicativa. Lidamos aqui, portanto, com uma variável complexa e multidimensional no sentido de que cada fator agrega diferentes informações.

Em termos práticos, partindo da caracterização das situações comunicativas que dispomos neste trabalho, apresentada em detalhes no item 3.1.3, esperamos uma escala de marcas explícitas de plural nos seguintes moldes para o falante homem: na base, as conversas com amigos íntimos e com familiares da namorada; em um ponto intermediário, as interações com colegas do futebol, com colegas do bairro, com colegas do trabalho e com a prima; no topo, a consulta nutricional e a apresentação de seminário a distância. Para a falante mulher, imaginamos a distribuição a seguir: na base, as conversas com o amigo íntimo; em um ponto intermediário, as conversas com colegas da universidade; (3) no topo, a apresentação de seminário.

b) Conhecimento da gravação

A variável conhecimento da gravação busca observar, de forma mais direta, a interferência da monitoração da fala durante a interação verbal. A hipótese laboviana é a de que os indivíduos utilizam a fala casual nos momentos em que o grau de atenção que se presta à fala é menor (cf. LABOV, 2008 [1972], 2001a). Desse modo, tendo em vista que a ausência de marcação de plural nos sintagmas nominais em comunidades urbanas é, nos termos de Labov (1990, 2001b) e de Scherre e Yacovenco (2011), um traço mais marcado e estigmatizado socialmente, acreditamos que o morfema plural seja mais usado nas situações em que os falantes têm conhecimento que estão sendo gravados, seguindo o padrão identificado em Scherre (1978) e em Rosa (2019) de favorecimento da concordância plural explícita em função do conhecimento da gravação.

Posteriormente, conforme será abordado mais detalhadamente no subtópico 4.1.3.1, após as análises estatísticas dos dados linguísticos, tomamos a decisão de realizar uma segunda alternativa de análise, considerando traços estilísticos de forma independente. Nosso objetivo é captar estatisticamente a influência das nuances observadas no exame interpretativo do comportamento dos falantes nas diferentes situações comunicativas. Assumindo que os estilos de fala dos indivíduos se diferenciam pela atuação conjunta de múltiplos parâmetros, além do conhecimento da gravação, decidimos fazer o levantamento de outros três traços que integram as situações comunicativas que temos em mãos, a saber: o enquadre interativo, a relação de proximidade entre os interlocutores e o tópico discursivo. A seguir, apresentamos as particularidades dessas três novas variáveis adotadas:

c) Enquadre interativo

Durante as trocas cotidianas, os interagentes buscam atribuir sentido ao evento comunicativo, refletindo se aquela determinada situação se enquadra, por exemplo, como uma piada, uma discussão, uma conversa informal ou uma brincadeira. Assim, falantes e ouvintes estão constantemente se indagando sobre as seguintes questões: “onde está a realidade de uma dada interação?”, “o que está acontecendo?”, “por que isso agora?” (RIBEIRO; GARCEZ, 2013, p. 7).

Na visão goffmaniana, o enquadre é justamente “os princípios de organização que governam eventos – pelo menos os sociais – e nosso envolvimento subjetivo neles”⁶¹ (GOFFMAN, 1986 [1974], p. 10-11). Por esse viés, compreendemos que ele “situa a metamensagem contida em todo enunciado, sinalizando o que dizemos ou fazemos, ou como interpretamos o que é dito e feito” (RIBEIRO; GARCEZ, 2013, p. 107). É, assim, uma espécie de moldura comunicativa que contextualiza a situação de interação e, por conseguinte, permite que os participantes se comportem da maneira esperada dentro dela.

⁶¹ Original: principles of organization which govern events – at least social ones – and our subjective involvement in them.

Em nossa pesquisa, temos dois tipos nítidos de enquadre: a conversa cotidiana e a não conversa, sendo este último constituído de interações que acontecem nas molduras de estudo, de consulta nutricional e de apresentação de seminário. Assim, considerando que a concordância nominal pode ser classificada como um caso de estereótipo (LABOV, 1994), ou seja, é um fenômeno linguístico que recebe comentários e avaliações por parte dos falantes pelo fato de estar acima do nível da consciência, esperamos que o enquadre conversa apresente mais chances de não marcação de plural do que os enquadres de não conversa.

d) Tópico discursivo

Labov (2008 [1972]) assinala que os falantes podem variar o estilo de fala de acordo com o tópico discursivo, especialmente aqueles que envolvem temáticas de infância, de risco de vida e de interesse particular do entrevistado. Na mesma direção, Valle e Gorski (2014) salientam que o tópico discursivo e a relevância do tópico podem ser pertinentes à análise da variação estilística.

A partir da investigação detalhada das interações verbais, notamos uma grande diversidade de tópicos discursivos em nossas amostras. Os assuntos variam entre futebol, família, amigos, alimentação, bebidas, lembranças de festas e viagens, violência no bairro, prostituição, livros, tatuagens, programas de televisão, pandemia, religião, vida acadêmica, trabalho, entre outros. Devido a grande quantidade de tópicos e a pouca quantidade de dados, os assuntos foram separados em duas categorias: assuntos cotidianos e assuntos acadêmicos/profissionais. Acreditamos que o uso da concordância nominal seja mais frequente quando o tópico é acadêmico/profissional, pois podem assinalar os papéis institucionais/profissionais que os falantes desempenham na vida social.

Assuntos acadêmicos/profissionais

(95) “cê tem que fazer **as contas** lá que você chega à solicitação... aí você calcula **pelos proprieDAdes** de momento de inércia, por **essas propriedades**... o quan:to

parada resiste... aí chega lá no final, cê fala: ‘ok ou não ok’” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(96) “nossa, eu tô tipo... muito apaixonada de verdade, eu queria fazer isso **todos os dias** da minha vida, sério... [...] no começo eu tava muito insegura tipo **os alunos**... eu tava com receio assim deles não gostarem de mim e tal, mas nossa hoje em dia eles me tratam... MUlto bem, eles são... muito fofos... e tudo que eles fazem eu fico muito tipo orgulhosa assim tipo a mãe assim: ‘ai, meu Deus, o trabalho deles’” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(97) “abriram vaga, abriu vaga de analista de compras... tem **duas vaga** de comprador lá [...] uma é pra área de conSUMo... que compra tipo assim... galera que compra... compra passagem aé:rea... que compra:... é:: é... tipo assim aí faz compra de: tudo tudo pra funcionar... papel... produto de limpeza... contrato da padaria... consu:mo da empresa em geral... tem vaga pra essa” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(98) “então... eu acho que tipo... Doutorado, eu fico pensando **as vez** tipo eu não vou mudar de linha... mas... eu/ talvez... eu quero ler mais [...] eu não quero continuar... fazendo o que eu fa:ço, estudando o mesmo fenômeno... eu tenho vontade de mudar” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Assuntos cotidianos

(99) “tipo assim... **os caras**... quando eles publicam o balanço... eles publicam eles publicam o balanço e fala assim: ‘o Flamengo arrecadou:: **tantos milhões**... no primeiro trimestre por:: por sócio-torcedor’.... aí eles conseguem fazer uma/ um ticket médio lá, aí faz uma... uma proporção assim: ‘deve ter tantos aqui... então... a concentração tá no Ra:ça’... Tem muita gente no Raça” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(100) “então, **meus gatos** eles nã:o... tão subindo mais nã::o... na pia, mas tipo... **os gatos** da Marcela adoram... aí em vez dela comprar uma fonte, que é aquela fonte tipo de loja::... de **coisas naturais**, que tem aquela ((ininteligível)) que tem a bolinha,

aí tem um negocinho marrom... aí ela vai ver lá hoje” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(101) “É duplo malte... é outra... tomei ela, eu gostei, achei boa também [...] lá em Aracruz tá TODO mundo tomando essa cerveja... TOdo mundo só toma essa cerveja lá em Aracruz... eu vejo os menino postando foto... só POSta foto bebendo essa cerveja aí lá... quem tá vendendo lá tá ganhando dinheiro [...]” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(102) sim eu também/ eu adoro fazer macarrão... mas aí eu faço tipo macarrão com espinafre... macarrão com brócolis [...] tem massa ali... aí eu meto os queijo... pô, é saudável?” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

e) Proximidade entre os interlocutores

A variável proximidade entre os interlocutores foi pensada a partir da concepção de Bell (1984, 2001) de que a variação estilística é condicionada pela audiência do falante. A fim de verificar essa influência, neste trabalho, examinamo-la via relação de proximidade entre os interlocutores.

Valle (2014), em sua pesquisa sobre marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos, estabeleceu quatro critérios de proximidade entre entrevistador-entrevistado na amostra Brescancini-Valle na Barra da Lagoa: simetria de sexo, simetria de idade, simetria de escolaridade e pertencimento à comunidade. Seus resultados, embora não confirmem a hipótese geral de que os marcadores discursivos sejam mais frequentes nas relações mais próximas, demonstram que a variável é relevante para o fenômeno estudado.

Em nossa pesquisa, mais importante do que observar a simetria de sexo, de idade e de escolaridade dos interlocutores, é explorar a frequência de contato e o tempo de convivência dos indivíduos, uma vez que há pessoas que são mais próximas ou mais distantes que outras, independentemente das categorias macrosociais. Nesse sentido, propomos uma variável que resulta da aplicação de valores numéricos a

esses dois parâmetros (frequência de contato e tempo de convivência), que oscila entre 0 e 1. No Quadro 6, apresentamos a distribuição da pontuação segundo os fatores de cada parâmetro para facilitar o entendimento dessa operacionalização ao nosso leitor.

QUADRO 6 – PONTUAÇÃO DOS PARÂMETROS QUE COMPÕEM A VARIÁVEL PROXIMIDADE ENTRE OS INTERLOCUTORES

PARÂMETRO	PONTUAÇÃO
Frequência de contato	Esporádica – 0 Recorrente – 1
Tempo de convivência	Meses – 0 Anos – 1

Fonte: Elaboração própria.

Neste ponto, temos uma variável que consiste numa matriz de traços em que os “fatores [recebem] pontuações resultantes de um somatório de valores numéricos individuais e [são] organizados escalarmente” (VALLE; GÖRSKI, 2014, p. 117 – adaptado). A somatória da pontuação atribuída a cada fator, que varia entre 0 e 2, indica o grau de proximidade dos interlocutores, a saber: proximidade baixa (pontuação 0) – pessoas com quem o falante quase não se encontra na rotina diária e convive há pouco tempo; proximidade intermediária (pontuação 1) – pessoas com quem o falante possui pouco contato, embora conviva há muito tempo, e/ou pessoas com quem o falante mantém contato recorrente, mas convive há pouco tempo; proximidade alta (pontuação 2) – pessoas com quem o falante mantém contato regular há anos.

Oportunamente, nos itens 4.1.3.2 e 4.2.3.2, apresentaremos a classificação detalhada da relação de proximidade entre os nossos colaboradores e os seus interlocutores. Por ora, basta-nos salientar que nossa expectativa é a de que os falantes exibam mais ausência de marcas explícitas de plural com interlocutores mais próximos.

3.5 TRATAMENTO QUANTITATIVO DOS DADOS

Segundo Sankoff (1988), o uso de modelos matemáticos é de extrema pertinência nos estudos sociolinguísticos, uma vez que lidam com um significativo número de dados reais de uso da língua, que podem ser influenciados por um conjunto de fatores de natureza linguística e extralinguística.

Em nossa pesquisa, após a geração e transcrição dos dados, codificamos as ocorrências relevantes do fenômeno da concordância nominal em função das variáveis listadas na seção anterior. Esse procedimento de codificação foi realizado com o auxílio do *Excel*, aplicativo de planilhas do pacote *Office*, do sistema *Microsoft*.

Em seguida, para dar conta da variação estruturada da língua, submetemos nossos dados ao processo estatístico por meio do programa de regras variáveis *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), versão mais atual do pacote *Varbrul* que consiste em “um conjunto de programas de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105).

O modelo matemático que está por trás do funcionamento do *GoldVarb X* é a regressão logística, que tem a função de, segundo Sankoff (1988), calcular os pesos associados aos fatores contextuais com base nos dados observados. Além de fornecer o número absoluto e a porcentagem de uso das variantes e dos fatores codificados pelo pesquisador, a ferramenta computacional testa os grupos de fatores uns em relação aos outros e seleciona aqueles que são estatisticamente significativos a nível de significância igual ou inferior a 0,05 e, depois, realiza o procedimento inverso, eliminando os que não são (cf. GUY; ZILLES, 2007, p. 164-167; SANKOFF, 1988, p 991-992; SCHERRE; NARO, 2013, p. 147-178).

Nessas etapas, denominadas, respectivamente, *step-up/step-down*, o *GoldVarb X*, que trabalha com análises binárias, fornece os pesos relativos (P.R.), valores calculados no intervalo entre 0 e 1, que permitem identificar se cada fator favorece (P.R > 0,5), desfavorece (P.R < 0,5) ou possui efeito neutro ou intermediário (P. R = 0,5) sobre uma determinada variante (GUY; ZILLES, 2007).

Vale frisar aqui que o programa, tal como assinalado por Guy e Zilles (2007, p. 65), “apenas realiza manipulações matemáticas sobre um conjunto de dados”, não substituindo, portanto, a análise teórica do linguista. Assim, inseridos nesse paradigma quantitativo, examinaremos nosso material linguístico na seção subsequente, interpretando os resultados estatísticos e formulando nossas conclusões com base na perspectiva variacionista, pois “o progresso da ciência linguística não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas” (NARO, 2013, p. 25).

4 ANÁLISE DOS DADOS EM UMA PERSPECTIVA INTRAFALANTE

Neste capítulo, vamos apresentar e discutir os resultados acerca do uso variável da concordância nominal de número na fala de dois jovens capixabas em situações naturais de interação social. Considerando que, nesta tese, objetivamos traçar o perfil estilístico de cada indivíduo, realizamos análises separadas para observar a atuação de forças linguísticas e estilísticas sobre a marcação de plural no interior do sintagma nominal: uma para Gabriel e uma para Lavínia⁶². Em todas as etapas, divulgaremos os resultados advindos de duas análises alternativas, denominadas análise A e análise B, respectivamente. No momento oportuno, veremos os detalhes que envolvem a organização de cada uma delas. Por ora, é digno de nota comentar que essas duas formas de se analisarem os dados envolvem a categorização detalhada (análise A) e sintética (análise B) da variável posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal em busca de convergência estatística⁶³.

Nos Quadros 7 e 8, temos a sequência de seleção dos grupos de fatores feita pelo *GoldVarb X* para a análise A dos dados de Gabriel e Lavínia, respectivamente. É válido esclarecer que, neste momento, estamos lidando com as três variáveis linguísticas e as duas estilísticas codificadas inicialmente, conforme detalhado nos itens 3.3 e 3.4, a saber: posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal, saliência fônica na relação singular/plural dos itens nominais, marcas precedentes, situação comunicativa e conhecimento da gravação. As outras três restrições estilísticas controladas – enquadre interativo, proximidade entre os interlocutores e tópico discursivo – serão introduzidas posteriormente, numa segunda etapa de análise.

⁶² O Apêndice B e o Apêndice C reúnem as principais rodadas estatísticas utilizadas na análise dos dados de Gabriel e de Lavínia, respectivamente.

⁶³ No item 4.1.2.1, faremos a conceituação de convergência com base em Guy e Zilles (2007).

QUADRO 7 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA ANÁLISE LINGUÍSTICA E ESTILÍSTICA DA CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL – ANÁLISE A)⁶⁴

Ordem	Variáveis independentes	Significância
1 ^a	Posição relativa e linear	0,000
2 ^a	Saliência fônica	0,000
3 ^a	Marcas precedentes	0,000
4 ^a	Situação comunicativa	0,000
*	Conhecimento da gravação	0,069

Fonte: Elaboração própria.

QUADRO 8 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA ANÁLISE LINGUÍSTICA E ESTILÍSTICA DA CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA – ANÁLISE A)⁶⁵

Ordem	Variável independente	Significância
1 ^a	Posição relativa e linear	0,000
2 ^a	Marcas precedentes	0,000
3 ^a	Situação comunicativa	0,000
4 ^a	Saliência fônica	0,028

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos observar, para o falante homem (Quadro 7), à exceção da variável conhecimento da gravação, todas as variáveis foram consideradas estatisticamente significativas na seguinte ordem: posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal, saliência fônica na relação singular/plural dos itens nominais, marcas precedentes e situação comunicativa. Para a falante mulher (Quadro 8), a ordem de seleção é a seguinte: posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal é a primeira variável mais relevante, marcas precedentes é a segunda, situação comunicativa e saliência fônica na relação singular/plural dos itens nominais ocupam a terceira e a última posição, respectivamente.

⁶⁴ Dados retirados da Rodada 1 (análise A), disponibilizada no Apêndice B.

⁶⁵ Dados retirados da Rodada 1 (análise A), disponibilizada no Apêndice C.

Nos Quadros 9 e 10, apresentamos a organização dos grupos de fatores em função da ordem de seleção estatística feita pelo *GoldVarb X* para a análise B dos dados de Gabriel e Lavínia, respectivamente.

QUADRO 9 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA ANÁLISE LINGUÍSTICA E ESTILÍSTICA DA CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL – ANÁLISE B)⁶⁶

Ordem	Variáveis independentes	Significância
1 ^a	Posição relativa e linear	0,000
2 ^a	Saliência fônica	0,000
3 ^a	Marcas precedentes	0,000
4 ^a	Situação comunicativa	0,000
*	Conhecimento da gravação	0,069

Fonte: Elaboração própria.

QUADRO 10 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA ANÁLISE LINGUÍSTICA E ESTILÍSTICA DA CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA – ANÁLISE B)⁶⁷

Ordem	Variável independente	Significância
1 ^a	Marcas precedentes	0,000
2 ^a	Situação comunicativa	0,000
3 ^a	Posição relativa e linear	0,000
4 ^a	Saliência fônica	0,035

Fonte: Elaboração própria.

Se olharmos, comparativamente, os quadros das análises A e B, observaremos que, para Gabriel, não houve diferença na ordem das variáveis selecionadas pelo *GoldVarb X*. Por outro lado, para Lavínia, à exceção da saliência fônica na relação singular/plural dos itens nominais, que continua ocupando a quarta posição, todas as demais variáveis sofreram modificações na ordem de seleção: marcas precedentes passa

⁶⁶ Dados retirados da Rodada 2 (análise B), disponibilizada no Apêndice B.

⁶⁷ Dados retirados da Rodada 2 (análise B), disponibilizada no Apêndice C.

ocupar a primeira posição, em seguida vem a situação comunicativa e, em terceiro lugar, a posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal.

Essas ordenações, que apresentam variáveis de natureza linguística como as primeiras selecionadas, demonstram que, tanto nos dados de Gabriel quanto nos de Lavínia, a presença ou ausência de marcas explícitas de plural é mais condicionada por aspectos internos do que externos, tal como observado em estudos anteriores realizados em comunidades de fala brasileiras (FERNANDES, 1996; MARTINS, 2013; LOPES, 2014, 2020; SCARDUA, 2018; SCHERRE, 1988, entre outros).

Estruturalmente, os resultados advindos dessas rodadas estatísticas estão organizados em duas seções, sendo uma relativa ao falante homem e outra à falante mulher. Em ambas, inicialmente, exibimos a frequência global de concordância e, em seguida, discutimos os dados percentuais e os pesos relativos dos fatores linguísticos e estilísticos controlados.

4.1 “*PODE DEIXAR QUE EU VOU FAZER TODAS AS CONCORDÂNCIAS*”: O CASO DE GABRIEL

4.1.1 Resultados gerais

Nas gravações de Gabriel, analisamos um total de 773 ocorrências de elementos nominais, das quais 585 são com marcas explícitas de plural e 188 são sem marcas explícitas. Como pode ser visto na Tabela 1, na fala desse colaborador, há um predomínio no uso do morfema plural, com índice de 75,7%, em detrimento do não uso, com índice de 24,3%.

TABELA 1 – FREQUÊNCIA GERAL DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL)⁶⁸

Variantes	Uso de concordância	
	n/N	[%]
Presença	585/773	75,7%
Ausência	188/773	24,3%

Fonte: Elaboração própria.

O comportamento linguístico de Gabriel pode ser justificado pelos seus mais de onze anos de escolarização, especialmente porque as instituições escolares tendem a ditar “normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever” (VOTRE, 2013, p. 51), o que ocasiona a preservação da variante valorizada socialmente, isto é, a presença do morfema plural.

É interessante observar, porém, os índices dessas duas variantes sem os elementos que ocupam a primeira posição no sintagma nominal, uma vez que eles são sempre mais pluralizados. Em 314 ocorrências, 311 (99,0%) são com marca de plural, perfazendo 40,6% dos dados. Vejamos a relação dos três casos restantes, sem marca explícita de plural:

(103) “é... até uma... sete horas eu acredito [...]” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(104) “[...] eu trabalho até uma... seis e meia ali geralmente” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(105) “então assim... aí... essa é a minha refeição... e aí depois eu volto a comer uma... sete e meia oito horas [...]” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Como podemos observar, todos os casos relacionados acima ocorreram em situações de neutralização. Neste momento, optamos por não considerar esses dados como neutralizados, pois, ao voltarmos aos áudios inúmeras vezes, verificamos que o ritmo

⁶⁸ Dados retirados da Rodada 1 (análise A), disponibilizada no Apêndice B.

lento de fala e, em especial, a presença da pausa nos permite perceber a ausência do morfema plural. Todavia, consideramos que, para o futuro, seria bastante interessante realizar uma análise acústica para que possamos confirmar essa percepção.

Na Tabela 2, trazemos as frequências de presença e ausência de concordância nominal após a retirada dos 314 dados de itens posicionados na primeira posição no interior do sintagma nominal.

TABELA 2 – FREQUÊNCIA GERAL DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEM OS ELEMENTOS DA PRIMEIRA POSIÇÃO (COLABORADOR GABRIEL)

Variantes	Uso de concordância	
	n/N	[%]
Presença	274/459	59,7%
Ausência	185/459	40,3%

Fonte: Elaboração própria.

Podemos observar que, nesta configuração, os resultados da marcação de plural (59,7%) não são consideravelmente mais elevados do que o índice de não marcação (40,3%), o que será abordado, mais adiante, nas reflexões sobre a conduta estilística dos falantes, na seção 4.3. Por ora, basta-nos salientar que essa alteração nos percentuais não modifica a tendência geral encontrada com todos os dados: Gabriel usa mais a presença de marcas explícitas do que a ausência de marcas explícitas.

Passemos aos resultados estatísticos das variáveis linguísticas e estilísticas, que envolvem todos os dados da amostra.

4.1.2 Variáveis linguísticas

4.1.2.1 Posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal

A posição relativa e linear foi a primeira variável selecionada pelo *GoldVarb X* (Quadros 7 e 9). Vejamos a distribuição geral dos dados:

TABELA 3 – FREQUÊNCIA ABSOLUTA E RELATIVA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL)

Fatores	Uso de concordância	
	n/N	[%]
Antes do núcleo (as autorizações)	331/334	99,1%
Núcleo na 1ª posição (estruturas hiperestáticas)	1/1	100%
Núcleo na 2ª posição (umas conta /uns terreno antigo)	205/373	55,0%
Núcleo a partir da 2ª posição (umas dez hora)	39/52	75,0%
Depois do núcleo (uns terreno antigo)	10/14	71,4%
TOTAL	586/774	75,7%

Fonte: Elaboração própria.

Como vemos na Tabela 3, no que concerne aos elementos não nucleares, os resultados percentuais indicam que os itens antepostos tendem a ser mais marcados, com frequência de 99,1%. Por outro lado, os itens pospostos apresentam menores chances de marcação, com índice de 71,4%.

Em relação aos elementos nucleares, notamos que os constituintes localizados na segunda posição e a partir dela exibem, respectivamente, 55,0% e 75,0% de concordância. Além disso, verificamos que, nos sintagmas nominais deste conjunto de dados, o fator núcleo na primeira posição não foi muito produtivo. Encontramos apenas o trecho (106) com essa ocorrência, a qual foi retirada da análise de pesos relativos.

(106) “uma matéria que eu tive foi Hiperestática... Hiperestática é assim/... é porque assim... a estrutura hipere-/ estruturas hiperestáticas elas não... não respeitam as condições normais, tá ligado?” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Excluído esse dado, realizamos, inicialmente, a rodada estatística com os quatro fatores que apresentaram variação, a saber: antes do núcleo, núcleo na segunda posição, núcleo a partir da segunda posição e depois do núcleo. Entretanto, os resultados dessa etapa, denominada por nós de análise A, não apresentaram convergência, isto é, o algoritmo do *GoldVarb X* que ajusta os pesos relativos não alcançou os valores que mais se assemelham aos dados observados.

Segundo Guy e Zilles (2007), a não-convergência ocorre quando uma análise tem mais de dez grupos de fatores ou quando há falta de ortogonalidade entre dois grupos. Tendo em vista que submetemos à análise apenas cinco variáveis independentes, decidimos esquadrihar a rodada estatística a fim de identificar quais variáveis estavam em sobreposição. Verificamos, assim, que a ausência de convergência se manifesta no nível 2, na interação entre os grupos posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal e marcas precedentes.

Tendo o conhecimento de que as variáveis posição relativa e linear e marcas precedentes apresentam efeitos distintos (cf. SCHERRE, 1988), para solucionar esse impasse da não-convergência, optamos pela redefinição dos fatores da variável posição relativa e linear em vez de optar pela alternativa de excluir uma das variáveis em interação ou de transformá-las em uma variável mais complexa (cf. GUY; ZILLES,

2007). Neste momento, nossa análise, que continha cinco fatores, passa a ter, então, três: antes do núcleo, núcleo a partir da primeira posição e depois do núcleo.

Antes de passarmos a essa apresentação sintética da variável posição relativa e linear, a análise B, que viabilizou a obtenção de convergência estatística, é interessante observar, na Tabela 4, sua organização detalhada.

TABELA 4 – EFEITO DETALHADO DA VARIÁVEL POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL)⁶⁹

Fatores	Uso de concordância		P.R. (Análise A)
	n/N	[%]	
Antes do núcleo (<u>as autorizações</u>)	331/334	99,1%	0,945
Núcleo na 2 ^a posição (<u>umas conta/uns terreno antigo</u>)	205/373	55,0%	0,087
Núcleo a partir da 2 ^a posição (<u>umas dez hora</u>)	39/52	75,0%	0,270
Depois do núcleo (<u>uns terreno antigo</u>)	10/14	71,4%	0,204
TOTAL	585/773	75,7%	
RANGE			858
SIGNIFICÂNCIA			0,000

Fonte: Elaboração própria.

Os dados evidenciam que os itens não nucleares antepostos ao núcleo favorecem a inserção do morfema plural, com peso relativo de 0,945, enquanto os pospostos desfavorecem-na, com peso relativo de 0,204. No tocante aos elementos nucleares, observamos um efeito em direção à inibição de marcas explícitas de plural: temos peso relativo de 0,087 para os núcleos na segunda posição e de 0,270 para os situados a partir da segunda posição.

⁶⁹ Dados retirados da Rodada 1 (análise A), disponibilizada no Apêndice B.

Nesses dados, o que mais chama atenção é o comportamento dos constituintes nucleares. Poderíamos esperar, em princípio, o desfavorecimento linear à medida que o item ocupa posições mais à direita no sintagma nominal. Entretanto, como podemos observar, a tendência de os elementos situados na terceira posição serem mais sensíveis à marcação figura em nossos dados, tal como em Scherre (1988). Esse resultado corrobora, portanto, a ideia de que esses elementos

estão inseridos dentro de uma estrutura mais coesa. O substantivo e a categoria substantivada que ocorrem na segunda posição pertencem, por sua vez, a dois tipos de estrutura sintagmática: (1) uma constituída de dois elementos em que a questão da coesão, a nosso ver, não se coloca e (2) outra constituída de [numeral + substantivo + adjetivo], ou seja, do tipo considerado como menos coesivo (SCHERRE, 1988, p. 223).

É digno de nota comentar, ainda, sobre o *range*, ou seja, o valor obtido através da subtração do maior e do menor peso relativo. Nas palavras de Tagliamonte (2006, p. 242, tradução nossa), “o número mais alto (isto é, o *range*) identifica a restrição mais forte. O número mais baixo identifica a restrição mais fraca”⁷⁰. Desse modo, com *range* de 858, a força de atuação da posição relativa e linear é a mais robusta entre todas as variáveis selecionadas, o que significa dizer que é a mais atuante sobre o fenômeno da concordância nominal neste conjunto de dados.

Na Tabela 5, temos os resultados de pesos relativos para esse grupo de fatores, com convergência, após amalgamação dos elementos nucleares. Com *range* de 856, nesta alternativa de análise, sua influência continua sendo a mais forte de todas sobre a concordância nominal de número.

⁷⁰ Original: “the highest number (i.e. *range*) identifies the strongest constraint. The lowest number identifies the weakest constraint, and so forth”.

TABELA 5 – EFEITO SINTÉTICO DA VARIÁVEL POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL)⁷¹

Fatores	Uso de concordância		P.R. (Análise B)
	n/N	[%]	
Antes do núcleo (<u>as autorizações</u>)	331/334	99,1%	0,945
Núcleo a partir da 1ª posição (<u>umas conta/ umas dez hora</u>)	244/425	57,4%	0,103
Depois do núcleo (<u>uns terreno antigo</u>)	10/14	71,4%	0,089
TOTAL	585/773	75,7%	
RANGE			856
SIGNIFICÂNCIA			0,000

Fonte: Elaboração própria.

Os índices da etapa final reafirmam o observado na análise detalhada: os elementos não nucleares antepostos retêm marcas explícitas, com peso relativo de 0,945, ao passo que os pospostos e os nucleares localizados a partir da primeira posição as inibem, com pesos relativos de 0,089 e de 0,103, respectivamente. Entretanto, é imprescindível frisar que esta forma de analisar os dados ganha convergência, mas perde em termos linguísticos porque deixa de captar traços importantes que envolvem o comportamento dos itens nucleares.

Para confirmar ainda mais essa linha de raciocínio, contrastamos as análises A e B com o intuito de averiguar se a diferença entre os núcleos localizados na segunda posição e os situados a partir da segunda posição é estatisticamente significativa, realizando o teste do qui-quadrado.

Em linhas gerais, multiplicamos por 2 o valor obtido através da subtração entre o *log likelihood* da análise A (-236.470) e o *log likelihood* da análise B (-234.040). Obtivemos, então, um qui-quadrado de 4.860 e um grau de liberdade, visto que, na primeira análise, temos quatro fatores e, na segunda, passamos a ter três. Esse valor

⁷¹ Dados retirados da Rodada 2 (análise B), disponibilizada no Apêndice B.

resultante (4.860) atesta que a diferença entre o fator núcleo na segunda posição e o fator núcleo a partir da segunda posição é estatisticamente significativa a nível 0,05 (cf. detalhes no Apêndice D), o que significa dizer que há mais de 95 chances em 100 de que essa diferença observada não seja devida ao acaso⁷². Tal situação mostra que não podemos abandonar a análise A mesmo sem convergência, o que confirma o nosso raciocínio de que a análise B perde do ponto de vista linguístico, já que deixa de captar uma diferença de comportamento entre os elementos nucleares que, de fato, existe no português brasileiro.

Gostaríamos de observar que, conforme assinalado por Guy e Zilles (2007), desde que sinalizemos ao leitor, podemos usar resultados não convergentes em nossas análises. Além disso, é importante pontuar que, em nossos dados, a ausência de convergência é, de certa forma, natural, pois, além de as variáveis posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal e marcas precedentes serem parcialmente sobrepostas, os dados de que dispomos são poucos, visto que são provenientes de um único falante. Em estudos futuros, portanto, pretendemos fazer o cruzamento dessas duas variáveis linguísticas no intuito de obter resultados convergentes.

Em síntese, o padrão identificado na fala de Gabriel se comporta dentro do previsto na literatura. O morfema plural é mais usado nos vocábulos não nucleares pospostos ao núcleo e nos nucleares situados a partir da primeira posição, sugerindo, nos termos de Scherre (1988, p. 223), que “há uma relação direta entre o grau de coesão sintagmática entre os elementos do SN e o número de marcas existentes: quanto mais coesão, mais marcas; quanto menos coesão, menos marcas”.

4.1.2.2 Saliência fônica na relação singular/plural dos itens nominais

O grupo de fatores saliência fônica foi o segundo selecionado em significância estatística pelo programa *GoldVarb X* (Quadros 7 e 9). Em termos de força de atuação,

⁷² Para detalhes sobre teste de significância estatística entre fatores de uma dada variável independente, sugerimos a leitura de Guy e Zilles (2007, p. 190-197).

esse é o condicionador de efeito mais fraco, com *range* de valor 316 para as duas análises alternativas.

É importante colocar que os trabalhos sociolinguísticos, com base em Scherre (1988), têm examinado as dimensões processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade da sílaba como uma única variável⁷³, constituindo uma escala de saliência em oito níveis, a saber: nomes regulares paroxítonos (as coisa toda), nomes regulares proparoxítonos (essas grande fábrica), nomes regulares oxítonos (as lei trabalhista), nomes terminados em -l (os casais), nomes terminados em -R (os professores), nomes terminados em -ão (as próprias contradições), nomes terminados em -S (os freqüeses) e nomes com dupla possibilidade de marcação de plural (novos papezinhos).

Em nossa pesquisa, também analisamos esses dois eixos como uma só variável e fizemos, inicialmente, a codificação com base nessa hierarquia. No entanto, como não tivemos número de dados suficientes distribuídos nas categorias, não foi possível fazer a análise detalhada da saliência. Por essa razão, decidimos amalgamar os diversos níveis em dois fatores a partir da diferenciação material fônica e da tonicidade, tal como a proposta de Naro (1981): itens de oposição singular/plural mais saliente e de oposição singular/plural menos saliente.

Para lembrar, conforme apresentado no item 3.3, como [+saliente], consideramos os itens com dupla possibilidade de marcação de plural, os terminados em -l, os terminados em -ão, os terminados em -R, os terminados em -s, os regulares oxítonos e os monossílabos de uso tônico. Por sua vez, como [-saliente], consideramos os itens regulares proparoxítonos, os regulares paroxítonos e os monossílabos de uso átono.

A Tabela 6 mostra os resultados para esses dois graus de saliência fônica.

⁷³ Guy (1981) analisa processos e tonicidade como duas variáveis separadas, sendo uma na morfologia (processos) e a outra na fonologia (tonicidade). No entanto, aqui e em outras pesquisas realizadas no Brasil, analisamos a saliência fônica dos itens nominais à luz de uma das propostas de Naro (1981) para a concordância verbal, a qual conta com dois eixos de saliência – diferenciação material fônica e tonicidade – em uma única variável.

TABELA 6 – EFEITO DA VARIÁVEL SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL)⁷⁴

Fatores	Uso de concordância		P.R. (Análise A)	P.R. (Análise B)
	n/N	[%]		
[+saliente] (três integrals/os pais)	116/143	81,1%	0,753	0,753
[-saliente] (uns menino)	469/630	74,4%	0,437	0,437
TOTAL	585/773	75,7%		
RANGE			316	316
SIGNIFICÂNCIA			0,000	0,000

Fonte: Elaboração própria.

Embora a frequência de concordância seja alta para as duas categorias de saliência, a taxa de inserção do morfema plural é maior nos elementos mais salientes do que nos menos salientes. Como vemos, o índice de marcação está levemente acima da média global nos constituintes que apresentam maior diferenciação na relação singular/plural (81,1%). Em contrapartida, há uma pequena queda em relação à média global no uso de marcas explícitas de plural em constituintes com menor grau de diferenciação material fônica (74,4%).

Na análise multivariada de regressão logística, a diferença entre os níveis de saliência fica mais evidente porque o *GoldVArb X* corrige as frequências, avaliando todas as variáveis: para as duas alternativas de análise, temos peso relativo de 0,753 para nomes mais salientes e peso relativo de 0,437 para nomes menos salientes, indicando, respectivamente, o favorecimento e o desfavorecimento da retenção de marcas explícitas. Nesse sentido, podemos afirmar que os efeitos atestam a hipótese de que os vocábulos que possuem mais inserção de material fônico na flexão para o plural apresentam mais chances de receberem marcas.

⁷⁴ Dados retirados da Rodada 1 (análise A) e da Rodada 2 (análise B), disponibilizadas no Apêndice B.

4.1.2.3 Marcas precedentes

A variável marcas precedentes, terceira selecionada pelo *GoldVarb X* (Quadros 7 e 9), possui influência mediana na escolha da marcação de plural, com *range* de 482 para a análise A e de 432 para a análise B. Vejamos o panorama geral dos dados em função dos fatores codificados nesse grupo:

TABELA 7 – FREQUÊNCIA ABSOLUTA E RELATIVA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO AS MARCAS PRECEDENTES (COLABORADOR GABRIEL)

Fatores	Uso de concordância	
	n/N	[%]
Sprep com marcas (<u>TRINTA E CINCO MILHÕES DE euro</u>)	0/1	0%
Sprep sem marcas (<u>UM MONTE DE barco</u>)	0/19	0%
Numeral não terminado em -s (<u>QUATRO ingressos</u>)	69/89	77,5%
Numeral terminado em -s (<u>TRÊS camisa</u>)	32/50	64,0%
Uma marca formal (<u>OS comentário</u>)	124/254	48,8%
Duas ou mais marcas formais (<u>TODAS AS mensalidades</u>)	19/23	82,6%
Mistura de marcas (<u>UNS TRÊS gol</u>)	30/43	69,8%
Zero imediatamente precedente a partir da 1ª posição (<u>AS CONTA errada</u>)	0/8	0%
TOTAL	274/487	56,3%

Fonte: Elaboração própria.

É importante sinalizar ao leitor que, nesta etapa, temos uma redução na quantidade de dados analisados em decorrência do uso do fator “não se aplica” nos elementos que ocupam a primeira posição do sintagma nominal, visto que essas ocorrências, além serem controladas na variável posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal, não possuem marcas antecedentes.

Na Tabela 7, podemos perceber que a variação entre a presença e a ausência de concordância nominal ocorre nas situações em que os elementos são antecidos por numerais, por uma marca formal, por duas ou mais marcas formais ou por marcas de naturezas distintas. Desse modo, retiramos da análise de pesos relativos os oito elementos precedidos imediatamente de zero a partir da primeira posição e os dezenove itens antecidos por sintagma preposicionado sem marca formal, pois esses dados se mostraram invariantes no sentido de não marcação de concordância, evidenciando uma regularidade absoluta segundo a análise de Scherre (1988), retomada por Scherre (2001) para comparação mais formalizada com a análise de Poplack (1980), de um zero depois da primeira posição conduzir quase categoricamente a outro zero subsequente. Também excluímos as ocorrências de nomes precedidos por sintagma preposicionado com marca formal, pois encontramos apenas um dado dessa categoria. Vejamos alguns exemplos a seguir:

(107) “pois é aí... nós vendemo ele por... TRINTA E CINCO MILHÕES DE euro... pagou quinze no Arrascaeta” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(108) “consegui, mas foi uma mão-de-obra danada pra tirar ele da farmácia... receita... tem que assinar UM MONTE DE coisa” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(109) “[...] depois DESSE MONTE DE pinga aí... eu eu não consigo... se eu tomar uma cachaça dessa aqui... e começar beber cerveja depois... eu só sinto o gosto da cachaça” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(110) “[...] ele tinha UNS TERRENO antigo, né? de herança do pai dele que ele ganhou os terreno” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(111) “é... DUAS COLHER branca daquela... não não como tanto arroz assim não, não faço tanta questão” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Apesar de não termos alcançado uma boa distribuição dos dados, na Tabela 8, é possível depreender os padrões gerais para essa variável.

TABELA 8 – EFEITO DA VARIÁVEL MARCAS PRECEDENTES NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL)⁷⁵

Fatores	Uso de concordância		P.R. (Análise A)	P.R. (Análise B)
	n/N	[%]		
Numeral não terminado em -s (<u>QUATRO ingressos</u>)	69/89	77,5%	0,808	0,777
Numeral terminado em -s (<u>TRÊS camisa</u>)	32/50	64,0%	0,579	0,532
Uma marca formal (OS <u>comentário</u>)	124/254	48,8%	0,388	0,345
Duas ou mais marcas formais (<u>TODAS AS mensalidades</u>)	19/23	82,6%	0,532	0,771
Mistura de marcas (<u>UNS TRÊS gol</u>)	30/43	69,8%	0,326	0,600
TOTAL	274/459	59,7%		
RANGE			482	432
SIGNIFICÂNCIA			0,000	0,000

Fonte: Elaboração própria.

⁷⁵ Dados retirados da Rodada 1 (análise A) e da Rodada 2 (análise B), disponibilizadas no Apêndice B.

Os resultados mostram que, nas duas alternativas de análise, há uma diferença entre a presença de uma marca formal e a de um numeral. Itens precedidos de um elemento com marca formal inibem a inserção do morfema plural, com peso relativo de 0,388 (análise A) e de 0,345 (análise B). Por outro lado, os vocábulos antecidos de numeral não terminado em -s favorecem a concordância, com peso relativo de 0,808 (análise A) e de 0,777 (análise B), e os precedidos de numeral terminado em -s favorecem relativamente a marcação, com peso de 0,579 (análise A), ou apresentam chances intermediárias, com peso relativo de 0,532 (análise B). Futuramente, pretendemos lançar um olhar mais minucioso sobre os dados, buscando compreender esse comportamento peculiar dos numerais em sintagmas de dois elementos.

Em relação aos sintagmas nominais com mais de dois constituintes, na análise A, a ocorrência de duas ou mais marcas aponta para um limiar intermediário de marcas explícitas de plural, com peso relativo de 0,532. De maneira oposta, desfavorecendo a concordância, figuram as marcas de diversas naturezas, com 0,326 de peso relativo.

Por outro lado, na análise B, a existência de duas ou mais marcas provoca fortemente a retenção do morfema plural no segmento posterior, com peso relativo de 0,771. De maneira similar, embora ocorra uma queda, a inserção de marcas explícitas de plural também é mais provável nos vocábulos antecidos por mistura de marcas, exibindo 0,600 de peso relativo.

Na fala do colaborador Gabriel, a presença de um zero imediatamente precedente a partir da primeira posição ou de um sintagma preposicionado sem marca formal constituem os fatores que categoricamente desfavorecem a concordância.

De forma geral, as diferenças da análise A para a B podem ser atribuídas à sobreposição de variáveis. Na Tabela 9, apresentamos os pesos referentes aos dois primeiros níveis da análise A a fim de visualizar o efeito inicial dos fatores de marcas precedentes e o efeito com a interferência da posição relativa e linear.

TABELA 9 – INTERFERÊNCIA ENTRE POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR E MARCAS PRECEDENTES NA ANÁLISE A (COLABORADOR GABRIEL)⁷⁶

Fatores	[%]	Nível 1	Nível 2
		(isolada) P.R.	(c/ posição) P.R.
Numeral não terminado em -s	77,5%	0,691	0,746
Numeral terminado em -s	64,0%	0,535	0,602
Uma marca formal	48,8%	0,382	0,408
Duas ou mais marcas formais	82,6%	0,755	0,531
Mistura de marcas	69,8%	0,599	0,359
TOTAL	59,7%		

Fonte: Elaboração própria.

Ao olhar minuciosamente os números acima, notamos que os pesos relativos seguem a mesma hierarquia das percentagens no nível 1, sem quaisquer interferências. No nível 2, com a interferência da variável posição relativa e linear, a categoria mistura de marcas apresenta percentual de concordância (69,8%) acima da média global e peso relativo baixo. Além disso, a presença de duas ou mais marcas detém o percentual mais alto em relação à média na hierarquia interna do grupo de fatores (82,6%), porém seu efeito é baixo em termos de peso relativo. Ou seja, a sobreposição já mencionada com a variável posição relativa e linear é o que está impedindo o programa estatístico de atribuir os pesos devidos a esses fatores. Já que a posição relativa e linear é considerada mais poderosa estatisticamente, o peso é atribuído a ela e retirado do grupo marcas precedentes.

Assim, especialmente na comparação com os elementos imediatamente precedidos por zero, que possuem efeito categórico no sentido de não marcação, podemos dizer que as duas análises alternativas indicam que marcas levam a marcas, assim como zeros levam a zeros. Por esse viés, constatamos a “tendência de formas similares ocorrerem em conjunto dentro de um trecho do discurso” (SCHERRE, 2001, p. 91), amparada em Poplack (1980) para as marcas de plural no sintagma nominal no espanhol de Porto Rico.

⁷⁶ Dados retirados da Rodada 1 (análise A), disponibilizada no Apêndice B.

4.1.3 Variáveis estilísticas

4.1.3.1 Situação comunicativa

A situação comunicativa, quarta restrição considerada estatisticamente significativa (Quadros 7 e 9), mostrou-se como a segunda mais robusta no processo de concordância nominal, com *range* de 631 para as duas alternativas de análise.

Conforme visto na caracterização das situações comunicativas e no detalhamento do Quadro 4, as conversas com familiares da namorada são bastante heterogêneas no que diz respeito aos interlocutores. Em decorrência disso, decidimos separá-las em relações [+próximas] e [-próximas] a fim de verificar se havia diferença entre elas. Com base na faixa etária e, especialmente, nos laços de relacionamento, como [+próximas], consideramos as interações de Gabriel com o irmão, a cunhada e o primo da namorada, isto é, interlocutores mais jovens com os quais a relação se estende para além do contexto familiar devido à convivência em grupos de amizade. Já as [-próximas], referem-se às trocas com os pais, os tios e a avó da namorada, ou seja, pessoas mais velhas com as quais o vínculo é mantido apenas por relações familiares.

É interessante observar, na Tabela 10, a quantidade de dados e os índices gerais de concordância nominal de acordo com cada evento comunicativo.

TABELA 10 – FREQUÊNCIA ABSOLUTA E RELATIVA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL DE ACORDO COM A SITUAÇÃO COMUNICATIVA (COLABORADOR GABRIEL)

Fatores	Uso de concordância	
	n/N	[%]
Contextos cotidianos		
Amigos íntimos	32/61	52,5%
Amigos íntimos e familiares da namorada [+próximos]	20/33	60,6%
Amigos íntimos e familiares da namorada [-próximos]	31/39	79,5%
Familiares da namorada [+próximos]	7/12	58,3%
Familiares da namorada [-próximos]	59/97	60,8%
Familiares da namorada [+próximos] e [-próximos]	68/98	69,4%
Colegas do futebol	36/52	69,2%
Colegas do bairro	35/44	79,5%
Colegas do trabalho	80/96	83,3%
Estudo com a prima	27/32	84,4%
Contextos institucionais		
Consulta nutricional	170/189	89,9%
Apresentação de seminário a distância	20/20	100%
TOTAL	585/773	75,7%

Fonte: Elaboração própria.

Como vemos, Gabriel exibe variação em todas as situações praticamente. Nos contextos cotidianos, temos 61 casos de itens nominais na conversa com amigos íntimos, apresentando 52,5% de concordância; 33 casos de itens nominais na conversa com amigos íntimos e familiares da namorada [+próximos], apresentando 60,6% de concordância; 39 casos de itens nominais na conversa com amigos íntimos e familiares da namorada [-próximos], apresentando 79,5% de concordância; 12 casos de itens nominais na conversa com familiares da namorada [+próximos], apresentando 58,3% de concordância; 97 casos de itens nominais na conversa com familiares da namorada [-próximos], apresentando 60,8% de concordância; 98 casos de itens nominais na conversa com familiares da namorada [+próximos] e [-próximos], apresentando 69,4% de concordância; 52 casos de itens nominais na conversa com colegas do futebol, apresentando 69,2% de concordância; 44 casos de itens nominais na conversa com colegas do bairro, apresentando 79,5% de concordância; 96 casos

de itens nominais na conversa com colegas do trabalho, apresentando 83,3% de concordância; e 32 casos de itens nominais na conversa de estudo com a prima, apresentando 84,4% de concordância. Já nos contextos institucionais, temos 189 casos de itens nominais na consulta nutricional, apresentando 89,9% de concordância; e 20 casos de itens nominais na apresentação de seminário a distância, apresentando 100% de concordância.

A ausência de variação (nocaute) no fator apresentação de seminário a distância configura um problema analítico para a ferramenta estatística *GoldVarb X*, pois

a matemática da análise inclui cálculos em que, num dado momento, se procede a uma divisão pela fração de aplicações e, noutro momento, pela fração de não-aplicações. Se uma dessas frações é equivalente a zero, cria-se a violação de um princípio básico da matemática de números reais: não se pode dividir por zero. Portanto, qualquer nocaute nos dados tem que ser excluído dos cálculos de pesos relativos (GUY; ZILLES, 2007, p. 158).

Segundo Guy e Zilles (2007), há dois tipos de nocautes: o verdadeiro e o aparente. O primeiro constitui “um fator que o pesquisador considera como realmente capaz de impedir a aplicação (no caso de 0%), ou de realmente exigir a aplicação (nocaute de 100%)”, ao passo que o segundo corresponde a “casos de fatores associados com muitos poucos dados” (GUY; ZILLES, 2007, p. 159). Considerando que não dispomos de um número grande de dados na situação de apresentação de seminário a distância, podemos dizer que estamos diante de um possível nocaute aparente, embora esse fator atue dentro da linha esperada, apresentando a taxa mais alta de concordância.

Para solucionar esse impasse, Guy e Zilles (2007) sugerem duas alternativas: juntar o fator com outro que não seja categórico ou não usá-lo na análise de pesos relativos. Em nossa pesquisa, escolhemos a primeira opção. Assim, amalgamamos as interações apresentação de seminário a distância e consulta nutricional, que, embora tenham características distintas, são as duas que ocorrem em contextos institucionais.

Na Tabela 11, temos o trânsito estilístico de Gabriel após essa decisão analítica.

TABELA 11 – EFEITO DA VARIÁVEL SITUAÇÃO COMUNICATIVA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL)⁷⁷

Fatores	Uso de concordância		P.R. (Análise A)	P.R. (Análise B)
	n/N	[%]		
Contextos cotidianos				
Amigos íntimos	32/61	52,5%	0,141	0,141
Amigos íntimos e familiares da namorada [+próximos]	20/33	60,6%	0,209	0,210
Amigos íntimos e familiares da namorada [-próximos]	31/39	79,5%	0,605	0,597
Familiares da namorada [+próximos]	7/12	58,3%	0,273	0,275
Familiares da namorada [-próximos]	59/97	60,8%	0,218	0,218
Familiares da namorada [+próximos] e [-próximos]	68/98	69,4%	0,363	0,363
Colegas do futebol	36/52	69,2%	0,439	0,437
Colegas do bairro	35/44	79,5%	0,642	0,653
Colegas do trabalho	80/96	83,3%	0,594	0,593
Estudo com a prima	27/32	84,4%	0,678	0,677
Contextos institucionais				
Consulta e apresentação de seminário	190/209	90,9%	0,772	0,772
TOTAL	585/773	75,7%		
RANGE			631	631
SIGNIFICÂNCIA			0,000	0,000

Fonte: Elaboração própria.

⁷⁷ Dados retirados da Rodada 1 (análise A) e da Rodada 2 (análise B), disponibilizadas no Apêndice B.

As alternativas de análise A e B não apresentam diferenças significativas nos efeitos estilísticos das interações cotidianas e institucionais, embora haja sobreposição nas variáveis estruturais da primeira. Assim, a conduta estilística de Gabriel parece demonstrar, em primeiro plano, que a ausência de marcas explícitas não é condizente com situações discursivas que se localizam no polo [+monitorado] do *continuum* de monitoração estilística (cf. BORTONI-RICARDO, 1998, 2005).

A consulta nutricional e a apresentação de seminário são interações em que “a identidade institucional ou profissional dos participantes de alguma forma se torna relevante para as atividades de trabalho em que estão engajados”⁷⁸ (DREW; HERITAGE, 1992, p. 4, tradução nossa). Esse tipo de troca, que deriva do sistema da conversa, é caracterizado também pelos seguintes aspectos:

1. A interação institucional envolve uma orientação por parte de pelo menos um dos participantes para alguma meta, tarefa ou identidade (ou conjunto delas) convencionalmente associada à instituição em questão. Em suma, a conversa institucional é normalmente informada por orientações para metas de uma forma convencional relativamente restrita⁷⁹.
2. A interação institucional pode muitas vezes envolver restrições especiais e particulares quanto àquilo que um ou ambos os participantes tratarão como contribuições admissíveis ao negócio em questão⁸⁰.
3. A interação institucional pode estar associada a estruturas e procedimentos inferenciais que são peculiares a contextos institucionais específicos⁸¹ (DREW; HERITAGE, 1992, p. 22, tradução nossa).

Vejamos a organização desse tipo de interação nas linhas a seguir. Convém destacar que nossa intenção, neste momento e em todos os outros que apresentaremos excertos, não é ilustrar as ocorrências de presença ou ausência de marcas explícitas

⁷⁸ Original: participants' institutional or professional identities are somehow made relevant to the work activities in which they are engaged.

⁷⁹ Original: Institutional interaction involves an orientation by at least one of the participants to some core goal, task or identity (or set of them) conventionally associated with the institution in question. In short, institutional talk is normally informed by goal orientations of a relatively restricted conventional form.

⁸⁰ Original: Institutional interaction may often involve special and particular constraints on what one or both of the participants will treat as allowable contributions to the business at hand.

⁸¹ Original: Institutional talk may be associated with inferential frameworks and procedures that are particular to specific institutional contexts.

de plural no sintagma nominal, mas, sim, retratar o que acontece no *aqui e agora* das interações.

Para lembrar, a consulta nutricional aconteceu de forma presencial em um consultório particular. Após os cumprimentos iniciais e a avaliação antropométrica, a nutricionista, identificada por nós com o nome fictício de Maya, solicita que Gabriel fale sobre sua rotina no trabalho a fim de colher informações sobre a sua vida diária. Atendendo ao pedido da interlocutora, Gabriel informa que está trabalhando em sua casa, como podemos observar no Excerto 1.

Excerto 1: consulta nutricional

001	Gabriel	hoje eu ainda tô em home office e assim... pelo menos aí nos
002		próximos meses não tem previsão pra voltar... pelo menos na
003		minha condição.

Em seguida, ao ser questionado se está indo trabalhar na empresa em algum dia da semana, Gabriel responde que não e explica o porquê. Vejamos:

Excerto 2: consulta nutricional

004	Gabriel	não tem... é porque quem tá indo pra empresa são os
005		supervisores e... porque tem o/ eles têm o notebook, então
006		eles... eles têm essa facilidade de poder trabalhar... tanto
007		em home quanto na empresa... como a gente... o nosso é
008		máquina virtual ou você tá na emPREsa... ou você tá em
009		casa...

Prosseguindo o diálogo entre nutricionista-paciente, Maya pergunta se Gabriel está praticando algum tipo de atividade física e ele informa que sim, conforme o excerto 3.

Excerto 3: consulta nutricional

010	Gabriel	eu voltei... então, eu voltei, mas ainda tô tô assim vou
011		naquela três vezes por semana, o futebol voltou, tem futebol
012		quinta e tem futebol sábado... e aí eu tô indo na academia
013		já tem aí umas... umas duas três semanas aí.

Como podemos perceber nessa breve contextualização, a interação institucional é conduzida pela nutricionista e as trocas verbais acontecem de forma bastante padronizada: ela realiza as perguntas e Gabriel as responde. De maneira similar, na apresentação de seminário, o turno de fala, isto é, o momento de falar de cada participante, não é aberto a todos simultaneamente. No caso específico de Gabriel, não temos trocas verbais entre ele e sua audiência, pois o trabalho proposto pelo docente consiste numa gravação em áudio e vídeo sobre o funcionamento do Painel Hidrostático e da Prensa Hidráulica. A título de ilustração, observemos o Excerto 4.

Excerto 4: apresentação de seminário a distância

001	Gabriel	Esse aqui é o Painel para Hidrostática... a princípio a gente
002		usa a Artéria Visor para a gente poder nivelar tanto o
003		manômetro um quanto o manômetro dois no painel 1... olhando
004		aqui, a gente consegue ver que a altura que ela ficou
005		nivelada foi em 20 milímetros... depois, com isso, a gente
006		novamente utilizando a Artéria Visor, a gente consegue fazer/
007		provocar o delta h entre os pontos B1, A1 e A2 e B2 e com
008		essa diferença de altura, a gente vai conseguir provar a
009		nova pressão... e conseguindo essa nova pressão, a gente
010		consegue provar o Princípio de Pascal, que diz que em todos
011		esses pontos aqui, essa pressão vai ser distribuída
012		uniformemente.

A configuração institucional apresenta uma organização interacional mais rígida, em que a “alocução de turnos tende a ficar a critério do representante da instituição” (DEL CORONA, 2009, p. 31). Além disso, seu conteúdo envolve “tópicos específicos voltados para a atividade institucional em andamento” (SOUZA; BASTOS; PEREIRA, 2015, p. 497). Com efeito, a fala institucional é orientada para “metas específicas do encontro social em andamento e específicas, também, das identidades institucionais que os participantes tornam relevantes ao construírem esta interação que se denrola *aqui, agora*” (GARCEZ, 2006, p. 68, grifos no original).

A consulta nutricional e a apresentação de seminário são, portanto, situações naturalmente planejadas e mais monitoradas, que evocam papéis marcados por certo distanciamento social, uma vez que a relação nutricionista-paciente e docente-aluno é, tradicionalmente, caracterizada pela assimetria na medida em que a atuação destes (paciente/aluno) costuma ser subordinada àqueles (nutricionista/docente), a quem

são atribuídos o papel de autoridade e o poder de escolha do tópico discursivo do evento comunicativo. Nesse sentido, o fato de estar diante de interlocutores que, além de não serem próximos, detêm maior poderio na situação interacional, leva Gabriel a preferir o emprego do morfema plural em falas institucionais, isto é, em trocas verbais direcionadas para metas específicas dos encontros institucionais. O peso relativo de 0,772 é, inclusive, o mais alto desse grupo de fatores, confirmando nossas expectativas.

É interessante apontar que, nas interações institucionais, precisamente nas consultas nutricionais, Gabriel deixa de colocar marcas de plural em vocábulos menos salientes, em estruturas que contêm itens informais ou em sintagmas menos estereotipados, ou seja, em configurações linguísticas menos propícias à existência de marcas (cf. SCHERRE, 1988, 2021). Esses casos estão ilustrados nos trechos de (112) a (117).

(112) “tem uma ((risos))... tem umas história que é muito boa [...]” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(113) “tem umas menina lá da Central lá... que a gente precisa realmente ter... ter muita paciência” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(114) “[...] tá achando que só porque eu tô dando umas rateada aí, eu não tô... indo pra academi::a, eu não tô corren::do” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(115) “rapaz... cês tão vendo minha rateada, mas cês não tão vendo meus corre não” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(116) “botou um espelho lá em casa assim... botou um monte de espelho, né? aí eu fico vigiando isso aqui ó... é isso aqui que tá me incomodando, mas tá diminuindo” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(117) “é... duas colher branca daquela” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Observando, agora, esse mesmo falante em interações cotidianas, nas quais há simetria de papéis sociais entre os interlocutores, percebemos um outro estilo de fala, que segue em direção a um tom de intimidade e casualidade, evidenciado por meio tanto de pistas do canal, tais como a presença de risos e as alterações no ritmo e na altura da voz (cf. LABOV, 2008 [1972]), quanto de escolhas lexicais, visto que itens léxicos informais (cf. SCHERRE, 1988, 2021) aparecem com bastante intensidade nessas interações. Alguns exemplos são apresentados a seguir:

(118) “eu ultrapassava os cara quando os cara tava batido” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(119) “fico vigiando altos coroa levando altas novinha pra lá” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(120) “porque lá tem muita mi:na essas parada assim pra poder ver as parada de solo, né?” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(121) “é né? depois desse monte de pinga aí [...]” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

A fala-em-interação cotidiana ou, nos termos de Garcez (2006), conversa cotidiana ou apenas conversa, é a prática social mais central e mais corriqueira da vida dos seres humanos. Por conseguinte, esse sistema de trocas de fala é “universalmente encontrado em todas as sociedades humanas e não exige conhecimentos especializados para a participação, sendo em sua realização que se dá a aquisição da linguagem e a socialização dos membros das sociedades humanas” (GARCEZ, 2006, p. 67).

No sistema da conversa cotidiana, o turno de fala é aberto e organizado no decorrer da interação, de modo que “há a possibilidade do falante se auto-selecionar” (DEL CORONA, 2009, p. 31). Dessa forma, é frequente a presença de falas simultâneas, interrupções, repetições e sobreposições de vozes, as quais “não são consideradas

violações dos direitos ao turno, mas sinalizam que a conversa é uma produção conjunta” (SOUZA; BASTOS; PEREIRA, 2015, 497).

Desse modo, nas conversas estabelecidas com os pares e com os familiares da namorada, que acontecem em diferentes espaços, Gabriel exerce dois tipos de papéis sociais que exigem menos monitoração no modo de falar, a saber: o de amigo e o de membro da família. Como já era esperado, os efeitos apontam pequenas diferenças em função da audiência (BELL, 1981, 2001), porém a tendência geral é de desfavorecimento da concordância nas conversas com os amigos íntimos, com os familiares da namorada e com os colegas do futebol, como pode ser visto nos valores dos pesos relativos:

- amigos íntimos: 0,141 (análises A e B);
- amigos íntimos e familiares da namorada [+próximos]: 0,209 (análise A) e 0,210 (análise B);
- familiares da namorada [+próximos]: 0,275 (análise A) e 0,273 (análise B);
- familiares da namorada [-próximos]: 0,218 (análises A e B);
- familiares da namorada [+próximos] e [-próximos]: 0,363 (análises A e B);
- colegas do futebol: 0,439 (análise A) e 0,437 (análise B).

Todavia, notamos uma mudança nítida em seu estilo de fala quando ele interage com colegas do bairro (0,642 para a análise A e 0,653 para a análise B), com colegas do trabalho (0,594 para a análise A e 0,593 para a análise B), com a prima (0,678 para a análise A e 0,677 para a análise B) e, inesperadamente, com amigos íntimos na presença de familiares da namorada [- próximos] (0,605 para a análise A e 0,597 para a análise B). Gostaríamos de observar que, nessas situações, quando o falante deixa de realizar a concordância, novamente o faz em elementos menos salientes e em constituintes léxicos informais ou de grau diminutivo, isto é, em ambientes linguísticos que menos oportunizam a marcação.

Vale ressaltar, também, que são raras as ocorrências de ausência de marcas explícitas de plural em elementos mais salientes. Encontramos apenas dois dados de maior diferenciação material fônica na relação singular/plural sem concordância, os

quais ocorreram em construções complexas com sintagma nominal encaixado ou em estruturas que contêm um item marcado quanto à informalidade. Na exemplificação de (122) a (127), alguns desses casos podem ser conferidos.

(122) “Coutinho tem uns **negócio** de fazer uns **negócio rapidinho** assim que mata o cara” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(123) “só vamo fazer as **conta** pra ver o que que é que vai ser melhor” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(124) “[...] o cara o cara... entende das **parada** que tá falando, tá ligado?” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(125) “tem uns **macetinho** que... tá vendo? [...]” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(126) “só que aí tava lá com... aquele monte de **condição** lá, né?” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(127) “é.. tem uns uns rata-bosta **pior** que nós ainda” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Para além dos fatos linguísticos, a fim de entender esse comportamento contrário ao encontrado nas demais interações entre iguais dos contextos cotidianos, é interessante apresentar aqui uma análise interpretativa da situação comunicativa, focalizando o que está acontecendo no *aqui e agora* dessas trocas verbais, bem como os possíveis movimentos de autoconstrução do “eu”.

Conforme exposto na seção 3.1.3.1, as interações entre Gabriel e os colegas de trabalho consistem em dois *happy hour* ocorridos em um bar e na casa de um dos interlocutores. É válido lembrar que os interagentes centrais das conversas são Manoel, seu amigo íntimo, e João, supervisor de equipe, pessoa com quem o falante tem um tempo menor de convívio.

Pensando nas indagações sugeridas por Coupland (2014), especificamente no que diz respeito aos participantes e ao cenário dos eventos comunicativos, podemos dizer que, em ambas as configurações físicas, os participantes conversam à vontade sobre diversos assuntos, o que caracteriza as interações como uma conversa casual entre colegas. Desse modo, não conseguimos observar sinais claros que justifiquem a mudança estilística em direção a uma fala mais monitorada em decorrência da audiência e dos papéis sociais que estão ativamente presentes. Contudo, há uma diferença importante entre essa situação comunicativa e as demais do contexto cotidiano: logo no início de uma das interlocuções, conforme pode ser visto no Excerto 5, Gabriel é por mim informado que será gravado.

Excerto 5: conversa com colegas do trabalho

001	Juliana	Vou gravar... tô gravando, tá?
002	Gabriel	Não vai dar pra você ouvir nada não... muito barulho
003	Juliana	custa nada tentar... Vou colocar aqui do seu lado
004	Gabriel	Pode deixar aqui que eu vou fazer <u>tod</u> as as concordâncias...

A declaração assertiva de Gabriel de que irá fazer todas as concordâncias (linha 4) fornece indícios de que ele prestaria bastante atenção à forma de sua produção verbal. Examinando a rodada estatística, verificamos que a situação comunicativa em discussão apresenta uma diferença marcante entre o efeito inicial, sem qualquer interferência, e o efeito final, com interferência de todas as variáveis. Vejamos a Tabela 12:

TABELA 12 – DISTRIBUIÇÃO DO EFEITO DA SITUAÇÃO COMUNICATIVA EM FUNÇÃO DOS NÍVEIS DE ANÁLISE (COLABORADOR GABRIEL)⁸²

Fatores	Nível 1		Nível 2		Nível 3		Nível 4		Nível 5	
	P.R. (Análise A)	P.R. (Análise B)	P.R. (Análise A)	P.R. (Análise B)	P.R. (Análise A)	P.R. (Análise B)	P.R. (Análise A)	P.R. (Análise B)	P.R. (Análise A)	P.R. (Análise B)
Contextos cotidianos										
Amigos íntimos	0,234	0,234	0,128	0,128	0,150	0,150	0,141	0,141	0,164	0,164
Amigos íntimos e familiares da namorada [+próximos]	0,299	0,299	0,249	0,250	0,231	0,230	0,209	0,210	0,241	0,242
Amigos íntimos e familiares da namorada [-próximos]	0,518	0,518	0,533	0,546	0,560	0,573	0,605	0,597	0,647	0,640
Familiares da namorada [+próximos]	0,280	0,280	0,334	0,356	0,319	0,337	0,273	0,275	0,310	0,312
Familiares da namorada [-próximos]	0,301	0,301	0,242	0,243	0,239	0,240	0,218	0,218	0,250	0,251
Familiares da namorada [+próximos] e [-próximos]	0,386	0,386	0,406	0,407	0,405	0,402	0,363	0,363	0,406	0,405
Colegas do futebol	0,384	0,384	0,452	0,435	0,481	0,466	0,439	0,437	0,484	0,482
Colegas do bairro	0,519	0,519	0,525	0,511	0,540	0,529	0,642	0,653	0,682	0,693
Colegas do trabalho	0,581	0,581	0,667	0,658	0,634	0,625	0,594	0,593	0,342	0,341
Estudo com a prima	0,600	0,600	0,620	0,618	0,633	0,630	0,678	0,677	0,716	0,715
Contextos institucionais										
Consulta e apresentação de seminário	0,735	0,735	0,749	0,754	0,743	0,750	0,772	0,772	0,784	0,784
SIGNIFICÂNCIA	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,069	0,069

Fonte: Elaboração própria.

⁸² Dados retirados da Rodada 1 (análise A) e da Rodada 2 (análise B), disponibilizadas no Apêndice B.

No nível 1, com as variáveis isoladas, a conversa com colegas do trabalho nasce favorecendo relativamente a concordância, com peso relativo de 0,581 nas análises A e B. Independentemente da alternativa de análise, ela permanece apresentando pesos acima de 0,5 nos níveis 2, 3 e 4, com as interferências, respectivamente, da posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal, da saliência fônica na relação singular/plural dos itens nominais e das marcas precedentes. No nível 5, quando a variável conhecimento da gravação entra em jogo, o peso relativo decai para 0,342 na análise A e para 0,341 na análise B. Desse modo, podemos inferir que o fato de Gabriel ter conhecimento da gravação está determinando o efeito favorecedor dessa interação entre pares.

Nas outras situações comunicativas cotidianas que favorecem a inserção do morfema plural, Gabriel não tem conhecimento do momento exato em que está sendo gravado e todos os interlocutores são pessoas com quem ele possui um longo tempo de convivência. Porém, existem particularidades em relação ao tópico discursivo dominante.

No encontro entre o colaborador e os colegas do bairro, o que acontece no evento comunicativo é uma conversa espontânea. Após o interlocutor principal, Pedro, mencionar sua dificuldade em uma determinada disciplina, Gabriel demonstra que tem conhecimento no assunto ao afirmar que o conteúdo envolve inércia polar e ao perguntar se o professor abordou momento torsor. Vejamos no Excerto 6:

Excerto 6: conversa com colegas do bairro

001	Gabriel	[Tem (R) sobre T, que é inér:cia].
002		Inér:cia polar, né? [...] >Caiu caiu< alguma coisa de
003		momen::to... tipo assim... (torsor::), né?

Em seguida, indignado, Pedro afirma que os docentes pressupõem que os estudantes do curso de Engenharia Elétrica dominam esses conteúdos quando, na verdade, eles não os compreendem. Na ocasião, nosso colaborador realiza a fala exposta no Excerto 7.

Excerto 7: conversa com colegas do bairro

004	Gabriel	É porque na VERDADE é isso aí... <na verdade>... >o que que
005		acontece?< os tursor e os momentos é pra você chegar à
006		SOLICITAÇÃO... cê tem que fazer as con:tas lá que você chega
007		à solicitação... aí você calcula pelas propriedades de
008		momento de inér::cia, >por essas propriedades<... o QUAN:TO
009		parada resiste [...]Aí chega lá no final, cê fala: "ok ou
010		não ok".

Como podemos observar, Gabriel sinaliza discursivamente que iniciará uma explicação sobre a matéria que o colega está com dificuldade (*É porque na VERDADE é isso aí... <na verdade>... >o que que acontece?<*). Essa postura de Gabriel aciona a projeção de um “eu” (COUPLAND, 2007; ECKERT, 2005, 2016) formado em Engenharia Civil, que domina os conteúdos estudados durante o curso.

Durante toda a interação, o tópico discursivo predominante gira em torno das experiências dos colegas na graduação. A imagem que Gabriel constrói de si como um estudante de alto desempenho é reforçada, por exemplo, no Excerto 8.

Excerto 8: conversa com colegas do bairro

011	Gabriel	Eu fiz no primeiro >período<. Tinha acabado de sair também,
012		>tava</ Química pra mim foi... Estequiometri::a, essas
013		parada assim tudo assim, I::XI... passei tranqüilão.

Quando Pedro revela que reprovou em Química, Gabriel deixa em evidência que não teve problema com a disciplina (linhas 11-13). Embora reconheça que sua facilidade se deve ao fato de ter tido contato com os conteúdos no ano anterior, quando cursava o ensino médio (*tinha acabado de sair também*), por meio da intensidade, do alongamento e do aumentativo (*I::XI... passei tranqüilão*), o falante demarca seu sucesso acadêmico.

O papel institucional de engenheiro de Gabriel emerge, também, na situação comunicativa constituída por amigos íntimos e familiares da namorada [-próximos]. Cumpre informar que, nessa situação, os dados foram gerados quando os interactantes versavam sobre ar-condicionado.

Em linhas gerais, logo após o amigo de infância Ivan contar que irão sobrar dois aparelhos de ar-condicionado na casa da sua sogra, uma vez que ela se mudará para um apartamento que só permite a instalação do modelo *split*, Gabriel entra efetivamente na conversa:

Excerto 9: conversa com amigos íntimos e familiares da namorada [-próximos]

001	Gabriel	lá é só split, véi?
-----	---------	---------------------

Com a confirmação do amigo de que a sogra dele não poderá usar ar-condicionado de janela, o colaborador lembra de uma experiência que teve no período em que foi estagiário na obra de um prédio e, mais que isso, traz à tona seu conhecimento atualizado do ramo de construção civil ao afirmar que os novos apartamentos estão sendo feitos com área técnica (*vem área TÉCNICA... esses NOVOS eles já estão assim já*). Reproduzimos esse trecho, a seguir, no Excerto 10.

Excerto 10: conversa com amigos íntimos e familiares da namorada [-próximos]

002	Gabriel	[é:], pois é... lá lá no
003		Mirante também só era, já tinha/ já veio a instalação, vem
004		área TÉCNICA... esses NOVOS eles já estão assim já...

Em alguns momentos, são os próprios amigos de Gabriel que recorrem ao seu “eu” engenheiro para sanar dúvidas em relação ao suporte de ar-condicionado de janela, mais especificamente, para saber se é possível retirá-lo quando já instalado. Como pode ser visualizado no Excerto 11, Gabriel responde à pergunta do amigo sem deixar margem para dúvidas (*Tem como ué*) e acrescenta, em tom de brincadeira, que o pai da namorada consegue retirar.

Excerto 11: conversa com amigos íntimos e familiares da namorada [-próximos]

005	Gabriel	Tem como ué [...] o RONALDO tira... ((risos))
-----	---------	---

Quando os participantes passam a falar sobre as unidades de potência de refrigeração de um ar-condicionado, novamente ganha destaque os conhecimentos de engenheiro civil de Gabriel. No Excerto 12, ele informa a dimensão do seu quarto (linhas 7 e 8)

para determinar o tamanho do de Manoel, que é suíte. Através da ênfase (*no máximo uns doze... um pouco mais*), o colaborador sinaliza que conhece o dimensionamento de ambientes em apartamentos.

Excerto 12: conversa com amigos íntimos e familiares da namorada [-próximos]

006	Gabriel	o o meu lá mesmo é 7.500 do MEU quarto... e gela pra °carai°
007		de madrugada [também] [...]e LÁ lá no meu quarto são nove
008		metros quadrados... quarto de nove metro... [só que o quarto
009		o quarto do Manoel] é maior do que o meu porque é suí::te...
010		então, tipo assim deve ter no <u>máximo</u> uns doze...

Posteriormente, como pode ser conferido no Excerto 13, ao comentar a fala de Ivan sobre os quartos deles terem o mesmo tamanho (*é... geralmente os quartos são nove metros quadrados*), Gabriel dá continuidade à construção dessa imagem do “eu” que domina questões relacionadas à construção civil.

Excerto 13: conversa com amigos íntimos e familiares da namorada [-próximos]

011	Gabriel	[um pouco mais]... é... geralmente os quartos são nove metros
012		quadrados...

Também observamos a postura de Gabriel ser moldada a partir dos papéis institucionais que ele e a prima constroem no *aqui e agora* da interação. Convém lembrar que esse contexto se distancia um pouco das demais conversas cotidianas, pois o que acontece na interação não é uma conversa entre primos, mas uma troca verbal de estudo. Desse modo, retomando as colocações de Couplad (2014) sobre os aspectos contextuais relevantes para os atos de construção e negociação da imagem social, percebemos que, apesar de o espaço do conhecimento não ser institucional e de a situação ser de simetria social e de proximidade, o propósito comunicativo é diferente das outras interações cotidianas.

Excerto 14: Estudo com a prima

001	Gabriel	Se você tá trabalhando com exponencial... cê vai ter que
002		fazer isso muitas vezes... Se você tiver trabalhando/ >EU
003		não trabalho com raiz<... [eu sempre boto exponencial
004		[...]cê cê não trabalha com raiz... cê só BOTA A RAIZ na

005		hora que cê for botar o resultado profe/ pra você ver se
006		tá batendo igual a gente fez aqui... porque se não é
007		exponencial... porque exponencial cê eleva dos dois
008		lados... <cê consegue cortar>... essas maldade, >por
009		exemplo oh<... isso daqui oh... isso daqui é uma verdade
010		que <cê NÃO RESOLVE> se VOCÊ fizer/ >se você for fazer uma
011		substituição simples<... falar que U é igual a raiz de x
012		elevado a meio NÃO SAI... agora se você falar que U ao
013		quadrado é igual a x... aí sai... porque depois você vai
014		integrar U ao quadrado... aí cê integra U ao quadrado
015		ai... °moleza°...

Inicialmente, Gabriel explica que resolve o determinado tipo de questão de maneira diferente, pois não utiliza raiz quadrada, mas sim exponencial (>EU não trabalho com raiz<... [eu sempre boto exponencial]). Em seguida, o colaborador explica as vantagens de se trabalhar com exponencial na resolução (linhas 7-15).

No decorrer da situação de estudo, Amanda reclama que o cálculo do exercício possui um tamanho extenso. Como podemos ver no Excerto 15, Gabriel dá algumas dicas para a prima ([Tem uns macetinho... tem uns macetinho que... tá vendo?]) e, ao identificar o erro da questão, fala a forma correta de resolução (linhas 20 e 21).

Excerto 15: Estudo com a prima

016	Gabriel	[Tem uns macetinho... tem uns macetinho que... tá vendo?
017		Mas é é é isso aqui... o problema todo nosso tava aqui
018		antes oh... é que o/ você tinha feito errado tá vendo?
019		[...][Tinha botado 4t sobre 4t menos 4t ao quadrado... aí
020		na verdade era... 1 mais 1 mais/ 1 sobre 1 mais 1 ao
021		quadrado... VEZES... a derivada de U

Mantendo o assunto da interação, Amanda apresenta a Gabriel uma segunda questão, que, segundo ela, o professor afirmou que conteria na avaliação.

Excerto 16: Estudo com a prima

021	Gabriel	Ah não pô... isso aqui é exponencial [...] Euler... isso
022		aí... é <R VEZES EULER ELEVADO> A R sobre dois [...] não é
023		R E não... não é RE não

Ao lançar olhos sobre a referida questão, Gabriel prontamente identifica do que se trata afirmando que é exponencial e dá a resolução (é $\langle R \text{ VEZES EULER ELEVADO} \rangle A R \text{ sobre dois}$). Embora tenha confundido o nome do cálculo (*Euler... isso aí*), o colaborador adota uma postura que transparece um grande domínio do assunto tratado ao confirmar, por três vezes, que é um cálculo fácil de resolver e ao mostrar, como consta no Excerto 17, a maneira pela qual a resolução deveria ser efetuada.

Excerto 17: Estudo com a prima

024	Gabriel	Quer ver? [...]Oh... isso daqui é isso daqui oh... é porque
025		cê botou RE aqui pô... RE não existe não, duas variáveis...
026		isso daqui é a integral:: de... vamo falar que R é x pra
027		ficar mais familiarizado pra gente... vai ser a integral de
028		X: vezes E... de x sobre dois... dx.

Nesse momento, Gabriel passa a explicar o procedimento para a prima, organizando os turnos de fala numa sequência de perguntas comum de ser encontrada na fala-em-interação em sala de aula: pergunta-resposta-pergunta. Observemos os Excertos de 18 a 21:

Excerto 18: Estudo com a prima

029	Gabriel	oh... <LIATE> qual é a última coisa que você vai chamar?
-----	---------	--

Em resposta, a prima afirma ser o exponencial. Gabriel confirma que o raciocínio dela está correto e realiza o seguinte questionamento:

Excerto 19: Estudo com a prima

030	Gabriel	o U é igual a X... dU é igual a dX... dV é igual a?
-----	---------	---

Depois de Amanda responder que dV é igual a Euler de x , Gabriel inicia uma nova pergunta:

Excerto 20: Estudo com a prima

031	Gabriel	°euler elevado a x°... qual é a integral/ qual é a derivada
032		de euler elevado a dois x?

Como resposta, Amanda declara que a derivada de Euler elevado a dois x é igual a Euler de X elevado a dois x. Nesse momento, Gabriel corrige a prima (*euler elevado a dois x <vezes dois>*) e explica o motivo do erro, como pode ser visto no Excerto 21.

Excerto 21: Estudo com a prima

033	Gabriel	euler elevado a dois x <vezes dois> [...]porque cê tem que
034		derivar... esse filha da puta aqui ainda... tem que derivar
035		ele ainda... cê pode ver aí... que vai ter a que vai ter a
036		derivada... é <u>implícita</u> desse cara aqui também...

De acordo com Garcez (2006), o cenário pode ser irrelevante para uma fala ser englobada sob o rótulo de cotidiana ou institucional. Consoante a isso, Del Corona (2009) afirma que existem diferentes graus de diferenciação entre interações cotidianas e institucionais, o que não torna possível a correlação direta entre cenário institucional/fala institucional e contexto cotidiano/fala cotidiana. Sendo assim, o parâmetro para definir uma fala como institucional não é o ambiente em que ela ocorre, mas a “co-construção das identidades dos participantes como representante e cliente da instituição” (DEL CORONA, 2009, p. 16).

Como é possível observar por meio da sequência de fala em andamento nos Excertos de 18 a 21, Gabriel desempenha um papel similar ao de professor, enquanto Amanda exerce o de aluna. Embora não ocorra em contexto institucional, podemos dizer que as falas proferidas nesse encontro apresentam características da fala-em-interação institucional, uma vez que são orientadas para o cumprimento de metas específicas do evento comunicativo: a produção conjunta de conhecimento.

Isso posto, temos indícios fortes para afirmar que os resultados alcançados apontam para a multidimensionalidade da variação estilística. Lançando mão das colocações de Labov (2008 [1972], 2001), Bell (1984, 2001) e dos estudos recentes a propósito do estilo (cf. COUPLAND, 2007, 2014; ECKERT, 2000, 2001, 2005, 2016; HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2016; SCHILLING-ESTES, 2002), podemos dizer que a influência favorecedora das interações em contextos institucionais e a não

favorecedora das conversações cotidianas são explicadas pela atenção prestada à fala, pelos membros da audiência e pelos papéis assumidos socialmente pelo falante. Há uma correlação entre o grau de monitoramento, o nível de proximidade entre os interlocutores, o tipo de papel desempenhado na interação e a marcação de plural: as chances de emprego de marcas explícitas se elevam consideravelmente quando a configuração da situação comunicativa é do tipo [+monitorada], a audiência é do tipo [-próxima] e o papel evocado é do tipo institucional.

A atenção à fala e o tipo de audiência também explicam por que a interação com os colegas do trabalho favorece a concordância: embora seja uma conversa cotidiana, Gabriel sabe que está sendo gravado em uma interação na qual pessoas [-próximas] participam. Todavia, esses aspectos não são suficientes para desvendar a tendência divergente de algumas interações do contexto cotidiano. É exatamente nesse ponto que se coloca, mais nitidamente, o pensamento de que os indivíduos usam estilos de fala para projetar uma caracterização social específica (COUPLAND, 2007, ECKERT, 2005, 2016), tal como observado nos estudos de Podesva (2007a, 2007b, 2011), citados no item 2.2 desta tese. Conforme acabamos de ver na análise interpretativa, a partir de assuntos ligados à atuação acadêmica/profissional, a imagem de um estudante de alto desempenho é construída na interação com os colegas do bairro, assim como o papel de engenheiro emerge com os amigos íntimos e os familiares da namorada [-próximos] e o de professor ganha destaque com a prima.

Diante de todo o exposto, a conclusão a que se chega é a de que, na fala de Gabriel, há um trânsito estilístico em que o uso de concordância tende a crescer ou diminuir em função de uma multiplicidade de fatores que envolvem a monitoração, a audiência, o tópico discursivo e, em especial, o que está acontecendo no evento comunicativo, ou seja, a depender dos papéis assumidos em cada interação. Consequentemente, precisamos recorrer a mais de um posicionamento teórico para dar conta da multidimensionalidade dos fatos de forma adequada, o que significa dizer que as três perspectivas de estilo se complementam quando lidamos com situações naturais de fala.

Falta ver como ficaram os resultados da variável conhecimento da gravação. Embora não tenha sido considerada como estatisticamente significativa, conforme já adiantamos na introdução deste capítulo, os seus resultados, expostos na Tabela 13,

apontam para a tendência esperada: as interações com conhecimento da gravação favorecem a concordância [0,762], enquanto as sem conhecimento da gravação exibem efeito em direção ao desfavorecimento [0,452].

TABELA 13 – EFEITO DA VARIÁVEL CONHECIMENTO DA GRAVAÇÃO (COLABORADOR GABRIEL)⁸³

Fatores	Uso de concordância		P.R. (A)	P.R. (B)
	n/N	[%]		
Com conhecimento	96/110	87,3%	[0,762]	[0,762]
Sem conhecimento	489/663	73,8%	[0,452]	[0,452]
TOTAL	585/773	75,7%		
RANGE			310	310
SIGNIFICÂNCIA			0,069	0,069

Fonte: Elaboração própria.

Refletindo acerca da não seleção da variável em tela, é válido destacar que este é um dos traços que compõem a variável complexa situação comunicativa. Conforme exposto no Quadro 2, apresentado anteriormente no item 3.1.1, temos somente duas situações em que o colaborador Gabriel sabe que está sendo gravado: a conversa com os colegas do trabalho e a apresentação de seminário a distância. A nosso ver, a não-ortogonalidade entre os grupos de fatores conhecimento da gravação e situação comunicativa motivou a não seleção do primeiro. Como temos o fator conhecimento da gravação somente em dois pontos da situação comunicativa, esta variável dá conta do conhecimento ou não da gravação.

Observando o comportamento do conhecimento da gravação durante a análise estatística, perceberemos que ele é apto à seleção até o quarto nível do *step-up*, com as seguintes significâncias: 0,002 no nível 1, de forma isolada; 0,000 no nível 2, com a interferência da posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal; 0,000 no nível 3, com a interferência da saliência fônica na relação singular/plural dos itens nominais; e 0,003 no nível 4, com a interferência de marcas precedentes. No

⁸³ Dados retirados da Rodada 1 (análise A) e da Rodada 2 (análise B), disponibilizadas no Apêndice B.

quinto nível, ao ser comparado com a situação comunicativa, ele se torna inapto à seleção, porém com significância próxima de 0,05. Vejamos a Tabela 14:

TABELA 14 – INTERFERÊNCIA ENTRE SITUAÇÃO COMUNICATIVA E CONHECIMENTO DA GRAVAÇÃO (COLABORADOR GABRIEL)⁸⁴

Fatores	Nível 1	Nível 2		Nível 3		Nível 4	Nível 5
	(Análises A e B)	(Análise A)	(Análise B)	(Análise A)	(Análise B)	(Análises A e B)	(Análises A e B)
Com conhecimento	0,682	0,750	0,744	0,732	0,727	0,705	0,762
Sem conhecimento	0,468	0,455	0,456	0,458	0,459	0,464	0,452
RANGE	214	295	288	274	268	241	310
SIGNIFICÂNCIA	0,002	0,000	0,000	0,000	0,000	0,003	0,069

Fonte: Elaboração própria.

O fato de a situação comunicativa retirar a variável conhecimento da gravação da área de significância quase no nível de seleção fornece indícios de que esta última poderia ser selecionada se fizéssemos amalgamações nos fatores daquela. A ferramenta estatística *GoldVarb X* nos revela, portanto, que a situação comunicativa é importante no fenômeno da concordância nominal de número, mas o traço conhecimento da gravação também o é, uma vez que apresenta grande potencial de ser estatisticamente significativo.

Com base nessa constatação estatística, em vez de fazer amalgamações nas situações comunicativas, fomos conduzidos a realizar uma análise em função dos traços que compõem a variável complexa situação comunicativa. Retomando as nossas colocações do capítulo metodológico e da análise dos dados, além do conhecimento da gravação, o enquadre interativo (o que está acontecendo na interação), o tópico discursivo e a proximidade entre os interlocutores parecem ser aspectos relevantes para o uso ou não de marcas explícitas de plural por parte de Gabriel. Então, de agora em diante, vamos analisar esse conjunto de traços para saber se o que vemos nas situações comunicativas atua de maneira estatisticamente significativa quando transformado em variáveis independentes. Passemos aos resultados dessa segunda etapa de análise.

⁸⁴ Dados retirados da Rodada 1 (análise A) e da Rodada 2 (análise B), disponibilizadas no Apêndice B.

4.1.3.2 Traços estilísticos que compõem a situação comunicativa: enquadre interativo, conhecimento da gravação, tópico discursivo e proximidade entre os interlocutores

Na análise dos traços estilísticos que compõem a situação comunicativa, obtivemos os resultados gerais dispostos na Tabela 15, com todas as categorias explanadas.

TABELA 15 – FREQUÊNCIA ABSOLUTA E RELATIVA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL DE ACORDO COM OS TRAÇOS ENQUADRE INTERATIVO, CONHECIMENTO DA GRAVAÇÃO, TÓPICO DISCURSIVO E PROXIMIDADE ENTRE OS INTERLOCUTORES (COLABORADOR GABRIEL)

Variáveis independentes	Fatores	Uso de concordância	
		n/N	[%]
ENQUADRE INTERATIVO	Seminário	20/20	100%
	Consulta	170/189	89,9%
	Estudo	27/32	84,4%
	Conversa	368/532	69,2%
	TOTAL	585/773	75,7%
CONHECIMENTO DA GRAVAÇÃO	Com conhecimento	96/110	87,3%
	Sem conhecimento	489/663	73,8%
	TOTAL	585/773	75,7%
TÓPICO DISCURSIVO	Assuntos acadêmicos/profissionais	141/176	80,1%
	Assuntos cotidianos	444/597	74,4%
	TOTAL	585/773	75,7%
PROXIMIDADE ENTRE OS INTERLOCUTORES	Proximidade baixa	226/261	86,6%
	Proximidade intermediária	300/406	73,9%
	Proximidade alta	59/106	55,7%
	TOTAL	585/773	75,7%

Fonte: Elaboração própria.

Com relação ao enquadre interativo, vemos que o índice de marcação de plural está abaixo da média global no enquadre conversa, com 69,2%. Por outro lado, o nível de marcação de plural está acima da média global nos demais enquadres: estudo com 84,4%, consulta com 89,4% e seminário com 100%.

Quanto ao conhecimento da gravação, verificamos que o uso do morfema plural aumenta em relação à média quando o colaborador sabe que está sendo gravado, com frequência de 87,3%. De maneira oposta, o emprego do morfema plural abaixa um pouco em relação à média quando ele não tem conhecimento da gravação, com frequência de 73,8%.

No que diz respeito ao tópico discursivo, notamos que as marcas explícitas apresentam menores chances de ocorrer em assuntos cotidianos, com 74,2%. Em contrapartida, com maiores chances de inserção de marcas explícitas de plural, temos os assuntos acadêmicos/profissionais.

Por fim, no que tange à relação de proximidade entre os interlocutores, convém esclarecer que a classificação foi feita com base nos critérios de frequência de contato e tempo de convivência, apresentados no item 3.4 desta tese. Além disso, guiamos-nos pelos parâmetros de faixa etária e de laços de relacionamento, expostos na seção 4.1.3.1, para os familiares da namorada. Em termos práticos, como proximidade alta, codificamos as conversas com amigos íntimos, com amigos íntimos e familiares da namorada [+próximos] e com familiares da namorada [+próximos]. Já como proximidade intermediária, consideramos as conversas com colegas do bairro, com colegas do trabalho, com amigos íntimos e familiares da namorada [-próximos], com familiares da namorada [+próximos] e [-próximos], com familiares da namorada [-próximos] e com a prima. Para finalizar, como proximidade baixa, estão a conversa com colegas do futebol, a consulta nutricional e a apresentação de seminário a distância.

Entre esses três fatores, dois apresentam índices de concordância abaixo da média, sendo 55,7% para alta proximidade e 73,9% para proximidade intermediária. Inversamente, o fator baixa proximidade apresenta índice de concordância da ordem de 86,6%, ou seja, 10,5 pontos percentuais acima da média.

É possível perceber, na Tabela 15, que fizemos um controle detalhado das variáveis enquadre interativo e proximidade entre os interlocutores. Porém, considerando que devemos sempre reduzir a quantidade de princípios explanatórios a fim de alcançar, nos termos de Guy e Zilles (2007, p. 62), uma análise “eficiente, geral e poderosa”, fizemos algumas amalgamações nessas variáveis para a análise de pesos relativos em termos binários.

A primeira delas diz respeito ao agrupamento dos fatores do enquadre interativo em duas categorias: conversa e não conversa. Além de serem quantitativamente similares, os enquadres estudo, consulta e seminário constituem interações que praticamente não apresentam falas simultâneas, interrupções e sobreposição de vozes, além de serem formados por tópicos discursivos fixos.

A segunda consiste na redução da variável proximidade entre os interlocutores de três para dois fatores, a saber: proximidade e distanciamento. Além de exibirem o mesmo padrão percentual (índice abaixo da média global), a junção das categorias alta proximidade e proximidade intermediária reflete melhor a realidade da relação entre os interlocutores, pois envolvem pessoas com quem o colaborador Gabriel possui algum tipo de contato mais recorrente na rotina diária e/ou que convive há muito tempo. Dito de outra forma, num *continuum* de proximidade, são pessoas mais próximas que distantes.

Após essas amalgamações, submetemos nossos dados ao tratamento estatístico e obtivemos a ordem de seleção dos grupos de fatores exposta no Quadro 11. É importante pontuar aqui que, nesta seção, também apresentaremos resultados advindos de análises A e B, que consideram os fatores da posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal de forma detalhada e sintética, respectivamente. Nessas duas análises alternativas, os efeitos dos traços estilísticos são praticamente iguais.

QUADRO 11 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA A SEGUNDA ETAPA DE ANÁLISE ESTILÍSTICA DA CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL – TRAÇOS QUE COMPÕEM A SITUAÇÃO COMUNICATIVA)⁸⁵

Ordem	Variáveis independentes	Significância (Análise A)	Significância (Análise B)
1 ^a	Posição relativa e linear	0,000	0,000
2 ^a	Saliência fônica	0,000	0,000
3 ^a	Enquadre interativo	0,000	0,000
4 ^a	Marcas precedentes	0,000	0,000
5 ^a	Conhecimento da gravação	0,000	0,000
6 ^a	Tópico discursivo	0,042	0,038
7 ^a	Proximidade entre os interlocutores	0,024	0,024

Fonte: Elaboração própria.

Podemos observar que a primeira variável selecionada é a posição relativa e linear, com significância 0,000 no nível de seleção (análises A e B). Em seguida, temos a saliência fônica, com significância 0,000 (análises A e B). Enquadre interativo, marcas precedentes e conhecimento da gravação ocupam, respectivamente, o terceiro, o quarto e o quinto lugar, todos com significância 0,000 no nível de seleção (análises A e B). Posteriormente, o tópico discursivo é selecionado, com significância 0,042 (análise A) e 0,038 (análise B), e, por fim, a proximidade entre os interlocutores, com significância 0,024 (análises A e B) no nível de seleção.

A Tabela 16 contém os resultados do primeiro traço estilístico selecionado, o enquadre interativo.

⁸⁵ Dados retirados da Rodada 3 (análise A) e da Rodada 4 (análise B), disponibilizadas no Apêndice B.

TABELA 16 – EFEITO DO TRAÇO ENQUADRE INTERATIVO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL)⁸⁶

Fatores	Uso de concordância		P.R. (Análise A)	P.R. (Análise B)
	n/N	[%]		
Não conversa	217/241	90,0%	0,687	0,688
Conversa	368/532	69,2%	0,412	0,412
RANGE			275	276
SIGNIFICÂNCIA			0,024	0,024

Fonte: Elaboração própria.

Como vemos, Gabriel exibe índices de concordância distintos para os dois enquadres: 90,0% para não conversa e 69,2% para conversa. No que diz respeito aos pesos relativos, temos a não conversa favorecendo a concordância, com peso relativo de 0,687 (análise A) e de 0,688 (análise B), e a conversa desfavorecendo-a, com peso relativo de 0,412 (análises A e B). Esses resultados podem ser explicados no plano da interação.

O enquadre conversa possui uma organização interacional aberta a todos os participantes simultaneamente e um caráter [-planejado], o que diminui as expectativas em relação ao uso de normas gramaticais e permite que a ausência de concordância ocorra com mais naturalidade. Inversamente, no enquadramento de não conversa, configuram-se o piso conversacional do tipo fala um de cada vez e a orientação para metas institucionais, o que aumenta as expectativas em direção às formas legitimadas e exige um comportamento linguístico na mesma direção.

Vejamos, agora, como ficam os resultados para o conhecimento da gravação na Tabela 17. Cumpre pontuar que, entre todos os traços estilísticos, este é o que tem maior força de atuação sobre a inserção ou o cancelamento do morfema plural nos dados de Gabriel, com *range* de 321 e de 320 nas análises A e B, respectivamente.

⁸⁶ Dados retirados da Rodada 3 (análise A) e da Rodada 4 (análise B), disponibilizadas no Apêndice B.

TABELA 17 – EFEITO DO TRAÇO CONHECIMENTO DA GRAVAÇÃO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL)⁸⁷

Fatores	Uso de concordância		P.R.	P.R.
	n/N	[%]	(Análise A)	(Análise B)
Com conhecimento	96/110	87,3%	0,771	0,770
Sem conhecimento	489/663	73,8%	0,450	0,450
TOTAL	585/773	75,7%		
RANGE			321	320
SIGNIFICÂNCIA			0,024	0,024

Fonte: Elaboração própria.

Podemos perceber que há um declínio no uso de marcas explícitas de plural de 87,3% nas situações com o conhecimento da gravação para 73,8% nas interações sem o conhecimento da gravação. Em termos de peso relativo, as gravações com o conhecimento do falante favorecem marcas explícitas de plural, com peso relativo de 0,771 (análise A) e de 0,770 (análise B), ao passo que as gravações sem o conhecimento do falante inibem-nas, com peso relativo de 0,450 (análises A e B).

Esses efeitos refletem bem a influência do grau de monitoração da fala sobre a concordância nominal e corroboram as formulações labovianas a respeito da relação entre a observação sistemática e a maior atenção dispensada à fala. É sabido por todos que a ausência de concordância de número entre os elementos do sintagma nominal, pelo menos em algumas configurações linguísticas, é estigmatizada socialmente. Desse modo, é perfeitamente natural que a consciência da presença do gravador provoque uma maior preocupação em relação ao uso de marcas explícitas de plural, tal como já identificado em Scherre (1978) e em Rosa (2019).

Na Tabela 18, os resultados obtidos para o tópico discursivo demonstram que Gabriel apresenta índices de concordância bem próximos para os dois tipos de assuntos. Contudo, há uma pequena queda de 80,1% em assuntos acadêmicos/profissionais para 74,4% em assuntos cotidianos, ou seja, 5,7 pontos percentuais.

⁸⁷ Dados retirados da Rodada 3 (análise A) e da Rodada 4 (análise B), disponibilizadas no Apêndice B.

TABELA 18 – EFEITO DO TRAÇO TÓPICO DISCURSIVO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL)⁸⁸

Fatores	Uso de concordância		P.R. (Análise A)	P.R. (Análise B)
	n/N	[%]		
Assuntos acadêmicos/profissionais	141/176	80,1%	0,657	0,658
Assuntos cotidianos	444/597	74,4%	0,452	0,452
TOTAL	585/773	75,7%		
RANGE			205	206
SIGNIFICÂNCIA			0,024	0,024

Fonte: Elaboração própria.

Em relação aos pesos relativos, assuntos acadêmicos/profissionais exibem efeito favorecedor, com peso relativo de 0,657 (análise A) e de 0,658 (análise B), enquanto os assuntos cotidianos desfavorecem o uso do morfema plural, com peso relativo de 0,452 (análises A e B).

A atuação do tópico discursivo pode ter sua interpretação pautada nos diferentes papéis desempenhados pelo falante na vida social. É como se o assunto que norteia a interação fizesse sobressair os papéis institucionais de estudante e engenheiro civil, e isso exigisse se aproximar mais da norma estabelecida socialmente, ou os papéis de amigo e familiar, atuações que não pressupõem um falar mais prestigiado e menos marcado socialmente. Como vimos na análise macro das situações comunicativas, mesmo em contextos cotidianos, Gabriel tende a utilizar mais marcas explícitas de plural quando trata de questões acadêmicas e/ou profissionais, forma também preferida nas interações institucionais de consulta nutricional e apresentação de seminário a distância.

Na Tabela 19, apresentamos as frequências absolutas, as relativas e os pesos relativos do traço proximidade entre os interlocutores.

⁸⁸ Dados retirados da Rodada 3 (análise A) e da Rodada 4 (análise B), disponibilizadas no Apêndice B.

TABELA 19 – EFEITO DO TRAÇO PROXIMIDADE ENTRE OS INTERLOCUTORES NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL)⁸⁹

Fatores	Uso de concordância		P.R.	P.R.
	n/N	[%]	(Análise A)	(Análise B)
Distanciamento	226/261	86,6%	0,638	0,636
Proximidade	359/512	70,1%	0,428	0,429
TOTAL	585/773	75,7%		
RANGE			210	207
SIGNIFICÂNCIA			0,024	0,024

Fonte: Elaboração própria.

Em conformidade com as nossas expectativas iniciais, o colaborador Gabriel apresenta uma elevação discreta na taxa de concordância de 70,1% com pessoas próximas para 86,6% com pessoas não próximas. Em relação aos pesos relativos, temos as relações de proximidade apontando para o cancelamento do morfema plural, com peso relativo de 0,428 (análise A) e de 0,429 (análise B), e as relações de distanciamento provocando a inserção de marcas explícitas, com peso relativo de 0,638 (análise A) e de 0,636 (análise B).

Esses resultados demonstram que Gabriel realiza suas escolhas linguísticas influenciado pela audiência, já que a presença ou ausência de concordância é motivada pelo grau de intimidade entre o falante e o seu interlocutor. Dessa forma, é possível pensar que Gabriel tende a realizar um certo controle de seu comportamento linguístico nas relações distantes ou menos íntimas, explicitado pela postura menos descontraída na maioria dessas interlocuções, pelo fato de a não marcação de plural ser uma configuração mais marcada e menos prestigiada em centros urbanos, nos termos de Labov (1990, 2001b) e Scherre e Yacovenco (2011).

Praticamente tudo o que dissemos aqui já foi dito na análise das situações comunicativas. O formato de apresentação, contudo, explicita por meio de evidências estatísticas que todos os traços lá observados de modo interpretativo são significativos. Em síntese, no caso de Gabriel, o uso ou não de concordância entre os elementos do sintagma nominal se explica, de forma geral, pelo enquadre interativo, se [-planejado] ou [+planejado]. Existindo diferença em interações do tipo [-planejada],

⁸⁹ Dados retirados da Rodada 3 (análise A) e da Rodada 4 (análise B), disponibilizadas no Apêndice B.

os traços conhecimento da gravação, tópico discursivo e grau de proximidade entre os interlocutores são decisivos na escolha por uma ou outra forma variante.

4.2 “EXIGE-SE MAIS DA MULHER DEPENDENDO DE DE QUAL... CARGO ELA OCUPA”: O PERFIL DE LAVÍNIA

4.2.1 Resultados gerais

Nos dados de Lavínia, captamos um total de 823 itens nominais. Embora a amostra de Lavínia tenha, aproximadamente, três horas a menos de gravação do que a de Gabriel, conforme apresentado nos Quadros 2 e 3 do item 3.1.1, dispomos de mais dados dela pelo fato de as suas interações serem formadas, em sua maioria, por uma quantidade menor de interlocutores, o que a permite ter um turno de fala maior.

Na Tabela 20, podemos observar que, desse montante de 823 dados, apenas 114 ocorrências são de ausência do morfema plural, ao passo que os demais 709 casos são de presença. Percentualmente, há uma taxa de 86,1% de concordância e 13,9% de não concordância, o que pode ser atribuído a dois fatos: primeiro, o extenso tempo em contato com a norma padrão da língua no ambiente escolar, uma vez que o ensino, muitas vezes, “está dividido entre as tarefas de aquisição das formas de prestígio e as tarefas de erradicação das formas sem prestígio, com ênfase para as estigmatizadas” (VOTRE, 2013, p. 53); segundo, a formação acadêmica em Letras-Português e o Mestrado em Estudos Linguísticos, o que faz com que tenha mais sensibilidade às normas de prestígio.

TABELA 20 – FREQUÊNCIA GERAL DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA)⁹⁰

Variantes	Uso de concordância	
	n/N	[%]
Presença	709/823	86,1%
Ausência	114/823	13,9%

Fonte: Elaboração própria.

Assim como observado na amostra de Gabriel, retirando os dados de itens nominais na primeira posição, a tendência geral se mantém. Como pode ser visto na Tabela 21, o índice de marcação de plural é mais elevado do que o índice de não marcação: temos 77,5% de presença de concordância e 22,5% de ausência.

TABELA 21 – FREQUÊNCIA GERAL DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEM OS ELEMENTOS DA PRIMEIRA POSIÇÃO (COLABORADORA LAVÍNIA)

Variantes	Uso de concordância	
	n/N	[%]
Presença	382/493	77,5%
Ausência	111/493	22,5%

Fonte: Elaboração própria.

As seções subsequentes trazem as frequências absolutas, as relativas e os pesos relativos das variáveis linguísticas e estilísticas. Antes, porém, é importante informar que esses resultados foram extraídos de rodadas que não apresentaram convergência estatística. Tal como na amostra de Gabriel, constatamos a existência de não-ortogonalidade entre os grupos posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal e marcas precedentes.

Na tentativa de alcançar resultados convergentes, seguimos, novamente, as sugestões de Guy e Zilles (2007) e efetuamos testes variados reorganizando quer a variável posição relativa e linear, quer o grupo de fatores marcas precedentes, a saber: no primeiro teste, repetimos o procedimento efetuado nos dados de Gabriel para a variável posição relativa e linear, amalgamando os elementos nucleares a partir da

⁹⁰ Dados retirados da Rodada 1 (análise A), disponibilizada no Apêndice C.

primeira posição; no segundo teste, deixamos a posição relativa e linear detalhada e, na variável marcas precedentes, amalgamamos os sintagmas preposicionados sem marcas e os elementos precedidos imediatamente por zero; no terceiro teste, agrupamos os itens nucleares e, na variável marcas precedentes, também amalgamamos os numerais entre si, bem como os elementos antecidos por duas ou mais marcas e por mistura de marcas; no quarto teste, além das junções anteriores, amalgamamos os numerais e os elementos precedidos por uma marca formal. Todavia, em nenhum deles alcançamos convergência.

É importante, então, situar o leitor acerca do recorte metodológico adotado neste conjunto de dados. Com fins comparativos, tal como nos dados de Gabriel, os resultados a serem apresentados foram obtidos a partir da análise que considera a variável marcas precedentes em sua configuração inicial, sem amalgamações.

Feitas essas observações, neste momento, sinalizamos ao leitor que os números usados como resultado da análise são provenientes de rodadas sem convergência, o que não os invalida. Como observam Guy e Zilles (2007, p. 200), “embora os valores obtidos de análises sem convergência não sejam, por definição, os melhores possíveis, na maioria dos casos aproximam-se suficientemente dos hipotéticos valores melhores para dar uma boa e confiável indicação dos efeitos”.

A seguir, vamos apresentar e discutir os resultados dos grupos de fatores linguísticos e estilísticos, que envolvem todos os dados da amostra.

4.2.2 Variáveis linguísticas

4.2.2.1 Posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal

O grupo de fatores posição relativa e linear foi o primeiro selecionado como estatisticamente significativo pelo *GoldVarb X* para a análise A (Quadro 8) e o segundo para a análise B (Quadro 10). A Tabela 22 mostra a distribuição geral dos dados segundo a codificação inicial:

TABELA 22 – FREQUÊNCIA ABSOLUTA E RELATIVA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA)

Fatores	Uso de concordância	
	n/N	[%]
Antes do núcleo (<u>todos os dias</u>)	355/360	98,6%
Núcleo na 1ª posição (<u>direitos</u> trabalhistas)	27/27	100%
Núcleo na 2ª posição (<u>os queijo</u>)	267/360	74,2%
Núcleo a partir da 2ª posição (<u>os meus amigos</u>)	37/42	88,1%
Depois do núcleo (<u>aqueles negócio pendurado</u>)	50/61	82,0%
TOTAL	736/850	86,6%

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados percentuais sugerem que os elementos não nucleares antepostos ao núcleo, com frequência de plural de 98,6%, são mais marcados do que os pospostos, com frequência de plural de 82,0%. No tocante aos itens nucleares, a partir da primeira posição, observamos uma queda no uso do morfema plural: temos índice de 74,2% para os núcleos na segunda posição e de 88,1% para os situados a partir da segunda posição. Além disso, assim como nos dados de Gabriel, os casos de núcleo na primeira posição não exibiram variação. Todos os vinte e sete dados encontrados ocorreram com marcas explícitas, como pode ser visto em alguns exemplos a seguir:

(128) “mano, eu não tenho coragem de pensar em pagar cinquenta reais por mês... pra ter internet, véi... eu juro que eu sinto falta em situações específicas” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(129) “só que aí tem o problema da/ das músicas que é direitos autorais [...]” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(130) “[...] em relação a aula tipo assim as coisa que ela são **coisas** pertinente” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(131) “a gente tem também subcomunidades... que são... **comunidades** menores... com **características** identitárias próprias” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Excluídos esses casos invariáveis para a projeção dos pesos relativos, na análise A, esta restrição interna da língua ficou subdividida em quatro fatores: antes do núcleo, núcleo na segunda posição, núcleo a partir da segunda posição e depois do núcleo. Em consonância com os dados de Gabriel, para a análise B, optamos por simplificar ainda mais a variável posição relativa e linear, amalgamando os elementos nucleares a partir da primeira posição. Vamos observar, primeiramente, as nuances de seu detalhamento na Tabela 23.

TABELA 23 – EFEITO DETALHADO DA VARIÁVEL POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA)⁹¹

Fatores	Uso de concordância		P.R. (Análise A)
	n/N	[%]	
Antes do núcleo (todos os dias)	335/360	98,6%	0,836
Núcleo na 2ª posição (os queijo)	267/360	74,2%	0,154
Núcleo a partir da 2ª posição (os meus amigos)	37/42	88,1%	0,560
Depois do núcleo (aqueles negócio pendurado)	50/61	82,0%	0,567
TOTAL	709/823	86,1%	
RANGE			682
SIGNIFICÂNCIA			0,028

Fonte: Elaboração própria.

⁹¹ Dados retirados da Rodada 1 (análise A), disponibilizada no Apêndice C.

Os resultados acima evidenciam que as marcas explícitas de plural são fortemente favorecidas nos elementos não nucleares antepostos ao núcleo, que apresentam peso relativo de 0,836, e são menos favorecidas nos pospostos ao núcleo, que apresentam peso relativo de 0,567. Relativamente, esta última categoria exhibe, portanto, maiores chances de cancelamento do morfema plural se comparada com a primeira.

Por seu turno, os núcleos que ocupam a segunda posição no interior do sintagma nominal desfavorecem fortemente a marcação de plural, com peso relativo de 0,154. Já os núcleos posicionados a partir da segunda posição, com peso relativo de 0,560, favorecem relativamente a concordância. Esse comportamento dos elementos nucleares a partir da segunda posição também é semelhante ao observado por Scherre (1988) no sentido de tendência: eles são mais marcados do que os da segunda posição.

Sabendo que há alguns tipos de estrutura que favorecem mais a concordância do que outros (cf. SCHERRE, 1988), fizemos um levantamento dos elementos nucleares localizados a partir da segunda posição e dos não nucleares pospostos ao núcleo a fim de observar suas configurações sintagmáticas. Com relação aos núcleos, verificamos que, dos quarenta e dois casos, dois são de estrutura constituída de [quantificador + artigo + substantivo + adjetivo]. Embora seja menos coesiva, nos termos de Scherre (1988), essa configuração ocorreu sem quaisquer segmentos intervenientes entre os seus constituintes:

(132) “pô, esse desconto tipo maravilhoso sério... será que eles tão querendo... se livrar de todos os livros possíveis porque tava muito barato, Fernando, deve ter vendido muito” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(133) “[...] eu... fugiria de todas as formas possíveis, véi... porque... sério... ela pra mim.. não dá mesmo... tipo não dá... não tem condições nenhuma [...]” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Os outros quarenta dados por nós analisados pertencem a construções que apresentam um substantivo ou uma categoria substantivada como seu último constituinte, ou seja, são estruturas do tipo mais coeso, conforme Scherre (1988). Esse tipo de sintagma pode ser visto nos dados relatados a seguir:

(134) “quando eu comecei a receber eu pensava que ia dar alguma coisa pro meus pais mas a U/ tipo o dinheiro dá:: pra eu meio que... digamos fazer tudo que eu tenho que fazer além de pagar contas [...]” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(135) “[...] véi, a minha irmã... você coloca um celular na mão dela ela quebra... em um ano eu acho que ela teve uns quatro celulares” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(136) “[...] tipo o rosto... de todos os bonequinhos dela são iguais... muito parecido... aí eu acho que confunde até:: uma tatuagem com a outra [...]” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(137) “[...] tipo eu não vou mudar de linha... mas... eu/ talvez... eu quero ler mais... sobre as outras ondas e pensar em fazer alguma coisa diferente [...]” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(138) “foi muito errado foi muito errado... foi tipo em... foi uma das primeiras vezes que eu fui... acho que foi em dois mil e catorze... eu tinha entrado na Ufes [...]” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

É relevante acrescentar que, além de serem mais coesivos, a maioria dos casos listados de (134) a (138) são de estruturas que favorecem mais marcas. Nos termos de Scherre (1988, p. 309), o artigo definido, “com ou sem quantificador, nas primeiras posições do SN e a presença do substantivo ou categoria substantivada, na sua última posição, são duas forças poderosas no sentido de provocarem a presença de todas as marcas de plural em todos os elementos flexionáveis do SN”. Sendo assim, somos levados a acreditar que a coesão e a configuração sintagmática desempenham um

papel importante no aumento da marcação de plural nos constituintes nucleares a partir da segunda posição.

No que diz respeito aos elementos não nucleares pospostos ao núcleo, entre as sessenta e uma ocorrências levantadas, encontramos vinte em sintagmas de dois elementos do tipo [substantivo + adjetivo], o que perfaz 32,8% dos casos de elementos não nucleares pospostos ao núcleo. Considerando que os adjetivos se apresentam mais marcados nessa posição (cf. SCHERRE, 1988), acreditamos que essa configuração pode estar condicionando a presença de marcas nos itens pospostos ao núcleo, em circunstâncias analíticas com mais categorias. Vejamos alguns exemplos:

(139) “eu via que as perguntas... eram coisas básicas que tipo eu aprendi na Iniciação Científica [...]” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(140) “e tipo... ter:... digamos que direitos trabalhistas... não sei, algo do tipo, sabe?” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(141) “essa categorização... ela tinha um objetivo... então fazer uma escala de situações possíveis na vida de um indivíduo [...]” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Diante dessas informações, consideramos que, no futuro, é importante olharmos para a configuração sintagmática para compreendermos melhor o funcionamento da concordância de número entre os elementos nominais.

A seguir, na Tabela 24, constam os resultados sintéticos da variável posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal após sua redefinição de quatro para três fatores, a análise B. Com *range* de 659, sua força de atuação é a segunda mais forte sobre o fenômeno da concordância nominal. Todavia, é válido ponderar que esse tipo de análise que amalgama os elementos nucleares perde informações linguísticas importantes.

TABELA 24 – EFEITO SINTÉTICO DA VARIÁVEL POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA)⁹²

Fatores	Uso de concordância		P.R. (Análise B)
	n/N	[%]	
Antes do núcleo (<u>todos os dias</u>)	335/360	98,6%	0,846
Núcleo a partir da 1ª posição (<u>os queijo</u> / <u>os meus amigos</u>)	304/402	75,6%	0,187
Depois do núcleo (<u>aqueles negócio pendurado</u>)	50/61	82,0%	0,409
TOTAL	709/823	86,1%	
RANGE			659
SIGNIFICÂNCIA			0,035

Fonte: Elaboração própria.

Como vemos, os resultados de pesos relativos seguem a mesma linha dos números percentuais. Os elementos não nucleares antepostos ao núcleo favorecem marcas explícitas de plural, com peso relativo de 0,846, ao passo que os pospostos as desfavorecem, com peso relativo de 0,409. No tocante aos itens nucleares situados a partir da primeira posição, observamos um efeito em direção à inibição do morfema plural, com peso relativo de 0,187.

O funcionamento dos fatores nas análises A e B, associado à marcação categórica dos núcleos na primeira posição, indica que a probabilidade de uso de marcas explícitas de plural é maior nos constituintes que se encontram mais à esquerda no sintagma e menor nos que se situam mais à direita, embora se possa observar um aumento na marcação dos núcleos situados a partir da segunda posição, tal como previsto nas hipóteses e conclusões sobre o tema (cf. FERNANDES, 1996; LOPES, L. de O. J., 2014, 2020; LOPES, N. da S., 2001; MARTINS, 2013; OUSHIRO, 2015; SCARDUA, 2018; SCHERRE, 1988).

⁹² Dados retirados da Rodada 2 (análise B), disponibilizada no Apêndice C.

4.2.2.2 Marcas precedentes

Marcas precedentes, a segunda restrição selecionada para a análise A (Quadro 8) e a primeira para a análise B (Quadro 10), é a que mostrou força de atuação mais forte sobre a concordância nominal, com *range* de 926 e de 908, respectivamente. Vejamos a Tabela 25:

TABELA 25 – EFEITO DA VARIÁVEL MARCAS PRECEDENTES NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA)⁹³

Fatores	Uso de concordância		P.R. (Análise A)	P.R. (Análise B)
	n/N	[%]		
Sprep sem marcas (<u>UM MONTE DE moeda</u>)	1/17	5,9%	0,012	0,011
Numeral não terminado em -s (<u>CINCO horas</u>)	37/38	97,4%	0,938	0,919
Numeral terminado em -s (<u>TRÊS semana</u>)	26/36	72,2%	0,535	0,464
Uma marca formal (<u>OS remédio</u>)	247/316	78,2%	0,539	0,473
Duas ou mais marcas formais (<u>AS COISAS básicas</u>)	40/42	95,2%	0,527	0,823
Mistura de marcas (<u>UNS DEZ amendoim</u>)	26/30	86,7%	0,241	0,532
Zero imediatamente precedente (<u>AQUELES NEGÓCIO pendurado</u>)	4/13	30,8%	0,018	0,030
TOTAL	381/492	77,4%		
RANGE			926	908
SIGNIFICÂNCIA			0,028	0,035

Fonte: Elaboração própria.

⁹³ Dados retirados da Rodada 1 (análise A) e da Rodada 2 (análise B), disponibilizadas no Apêndice C.

É possível notar, nas duas alternativas de análise, que não existe distinção entre a presença de uma marca formal e um numeral terminado em *-s*, uma vez que ambos apresentam praticamente o mesmo peso relativo: na devida ordem, 0,539 e 0,535 (análise A); 0,473 e 0,464 (análise B). Contudo, percebemos uma diferença considerável entre esses fatores e o numeral não terminado em *-s*, uma vez que este favorece fortemente a inserção de marcas subsequentes, com peso relativo de 0,938 (análise A) e de 0,919 (análise B).

O que mais nos impressiona nesses resultados, por um lado, é o fato de o efeito de uma marca formal ser praticamente igual a de um numeral terminado em *-s*, o que se aproximaria da ideia de Labov (1994) de que o paralelismo seria um efeito mecânico, já que não há diferença entre um *-s* com ou sem informação semântica de pluralidade. Por outro lado, chama a nossa atenção o comportamento altamente favorável à concordância do numeral não terminado em *-s*, tendência, também observada na fala de Gabriel, que se afasta da influência estritamente mecânica do paralelismo, uma vez que esse tipo de numeral favorece mais a concordância do que qualquer outra marca formal. À vista disso, em estudos futuros, teremos de fazer uma análise mais minuciosa para descobrir se há algum mecanismo cognitivo ou lexical por trás do comportamento desses numerais.

No que diz respeito às estruturas com mais de uma marca morfológica de plural, na análise A, os resultados dispostos na Tabela 25 indicam um efeito próximo de 0,50. Dessa forma, diferentemente das nossas expectativas, os elementos dessa configuração apresentam chances intermediárias de marcação, com peso relativo de 0,527. Ademais, a presença de marcas de naturezas distintas se mostra favorável à ausência de concordância, com peso relativo de 0,241.

Por sua vez, na análise B, a estrutura constituída de duas ou mais marcas formais é a segunda que mais favorece a marcação de plural, com peso relativo de 0,823, enquanto a formada por mistura de marcas não se mostra um ambiente nitidamente nem favorável nem inibidor à presença de concordância, com peso relativo de 0,532.

Nos dados de Lavínia, se o elemento é precedido imediatamente por zero, o peso relativo decai para 0,018 (análise A) e para 0,030 (análise B). Similarmente a isso, itens precedidos por um núcleo mais alto com zero formal tendem a inibir fortemente o morfema plural, com peso relativo de 0,012 (análise) e de 0,011 (análise B).

É importante sinalizar aqui a divergência entre a hierarquia dos níveis percentual e probabilístico na análise A. Podemos observar, na Tabela 26, que, no primeiro nível de análise, sem qualquer outra interferência, os pesos relativos de todos os fatores seguem a mesma linha das percentagens. Já no segundo nível, com a interferência da posição relativa e linear, a configuração de duas ou mais marcas formais apresenta a segunda frequência mais alta (95,2%) em relação à média global (77,4%) e um peso relativo que aponta levemente para o favorecimento da concordância (0,608).

TABELA 26 – INTERFERÊNCIA ENTRE POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR E MARCAS PRECEDENTES NA ANÁLISE A (COLABORADORA LAVÍNIA)⁹⁴

Fatores	[%]	Nível 1	Nível 2
		P.R.	P.R.
Sprep sem marcas	5,9%	0,015	0,016
Numeral não terminado em -s	97,4%	0,899	0,930
Numeral terminado em -s	72,2%	0,386	0,484
Uma marca formal	78,2%	0,464	0,519
Duas ou mais marcas formais	95,2%	0,828	0,608
Mistura de marcas	86,7%	0,611	0,338
Zero imediatamente precedente	30,8%	0,097	0,026
TOTAL	77,4%		

Fonte: Elaboração própria.

Estruturas com misturas de marcas, por sua vez, também apresentam índices mais elevados (86,7%) que a média global e efeito inibidor de marcas explícitas de plural (0,338). Nesse sentido, na alternativa de análise A, a distorção desses efeitos pode ser atribuída à sobreposição deste grupo de fatores com a posição relativa e linear.

Também é importante frisar que, quando amalgamamos os itens nucleares a partir da primeira posição na análise B, embora ainda haja sobreposição entre variáveis e ausência de convergência, os pesos relativos de marcas precedentes apresentam uma hierarquia razoável dentro das expectativas para esse grupo de fatores porque o agrupamento dos núcleos em uma única categoria retira bastante do peso que seria

⁹⁴ Dados retirados da Rodada 1 (análise A), disponibilizada no Apêndice C.

atribuído à variável posição relativa e linear e esse peso aparece nos fatores de marcas precedentes.

A conclusão a que se chega, portanto, é que a probabilidade de marcação de plural, em ambas as alternativas de análise, é maior nos constituintes antecedidos de marcas e é altamente desfavorável quando há um zero imediatamente precedente, seja no sintagma preposicionado ou dentro do próprio sintagma nominal, o que reflete o princípio do processamento com paralelismo, que prevê o agrupamento de formas por semelhanças (cf. SCHERRE, 1988, 2001).

4.2.2.3 Saliência fônica na relação singular/plural dos itens nominais

A saliência fônica foi a última variável selecionada pelo programa computacional *GoldVarb X* nas duas alternativas de análise (Quadros 8 e 10). Seguindo a mesma tendência observada no colaborador Gabriel, também é o grupo que exerce a influência mais fraca, porém de efeito regular, sobre a marcação de plural no interior do sintagma nominal, com *range* de 169 para a análise A e de 165 para a análise B. Vale assinalar aqui que não nos surpreende que a variável em discussão apresente pouca força de restrição, pois, como já delineado por Scherre e Naro (2006) ao analisar dados da comunidade do Rio de Janeiro da década de 1980 e dos anos 2000, a saliência fônica na relação singular/plural dos itens nominais tem efeito mais polarizado em falantes menos escolarizados.

Assim como na amostra do colaborador Gabriel, codificamos os dados de Lavínia, primeiramente, em função dos oito níveis de saliência propostos por Scherre (1988): constituintes regulares paroxítonos (as coisa), constituintes regulares proparoxítonos (os crédito), constituintes regulares oxítonos (meus pais), constituintes terminados em -l (coisas naturais), constituintes terminados em -R (os dólares), constituintes terminados em -ão (dos irmão), constituintes terminados em -S (oito juizes) e constituintes duplos (nossos olhos). No entanto, a distribuição dos itens léxicos nessas oito categorias não foi equilibrada em virtude da pequena quantidade de dados. Em razão disso, fomos levados, novamente, a organizar esta variável de forma

binária, dividindo os itens em [+saliente] e [-saliente] à luz de Naro (1981), a partir da diferenciação material fônica e da tonicidade.

Na Tabela 27, temos a influência desses fatores sobre o fenômeno da concordância nominal de número. Vale lembrar aqui que consideramos os itens com dupla possibilidade de marcação de plural, os terminados em -l, os terminados em -ão, os terminados em -R, os terminados em -S, os regulares oxítonos e os monossílabos de uso tônico como [+salientes]. Em contrapartida, consideramos os itens regulares proparoxítonos, os regulares paroxítonos e os monossílabos de uso átono como [-salientes].

TABELA 27 – EFEITO DA VARIÁVEL SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA)⁹⁵

Fatores	Uso de concordância		P.R. (Análise A)	P.R. (Análise B)
	n/N	[%]		
[+saliente] (oito juízes/os meus pais)	131/149	87,9%	0,638	0,635
[-saliente] (os segurança)	578/674	85,8%	0,469	0,470
TOTAL	709/823	86,1%		
RANGE			169	165
SIGNIFICÂNCIA			0,028	0,035

Fonte: Elaboração própria.

Em relação à configuração percentual, os números apresentam uma diferença ínfima entre os itens lexicais agrupados como mais salientes e menos salientes, com frequências de 87,9% e 85,8%, respectivamente. Considerando o índice geral de concordância (86,1%), notamos um singelo aumento de 1,8 pontos para os elementos mais salientes e uma queda de apenas 0,3 pontos para os menos salientes.

Na análise de pesos relativos, que são frequências corrigidas, a distinção entre os dois níveis de saliência se torna evidente: nomes de maior diferenciação fônica na

⁹⁵ Dados retirados da Rodada 1 (análise A) e da Rodada 2 (análise B), disponibilizadas no Apêndice C.

oposição singular/plural favorecem a presença de marca de plural, com peso relativo de 0,638 (análise A) e de 0,635 (análise B). Inversamente, nomes de menor diferenciação fônica na oposição singular/plural, com peso relativo de 0,469 (análise A) e de 0,470 (análise B), desfavorecem-na.

Assim sendo, esse comportamento confirma as previsões do Princípio da Saliência de que “as formas mais salientes, e por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes” (SCHERRE, 1988, p. 64).

4.2.3 Variáveis estilísticas

4.2.3.1 Situação comunicativa

O processo de concordância nominal, com *range* de 551 (análise A) e de 535 (análise B), mostrou-se, novamente, sensível às situações comunicativas, sendo a terceira variável selecionada pelo *GoldVarb X* para análise A (Quadro 8) e a segunda para a análise B (Quadro 10).

Conforme exposto na seção 3.1.3.2, Lavínia foi gravada em três tipos de eventos comunicativos, a saber: conversa com amigo íntimo, conversa com colegas da universidade e apresentação de seminário. No entanto, considerando que algumas interações com os colegas da universidade contam com a participação do seu amigo íntimo e outras não, optamos por fazer uma subdivisão nessa situação a fim de observarmos as semelhanças e/ou diferenças entre elas.

Os resultados da Tabela 28 atestam a hipótese formulada para esse grupo de fatores, visto que há uma elevação na marcação de plural da conversa cotidiana para a fala institucional: o percentual de uso do morfema plural é de 84,3% nas interações com o amigo íntimo, de 82,8% nas interações com o amigo íntimo e as colegas da universidade, de 84,4% nas interações apenas com a colega da universidade e de 98,3% na apresentação de seminário.

TABELA 28 – EFEITO DA VARIÁVEL SITUAÇÃO COMUNICATIVA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA)⁹⁶

Fatores	Uso de concordância		P.R. (Análise A)	P.R. (Análise B)
	n/N	[%]		
Contextos cotidianos				
Amigo íntimo	456/541	84,3%	0,382	0,388
Amigo íntimo e colegas da universidade	72/87	82,8%	0,437	0,444
Colega da universidade	65/77	84,4%	0,407	0,417
Contexto institucional				
Apresentação de seminário	116/118	98,3%	0,933	0,923
TOTAL	709/823	86,1%		
RANGE			551	535
SIGNIFICÂNCIA			0,028	0,035

Fonte: Elaboração própria.

Em termos de efeitos, a apresentação de seminário favorece fortemente a marcação de plural, com peso relativo de 0,933 (análise A) e de 0,923 (análise B). Por outro lado, as conversas entre Lavínia e o amigo íntimo, com peso relativo de 0,382 (análise A) e de 0,388 (análise B), inibem marcas explícitas. De maneira análoga, as interações com os colegas da universidade, independentemente da participação ou não do amigo íntimo, desfavorecem a concordância: quando ele está presente, o peso relativo é de 0,437 (análise A) e de 0,444 (análise B); quando ele está ausente, o peso é de 0,407 (análise A) e de 0,417 (análise B).

Ao voltarmos olhos atentos às interações oriundas desses contextos, podemos identificar dois tipos de trocas verbais: a cotidiana e a institucional. Como já enfatizado anteriormente, a primeira diz respeito à “forma básica de sistema de troca de fala”, ao passo que a segunda representa “uma gama de transformações do sistema de tomada de turnos da conversa” (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 2003 [1974], p. 55). Desse modo, na conversação cotidiana de Lavínia, caracterizada pela simetria de papéis sociais entre os interlocutores, devido à natureza colaborativa de sua

⁹⁶ Dados retirados da Rodada 1 (análise A) e da Rodada 2 (análise B), disponibilizadas no Apêndice C.

produção, não há rigidez quanto à ordenação e ao tamanho dos turnos de fala, nem tópicos conversacionais fixos. Em contrapartida, na apresentação de seminário, que figura certa assimetria entre os participantes da interação devido à autoridade legitimada socialmente ao professor, a sistematização interacional é mais rígida e envolve temáticas preestabelecidas. Vejamos os excertos exibidos a seguir:

Excerto 22: apresentação de seminário

001	Lavínia	essa categorização... ela tinha um objetivo... então fazer
002		uma escala de situações possíveis na vida de um indivíduo...
003		que exigem uso de formas padrões da língua... então pra isso
004		eles juntaram... oito juízes que foram pessoas que estudaram
005		Sociolinguística... pra classificar um corpus com cento e
006		vingte falantes da cidade de Montreal com base na importância
007		da língua padrão... na vida socioeconômica de cada
008		indivíduo...

Excerto 23: conversa com amigo íntimo

001	Lavínia	tipo, tem pouquíssimo/ [não tem nem uma semana, véi... ela
002		ficou com]/ ela tá com muito fogo de sair... aí nesse dia
003		da chuva [...] "amiga, vamo sair: e tal", tipo... véi, eu
004		nem/ eu mal saio tipo assim pra balada, ainda mais com
005		ela... aí eu falei: "pô, eu tô em casa, tá mó alagado
006		aqui"... aí ela: "ah, eu tô:: eu tô querendo ir só que a
007		minha crush desmarcou"... aí eu falei: "Maria, você terminou
008		com o [(ininteligível)]?" [...]mano, eu não gosto de sair
009		com amigo... que acabou de terminar achando que sair vai
010		melhorar a bad... porque não vai, véi... aí no final do
011		rock a pessoa tá lá... triste, tá chorando, tá na bad... ou
012		não tá, mas no fundo cê sabe que a pessoa tá mal, entendeu?

Há uma oposição nítida entre o estilo de fala usado no contexto institucional e o adotado no cotidiano. Sem dúvida, percebemos que o comportamento de Lavínia é moldado em função do papel social que ela desempenha na interação. Na ocasião de apresentação de seminário, no que diz respeito à postura e às escolhas linguísticas, a capixaba exhibe toda a monitoração e a acomodação exigidas pelo evento comunicativo, que, além de ser, intrinsecamente, de natureza mais planejada e entre pessoas menos próximas, tem o desempenho da falante como objeto de avaliação. Dentro desse quadro, fica evidente que estamos diante de uma situação em que a

marcação explícita de plural é conectada ao significado social a ela comumente atribuído na comunidade (mais prestígio).

É interessante salientar que, na apresentação de seminário, praticamente não ocorre termos sem marcas explícitas de plural. Entre os 118 casos, apenas dois são desse tipo, como exposto nos trechos reproduzidos a seguir. Raciocinando com base na proposta de estudo da variação estilística como prática social, é como se Lavínia tentasse projetar uma imagem coerente de si (COUPLAND, 2007; ECKERT, 2005, 2016), isto é, ela associa a produção verbal ao que é esperado socialmente de uma mestranda em Estudos Linguísticos naquela circunstância.

(142) “[...] eles fizeram essa classificação... que constituiu o mercado linguístico... e:: houve então uma concordância entre os juiz [...]” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(143) “[...] no caso eu vou pra considerações finais agora” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Olhando, agora, as interações que Lavínia e seus interlocutores assumem o papel de amigos e/ou colegas, temos uma configuração que pressupõe ausência de planejamento e um certo grau de proximidade. Conversando bastante à vontade no bar, no carro ou nos espaços da universidade, a colaboradora transita para um eixo de total casualidade, valendo-se de um estilo menos monitorado, sem muita preocupação quanto às formas linguísticas não legitimadas pela tradição gramatical normativa. Nesse caso, além da ausência de pluralidade que se realiza com mais recorrência nos mais diversificados ambientes linguísticos, ocorre de forma bastante frequente, conforme vimos no Excerto 23, o emprego de expressões de caráter informal, como, por exemplo, “véi”, “pô” e “mó”, o que sinaliza que a falante está produzindo sua fala no momento da interação. Convém pontuar que é também nas interações entre iguais que Lavínia emprega itens léxicos informais (cf. SCHERRE, 1988) no seu modo de falar. Observemos alguns exemplos:

(144) “ela sai com uns cara, os cara paga as coisa pra ela, véi... por isso que ela sai tan:to, véi, porque ela não gasta dinheiro [...]” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(145) “e ela é meio que promover, ela fica postando as paradinha, entra de graça nas festas” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(146) “e os segurança lá são tenso porque... inclusive quando eu fui expulsa de lá... eu fui muito mal tratada, não é por nada não, tudo bem que eu tinha que ser expulsa, mas pô precisava de TRÊS brutamonte me pegando?” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

(147) “não sei, véi, é um cara já VEIho já o cara... ele tipo... vem com um/... aqueles negócio pendurado... um monte de bungiganga [...]” (Gravações espontâneas de fala, mulher, 25 anos, >11 anos de escolarização).

Desse modo, a influência da situação comunicativa coloca em lugar de destaque a multidimensionalidade da variação estilística ao corroborar, mais uma vez, a atuação dos modelos da atenção à fala (LABOV, 2008 [1972], 2001), da audiência *design* (BELL, 1984, 2001) e do falante *design* (COUPLAND, 2007, 2014; ECKERT, 2000, 2001, 2005, 2016; HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2016; PODESVA, 2007a, 2007b, 2011; SCHILLING-ESTES, 2002). Em síntese, o que parece estar em jogo nas escolhas linguísticas de Lavínia é o monitoramento da fala via o que acontece no *aqui e agora* da situação comunicativa, os participantes da audiência e os papéis exercidos nas interações cotidianas e institucionais: a colaboradora tende a evitar mais a variante desprestigiada socialmente em configurações de maior planejamento e de menor proximidade entre os interlocutores, que acionam um papel de cunho institucional, do que em situações não planejadas e íntimas, que não a posiciona de forma específica no campo institucional (mestranda/professora).

Movidos por essas ideias, na segunda etapa de análise, fizemos a codificação dos traços estilísticos, tal como nos dados de Gabriel. É importante dizer que, nesta amostra, não foi possível considerar o grupo de fatores conhecimento da gravação, uma vez que, como exposto no capítulo dos procedimentos metodológicos deste trabalho, não dispomos de gravações que a colaboradora Lavínia tem conhecimento

do momento exato em que estava sendo observada. Sendo assim, os traços estilísticos que compõem a situação comunicativa ficaram divididos em três variáveis: enquadre interativo, proximidade entre os interlocutores e tópico discursivo. Vejamos seus resultados nas próximas linhas.

4.2.3.2 *Traços estilísticos que compõem a situação comunicativa: enquadre interativo, proximidade entre os interlocutores e tópico discursivo*

Na Tabela 29, podem ser conferidos os resultados percentuais obtidos para os traços estilísticos que compõem a situação comunicativa. De modo geral, os números apontam para uma tendência já observada nos dados de Gabriel. Observemos:

TABELA 29 – FREQUÊNCIA ABSOLUTA E RELATIVA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL DE ACORDO COM OS TRAÇOS ENQUADRE INTERATIVO, PROXIMIDADE ENTRE OS INTERLOCUTORES E TÓPICO DISCURSIVO (COLABORADORA LAVÍNIA)

Variáveis independentes	Fatores	Uso de concordância	
		n/N	[%]
ENQUADRE INTERATIVO	Seminário	116/118	98,3%
	Conversa	593/705	84,1%
	TOTAL	709/823	86,1%
PROXIMIDADE ENTRE OS INTERLOCUTORES	Proximidade baixa	116/118	98,3%
	Proximidade intermediária	137/164	83,5%
	Proximidade alta	456/541	84,3%
	TOTAL	709/823	86,1%
TÓPICO DISCURSIVO	Assuntos acadêmicos/profissionais	331/361	91,7%
	Assuntos cotidianos	378/462	81,8%
	TOTAL	709/823	86,1%

Fonte: Elaboração própria.

O enquadre interativo apresenta um aumento no índice de concordância quando a situação passa de conversa para a de não conversa: temos 84,1% de uso de marcas explícitas no fator conversa e 98,3% no fator seminário. Cabe comentar aqui que não temos uma grande diversidade de situações comunicativas da colaboradora Lavínia, por isso constam apenas dois fatores nessa variável.

No que tange à proximidade entre os interlocutores, categorizamos as relações com base nos critérios de frequência de contato e tempo de convivência, conforme visto no item 3.4. Como proximidade alta, estão as conversas com o amigo íntimo. Por sua vez, como proximidade intermediária, estão as conversas com os colegas da universidade, com participação ou não do amigo íntimo. Para finalizar, como proximidade baixa, está a apresentação de seminário.

Como vemos, os dados revelam uma oposição binária, e não ternária, no que diz respeito à relação de proximidade entre os interlocutores, já que os índices dos fatores proximidade alta e proximidade intermediária permanecem praticamente inalterados, com os valores de 84,3% e 83,5%, respectivamente. É, portanto, o fator proximidade baixa que apresenta uma diferença significativa entre os demais, exibindo 98,3% de concordância, um aumento de 12 pontos em relação à média global.

Por fim, pelos resultados apresentados, podemos ver uma leve diferença entre os tópicos discursivos: os de natureza cotidiana exibem um índice de marcas da ordem de 81,8%, enquanto os de natureza acadêmica/profissional apresentam 91,7%.

Embasados nos pressupostos de Guy e Zilles (2007), para a análise de pesos relativos, decidimos estabelecer uma classificação binária para a variável proximidade entre os interlocutores. Pelos critérios de frequência de contato e tempo de convívio supracitados, amalgamamos os fatores proximidade alta e proximidade intermediária, ou seja, os dados foram divididos em relações de proximidade *versus* relações de distanciamento.

Em nossas rodadas das análises alternativas A e B, a ordem de seleção das variáveis é a exposta no Quadro 12.

QUADRO 12 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA A SEGUNDA ETAPA DE ANÁLISE ESTILÍSTICA DA CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA – TRAÇOS INICIAIS QUE COMPÕEM A SITUAÇÃO COMUNICATIVA)

Análise A		
Ordem	Variáveis independentes	Significância
1 ^a	Posição relativa e linear	0,000
2 ^a	Marcas precedentes	0,000
3 ^a	Proximidade entre os interlocutores	0,000
4 ^a	Saliência fônica	0,032
5 ^a	Tópico discursivo	0,048
*	Enquadre interativo	0,950
Análise B		
Ordem	Variáveis independentes	Significância
1 ^a	Marcas precedentes	0,000
2 ^a	Enquadre interativo	0,000
3 ^a	Posição relativa e linear	0,000
4 ^a	Saliência fônica	0,039
5 ^a	Tópico discursivo	0,048
*	Proximidade entre os interlocutores	0,988

Fonte: Elaboração própria.

Na análise A, do total de seis grupos de fatores, posição relativa e linear é o primeiro grupo selecionado, com significância 0,000; marcas precedentes é o segundo grupo selecionado, com significância 0,000; proximidade entre os interlocutores é o terceiro grupo selecionado, também com significância 0,000; saliência fônica é o quarto grupo selecionado, com significância 0,032; e tópico discursivo é o quinto grupo selecionado, ou seja, o último, com significância 0,048, quase no limite do nível de seleção. O grupo enquadre interativo não foi selecionado como estatisticamente relevante.

Na análise B, marcas precedentes é a primeira variável selecionada, com significância 0,000; enquadre interativo é a segunda variável selecionada, com significância 0,000; posição relativa e linear é a terceira variável selecionada, também com significância 0,000; saliência fônica é a quarta variável selecionada, com significância 0,039; e, por fim, tópico discursivo é a quinta variável selecionada, com significância 0,048. A

variável proximidade entre os interlocutores não foi selecionada como estatisticamente significativa.

Passeando pelos diversos níveis de análise das rodadas estatísticas, não apresentados em detalhes aqui, notamos que, na análise A, com a interferência da proximidade entre os interlocutores no nível 4, a variável enquadre interativo sai da possibilidade de seleção, com significância 0,926. Já na análise B, no nível 3, quando o enquadre entra em campo, observamos que a proximidade entre os interlocutores fica sem significância para seleção, com o valor de 0,457.

Ao esquadrinharmos essas rodadas estatísticas, também verificamos que a variável enquadre interativo foi selecionada no nível *step-up* e eliminada no nível *step-down* e que a variável proximidade entre os interlocutores não foi selecionada no nível *step-up* nem eliminada no nível *step-down*. É do nosso conhecimento que,

Normalmente, o *step-up* e o *step-down* vão escolher os mesmos grupos de fatores significativos. Isto é, a lista os grupos incluídos (selecionados) no *step-up* será equivalente à lista de grupos não excluídos no *step-down*. Assim sendo, no final, a melhor rodada de cada procedimento será igual: a melhor análise do *step-up* incluirá exatamente os grupos que não foram excluídos pelo *step-down* (GUY; ZILLES, 2007, p. 166).

Contudo, sabemos que,

pode acontecer, raramente, que os dois lados da rotina não dêem os mesmos resultados, em que um grupo (ou até mais de um) é selecionado pelo *step up* e excluído pelo *step-down*, ou não é selecionado pelo *step-up* e não é excluído pelo *step-down*. Essa situação só ocorre quando se trata de uma análise complexa (com muitos grupos de fatores), e quando os grupos não são completamente ortogonais, em termos de distribuição de dados (GUY; ZILLES, 2007, p. 166).

Nesse sentido, decidimos fazer uma tabulação cruzada entre as variáveis enquadre interativo e proximidade entre os interlocutores na tentativa de compreender as incongruências entre elas. Na ocasião, obtivemos a distribuição não-ortogonal dos dados disposta na Tabela 30. Gostaríamos de já adiantar que isso se deve ao fato de termos pouca diversidade de situações comunicativas da colaboradora Lavínia.

TABELA 30 – TABULAÇÃO CRUZADA DE DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS DAS VARIÁVEIS ENQUADRE INTERATIVO E PROXIMIDADE ENTRE OS INTERLOCUTORES (COLABORADORA LAVÍNIA)

Fatores		Uso de concordância	
		n/N	[%]
Conversa	Proximidade	594/705	84%
	Distanciamento	-	-
Seminário	Proximidade	-	-
	Distanciamento	117/118	98%

Fonte: Elaboração própria.

A configuração acima revela uma identidade completa entre as duas variáveis: todos os dados do fator proximidade pertencem ao enquadre conversa e todas as ocorrências do fator distanciamento são do enquadre apresentação de seminário. A esse respeito, Guy e Zilles (2007, p. 53) destacam que “quaisquer que sejam as origens do problema, nenhum procedimento analítico pode parcializar os efeitos separados para os dois grupos de fatores que apresentem esse tipo de distribuição dos dados”. Diante disso, concluímos que o mais adequado seria excluir uma das variáveis da rodada de pesos relativos. Passamos a ter em mãos, então, a variável que denominamos de enquadre/proximidade interacional, subdividida da seguinte forma: não conversa entre [-próximos] e conversa entre [+próximos].

No Quadro 13, apresentamos a ordenação dos grupos de fatores selecionados pelo *GoldVarb X*.

QUADRO 13 – ORDEM DE SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES PARA A SEGUNDA ETAPA DE ANÁLISE ESTILÍSTICA DA CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA – TRAÇOS FINAIS QUE COMPÕEM A SITUAÇÃO COMUNICATIVA)⁹⁷

Análise A		
Ordem	Variáveis independentes	Significância
1 ^a	Posição relativa e linear	0,000
2 ^a	Marcas precedentes	0,000
3 ^a	Enquadre/proximidade interacional	0,000
4 ^a	Saliência fônica	0,032
5 ^a	Tópico discursivo	0,048
Análise B		
Ordem	Variáveis independentes	Significância
1 ^a	Marcas precedentes	0,000
2 ^a	Enquadre/proximidade interacional	0,000
3 ^a	Posição relativa e linear	0,000
4 ^a	Saliência fônica	0,039
5 ^a	Tópico discursivo	0,048

Fonte: Elaboração própria.

Como pode ser visto, os dois traços estilísticos foram selecionados como estatisticamente significativos, sendo o enquadre/proximidade interacional considerado o mais importante do ponto de vista estatístico. A sua seleção se deu em terceiro lugar na análise A e em segundo lugar na análise B, com significância 0,000, em alternativas de análise que tiveram cinco variáveis selecionadas. Todavia, a variável tópico discursivo é selecionada em último lugar num total de cinco selecionadas. Convém comentar que, nesta análise dos traços estilísticos, os efeitos também permanecem praticamente iguais para as análises alternativas A e B, apresentando diferenças apenas em termos de magnitude.

Na Tabela 31, são apresentados os resultados da primeira variável selecionada, o enquadre/proximidade interacional.

⁹⁷ Dados retirados da Rodada 3 (análise A) e da Rodada 4 (análise B), disponibilizadas no Apêndice C.

TABELA 31 – EFEITO DA VARIÁVEL ENQUADRE/PROXIMIDADE INTERACIONAL NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA)⁹⁸

Fatores	Uso de concordância		P.R. (Análise A)	P.R. (Análise B)
	n/N	[%]		
Não conversa entre [-próximos]	116/118	98,3%	0,908	0,895
Conversa entre [+próximos]	593/705	84,1%	0,405	0,411
TOTAL	709/823	86,1%		
RANGE			503	484
SIGNIFICÂNCIA			0,048	0,048

Fonte: Elaboração própria.

Os números acima mostram, evidentemente, que os pesos relativos correspondem à diferença detectada em termos percentuais. O enquadre não conversa entre [-próximos] favorece fortemente a presença de marcas explícitas de plural entre os elementos do sintagma nominal, com peso de 0,908 (análise A) e de 0,895 (análise B). Inversamente, a conversa entre [+próximos] a desfavorece, com peso de 0,405 (análise A) e de 0,411 (análise B). Novamente, podemos perceber que, quando a falante está inserida numa configuração interacional de caráter [+planejado], de [+distanciamento] entre os interlocutores e, conseqüentemente, de maior expectativa em direção ao uso de normas gramaticais, ela tende a colocar mais marcas de plural em sua fala. Há, portanto, uma correlação direta entre o grau de expectativa de uso de normas gramaticais e a taxa de concordância: quanto menos expectativas, menos marcas; quanto mais expectativas, mais marcas.

O tópico discursivo foi a segunda variável estilística selecionada como estatisticamente relevante e os seus resultados, expostos na Tabela 32, apontam para a mesma tendência observada nos dados de Gabriel: os assuntos acadêmicos/profissionais favorecem relativamente a concordância (0,574) e os cotidianos exibem efeito em direção ao desfavorecimento (0,442) para as análises A e B.

⁹⁸ Dados retirados da Rodada 3 (análise A) e da Rodada 4 (análise B), disponibilizadas no Apêndice C.

TABELA 32 – EFEITO DA VARIÁVEL TÓPICO DISCURSIVO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADORA LAVÍNIA)⁹⁹

Fatores	Uso de concordância		P.R. (Análise A)	P.R. (Análise B)
	n/N	[%]		
Assuntos acadêmicos/profissionais	331/361	91,7%	0,574	0,574
Assuntos cotidianos	378/462	81,8%	0,442	0,442
TOTAL	709/823	86,1%		
RANGE			132	132
SIGNIFICÂNCIA			0,048	0,048

Fonte: Elaboração própria.

Convém lembrar aqui que, como já vimos na caracterização das situações comunicativas, embora ocorra assuntos cotidianos e acadêmicos/profissionais no enquadre conversa entre [+próximos], temos um único tipo de assunto no enquadre não conversa entre [-próximos], o acadêmico. Desse modo, não conseguimos captar essa influência de forma nítida na análise macro das situações comunicativas. Somente esta análise micro dos traços estilísticos nos permite constatar, de forma nítida, a atuação do tópico discursivo sobre a marcação de plural.

Todavia, é digno de nota comentar que, no conjunto de dados de Lavínia, o enquadre/proximidade interacional é o traço estilístico que exerce influência mais forte sobre a regra de concordância de número entre os elementos do sintagma nominal. Essa constatação pode ser ratificada pela ordem de seleção das variáveis e, também, pelos *ranges*, visto que o valor da força de atuação do tópico discursivo não é muito expressivo, com 132 pontos, se comparado com a variável enquadre/proximidade interacional, que apresenta 503 (análise A) e 484 (análise B) pontos.

Sendo assim, podemos dizer que, reafirmando nossas expectativas, o uso de marcas explícitas de plural tende a diminuir em situações comunicativas de caráter [-planejado], [+próximo] e que versam sobre assuntos cotidianos, circunstâncias em que a ausência de concordância ocorre com mais naturalidade. É preciso reconhecer, contudo, que permanece em aberto, para resolução futura, a investigação da influência da variável proximidade entre os interlocutores e a observação de questões

⁹⁹ Dados retirados da Rodada 3 (análise A) e da Rodada 4 (análise B), disponibilizadas no Apêndice C.

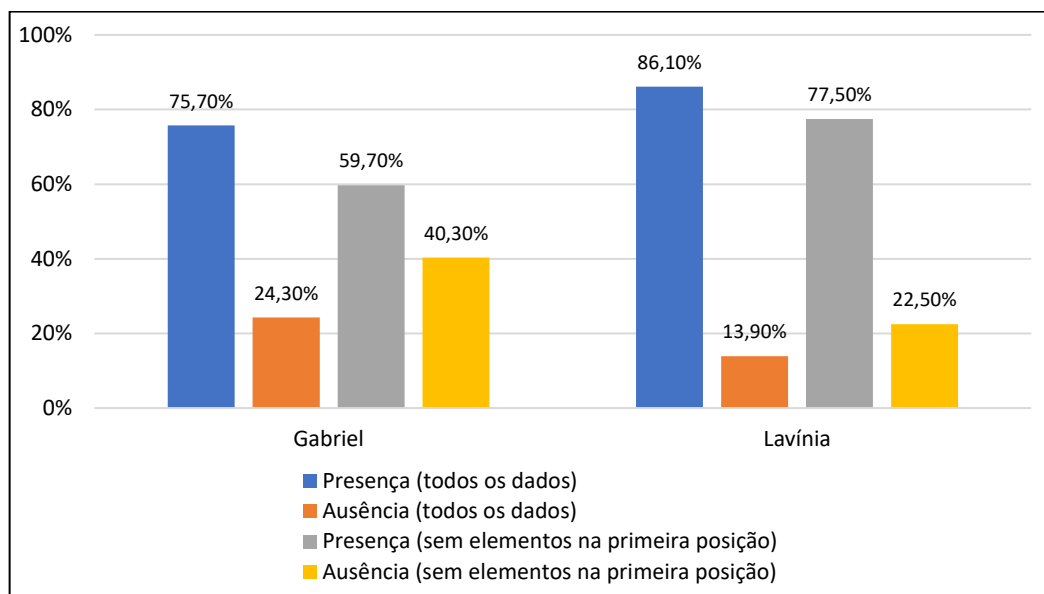
que envolvem a auto-apresentação do “eu” e/ou os diferentes papéis desempenhados socialmente, com a ampliação das situações comunicativas cotidianas de Lavínia.

Apesar de haver, ainda, muito por se investigar em relação aos três traços estilísticos analisados, os resultados aqui relatados não são surpreendentes, uma vez que as observações que acabamos de fazer já haviam sido vistas na análise macro das situações comunicativas, com exceção da influência do tópico discursivo. Em resumo, o que parece ocorrer é uma oposição entre a fala usada na conversação cotidiana e a empregada no contexto institucional, mais especificamente, na situação de apresentação de seminário.

4.3 REFLEXÕES SOBRE O TRÂNSITO ESTILÍSTICO DOS INDIVÍDUOS

É interessante discutir aqui algumas questões acerca da conduta linguística de Lavínia em comparação a de Gabriel. Tomando as taxas gerais de concordância da Tabela 1, da Tabela 2, da Tabela 20 e da Tabela 21, observamos, no Gráfico 1, que ela é quem mais usa marcas explícitas de plural, especialmente na comparação que não considera os dados da primeira posição, o que fornece indícios de que a base dos dois falantes é diferente em termos de ponto de partida. Em outras palavras, Lavínia parece estar situada em uma posição mais alta que Gabriel na escala de concordância.

GRÁFICO 1 – FREQUÊNCIAS GERAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL¹⁰⁰ E COLABORADORA LAVÍNIA¹⁰¹)



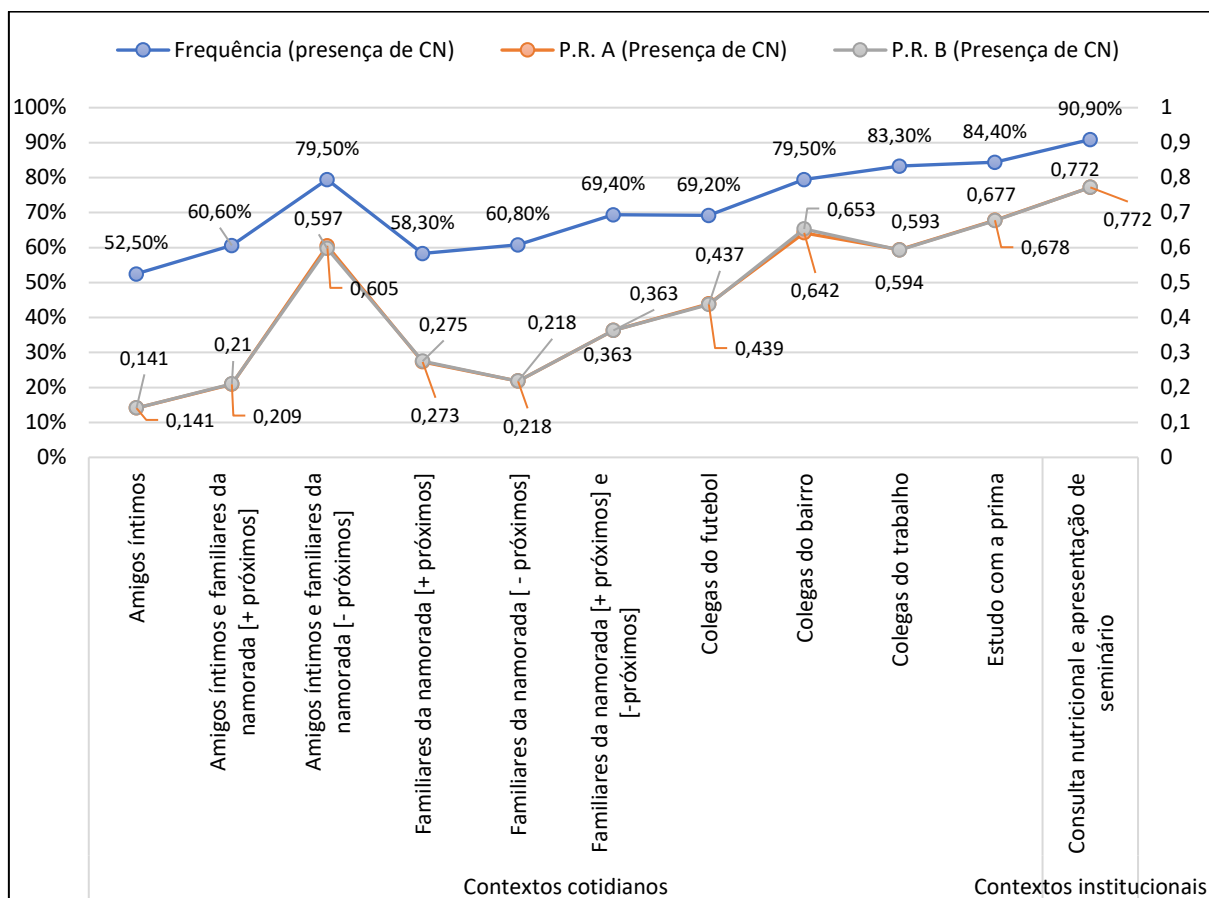
Fonte: Elaboração própria com base nos dados desta pesquisa – Gabriel (referente às Tabelas 1 e 2) e Lavínia (referente às Tabelas 20 e 21).

No entanto, nos Gráficos 2 e 3, que retomam, respectivamente, os resultados das Tabelas 11 e 28, notamos que ambos caminham na mesma direção, evitando fortemente a variante desprestigiada no contexto institucional. Considerando que Gabriel e Lavínia apresentam perfis socioeconômicos similares (possuem formação universitária, são profissionais do setor terciário e pertencem a famílias de classe média), esse comportamento linguístico parece refletir um perfil-padrão: falantes caracterizados por *status* socioeconômico um pouco mais alto e escolaridade alta tendem a restringir o cancelamento do morfema plural a contextos cotidianos.

¹⁰⁰ Os resultados referentes a todos os dados foram retirados da Rodada 1 (análise A), disponibilizada no Apêndice B.

¹⁰¹ Os resultados referentes a todos os dados foram retirados da Rodada 1 (análise A), disponibilizada no Apêndice C.

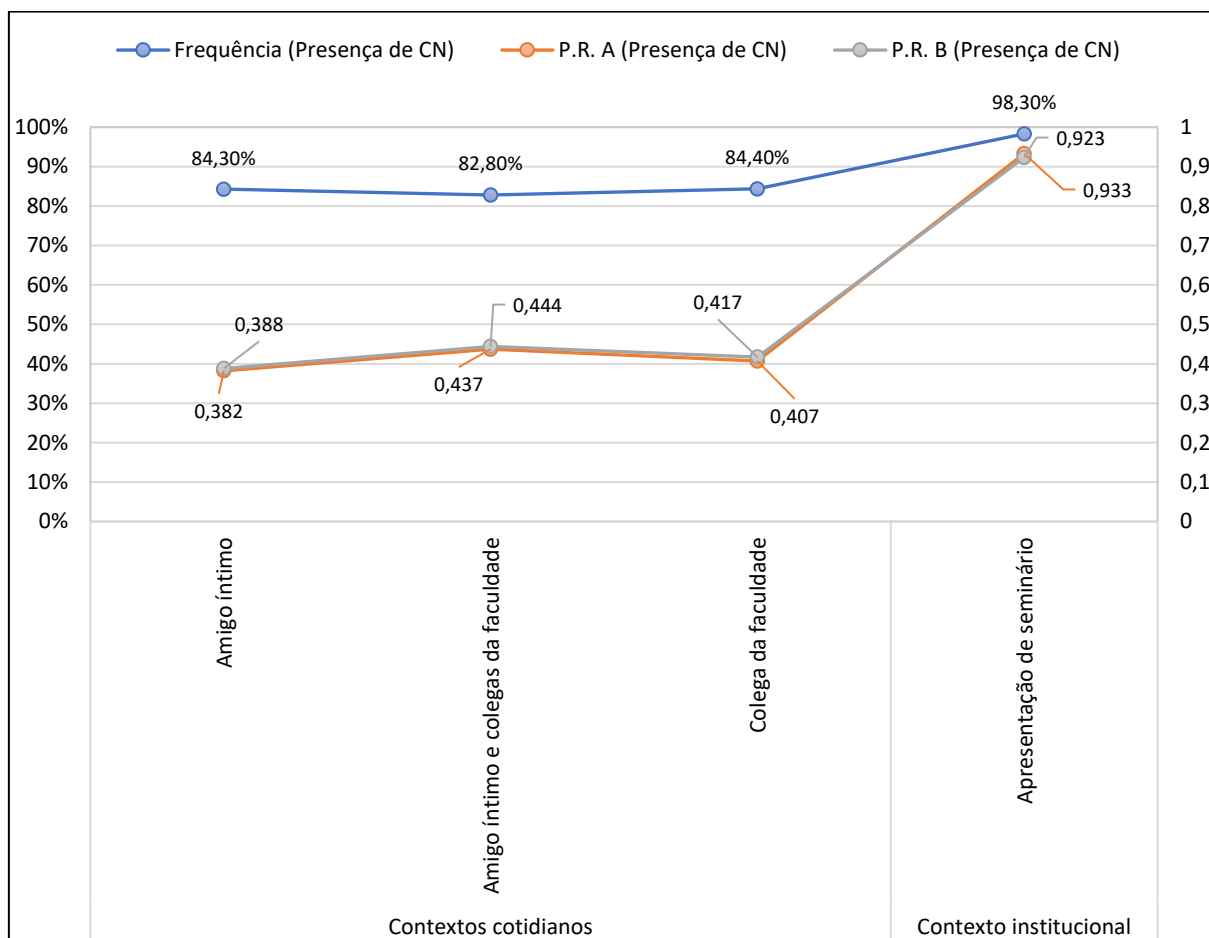
GRÁFICO 2 – VARIAÇÃO ESTILÍSTICA SEGUNDO AS SITUAÇÕES COMUNICATIVAS
(COLABORADOR GABRIEL)¹⁰²



Fonte: Elaboração própria com base nos dados desta pesquisa – Gabriel (referente à Tabela 11).

¹⁰² Dados retirados da Rodada 1 (análise A) e da Rodada 2 (análise B), disponibilizadas no Apêndice B.

GRÁFICO 3 – VARIAÇÃO ESTILÍSTICA SEGUNDO AS SITUAÇÕES COMUNICATIVAS
(COLABORADORA LAVÍNIA)¹⁰³



Fonte: Elaboração própria com base nos dados desta pesquisa – Lavínia (referente à Tabela 28).

Embora Gabriel e Lavínia exibam curva crescente em função do contexto institucional, percebemos que o colaborador masculino parece apresentar mais variação estilística do que a colaborada feminina. Reconhecemos que essa configuração pode estar sendo determinada pelo fato de termos uma maior diversidade de situações comunicativas com Gabriel e, conseqüentemente, indagamo-nos se a diferença estaria, sobretudo, no fato de não termos interações entre Lavínia e os(as) amigos(as) de infância ou entre ela e os familiares. Entretanto, a partir desses gráficos, é possível cogitar que, por ora, no material que temos em mãos, o trânsito estilístico dele em direção a não marcação é mais acentuado do que o dela. Essa ideia é fundamentada

¹⁰³ Dados retirados da Rodada 1 (análise A) e da Rodada 2 (análise B), disponibilizadas no Apêndice C.

nos menores índices de concordância e pesos relativos obtidos: para ele, 53,3% e 0,156; para ela, 83,7% e 0,384.

Já é do conhecimento de todos que o sexo/gênero é um dos fatores sociais que exercem influência sobre a variação e mudança linguística. Labov (1990, 2001b) verifica que as mulheres apresentam taxas mais altas de variantes de prestígio do que os homens em casos de variação estável e tendem a liderar o uso de variantes inovadoras em processos de mudança em curso, desde que não envolva estigma social. Esse comportamento conservador e progressista do sexo feminino é explicado em função do *Paradoxo do Gênero*: “as mulheres se conformam mais facilmente do que os homens às normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritas, mas se conformam menos do que os homens quando as normas não são explicitamente prescritas”¹⁰⁴ (LABOV, 2001b, p. 293).

Scherre e Yacovenco (2011) também discutem o papel do sexo/gênero, porém com base em estudos do português brasileiro sobre o uso dos pronomes de segunda pessoa, do imperativo gramatical e da concordância verbal. No que diz respeito aos pronomes de segunda pessoa, as autoras observam que o sexo/gênero feminino apresenta um duplo comportamento: ora as mulheres usam mais o pronome *tu* do que os homens (regiões Sul, Nordeste e Norte) ora usam menos (regiões Sudeste e Centro-Oeste). Em linhas gerais, quando o *tu* é marca de identidade geográfica e é de fácil registro (regiões Sul, Nordeste e Norte), as mulheres utilizam em sua fala mais esse pronome do que os homens. Já quando o *tu* é marca interacional e de difícil registro (regiões Sudeste e Centro-Oeste), as mulheres possuem taxas de frequência inferiores às dos homens.

No que tange ao imperativo gramatical, as linguistas verificam que as mulheres tendem a usar mais do que os homens o imperativo associado ao indicativo, que é uma forma “menos marcada em termos de frequência de ocorrência no território brasileiro e de menor percepção por parte dos falantes” (SCHERRE; YACOVENCO, 2011, p. 136). Consoante a isso, para a concordância verbal, a análise aponta que, como a presença de concordância nas áreas urbanas é a forma mais recorrente e a

¹⁰⁴ Original: Woman conform more closely than to sociolinguistic norms that are overtly prescribed, but conform less than men when they are not.

menos marcada socialmente, as mulheres favorecem o seu uso, ao passo que os homens a desfavorecem.

Essa preferência pela variante de prestígio ou pela variante da comunidade é interpretada à luz do Princípio da Marcação, de Givón: “em configurações menos marcadas - e não necessariamente mais prestigiadas - as mulheres estão à frente na variação ou na mudança”; em contrapartida, “em configurações mais marcadas - e não necessariamente menos prestigiadas – os homens estão à frente na variação ou na mudança” (SCHERRE; YACOVENCO, 2011, p. 139).

Além do estigma ou da marcação que envolve cada variante, convém lembrar que há aspectos de ordem social por trás da conduta linguística de homens e mulheres. Na concepção sociolinguística, as mulheres possuem maior sensibilidade às normas de prestígio nas comunidades ocidentais em decorrência das diferenças de poder e *status* que envolvem os gêneros feminino e masculino. Dessa maneira, a fim de diminuir as diferenças em relação aos homens, as mulheres utilizam mais normas linguísticas (cf. PAIVA, 2013).

Pensando nas propostas de Labov (1990, 2001b) e de Scherre e Yacovenco (2011), podemos dizer que a presença de marcas de plural é um traço linguístico mais prestigiado e menos marcado socialmente. Nesse sentido, o fato de Lavínia empregar menos a ausência de concordância se comporta dentro dos princípios gerais previstos na literatura sociolinguística para o comportamento do sexo/gênero. Porém, destoa da tendência observada para a comunidade de fala de Vitória, pois, conforme visto na introdução deste trabalho, os resultados da pesquisa desenvolvida na capital do Espírito Santo mostram, inesperadamente, que os homens favorecem mais a concordância do que as mulheres.

Retomando as informações sobre os participantes da pesquisa, vale ressaltar que ambos nasceram em Vitória, mas sempre moraram em Vila Velha, que está localizada, segundo informações do site da prefeitura, a uma distância de três quilômetros da capital (via Terceira Ponte). Até o momento, não temos um registro sistemático do português falado em Vila Velha, porém, considerando que as duas cidades são vizinhas, poderíamos esperar resultados similares em nosso estudo dos falantes individuais. Contudo, observamos que os dois jovens capixabas investigados se alinham a tendência evidenciada em outras localidades brasileiras, tais como Rio de

Janeiro, Santa Leopoldina, Região Sul, Salvador e Alto Solimões, que apresentam as mulheres usando mais a forma de prestígio do que os homens (cf. FERNANDES, 1996; LOPES, N. da S., 2001; LOPES, L. de O. J., 2014, 2020; MARTINS, 2013; SCHERRE, 1998). Possíveis respostas a essa questão podem residir no fato de que o comportamento linguístico dos dois falantes não pode ser atribuído exclusivamente ao sexo/gênero.

É do conhecimento de todos que o letramento também costuma influenciar fortemente o modo de falar das pessoas. Observando-o, principalmente, via ensino regular, os trabalhos realizados no Brasil sobre a variação da concordância nominal têm evidenciado que a marcação de plural cresce à medida que o grau de escolarização aumenta (cf. FERNANDES, 1996; LOPES, N. da S., 2001; LOPES, L. de O. J., 2014, 2020; SCHERRE; NARO, 2014; MARTINS, 2013; SCARDUA, 2018).

Apesar de ambos possuírem mais de onze anos de escolarização, Gabriel fez apenas a graduação, ao passo que Lavínia deu continuidade aos estudos, cursando a pós-graduação *stricto-sensu*, mais especificamente o nível mestrado. Conseqüentemente, é possível imaginar que a diferença no grau de instrução acadêmica possa estar atuando sobre o uso linguístico dos falantes.

Correlacionado a isso, temos o fato de a nossa colaboradora ser uma ex-aluna do curso de Letras-Português, o que faz com que ela tenha mais percepção das normas de prestígio e, também, consciência de que as mulheres tendem a ser mais sensíveis às formas prestigiadas ou menos marcadas socialmente. Vale esclarecer que não estamos nos referindo aqui a uma consciência de falante nativa, mas, sim, a de conhecimento da informação por já ter participado de aulas e discussões sobre a variável sexo/gênero, como pode ser observado no trecho a seguir, extraído da sua apresentação de seminário:

Excerto 24: apresentação de seminário

001	Lavínia	eu acho que é o que acontece também::... tem um texto eu
002		acho que é naquele Manual de... de só::cio que tem um texto,
003		se eu não me engano, né? da Conceição... Paiva... que é
004		sobre: sexo/gênero... que... ele é:... que ele fala também...
005		sobre a necessidade de... cruzar esse fator com é::... essa
006		questão do/ da profissão da pessoa, né? dependendo... ela/
007		a mulher/ exige-se mais da mulher dependendo de de qual...

008		cargo ela ocupa ou se ela não ocupar nenhum de repente...
009		dona de casa talvez ela se esforce menos pra:... se adequar
010		a norma padrão

Há, ainda, um outro aspecto a ser mencionado no comparativo da conduta estilística de Gabriel e Lavínia: a ocupação. Em seu estudo sobre a estratificação do /r/ nas lojas de departamento na cidade de Nova York, Labov (2008 [1972]) selecionou três lojas de diferentes *status* para investigação, a saber: *Sack's* (prestígio social alto), *Macy's* (prestígio social intermediário) e *S.Klein* (prestígio social baixo). Na ocasião, o sociolinguista verificou que a ocupação era uma das variáveis que poderia explicar os padrões de uso do /r/. Nas palavras do autor:

O tipo de ocupação dos empregados que os clientes têm acesso é bastante diversificado. Na *Macy's*, os empregados entrevistados podiam ser identificados como chefes de seção (pelos crachás vermelho e branco), vendedores, caixas, repositores e ascensoristas. Na *Sacks*, os caixas não têm contato com o cliente, pois trabalham atrás dos balcões, enquanto os repositores nunca aparecem. Todo o seu trabalho se desenrola nos bastidores da loja, fora da vista do cliente. Por outro lado, na *Kleins*, todos os empregados parecem trabalhar no mesmo nível: é difícil distinguir entre vendedores, chefes de seção e repositores (LABOV, 2008 [1972], p. 76).

Observando especificamente a loja *Macy's*, que apresenta mais nitidamente diferenças segundo os cargos ocupacionais, Labov (2008 [1972]) verifica que os chefes de seção e os vendedores, que têm mais contato com os clientes, utilizam mais o /r/. Além disso, nota que, embora a taxa global de /r/ seja muito parecida nesses dois cargos, os chefes de seção o empregam numa frequência muito mais alta do que os vendedores, o que sugere que quanto mais alto o cargo, mais elevada é a frequência de /r/.

Scherre (1988), em sua pesquisa sobre a concordância nominal de número, observa a influência do mercado ocupacional sobre o comportamento linguístico dos falantes, isto é, investiga “a correlação entre o tipo de atividade profissional desenvolvida pelo indivíduo ao longo de sua vida e a necessidade do uso de formas lingüísticas de prestígio” (SCHERRE, 1988, p. 486).

Para tanto, a autora classifica os falantes em três categorias em função da cotação no mercado ocupacional, a saber: cotação positiva, cotação negativa e cotação

intermediária. Com a análise estatística, Scherre (1988) confirma a hipótese de que os indivíduos com cotação positiva no mercado ocupacional usam mais marcas explícitas de plural do que os de cotação negativa. Além disso, os resultados da autora assinalam que o mercado ocupacional “exerce influência semelhante para os homens e para as mulheres, o que evidencia a força uniforme das pressões sociais na relação entre tipo de profissão e uso de formas de prestígio” (SCHERRE, 1988, p. 498-499).

A formação profissional dos nossos colaboradores pode ser classificada, de forma geral, como pertencente às áreas de exatas e de linguagens, campos de conhecimento que exigem aptidões completamente distintas. Gabriel, graduado em Engenharia civil, não lida com questões linguísticas específicas nas atividades profissionais desenvolvidas no decorrer de sua vida. Durante o estágio realizado à época da faculdade, o colaborador lidava, em especial, com trabalhadores braçais, que, muitas vezes, nem possuíam o ensino médio. Atualmente, embora conviva com pessoas mais escolarizadas e ocupe um cargo de liderança, o foco das suas atividades também não está nas práticas de linguagens, mas, sim, no controle de indicadores estratégicos e operacionais do departamento em que atua. Nesse sentido, não aparenta ser tão patente a pressão social sobre Gabriel, exceto no ambiente profissional atual, para o uso de formas linguísticas de prestígio. Por conseguinte, ele emprega as marcas explícitas de plural a níveis mais baixos na vida cotidiana.

De maneira oposta, Lavínia lida com discussões sobre a língua na sua rotina diária, visto que, à época das gravações, ela era profissional de educação, mais especificamente, professora de Língua Portuguesa e mestranda na área. À luz do senso comum, as pessoas que pertencem a esse cargo ocupacional são obrigadas a saber todas as regras gramaticais, bem como a falar e a escrever conforme o que está registrado nas gramáticas normativas, sob a pena de não serem profissionais de qualidade. Nesse contexto, podemos dizer que há forte e evidente pressão social sobre Lavínia em direção às formas linguísticas legitimadas, independentemente do tipo de contexto, se cotidiano ou institucional. Consequentemente, mesmo nos eventos do dia a dia, ela usa marcas explícitas de plural a níveis mais altos, o que parece refletir o perfil do grupo social a que pertence: o de professores de Língua Portuguesa.

Para além dessas questões de ordem macrossocial, é interessante lembrar aqui as

características individuais e as práticas cotidianas dos falantes, pois, embora tenham o mesmo perfil socioeconômico, percebemos que Gabriel e Lavínia possuem facetas distintas de estilo. Para isso, além das observações participantes, tomamos como base nossas anotações do primeiro contato com os falantes.

Gabriel é uma pessoa extrovertida e comunicativa, o que é refletido no ritmo rápido e na entonação mais alta de sua fala. Essa característica de pessoa acessível e fácil de interagir também pode ser vislumbrada em suas práticas cotidianas: Gabriel joga futebol, esporte coletivo que demanda comunicação e cooperação entre os esportistas, e, no tempo livre, gosta de sair para bares e ir à praia, sempre na companhia de amigos.

O jovem capixaba não usa um estilo específico de roupas, vestindo-se de forma comum: no dia a dia, bermuda, camisa e, a depender da ocasião, chinelo ou tênis; no trabalho, calça, camisa social e sapato. Além disso, é eclético em relação à música, já que, além de pagode, aprecia ritmos como sertanejo, rap e funk. Como já vimos anteriormente, no exercício prático das atividades corriqueiras de Gabriel, não se concretiza a realização de atividades intelectuais, uma vez que ele não possui o hábito de ler e não gosta de escrever, apesar de já ter se interessado pelo estudo de línguas estrangeiras. Em verdade, suas práticas na vida cotidiana são mais voltadas para atividades esportivas.

Por outro lado, Lavínia tem um ritmo mais lento de fala e entonação mais baixa, o que pode ser atrelado a uma personalidade mais reservada e intelectual. A jovem, que adota corte de cabelo curto, não costuma usar maquiagem, prefere ouvir o gênero música popular brasileira (MPB) e gosta de se vestir oscilando entre tons mais escuros/terrosos e mais claros, manifesta interesse por atividades individuais de baixo impacto, como andar de bicicleta, ou coletivas voltadas para o trabalho mental, emocional e corporal, como o yoga.

Também fazem parte das práticas próprias do seu cotidiano, a visita a eventos culturais, o cozinhar, o refletir sobre a vida, bem como as atividades de leitura, de escrita e de formação, como, por exemplo, cursos de idiomas. Em linhas gerais, podemos dizer que as práticas de Lavínia, ao contrário das de Gabriel, são mais relacionadas ao exercício intelectual.

Desse modo, além das diferenças no uso do fenômeno linguístico da concordância nominal de número, os elementos prosódicos – entonação e ritmo – e os não linguísticos – práticas socioculturais – molduram os perfis antagônicos dos dois falantes. Diante de tudo o que foi exposto sobre os participantes da pesquisa, é patente que a frequência de uso individual de Lavínia apresentaria mais marcas de pluralidade do que a de Gabriel.

Embora não possamos tecer explicações claras se as diferenças encontradas nos resultados dos dois colaboradores devem-se à diversidade de situações comunicativas, ao sexo/gênero, ao grau de escolaridade, à atuação profissional ou às características individuais, a partir das observações feitas até aqui, podemos afirmar que Lavínia transita menos em direção à não marcação de plural do que Gabriel. Temos conhecimento que, futuramente, após a inclusão de novas situações comunicativas dessa capixaba, a atual configuração se altere. Contudo, por ora, os atuais resultados corroboram a atuação do *Princípio da Alternância Graduada do Estilo* no sentido de que “nenhum falante é monoestilístico, embora alguns tenham um repertório verbal mais amplo do que outros”¹⁰⁵ (HERNÁNDEZ-COMPOY, 2016, p. 82, tradução nossa).

¹⁰⁵ Original: no single speaker is mono-stylistic, though some have a wider verbal repertoire than others.

5 COMPARAÇÃO ENTRE INDIVÍDUO E COMUNIDADE

Estabeleceremos aqui um diálogo entre os resultados dos dois jovens por nós analisados em diferentes situações comunicativas e os obtidos no estudo da cidade de Vitória por meio de entrevistas sociolinguísticas na tentativa de situar esses falantes na comunidade capixaba. Para isso, retomaremos os resultados apresentados na presente pesquisa e os obtidos no trabalho de Scardua (2018).

Em relação à taxa global de concordância, temos um alto uso de marcas explícitas de plural, com frequência de 75,7% na fala de Gabriel e de 86,1% na de Lavínia. Na Tabela 33, comparando esses índices com o da comunidade de Vitória, que registrou um percentual de 88,6% do morfema plural, podemos notar que Lavínia se aproxima bastante da comunidade, com uma diferença de 2,5 pontos percentuais. Gabriel, por sua vez, fica um pouco mais distante, com uma diferença de 12,9 pontos percentuais. Todavia, ambos os falantes apresentam comportamento similar ao da comunidade no que diz respeito à preferência pela marcação de plural ao invés da não marcação.

TABELA 33 – COMPARAÇÃO DAS FREQUÊNCIAS GERAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COMUNIDADE DE VITÓRIA, COLABORADOR GABRIEL E COLABORADORA LAVÍNIA)

Amostra	Uso de concordância	
	n/N	[%]
Cidade de Vitória	9.683/10.923	88,6%
Gabriel ¹⁰⁶	585/773	75,7%
Lavínia ¹⁰⁷	709/823	86,1%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados de Scardua (2018, p. 118) – Vitória; e nos dados desta pesquisa – Gabriel (referente à Tabela 1) e Lavínia (referente à Tabela 20).

Vamos agora contrapor o comportamento linguístico dos indivíduos em relação ao dos subgrupos de falantes da amostra PortVix em função do nível de escolaridade, da

¹⁰⁶ Dados retirados da Rodada 1 (análise A), disponibilizada no Apêndice B.

¹⁰⁷ Dados retirados da Rodada 1 (análise A), disponibilizada no Apêndice C.

faixa etária e do sexo. Na Tabela 34, temos a comparação considerando os anos de escolarização.

TABELA 34 – COMPARAÇÃO DAS FREQUÊNCIAS GERAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL EM FUNÇÃO DO NÍVEL DE ESCOLARIZAÇÃO (COMUNIDADE DE VITÓRIA, COLABORADOR GABRIEL E COLABORADORA LAVÍNIA)

Escolaridade	Vitória	Gabriel¹⁰⁸	Lavínia¹⁰⁹
1-8 anos	3.699/4.369 = 84,7%	-	-
9-11 anos	2.558/2.856 = 89,6%	-	-
>11 anos	3.426/3.698 = 92,6%	585/773 = 75,7%	709/823 = 86,1%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados de Scardua (2018, p. 144) – Vitória; e nos dados desta pesquisa – Gabriel (referente à Tabela 1) e Lavínia (referente à Tabela 20).

Os números acima mostram que, na cidade de Vitória, há um aumento na marcação de plural de acordo com os anos de escolarização: o índice é de 84,7% para o grupo com 1-8 anos de escolarização, de 89,6% para o grupo com 9-11 anos de escolarização e de 92,6% para o grupo com mais de 11 anos de escolarização. Embora Gabriel e Lavínia possuam ensino superior, isto é, mais de 11 anos de escolaridade, percebemos que eles se distanciam dos informantes mais escolarizados da comunidade. Gabriel, inclusive, chega a apresentar uma queda de 9 pontos percentuais em relação aos menos escolarizados.

Antes de quaisquer tentativas de interpretação das diferenças entre os dois indivíduos e o agrupamento ao qual pertencem, gostaríamos de apresentar, nas Tabelas 35 e 36, seus resultados ao lado dos obtidos na amostra PortVix em função da faixa etária e do sexo, respectivamente.

¹⁰⁸ Dados retirados da Rodada 1 (análise A), disponibilizada no Apêndice B.

¹⁰⁹ Dados retirados da Rodada 1 (análise A), disponibilizada no Apêndice C.

TABELA 35 – COMPARAÇÃO DAS FREQUÊNCIAS GERAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL EM FUNÇÃO DA FAIXA ETÁRIA (COMUNIDADE DE VITÓRIA, COLABORADOR GABRIEL E COLABORADORA LAVÍNIA)

Faixa etária	Vitória	Gabriel ¹¹⁰	Lavínia ¹¹¹
7-14 anos	1.444/1.546 = 93,3%	-	-
15-25 anos	3.328/3.574 = 93,1%	585/773 = 75,7%	709/823 = 86,1%
26-49 anos	2.400/2.781 = 86,3%	-	-
>49 anos	2.512/3.022 = 83,1%	-	-

Fonte: Elaboração própria com base nos dados de Scardua (2018, p. 140) – Vitória; e nos dados desta pesquisa – Gabriel (referente à Tabela 1) e Lavínia (referente à Tabela 20).

A Tabela 35 mostra que a cidade de Vitória apresenta um decréscimo no uso do morfema plural à medida que a faixa etária aumenta. Como vemos, os falantes de 7-14 anos e de 15-25 anos são os que mais fazem concordância, com percentuais de 93,3% e 93,1%, respectivamente. Em seguida, vêm os informantes de 26-49 anos, com 86,3%. Por último, a faixa etária acima de 49 anos, com 83,1%. Esses resultados apontam que o comportamento linguístico de Gabriel e Lavínia se distancia consideravelmente dos falantes de 15-25 anos, que pertencem ao mesmo segmento etário que eles, e se aproxima mais dos falantes mais velhos, sendo o percentual de Lavínia mais próximo do índice da faixa etária de 26-49 anos e o de Gabriel da faixa acima de 49 anos.

Com relação ao sexo, os números da Tabela 36 indicam que os homens capixabas, com frequência de 91,1%, realizam mais concordância do que as mulheres, com frequência de 86,5%. Vejamos a comparação com os resultados de Gabriel e Lavínia:

¹¹⁰ Dados retirados da Rodada 1 (análise A), disponibilizada no Apêndice B.

¹¹¹ Dados retirados da Rodada 1 (análise A), disponibilizada no Apêndice C.

TABELA 36 – COMPARAÇÃO DAS FREQUÊNCIAS GERAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL EM FUNÇÃO DO SEXO (COMUNIDADE DE VITÓRIA, COLABORADOR GABRIEL E COLABORADORA LAVÍNIA)

Sexo	PortVix	Gabriel¹¹²	Lavínia¹¹³
Feminino	5.075/5.864 = 86,5%	-	709/823 = 86,1%
Masculino	4.608/5.059 = 91,1%	585/773 = 75,7%	-

Fonte: Elaboração própria com base nos dados de Scardua (2018, p. 149) – Vitória; e nos dados desta pesquisa – Gabriel (referente à Tabela 1) e Lavínia (referente à Tabela 20).

Notamos que praticamente não existe diferença, em termos percentuais, entre o comportamento linguístico de Lavínia (86,1% de concordância) e as mulheres da comunidade de Vitória (86,5% de concordância). Em contrapartida, observamos uma grande divergência entre a taxa de marcação de plural na fala de Gabriel (75,7% de concordância) e a encontrada para os homens capixabas (91,1% de concordância), o que pode ser verificado pela diferença de 15,4 pontos percentuais.

Em linhas gerais, podemos afirmar que há diferenças quantitativas nítidas entre o processo de marcação de plural nos elementos do sintagma nominal realizado pelos dois jovens e o observado nos três agrupamentos de falantes capixabas com as mesmas características sociais, já que os dados sugerem que Gabriel e Lavínia se distanciam dos capixabas do segmento etário de 15-25 anos e dos que possuem mais de onze anos de escolarização, bem como mostram que o colaborador Gabriel se afasta, ainda, dos homens capixabas.

Essas divergências, possivelmente, podem ser justificadas pelo fato de a amostra representativa da comunidade de fala extrair tendências gerais de uso e ser de natureza mais monitorada, já que é constituída de entrevistas sociolinguísticas. Certamente, deve existir variabilidade entre os indivíduos de cada uma das categorias comparadas. A fim de verificar essa possível variabilidade, fizemos o levantamento das percentagens globais de concordância de todos os informantes da amostra PortVix. Vejamos a Tabela 37:

¹¹² Dados retirados da Rodada 1 (análise A), disponibilizada no Apêndice B.

¹¹³ Dados retirados da Rodada 1 (análise A), disponibilizada no Apêndice C.

TABELA 37 – FREQUÊNCIA GERAL DE CONCORDÂNCIA NOMINAL POR INDIVÍDUO NA COMUNIDADE DE VITÓRIA

Indivíduo	Escolarização	Sexo	Faixa etária	Uso de concordância	
				n/N	[%]
A	Fundamental	Homem	07-14 anos	221/228	96,9%
B	Fundamental	Homem	07-14 anos	66/73	90,4%
C	Fundamental	Homem	07-14 anos	128/131	97,7%
D	Fundamental	Homem	07-14 anos	289/297	97,3%
E	Fundamental	Mulher	07-14 anos	332/348	95,4%
F	Fundamental	Mulher	07-14 anos	47/57	82,5%
G	Fundamental	Mulher	07-14 anos	173/216	80,1%
H	Fundamental	Mulher	07-14 anos	187/196	95,4%
I	Fundamental	Homem	15-25 anos	103/131	78,6%
J	Fundamental	Homem	15-25 anos	319/336	94,9%
K	Fundamental	Mulher	15-25 anos	173/189	91,5%
L	Fundamental	Mulher	15-25 anos	256/302	84,8%
M	Fundamental	Homem	26-49 anos	94/131	71,8%
N	Fundamental	Homem	26-49 anos	135/216	62,5%
O	Fundamental	Mulher	26-49 anos	172/213	80,8%
P	Fundamental	Mulher	26-49 anos	158/214	73,8%
Q	Fundamental	Homem	>49 anos	132/157	84,1%
R	Fundamental	Homem	>49 anos	229/239	95,8%
S	Fundamental	Mulher	>49 anos	335/452	74,1%
T	Fundamental	Mulher	>49 anos	150/243	61,7%
U	Médio	Homem	15-25 anos	95/122	77,9%
V	Médio	Homem	15-25 anos	244/254	96,1%
X	Médio	Homem	15-25 anos	263/267	98,5%
Z	Médio	Mulher	15-25 anos	296/300	98,7%
Y	Médio	Mulher	15-25 anos	172/205	83,9%
W	Médio	Mulher	15-25 anos	241/245	98,4%
a	Médio	Homem	26-49 anos	129/176	73,3%
b	Médio	Homem	26-49 anos	114/146	78,1%
c	Médio	Mulher	26-49 anos	94/101	93,1%
d	Médio	Mulher	26-49 anos	190/207	91,8%
e	Médio	Homem	>49 anos	128/144	88,9%
f	Médio	Homem	>49 anos	264/276	95,7%
g	Médio	Mulher	>49 anos	162/232	69,8%
h	Médio	Mulher	>49 anos	166/181	91,7%
i	Superior	Homem	15-25 anos	215/238	90,3%
j	Superior	Homem	15-25 anos	280/282	99,3%
k	Superior	Mulher	15-25 anos	419/435	96,3%
l	Superior	Mulher	15-25 anos	252/268	94,0%
m	Superior	Homem	26-49 anos	343/355	96,6%
n	Superior	Homem	26-49 anos	463/467	99,1%
o	Superior	Mulher	26-49 anos	330/330	100%
p	Superior	Mulher	26-49 anos	178/225	79,1%
q	Superior	Homem	>49 anos	260/283	91,9%
r	Superior	Homem	>49 anos	94/110	85,5%
s	Superior	Mulher	>49 anos	235/330	71,2%
t	Superior	Mulher	>49 anos	357/375	95,2%

Fonte: Elaboração própria.

Observando a categoria social ensino superior, podemos verificar que os percentuais vão de 71,2% até 100% de concordância. De maneira análoga, os índices dos indivíduos pertencentes à faixa etária de 15-25 anos variam entre 77,9% e 98,7% de marcação de plural nos elementos do sintagma nominal. Além disso, notamos uma variabilidade entre 62,2% e 99,3% para os homens e entre 61,7% e 100% para as mulheres. Dessa forma, conforme o previsto, alguns informantes apresentam muito mais presença de concordância do que outros, o que sugere que as diferenças observadas nos índices dos falantes individuais em relação à tendência geral das categorias sociais a que pertencem são apenas de natureza quantitativa, nas palavras de Scherre (1988) e Lopes, L. de O. J. (2014, 2020).

A seguir, apresentaremos os efeitos das variáveis posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal, saliência fônica na relação singular/plural dos itens nominais e marcas precedentes em paralelo aos observados na capital capixaba com o intuito de verificar semelhanças e/ou diferenças entre os padrões abstratos do funcionamento da inserção ou cancelamento do morfema plural em sintagmas nominais. É válido mencionar que, para uma comparação mais equilibrada, utilizaremos a análise alternativa B, pois, na capital capixaba, os resultados advêm de uma etapa de análise que reorganiza os elementos nucleares em núcleo na primeira posição e a partir da primeira posição.

Posteriormente, discutiremos sobre o possível rumo estilístico da concordância nominal no português brasileiro com base no acompanhamento dos falantes individuais em diferentes situações comunicativas e na aplicação da Árvore da Decisão em entrevistas sociolinguísticas (SCARDUA, 2018).

5.1 A REGULARIDADE DA DIMENSÃO ESTRUTURAL DA VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL

Entre as variáveis linguísticas, a posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal é a mais atuante no fenômeno da concordância nominal no conjunto de dados da comunidade de Vitória (*range* 711) e no de Gabriel (*range* 856). Na fala

da capixaba Lavínia, a força de restrição dessa variável é a segunda mais forte (*range* 659).

Na Tabela 38, podemos observar que os resultados obtidos são bastante semelhantes, especialmente em relação à hierarquia interna dos fatores.

TABELA 38 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COMUNIDADE DE VITÓRIA, COLABORADOR GABRIEL E COLABORADORA LAVÍNIA)

Fatores	Vitória	Gabriel¹¹⁴	Lavínia¹¹⁵
Antes do núcleo	0,845	0,945	0,846
Núcleo na 1ª posição	0,773	100%	100%
Núcleo a partir da 1ª posição	0,204	0,103	0,187
Depois do núcleo	0,134	0,089	0,409
RANGES	711	856	659

Fonte: Elaboração própria com base nos dados de Scardua (2018, p. 125) – Vitória; e nos dados desta pesquisa – Gabriel (referente à Tabela 5) e Lavínia (referente à Tabela 24).

Na comunidade de Vitória, os vocábulos situados antes do núcleo favorecem fortemente a concordância nominal (0,845). De maneira análoga, nas amostras dos falantes individuais, os elementos não nucleares antepostos ao núcleo exibem as maiores chances de retenção de marcas explícitas (0,945 para Gabriel; 0,846 para Lavínia).

Os elementos nucleares localizados na primeira posição apresentam efeito categórico no sentido de marcação de plural na fala de Gabriel e na de Lavínia. Embora o mesmo fato não tenha sido observado em Vitória, os números da capital capixaba demonstram, de modo similar, um forte favorecimento da inserção do morfema plural (0,773). Além disso, os casos de núcleo a partir da primeira posição indicam desfavorecimento da concordância nominal na comunidade capixaba (0,204), o que também é observado na fala dos nossos colaboradores (0,103 para Gabriel; 0,187 para Lavínia).

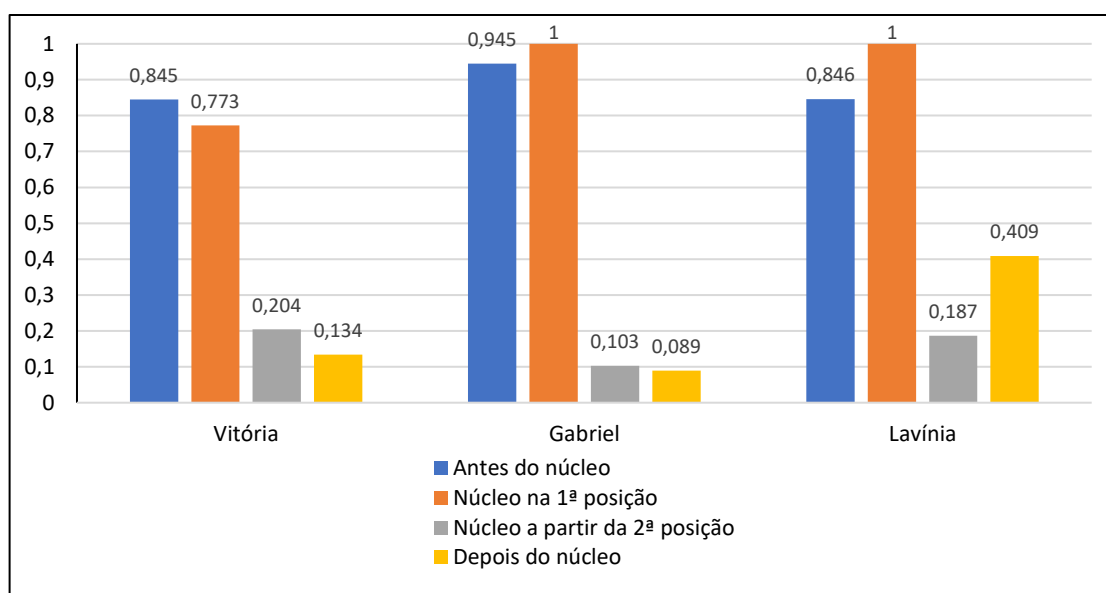
¹¹⁴ Dados retirados da Rodada 2 (análise B), disponibilizada no Apêndice B.

¹¹⁵ Dados retirados da Rodada 2 (análise B), disponibilizada no Apêndice C.

Por fim, os constituintes não nucleares pospostos ao núcleo, apesar de apresentarem peso relativo muito próximo a 0,500 nos dados de Lavínia, inibem a retenção de marcas explícitas em Vitória (0,134) e na fala dos dois jovens capixabas (0,089 e 0,409 para Gabriel e Lavínia, respectivamente), em especial se comparados com o efeito dos itens antepostos ao núcleo.

No Gráfico 4, podemos observar todos os dados comparados em forma gráfica para melhor visualização dos resultados.

GRÁFICO 4 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COMUNIDADE DE VITÓRIA, COLABORADOR GABRIEL¹¹⁶ E COLABORADORA LAVÍNIA¹¹⁷)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados de Scardua (2018, p. 125) – Vitória; e nos dados desta pesquisa – Gabriel (referente à Tabela 5) e Lavínia (referente à Tabela 24).

De forma geral, podemos constatar que, mesmo com algumas diferenças pontuais de magnitude, a tendência geral, no interior do sintagma nominal, é os itens localizados mais à esquerda serem mais marcados e os elementos situados mais à direita, opostamente, serem menos marcados.

¹¹⁶ Dados retirados da Rodada 2 (análise B), disponibilizada no Apêndice B.

¹¹⁷ Dados retirados da Rodada 2 (análise B), disponibilizada no Apêndice C.

O grupo de fatores marcas precedentes constitui a maior força restritiva nos dados de Lavínia (*range* 908) e é a segunda variável mais expressiva atuando sobre a marcação de plural no interior do sintagma nominal em Vitória (*range* 662) e na fala de Gabriel (*range* 432), em termos de condicionadores linguísticos.

É válido frisar que, no estudo atual, as ocorrências de sintagma preposicionado com marca formal são raras. Esse item, portanto, não será incluído na análise comparativa realizada na Tabela 39, pois não encontramos nenhum caso na fala de Lavínia e obtivemos apenas um único dado na de Gabriel, conforme pode ser visto no exemplo (68) da seção 3.3, reproduzido a seguir:

(68) “pois é aí... nós vendemo ele por:... TRINTA E CINCO MILHÕES DE euro... pagou QUINZE no Arrascaeta” (Gravações espontâneas de fala, homem, 25 anos, ensino superior).

TABELA 39 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL MARCAS PRECEDENTES NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COMUNIDADE DE VITÓRIA, COLABORADOR GABRIEL E COLABORADORA LAVÍNIA)

Fatores	Vitória	Gabriel¹¹⁸	Lavínia¹¹⁹
Sprep com marcas	100%	-	-
Sprep sem marcas	0,023	0%	0,011
Numeral não terminado em -s	0,685	0,777	0,919
Numeral terminado em -s	0,514	0,532	0,464
Uma marca formal	0,486	0,345	0,473
Duas ou mais marcas formais	0,674	0,771	0,823
Mistura de marcas	0,513	0,600	0,532
Zero imediatamente precedente	0,073	0%	0,030
RANGES	662	432	908

Fonte: Elaboração própria com base nos dados de Scardua (2018, p. 131) – Vitória; e nos dados desta pesquisa – Gabriel (referente à Tabela 8) e Lavínia (referente à Tabela 25).

¹¹⁸ Dados retirados da Rodada 2 (análise B), disponibilizada no Apêndice B.

¹¹⁹ Dados retirados da Rodada 2 (análise B), disponibilizada no Apêndice C.

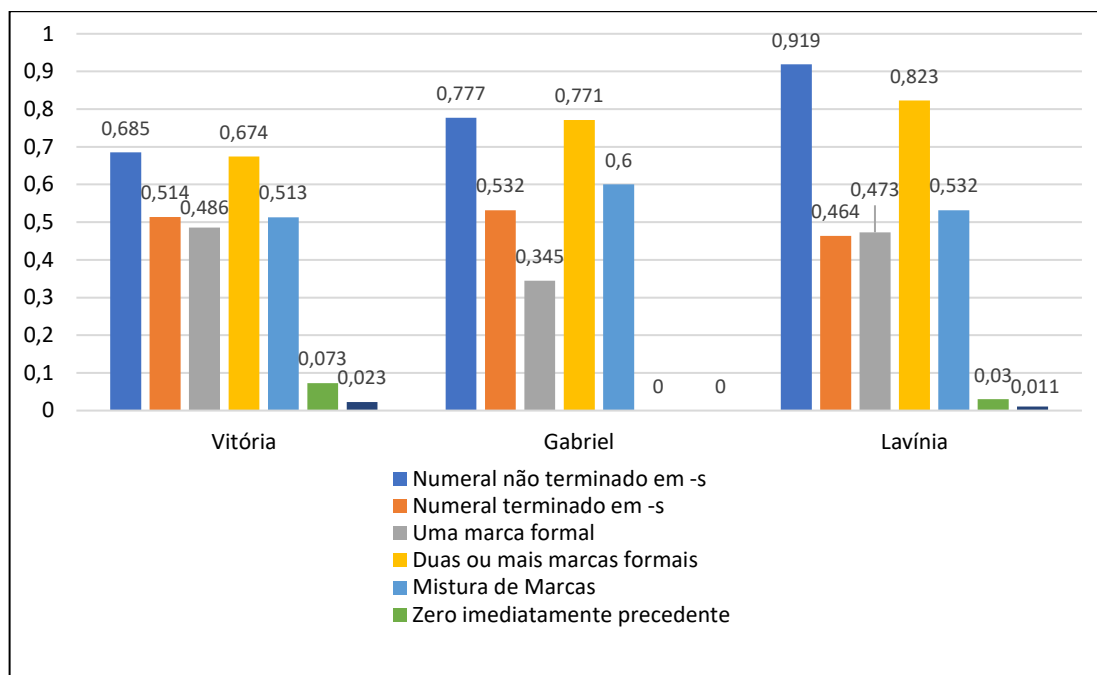
Os números demonstram que a distinção entre o tipo de numeral antecedente aparece nas três amostras, uma vez que o numeral não terminado em -s favorece mais a concordância (0,685 para Vitória; 0,777 para Gabriel; 0,919 para Lavínia) do que o terminado em -s (0,514 para Vitória; 0,532 para Gabriel; 0,464 para Lavínia). Podemos constatar, ainda, que a presença do numeral tende a influenciar mais marcas explícitas do que a marca formal na primeira posição (0,486 para Vitória; 0,345 para Gabriel; 0,473 para Lavínia), especialmente o não terminado em -s.

Em configurações com duas ou mais marcas formais precedentes, os números de Gabriel (0,771) e Lavínia (0,823) se aproximam do padrão de inserção do morfema plural observado para a comunidade capixaba (0,674). As chances de queda de marcas explícitas em itens precedidos de marcas de naturezas distintas podem ser vistas tanto nos dados da comunidade (0,513) quanto nos dos falantes individuais (0,600 para Gabriel; 0,532 para Lavínia).

Em relação aos itens nominais que são antecidos imediatamente por zero, vemos que o comportamento de Gabriel (efeito categórico no sentido de não marcação de plural) e de Lavínia (0,030) seguem a mesma linha da comunidade de Vitória (0,073), apresentando forte desfavorecimento da concordância. Paralelo a isso, o fator sintagma preposicionado sem marca formal provoca a ausência de plural no item subsequente nos dados do colaborador Gabriel (efeito categórico no sentido negativo de marcação de plural), nos da colaboradora Lavínia (0,011) e nos de Vitória (0,023).

Observemos esses resultados dispostos no Gráfico 5:

GRÁFICO 5 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL MARCAS PRECEDENTES NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COMUNIDADE DE VITÓRIA, COLABORADOR GABRIEL¹²⁰ E COLABORADORA LAVÍNIA¹²¹)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados de Scardua (2018, p. 131) – Vitória; e nos dados desta pesquisa – Gabriel (referente à Tabela 8) e Lavínia (referente à Tabela 25).

A análise comparativa evidencia que os resultados são mais semelhantes do que diferentes, uma vez que todos eles ratificam a hipótese de que a presença de marcas precedentes gera marcas no elemento seguinte, ao passo que a presença de zeros antecedentes gera mais zeros subsequentes, em especial a partir da segunda posição.

A saliência fônica é a variável que apresenta a mais tímida força de atuação sobre a concordância nominal nos três conjuntos de dados (*range* 231 para Vitória; 316 para Gabriel; 165 para Lavínia), se comparada às demais restrições linguísticas. Para efeitos comparativos mais fidedignos, tivemos de voltar à codificação da amostra PortVix e redefinir a variável saliência fônica em dois fatores: [+saliente] e [-saliente]. Como já mencionado no capítulo destinado à análise dos dados, neste estudo, adotamos um tratamento metodológico binário para essa variável, pois a quantidade

¹²⁰ Dados retirados da Rodada 2 (análise B), disponibilizada no Apêndice B.

¹²¹ Dados retirados da Rodada 2 (análise B), disponibilizada no Apêndice C.

de dados coletados dos falantes individuais não nos permitiu uma investigação detalhada da escala de saliência.

Na Tabela 40, a seguir, podemos ver, claramente, os indivíduos seguindo a mesma linha da comunidade.

TABELA 40 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COMUNIDADE DE VITÓRIA, COLABORADOR GABRIEL E COLABORADORA LAVÍNIA)

Fatores	Vitória	Gabriel¹²²	Lavínia¹²³
[+saliente]	0,695	0,753	0,635
[-saliente]	0,464	0,437	0,470
RANGES	231	316	165

Fonte: Elaboração própria com base nos dados de acervo pessoal – Vitória; e nos dados desta pesquisa – Gabriel (referente à Tabela 6) e Lavínia (referente à Tabela 27).

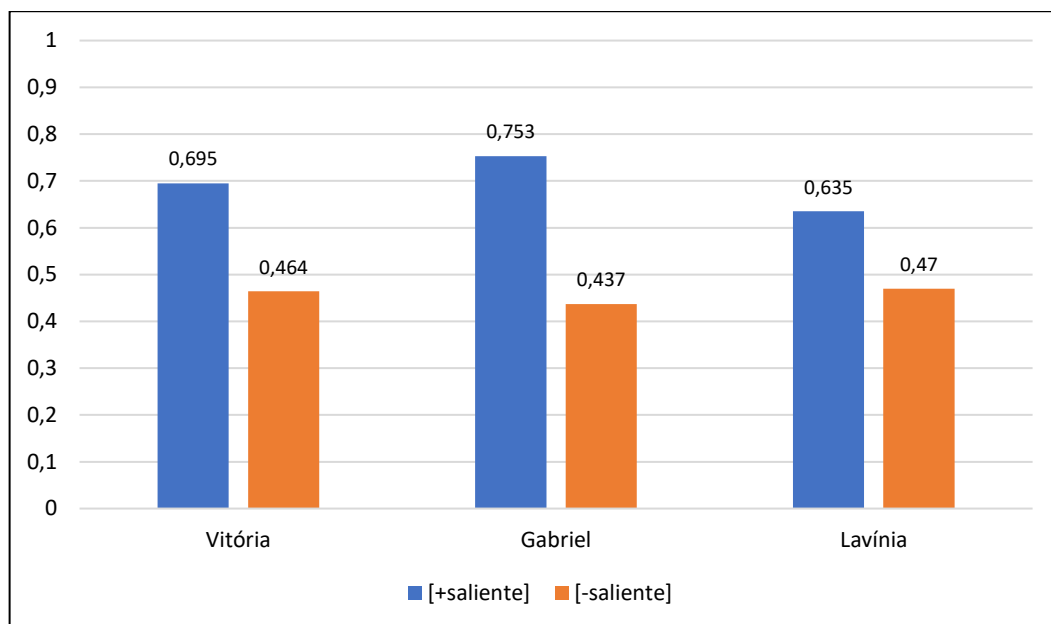
Podemos observar que, assim como ocorre em Vitória (0,695), na fala de Gabriel (0,753) e na de Lavínia (0,635), os itens que sofrem grandes modificações fônicas na relação singular/plural favorecem a retenção de marcas explícitas. De maneira oposta, os constituintes que sofrem pouca alteração no material fônico tendem a inibir a inserção do morfema plural nas três amostras (0,464 para Vitória; 0,437 para Gabriel; 0,470 para Lavínia).

Dispomos esses resultados no Gráfico 6 a seguir:

¹²² Dados retirados da Rodada 2 (análise B), disponibilizada no Apêndice B.

¹²³ Dados retirados da Rodada 2 (análise B), disponibilizada no Apêndice C.

GRÁFICO 6 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA VARIÁVEL SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COMUNIDADE DE VITÓRIA, COLABORADOR GABRIEL¹²⁴ E COLABORADORA LAVÍNIA¹²⁵)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados de acervo pessoal – Vitória; e nos dados desta pesquisa – Gabriel (referente à Tabela 6) e Lavínia (referente à Tabela 27).

O funcionamento dos fatores demonstra a atuação do Princípio da Saliência, que prevê que os vocábulos de maior diferenciação fônica na oposição singular/plural tendem a ser mais marcados do que os de menor de diferenciação fônica na oposição singular/plural.

Diante desse cenário, é possível perceber que os resultados linguísticos aqui comparados são bastante uniformes, isto é, a dimensão estrutural da variação da concordância entre os elementos do sintagma nominal apresenta uma regularidade impressionante. Para a comunidade como um todo e para os falantes individuais, temos os seguintes padrões:

- a) Os elementos não nucleares antepostos ao núcleo e os nucleares situados na primeira posição do sintagma nominal são os que mais favorecem a marcação de plural. Inversamente, os elementos não nucleares pospostos ao núcleo e os

¹²⁴ Dados retirados da Rodada 2 (análise B), disponibilizada no Apêndice B.

¹²⁵ Dados retirados da Rodada 2 (análise B), disponibilizada no Apêndice C.

nucleares localizados a partir da primeira posição são os que apresentam mais chances de cancelamento do morfema plural.

- b) Os itens nominais tendem a reter mais marcas se antecidos de marcas, especialmente a partir da segunda posição. Em contrapartida, apresentam mais chances de inibir a inserção de marcas explícitas de plural caso sejam precedidos de zeros.
- c) Os constituintes de maior grau de diferenciação material fônica, os mais salientes, favorecem o uso do morfema plural, ao passo que os de menor grau de diferenciação material fônica, os menos salientes, desfavorecem-no.

A conclusão a que se chega, portanto, é a de que o comportamento linguístico dos falantes individuais aqui investigados se alinha aos resultados obtidos para a comunidade de fala capixaba. Essa configuração evidencia que os indivíduos são influenciados da mesma forma pelas variáveis linguísticas e que as diferenças de comportamento são, portanto, mais quantitativas do que qualitativas, nos termos de Scherre (1988) e Lopes, L. de O. J. (2014, 2020).

5.2 O RUMO ESTILÍSTICO DA VARIAÇÃO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL

Realizamos aqui uma reflexão acerca dos resultados dos nossos falantes individuais e dos encontrados em pesquisas sociolinguísticas desenvolvidas em comunidades urbanas brasileiras. No momento em que julgarmos necessário, retomaremos os estudos de Scherre (1978), Pereira e Scherre (1995), Sousa (2012), Souza (2017), Scardua (2018) e Rosa (2019), mencionados no capítulo destinado à introdução. Nosso objetivo é discutir a pergunta fundadora desta tese: *a variação da concordância irá acabar no português brasileiro?*

Para escolher os trabalhos na ampla gama de estudos já realizados a respeito da

variação nos elementos flexionáveis do sintagma nominal, estabelecemos dois critérios: (i) todos eles deveriam ser representativos de comunidades urbanas; (ii) todos eles deveriam possuir similaridades metodológicas. Chegamos, assim, às pesquisas de Scherre e Naro (2006), sobre a língua falada na cidade do Rio de Janeiro/RJ; Lopes, N. da S (2001), sobre a língua falada na cidade de Salvador/BA; Oushiro (2015), sobre a língua falada na cidade de São Paulo/SP; e Scardua (2018), sobre a língua falada na cidade de Vitória.

As duas amostras de Scherre e Naro (2006) são do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL): a primeira, da década de 1980, é constituída de 64 entrevistas distribuídas segundo o sexo (masculino e feminino), a faixa etária (7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e >49 anos) e os anos de escolarização (1-4 anos, 5-8 anos e 9-11 anos) dos informantes; a segunda, dos anos 2000, é composta por 32 falantes recontactados de 1980, estratificados nos mesmos moldes sociais.

Lopes, N. da S (2001) utiliza os *corpora* do Projeto Norma Urbana Culta (NURC) e do Programa de Estudos sobre o Português Popular de Salvador (PEPP), ambos de 1990. O primeiro é formado por gravações com 18 soteropolitanos divididos de acordo com o sexo (masculino e feminino), a faixa etária (25-35 anos, 45-55 anos e >55 anos) e os anos de escolarização (>11 anos). Já o segundo, contém gravações de 48 informantes, também distribuídos em sexo (masculino e feminino), faixa etária (15-24 anos, 25-35 anos, 45-55 anos e >65 anos) e anos de escolarização (1-5 anos e 9-11 anos).

Oushiro (2015) examina 118 entrevistas do *corpus* do Projeto SP2010. Essas entrevistas estão estratificadas em função do sexo (masculino e feminino), da faixa etária (20-34 anos, 35-59 anos e >59 anos), dos anos de escolarização (9-11 anos e >11 anos) e da região de residência (centro e periferia) dos falantes.

Por fim, conforme descrito na introdução desta tese, o trabalho de Scardua (2018) é feito com base no *PortVix*, amostra composta por 46 informantes dos dois sexos (masculino e feminino), de quatro faixas etárias (7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e >49 anos) e de três anos de escolarização (1-8 anos, 9-11 anos e >11 anos).

A Tabela 41 traz os resultados gerais obtidos para os cariocas, os soteropolitanos, os paulistanos e os capixabas.

TABELA 41 – FREQUÊNCIAS GERAIS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL EM COMUNIDADES URBANAS BRASILEIRAS: RIO DE JANEIRO, SALVADOR, VITÓRIA E SÃO PAULO

Localidade	Período de organização da amostra	Uso de concordância	
		n/N	[%]
Rio de Janeiro	1980	9.256/13.099	71%
	2000	6.301/7.079	89%
Salvador	1990	11.251/13.905	81%
Vitória	2000	9.683/10.923	88,6%
São Paulo	2010	31.301/34.130	91,7%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados de Scherre e Naro (2006, p. 109) – Rio de Janeiro; Lopes, N. da S. (2001, p. 163) – Salvador; Scardua (2018, p. 118) – Vitória; Oushiro (2015, p. 136) – São Paulo.

Apesar de as amostras serem bastante heterogêneas no que diz respeito à escolaridade dos falantes, as quatro variedades registraram frequências altas de concordância, o que sugere menos variação entre presença e ausência de marcas explícitas de plural no interior do sintagma nominal na língua falada em centros urbanos. No Rio de Janeiro, os dados mostram que o índice de 71% de marcação de plural na década de 1980 subiu para 89% nos anos 2000. Em Salvador, a frequência é de 81%. Na mesma linha, Vitória apresenta 88,6% de uso do morfema plural e São Paulo exibe taxa 91,7%.

Evidentemente, é possível pensar que, futuramente, a variação da concordância de número entre os elementos do sintagma nominal entraria em vias de desaparecimento nas zonas urbanas, com os falantes apresentando efeito semicategórico ou até mesmo categórico no sentido de marcação de plural (cf. LABOV, 2003). Contudo, nas interações cotidianas, comumente, ouvimos falantes, inclusive com alto grau de escolarização, deixarem de realizar concordância em sua fala. Nosso estudo, inclusive, aponta que os jovens capixabas transitam num *continuum* estilístico, como já vimos nos gráficos 2 e 3, expostos na seção 4.3, e podemos rever na Tabela 42, que retoma os resultados das Tabelas 11 e 28.

TABELA 42 – EFEITO DA VARIÁVEL SITUAÇÃO COMUNICATIVA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (COLABORADOR GABRIEL¹²⁶ E COLABORADORA LAVÍNIA¹²⁷)

Fatores	Uso de concordância [%]	P.R. (Análise B)
COLABORADOR GABRIEL		
Contextos cotidianos		
Amigos íntimos	53,3%	0,141
Amigos íntimos e familiares da namorada [+próximos]	58,8%	0,210
Amigos íntimos e familiares da namorada [-próximos]	79,5%	0,597
Familiares da namorada [+próximos]	58,3%	0,275
Familiares da namorada [-próximos]	60,8%	0,218
Familiares da namorada [+próximos] e [-próximos]	68,4%	0,363
Colegas do futebol	69,2%	0,437
Colegas do bairro	79,5%	0,653
Colegas do trabalho	83,3%	0,593
Estudo com a prima	84,4%	0,677
Contextos institucionais		
Consulta nutricional e apresentação de seminário	90,4%	0,772
TOTAL	75,4%	
RANGE		631
COLABORADORA LAVÍNIA		
Contextos cotidianos		
Amigo íntimo	84,3%	0,388
Amigo íntimo e colegas da faculdade	83,7%	0,444
Colega da faculdade	84,4%	0,417
Contexto institucional		
Apresentação de seminário	98,3%	0,923
TOTAL	86,3%	
RANGE		535

Fonte: Elaboração própria com base nos dados desta pesquisa – Gabriel (referente à Tabela 11) e Lavínia (referente à Tabela 28).

¹²⁶ Dados retirados da Rodada 2 (análise B), disponibilizada no Apêndice B.

¹²⁷ Dados retirados da Rodada 2 (análise B), disponibilizada no Apêndice C.

O colaborador Gabriel, em suas interações verbais, transita ao longo de um *continuum* que segue do índice de 53,3% de uso do morfema plural na fala-em-interação cotidiana ao de 90,4% nas falas institucionalizadas¹²⁸. De maneira similar, porém em magnitude menos ampla, a colaboradora Lavínia apresenta um espectro estilístico em que a frequência de 83,7% de marcas explícitas em situações cotidianas caminha em direção a mais marcas no contexto institucional, onde chega ao nível semicategórico de 98,3%. Em termos de pesos relativos, os resultados se mostram bastante polarizados para os dois falantes, o que indica a forte influência da situação comunicativa sobre a concordância nominal.

Além do nosso trabalho aqui apresentado, o trânsito estilístico de um mesmo falante em função da situação comunicativa também foi observado nos estudos realizados no português brasileiro por Pereira e Scherre (1995), Sousa (2012) e Souza (2017). Vamos apresentar, por ordem cronológica, um breve resumo da direcionalidade dos efeitos observados por eles.

Em pesquisa inédita, Pereira e Scherre (1995) analisam uma amostra de dados de fala de um mesmo falante – um homem de classe média alta, com mais de onze anos de escolarização, mestre, administrador de uma fazenda – em três interações diferentes, a saber: (1) conversando com os empregados da fazenda; (2) conversando com familiares; e (3) conversando com o seu chefe. Na Tabela 43, temos um panorama dos resultados advindos da análise atomística dos dados desse falante mais escolarizado nas diferentes situações comunicativas.

TABELA 43 – EFEITO DA VARIÁVEL CONTEXTO INTERACIONAL NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO PEREIRA E SCHERRE (1995)

Fatores	Uso de concordância		P.R.
	n/N	[%]	
Interação com o patrão	56/62	90%	0,97
Interação com a família	65/126	52%	0,66
Interação com os empregados	55/140	39%	0,11
TOTAL	176/328	46%	

Fonte: Pereira e Scherre (1995, p. 1) – adaptado

¹²⁸ Cumpre observar que, sem a amálgama das situações comunicativas do contexto institucional, o colaborador Gabriel chegou a taxa de 100% de concordância na apresentação de seminário a distância.

Como podemos observar, ao conversar com pessoas que exercem poder sobre ele (o chefe), o falante faz mais uso do morfema plural, com frequência de 90% e peso relativo de 0,97. Nas interações familiares, que não envolvem relação de poder, ele exibe chances intermediárias de marcação, com índice de 52% e peso relativo de 0,66. Finalmente, conversando com pessoas sobre as quais exerce poder (os empregados da fazenda), o falante emprega menos o morfema plural, com frequência de 39% e peso relativo de 0,11. Desse modo, pelos resultados de Pereira e Scherre (1995), podemos notar, novamente, que o uso de marcas explícitas de plural é modificado a depender da situação comunicativa.

O trabalho de Sousa (2012) também examina dados de um único falante – homem, com mais de onze anos de escolarização, mestre, economista –, porém em quatro situações distintas, a saber: interagindo em grupo, em diálogo, em entrevista e em sessão solene. Os índices globais de concordância obtidos nas respectivas interações sob a perspectiva atomística são os seguintes: 47,4%, 45,0%, 91,8% e 93,0%.

Considerando que, assim como os estilos grupo (47,4%) e diálogo (45,0%), os índices de entrevista (91,8%) e sessão solene (93,0%) são próximos, a pesquisadora amalgama as quatro situações em duas categorias para a análise de pesos relativos, a saber: sessão solene/entrevista e grupo/diálogo. Vejamos a Tabela 44:

TABELA 44 – EFEITO DA VARIÁVEL ESTILO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO SOUSA (2012)

Fatores	Uso de concordância		P.R.
	n/N	[%]	
Sessão solene/Entrevista	162/175	92,6%	0,68
Grupo/diálogo	18/39	46,2%	0,02
TOTAL	180/214	84,1%	
INPUT			0,78

Fonte: Sousa (2012, p. 11) – adaptado.

Como vemos, há forte oposição entre os estilos sessão solene/entrevista e grupo/diálogo: no primeiro, há tendência ao favorecimento de marcas explícitas de plural, com peso relativo de 0,68, ao passo que, no segundo, há evidente

desfavorecimento, com peso relativo de 0,02. Diante disso, podemos perceber, mais uma vez, que a variação da concordância nominal de número plural ainda se faz muito presente na fala dos brasileiros, inclusive na dos mais escolarizados.

De maneira análoga às pesquisas supracitadas que acompanham falantes mais escolarizados, Souza (2017) investiga uma mulher, diarista e vendedora autônoma de cosméticos, com oito anos de escolarização, que havia retornado ao ambiente escolar após 35 anos longe dos muros da escola. Na Tabela 45, apresentamos os resultados depreendidos da análise não atomística, que considera todo o sintagma como objeto de investigação.

TABELA 45 – EFEITO DA VARIÁVEL SITUAÇÃO COMUNICATIVA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO SOUZA (2017)

Fatores	Uso de concordância		P.R.
	n/N	[%]	
Apresentação de trabalho	14/24	58,3%	0,76
Entrevista	19/76	25%	0,44
Grupo de discussão	8/34	23,5%	0,42

Fonte: Souza (2017, p. 39) – adaptado.

Os dados revelam que a falante transita em direção à realização de mais concordância nas situações comunicativas em que a produção verbal tende a ser planejada previamente: a apresentação de trabalho favorece a marcação de plural, com frequência de 58,3% e peso relativo de 0,76, enquanto a entrevista e o grupo de discussão desfavorecem-na, com frequências de 25% e peso relativo de 0,44 e de 23,5% e peso relativo de 0,42, respectivamente. Esse padrão encontrado para a falante de baixa escolarização segue, portanto, a mesma direcionalidade dos efeitos observados para os mais escolarizados, porém em magnitude mais baixa. Com o trabalho de Souza (2017), temos mais um estudo evidenciando a influência da situação comunicativa nas escolhas linguísticas dos falantes.

Nesse sentido, o nosso trabalho e os demais já realizados no português brasileiro fornecem importantes indícios de que ainda existe uma variação considerável no

processo de marcação de plural em sintagmas nominais, inclusive na fala dos mais escolarizados, o protótipo do falante que utiliza mais concordância. É válido lembrar que temos consciência de que nem todo e qualquer indivíduo realiza gradações marcantes de concordância em seus estilos de fala. Porém, quanto a isso, o próprio Labov (2008 [1972]), como já mencionado no referencial teórico e na análise dos dados deste trabalho, sinaliza que alguns transitam no espectro de variação estilística em maior grau que outros. Nos termos do sociolinguista:

Tanto quanto podemos ver, não existe falante de estilo único. Alguns informantes exibem um espectro de alternância estilística mais amplo que outros, mas todo falante que encontramos exhibe alternância de algumas variáveis linguísticas à medida que mudam o contexto social e o tópico¹²⁹ (LABOV, 2008 [1972], p. 243).

Para evidenciar ainda mais a questão da dimensão estilística operando no fenômeno da concordância nominal, consideramos oportuno retomar os resultados da dissertação de mestrado de Scardua (2018). Numa abordagem inovadora no Brasil, a pesquisadora aplica a metodologia laboviana da Árvore da Decisão (LABOV, 2001a) nas entrevistas sociolinguísticas da amostra PortVix em função do nível de escolarização (1-8 anos, 9-11 anos e >11 anos), avalia criticamente suas limitações, e, posteriormente, propõe uma reformulação da categoria resíduo, com testagem empírica comparativa. Cumpre pontuar que não abordaremos detalhadamente aqui todas as etapas desse estudo. Neste momento, iremos nos restringir, primeiramente, aos resultados dos ramos da Árvore da Decisão sem detalhamento para os três níveis de escolaridade.

Conforme destacado no item 1.1 desta tese, Scardua (2018) constata “a sistematicidade/uniformidade do ramo de fala casual na diminuição de marcas de concordância e do ramo de fala monitorada no favorecimento relativo do morfema plural” (SCARDUA, 2018, p. 196). Tal constatação pode ser mais bem visualizada na Tabela 46, a seguir.

¹²⁹ Original: As far as we can see, there are no single-style speakers. Some informants show a much wider range of style shifting than others, but every speaker we have encountered shows a shift of some linguistic variables as the social context and topic change (LABOV, 1972, p. 208).

TABELA 46 - EFEITO DO ESTILO DE FALA NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL (INFORMANTES DE 1-8 ANOS, 9-11 ANOS E >11 ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO DA AMOSTRA PORTVIX)

Escolaridade	Estilos	Uso de concordância		P.R.	Frequência de dados por fator
		n/N	[%]		
1-8 ANOS	Monitorado	3.255/3.811	85,4%	0,524	87,2%
	Casual	444/558	79,6%	0,341	12,8%
	TOTAL	3.699/4.369	84,7%		
	RANGE			183	
9-11 ANOS	Monitorado	2.230/2.469	90,3%	0,515	86,9%
	Casual	322/372	86,6%	0,400	13,1%
	TOTAL	2.552/2.841	89,8%		
	RANGE			115	
>11 ANOS	Monitorado	2.987/3.217	92,9%	0,522	88,8%
	Casual	362/404	89,6%	0,332	11,2%
	TOTAL	3.349/3.621	92,5%		
	RANGE			190	

Fonte: Scardua (2018, p. 162, 170 e 176) – adaptado.

Podemos observar que, para todos os agrupamentos de falantes, os dados revelam que o índice de marcação de plural tende a aumentar no estilo monitorado e a diminuir no casual: no grupo dos menos escolarizados (1-8 anos), temos 85,4% para o estilo monitorado e 79,6% para o estilo casual; no grupo de escolarização intermediária (9-11 anos), temos 90,3% para o estilo monitorado e 86,6% para o estilo casual; no grupo dos mais escolarizados (> 11 anos), temos 92,9% para estilo monitorado e 89,6% para o estilo casual.

Em termos de pesos relativos, independentemente do grau de escolaridade, a hierarquia dos fatores (cf. SANKOFF, 1988) aponta para o desfavorecimento da inserção do morfema plural no estilo casual (0,341 para 1-8 anos; 0,400 para 9-11 anos; 0,332 para >11 anos) e para o favorecimento relativo no estilo monitorado (0,524 para 1-8 anos; 0,515 para 9-11 anos; 0,522 para >11 anos).

Com a explicitação dessas grandes oposições, acabamos de ver que o estilo de fala exerce influência sobre a concordância de número entre os elementos do sintagma nominal. Vamos focalizar, agora, os resultados da Árvore da Decisão já remodelada para os falantes com mais de onze anos de escolarização, agrupamento social ao qual Gabriel e Lavínia pertencem. É válido salientar que era de nosso interesse discutir os resultados de estilo desses jovens ao lado dos obtidos para falantes da comunidade com perfis similares. No entanto, devido à escassez de dados por categoria, não foi possível efetuar essa análise a nível individual nas entrevistas do PortVix.

TABELA 47 – EFEITO DO CONTEXTO ESTILÍSTICO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO A ÁRVORE DA DECISÃO LABOVIANA REMODELADA (INFORMANTES >11 ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO DA AMOSTRA PORTVIX)

Fatores	Uso de		P.R.	Frequência de dados por fator
	Concordância			
	n/N	[%]		
Ramo da Árvore da Decisão de falas monitoradas (<i>careful speech</i>)				
Resposta	295/309	95,5%	0,600	8,5%
Opinião genérica	253/257	98,4%	0,717	7,1%
Falas residuais (<i>residual</i>) remodeladas				
Narrativa vicária	70/75	93,3%	0,713	2,1%
Narrativa habitual	176/215	81,9%	0,247	5,9%
Exposição/descrição geral	374/387	96,6%	0,707	10,7%
Exposição/descrição pessoal	161/185	87,0%	0,284	5,1%
Opinião pessoal	1.304/1.401	93,1%	0,505	38,7%
Demais casos	354/388	91,2%	0,457	10,7%
Ramo da Árvore da Decisão de falas não monitoradas (<i>casual speech</i>)				
Narrativa de experiência pessoal	349/388	89,9%	0,322	10,7%
Grupo e Tangente	13/16	81,2%	0,112	0,4%
TOTAL	3.349/3.621	92,5%		
RANGE			605	
SIGNIFICÂNCIA			0,000	

Fonte: Scardua (2018, p. 166)

Os dados acima indicam que a variação da concordância nominal de número é sensível ao estilo em função do grau de atenção que se presta à fala, com bastante consistência em termos da Árvore da Decisão (LABOV, 2001a). Todo o ramo de falas não monitoradas proposto por Labov (2001a) possui menos chances de apresentar marcas explícitas de plural: narrativa de experiência pessoal, com índice de 89,9% e peso relativo de 0,322, e as categorias grupo e tangente, com índice de 81,2% e peso relativo de 0,112.

Duas categorias específicas do ramo de falas monitoradas favorecem a inserção do morfema plural: resposta, com frequência de 95,5% e peso relativo de 0,600, e opinião genérica, com frequência de 98,4% e peso relativo de 0,717.

O ramo de falas residuais é que precisa mesmo ser remodelado, pois apresenta efeitos em direções distintas: de um lado, temos as narrativas habituais (0,247) e as exposições/descrições de caráter pessoal (0,284) desfavorecendo a concordância; do outro lado, temos as narrativas vicárias (0,713) e as exposições/descrições de caráter geral (0,707) favorecendo a inserção de marcas explícitas de plural; e, por fim, em um ponto intermediário, temos as opiniões pessoais (0,505) e os demais casos do resíduo (0,457).

É do conhecimento de todos que, embora sejam empregadas estratégias para minimizar o já conhecido *Paradoxo do Observador* (cf. LABOV, 2008 [1972], p. 244-245), o gênero entrevista possui a limitação de não ser uma situação natural de comunicação, já que os indivíduos se encontram diante da observação sistemática, com a presença de um gravador e de interlocutores que não são do seu convívio diário. O estudo de Scherre (1978), por exemplo, aponta, por meio do comportamento dos fatores situação tensa e situação distensa da variável grau de formalismo, para uma diferença considerável entre a marcação de plural obtida em gravações com e sem conhecimento por parte de três falantes do Rio de Janeiro, identificados como GUI (homem, 19 anos, >11 anos de escolarização), ZEN (mulher, 23 anos, semi-escolarizada) e LIL (mulher, 19 anos, >11 anos de escolarização). Observemos a Tabela 48:

TABELA 48 – EFEITO DA VARIÁVEL GRAU DE FORMALISMO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO SCHERRE (1978)

Fatores	GUI		ZEN		LIL	
	[%]	P.R.	[%]	P.R.	[%]	P.R.
Situação tensa (conhecimento da gravação)	1014/1216 = 83,4%	0,62	582/1154 = 50,4%	0,58	951/1185 = 80,3%	0,52
Situação distensa (desconhecimento da gravação)	94/134 = 70,1%	0,38	49/108 = 45,4%	0,42	161/200 = 80,5%	0,48
INPUT		0,91		0,44		0,90

Fonte: Scherre (1978, p. 92) – adaptado.

As chances de uso de marcas explícitas aumentam em função do conhecimento da gravação. Observando a hierarquia interna dos fatores (cf. SANKOFF, 1988), podemos verificar que os falantes cariocas, especialmente os identificados como GUI e ZEN, nas situações tensas, tendem a favorecer a concordância nominal (0,62 para GUI; 0,58 para ZEN; e 0,52 para LIL), ao passo que, nas situações distensas, a tendência é desfavorecê-la (0,38 para GUI; 0,42 para ZEN; e 0,48 para LIL).

Efeito semelhante foi observado por Rosa (2019) ao examinar conversas espontâneas e entrevistas sociolinguísticas de doze informantes residentes da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Analisando a atuação da variável registro, reproduzida na Tabela 49 a seguir, a pesquisadora constatou que o registro semiespontâneo (entrevista) apresenta 91,8% de marcas, enquanto o espontâneo exibe 67,8% de marcas. Há, dessa forma, uma queda de 24 pontos percentuais da situação de entrevista para a de conversa espontânea.

Em termos de pesos relativos, a entrevista sociolinguística favorece a ocorrência de marcas explícitas de plural nos elementos do sintagma nominal (0,61). Por outro lado, a conversa espontânea inibe fortemente o uso do morfema plural (0,20).

TABELA 49 – EFEITO DA VARIÁVEL REGISTRO NA PRESENÇA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL SEGUNDO ROSA (2019)

Fatores	Uso de concordância		P.R.
	n/N	[%]	
Semiespontâneo (entrevista)	1332/1451	91,8%	0,61
Espontâneo	341/503	67,8%	0,20
INPUT			0,97

Fonte: Rosa (2019, p. 84) – adaptado.

Os trabalhos de Scherre (1978) e Rosa (2019) mostram, explicitamente, que o uso da entrevista como método de coleta de dados provoca uma fala mais monitorada. Entretanto, é preciso reconhecer que, para o fenômeno da concordância nominal de número, a entrevista sociolinguística simula, de certa forma, as diferentes situações comunicativas da vida cotidiana.

Assim como o espectro de variação individual, nas diferentes situações comunicativas, varia de 53,3% a 90,4% para Gabriel, de 83,7% a 98,3% para Lavínia, de 39% a 90% para o falante mais escolarizado acompanhado por Pereira e Scherre (1995), de 46,2% a 92,6% para o falante mais escolarizado acompanhado por Sousa (2012) e de 23,5% a 58,3% para a falante menos escolarizada acompanhada por Souza (2017), as taxas de marcas explícitas de plural nas entrevistas vão de 81,2% a 98,4% a depender dos estilos contextuais. Além disso, de modo semelhante à forma como as pessoas se comunicam no dia a dia, nem sempre os falantes usam o morfema plural nos contextos considerados [+monitorados], assim como nem sempre não o deixam de usar nos contextos [-monitorados].

Por tudo que apresentamos até aqui, já se constata que os trabalhos desenvolvidos com base em perspectivas metodológicas distintas evidenciam a forte influência estilística sobre a concordância nominal de número na fala dos indivíduos, seja em diferentes situações comunicativas, seja em um mesmo evento comunicativo, independentemente dos anos de escolarização. Diante disso, a não marcação de concordância, a nosso ver, não deixará de fazer parte do repertório linguístico dos brasileiros que vivem em comunidades mais urbanizadas. Em verdade, acreditamos

que ela passará a atuar especialmente no plano do estilo¹³⁰, com os falantes variando em função dos eventos comunicativos, seja em termos da atenção à fala, da audiência, do tópico discursivo ou dos seus papéis sociais, conforme proposto pelas três principais abordagens da variação estilística na literatura sociolinguística (cf. BELL, 1981, 2001; ECKERT, 2000, 2001, 2005, 2016; HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2016; LABOV, 2008 [1972], 2001a; SCHILLING-ESTES, 2002) e assumido por nós, de maneira conciliatória, no desenrolar deste trabalho.

¹³⁰ A respeito do rumo estilístico, em que consideramos ter evidências de que a variação da concordância nominal vai permanecer no plano do estilo no português brasileiro, em resposta à pergunta do professor Gregory R. Guy, as professoras Christina Abreu Gomes e Lilian Coutinho Yacovenco ponderaram, durante a defesa desta tese, que esta ideia se aplica a grupos urbanos com algum grau de escolarização, mas que é preciso considerar a composição da sociedade para além dos grupos sociais presentes nas amostras de fala aqui citadas e das composições das amostras da maioria dos projetos sociolinguísticos no Brasil. Fica, portanto, como sugestão para pesquisas futuras, a realização de trabalhos nos mesmos moldes deste em tela em comunidades periféricas, bem como com pessoas que vivem à margem da sociedade, como é o caso dos adolescentes cariocas em situação de cumprimento de medida socioeducativa de internação, que, além de possuírem outros valores sociais em relação às variantes e de apresentarem comportamento diferente do observado nos estudos com grandes amostras, não vivem situações claras que propiciam alteração estilística (cf. GOMES; MELO; BARCELLOS, 2016; MELO, 2012; MELO; GOMES, 2019).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, fundamentado na perspectiva variacionista, examinamos a variação da concordância de número plural no interior do sintagma nominal em gravações naturais de fala. Para isso, analisamos dois jovens capixabas escolarizados, interagindo com diferentes interlocutores, em diversas situações comunicativas.

Em termos de resultados gerais, analisamos um total de 1.596 elementos nominais e constatamos que a presença de marcas explícitas de plural é predominante tanto na fala do colaborador homem (75,7%) quanto na da colaboradora mulher (86,1%), o que demonstra a forte influência que os anos de escolarização exercem sobre as escolhas linguísticas dos indivíduos.

Um dos objetivos deste estudo é observar o funcionamento da concordância nominal na esfera da estrutura interna da língua. Entre os grupos de fatores examinados, constatamos que a posição relativa e linear dos elementos dentro do sintagma nominal, a saliência fônica na relação singular/plural dos itens nominais e as marcas precedentes atuam sobre a presença ou ausência do morfema plural. Seguindo, de modo geral, a mesma tendência encontrada em outras pesquisas realizadas no território brasileiro, as marcas explícitas de plural apresentam mais chances de serem empregadas nos constituintes: (i) não nucleares antepostos ao núcleo e nos nucleares localizados na primeira posição; (ii) de oposição material fônica mais saliente na relação singular/plural; (iii) precedidos de marcas. Em contrapartida, a presença do zero plural é mais provável nos constituintes: (i) não nucleares pospostos ao núcleo e nos nucleares situados a partir da primeira posição; (ii) de oposição material fônica menos saliente na relação singular/plural; (iii) sem marcas anteriores. Desse modo, os dois falantes capixabas por nós investigados exibem os mesmos grandes padrões abstratos de variação.

Com nosso material de análise, tivemos condições de atingir o nosso propósito central: refletir sobre a dimensão estilística da variação. Ao lançar nosso olhar para a língua em situações reais de uso, conseguimos identificar variações de estilo de fala em função das situações comunicativas. Em linhas gerais, o acompanhamento dos indivíduos em contextos cotidianos e institucionais sugere que eles escolhem seu

repertório linguístico, levando em consideração uma diversidade de fatores que envolvem a monitoração, a audiência, o tópico discursivo e os seus papéis sociais, o que foi ratificado na análise dos traços estilísticos. Nesse sentido, esta pesquisa corrobora a ideia de que a variação estilística é governada por aspectos multidimensionais e, por conseguinte, demonstra que os modelos da atenção à fala (LABOV, 2008 [1972], 2001), da audiência *design* (BELL, 1984, 2001) e do falante *design* (COUPLAND, 2007, 2014; ECKERT, 2000, 2001, 2005, 2016; HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2016; PODESVA, 2007a, 2007b, 2011; SCHILLING-ESTES, 2002) apenas focalizam aspectos diferentes do processo comunicativo. Em outras palavras, podemos dizer que, quando lidamos com situações naturais da vida cotidiana, essas três perspectivas de estilo, na verdade, dialogam entre si.

Ainda sobre a análise estilística, outro ponto interessante que merece destaque é o espectro da variação do estilo de fala dos dois jovens capixabas. Como vimos, os colaboradores se aproximam no que se refere à oposição entre fala-em-interação cotidiana e institucional, visto que ambos empregam mais a variante desprestigiada socialmente na conversa cotidiana e a evitam nas falas institucionalizadas. Todavia, eles se distanciam no grau de trânsito estilístico: o colaborador homem parece variar num espectro mais expressivo que a colaboradora mulher.

Ademais, sob a perspectiva da microanálise do desempenho individual dos falantes, vimos que o estilo desempenha um papel importante no fenômeno da concordância nominal. Embora o espectro de frequência relativa obtido nas pesquisas realizadas a nível macro em comunidades urbanas brasileiras mostre usos elevados da forma de prestígio, percebemos, no protótipo do falante que realiza mais concordância, a existência de movimentos extensos ou sutis em direção a mais e menos marcas explícitas de plural de acordo com a situação comunicativa. Assim, concluímos que um possível rumo para o processo variável de concordância nominal em comunidades urbanas é o plano estilístico.

Em síntese, acreditamos que contribuímos para a descrição do uso variável da concordância nominal de número, para os estudos sobre variação estilística e para o conhecimento linguístico do português brasileiro pelos seguintes motivos: primeiro, descrevemos, analisamos e sistematizamos três importantes variáveis estruturais que regem a marcação de plural no interior do sintagma nominal, mostrando que as

influências no nível do indivíduo seguem a mesma tendência da comunidade de fala; segundo, demonstramos que o fenômeno estudado é sensível à situação comunicativa, evidenciando que há uma confluência de fatores que explicam a variação estilística do dia a dia e, por isso, a necessidade de conciliar múltiplos posicionamentos teóricos, mais especificamente, os modelos da atenção à fala (LABOV, 2008 [1972], 2001), da audiência *design* (BELL, 1984, 2001) e do falante *design* (COUPLAND, 2007, 2014; ECKERT, 2000, 2001, 2005, 2016; HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2016; PODESVA, 2007a, 2007b, 2011; SCHILLING-ESTES, 2002); e terceiro, discutimos o possível rumo estilístico da variação da concordância nominal em comunidades urbanas brasileiras.

Contudo, entendemos que as investigações não se encerram por aqui. Como desdobramento do trabalho atual, a elaboração de uma articulação teórica das diferentes noções de estilo e a interface entre os campos variacionista e interacional figuram um dos primeiros pontos a se considerar. Além disso, fica como passos futuros a investigação da configuração sintagmática, do comportamento dos numerais e, sobretudo, a construção de uma variável complexa resultante da somatória dos traços estilísticos para a situação comunicativa.

Um último apontamento que gostaríamos de fazer diz respeito à importância de se realizar um trabalho nos mesmos moldes deste em tela com dois falantes menos escolarizados. De acordo com Bortoni-Ricardo (2005, p. 25),

O falante ajusta sua linguagem, variando de um estilo informal a um estilo cerimonioso, a fim de se acomodar aos tipos específicos de situações. Observe-se, entretanto, que os registros ou estilos a que uma pessoa tem acesso são uma função de sua posição na hierarquia social (Halliday, 1978). Assim sendo, os indivíduos que não têm bastante competência na língua padrão também se veem severamente limitados na sua participação em eventos de fala públicos e formais.

Essa colocação parece sugerir que pessoas menos escolarizadas não transitam estilisticamente, o que diríamos não ser verdadeiro, já que temos indícios que a influência de aspectos estilísticos sobre os usos linguísticos funciona para qualquer falante no português brasileiro. Para lembrar, em Scherre (1978), podemos observar o efeito do conhecimento da gravação na falante carioca semi-escolarizada; em Souza

(2017), temos uma mulher capixaba pouco escolarizada transitando em direção a mais e menos concordância em função da situação comunicativa; em Scardua (2018), constatamos, no agrupamento de informantes de 1-8 anos de escolarização, a atuação estatisticamente significativa dos dois ramos da Árvore da Decisão (LABOV, 2001a), bem como dos seus diversos contextos estilísticos; e, por fim, em Lopes, L. de O. J. (2020), podemos verificar o efeito da sensibilidade intuitiva dos falantes da área rural como grupo ao tipo de entrevistador.

Com base nesses trabalhos que já temos em mãos, enfatizamos, portanto, que estamos de acordo com Labov (2003 [1969]) no que diz respeito à ideia de que os falantes não possuem um único estilo de fala. Dito de outro modo, consideramos que, em magnitude extensa ou reduzida, todos variam estilisticamente. Frisamos que, futuramente, novas pesquisas devem realizar o empreendimento de acompanhar falantes menos escolarizados em diferentes situações comunicativas a fim de explorar mais a variação estilística no plano do indivíduo.

Isso posto, estamos certos de que este é apenas o marco inicial de um vasto caminho a ser trilhado na dimensão estilística da variação da concordância de número plural entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal. Continuemos a travessia de pesquisa em busca de novas possibilidades de construção de conhecimento desse assunto.

REFERÊNCIAS

- BAUGH, John. A dissection of style-shifting. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John Russell (Eds). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 109-118.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BELL, Alan. Language style as audience design. **Language in Society**, Cambridge University Press, v. 13, p. 145-201, 1984.
- BELL, Alan. Back in style: reworking audience design. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John Russell (Eds). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 139-169.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Análise do português brasileiro em três *continua*: o continuum rural-urbano, o continuum oralidade-letramento e o *continuum* de monitoração estilística. In: GROBE, Sybille; ZIMMERMANN, Klaus. (Eds.). **<<Substandard>> e mudança no português do Brasil**. Frankfurt am Main: TFM, 1998, p. 101-108.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRAGA, Maria Luiza. **A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro**. 1977. 88f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.
- CARVALHO, Hebe Macedo de. **Concordância nominal: uma análise variacionista**. 1997. 154f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1997.
- CHOMSKY, Noam. **Syntactic Structures**. Haia: Mouton, 1957.
- CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Coimbra: Armenio Amado, 1975 [1965].
- CHOMSKY, Noam. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, Noam. **Knowledge of language**. New York: Praeger, 1986.
- CHOMSKY, Noam. **The minimalist program**. Cambridge: MIT Press, 1995.
- CONSELHO FEDERAL DE NUTRICIONISTAS. **Resolução CFN nº 600, de 25 de fevereiro de 2018**. Dispõe sobre a definição das áreas de atuação do nutricionista e suas atribuições, indica parâmetros numéricos mínimos de referência, por área de atuação, para a efetividade dos serviços prestados à sociedade e dá outras

providências. Brasília: Conselho Federal de Nutricionistas, 2018. Disponível em: <https://www.cfn.org.br/wp-content/uploads/resolucoes/Res_600_2018.htm>. Acesso em: 11 dez. 2020.

COUPLAND, Nikolas. **Style: language variation and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

COUPLAND, Nikolas. Social Context, Style and Identity in Sociolinguistics. In: HOLMES, Janet; HAZEN, Kirk. **Research methods in sociolinguistics: a practical guide**. Oxford: Wiley Blackwell, 2014. p. 290-303.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

DEL CORONA, Márcia. Fala-em-interação cotidiana e fala-em-interação institucional: uma análise de audiências criminais. In: LODER, Letícia Ludwig; JUNG, Neiva Maria. **Análises de fala-em-interação institucional: a perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; PIETRO, Jean-François; ZAHND, Gabrielle. A exposição oral. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 215-246.

DREW, Paul; HERITAGE, John. Analyzing talk at work: and introduction. In: DREW, Paul; HERITAGE, John (eds.). **Talk at work: interaction in institutional settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 3-65.

ECKERT, Penelope. **Linguistic variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, Penelope. Style and social meaning. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John Russell (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 119-126.

ECKERT, Penelope. **Variation, convention, and social meaning**. Paper Presented at the Annual meeting of the Linguistic Society of America, Oakland, 2005.

ECKERT, Penelope. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistic**, Oxford, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, v. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, Penelope. Third wave variationism. **Oxford Handbooks Online: scholarly, research reviews**. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 1-16. Disponível em: <<https://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935345.001.0001/oxfordhb-9780199935345-e-27?print=pdf>>. Acesso em: 22 mar 2021.

ECKERT, Penelope; LABOV, William. Phonetics, phonology and social meaning. **Journal of Sociolinguistics**, Nova Jersey, v. 21, n. 4, p. 467-496, 2017.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Think practically and look locally: language and gender as Community-based practice. **Annual Review of Anthropology**, v. 21, n. 21, p. 461-490, 1992.

ECKERT, Penelope; RICKFORD, John Russell (Eds). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

FERNANDES, Marisa. **Concordância nominal na região Sul**. 1996. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

FREITAG, Raquel Meister Ko; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. Banco de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, 917-944, 2012.

GARCEZ, Pedro de Moraes. A organização da fala-em-interação na sala de aula: controle social, reprodução de conhecimento, construção conjunta de conhecimento. **Calidoscópio**, v. 4, n. 1, p. 66-80, 2006. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/5988>. Acesso em: 26 mar 2021.

GARCEZ, Pedro de Moraes; BULLA, Gabriela da Silva; LODER, Letícia Ludwig. Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. **D.E.L.T.A**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 257-288, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/16521/15277>>. Acesso em: 06 jan. 2021.

GILES, Howard; POWESLAND, Peter F. **Speech Style and Social Evaluation**. London: Academic Press, 1975.

GOFFMAN, Erving. **Frame analysis: an essay on the organization of experience**. Boston: Northeastern University Press, 1986 [1974].

GOMES, Christina Abreu. Para além das ondas: um ponto de partida sobre o significado social da variação entre ditongo nasal átono final e vogal oral no português brasileiro. **Diacrítica**, Braga, v. 31, n. 1, p. 5-24, 2017.

GOMES, Christina Abreu; MELO, Marcelo Alexandre Lopes Silva de; BARCELLOS, Maria Eugenia Martins. Dinâmica da variação sociolinguística em contexto de exclusão social. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, n. 13, p. 127-143, 2016.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. **Varição estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Insular, 2014.

GÖRSKI, Edair Maria; VALLE, Carla Regina Martins. A variação estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. **Varição estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 67-92.

GUY, Gregory Riordan. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history**. 1981. 391f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania, Philadelphia, 1981.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HELLWIG, B.; GEERTS, J. **ELAN: linguistic annotator**. Versão 4.4.0. 2013. Disponível em: <<http://www.mpi.nl/corpus/manuals/manual-elan.pdf>>. Acessado em: 11 fev. 2020.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel. **Sociolinguistic styles**. Oxford: Wiley Blackwell, 2016.

HORA, Demerval da; WETZELS, Leo. A variação linguística e as restrições estilísticas. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, p. 147-188, 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/32349/20549>>. Acesso em: 08 abr 2020.

IRVINE, Judith T. Style as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. In: Eckert, Penelope; Rickford, John. (eds.) **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 21-43.

IRWIN, Anthea. Social constructionism. In: WODAK, Ruth; JOHNSTONE, Barbara; KERSWILL, Paul. (eds.). **The SAGE handbook of sociolinguistics**. London: Sage, 2011. p. 100-112.

LABOV, William. **The social stratification of English in New York City**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006 [1966].

LABOV, William. The intersection of sex and social class in course of linguistic change. **Language Variation and change**, v. 2, n. 2, p. 205-254, 1990.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, William. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John Russell (Eds). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001a. p. 85-109.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001b.

LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, G. Richard (Eds). **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, 2003 [1969]. p. 234-250.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, William; COHEN, Paul; ROBINS, Clearence; LEWIS, John. **A Study of the Non-Standard English of Negro and Puerto Rican Speakers in New York City**. Cooperative Research Report 3288. Vol II. The use of language in the speech Community. New York City: Columbia University, 1968.

LEMLE, Miriam; NARO, Anthony Julius. **Competências básicas do português**. Rio de Janeiro: Moral/Fundação Ford, 1977.

LOPES, Lays de Oliveira Joel. **A concordância nominal de número no português falado na zona rural de Santa Leopoldina**. 2014. 199f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

LOPES, Lays de Oliveira Joel. **“As história são boa. As pessoas, maravilhosa”**: análise da variação da concordância verbal e nominal na zona rural de Santa Leopoldina/ES. 2020. 364f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

LOPES, Norma da Silva. **Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade**. 2001. 408f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação de Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

MANGABEIRA, Andréa Burgos de Azevedo. **Participação, identidade e variação na EJA**: o uso variável da concordância nominal de número como recurso simbólico e estilístico na construção de uma comunidade de prática na sala de aula de língua portuguesa. 2012. 208f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MANGABEIRA, Andréa Burgos de Azevedo. **Variação na concordância nominal, prática social e identidade entre jovens e adultos do Centro do Trabalhador (Porto Alegre – RS)**. 2016. 319f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

MARTINS, Flávia Santos. **Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto Solimões (Amazonas)**. 2013. 244f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MATOS, Débora Aparecida Furieri. **O preconceito linguístico no ciberespaço: a discriminação, os agentes e as especificidades**. 2014. 169f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

MELO, Marcelo Alexandre Silva Lopes de. **Desenvolvendo novos padrões na comunidade de fala: um estudo sobre a fricativa em coda na comunidade de fala do Rio de Janeiro**. 2012. 107f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MELO, Marcelo Alexandre Silva Lopes de.; GOMES, Christina Abreu. Percepção da variação da coda (s) na comunidade de fala do Rio de Janeiro: acessando o significado social da variante fricativa posterior. In: VIEIRA, Marcia dos Santos Machado; WIEDEMER, Marcos Luiz (orgs.). **Dimensões e experiências em Sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2019. p. 129-148.

NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of a syntactic change. **Language**, v. 57, p. 63-98, 1981.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 15-25.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 20, p. 9-16, 1991.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Remodeling the age variable: number concord in Brazilian Portuguese. **Language Variation and Change**, Cambridge University Press, v. 25, p. 1-15, 2013.

OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. 394f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 33-42.

PAIVA, Maria da Conceição; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Revisitando o efeito da repetição na variação linguística. In: OLIVEIRA, J. M.; MOTA, J. A.; REIS, R. C. P. (orgs.). **Contribuições para a linguística brasileira: uma homenagem a Dinah Callou**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2022. No prelo.

PEREIRA, Andréa Kluge; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **A influência do contexto interacional na concordância de número no português do Brasil**. Trabalho apresentado no II Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes das IFES mineiras, Uberlândia, 1995.

PODESVA, Robert J. Three Sources of Stylistic Meaning. **Texas Linguistics Forum** (Proceedings of the Symposium About Language and Society), Austin, v. 51, p. 134–143, 2007a.

PODESVA, Robert J. Phonation type as stylistic variable: the use of falsetto in constructing a persona. **Journal of Sociolinguistics**, Oxford, v. 11, n. 4, p. 478–504, 2007b.

PODESVA, Robert J. Saliency and the Social Meaning of Declarative Contours: Three Case Studies of Gay Professionals. **Journal of English Linguistics**, v. 39, n. 3, p. 233-264, 2011.

POPLACK, Shanna. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, William (ed.). **Locating language in time and space**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980. p. 55-67.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística interacional**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique de. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROSA, Fernanda Fabiana Silva da. **A influência da monitoração estilística na concordância nominal de número interna ao SN**. 2019. 137f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. Sistemática Elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 7, n. 1-2, p. 9-73, 2003 [1974]. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25266>> Acesso em: 10 dez 2020.

SALOMÃO-CONCHALO, Mircia Hermenegildo. **Variação estilística na concordância nominal e verbal como construção de identidade social**. 2015. 313f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2015.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J. (Eds.). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society**. New York: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-998.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>> Acesso em: 08 ago 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCARDUA, Juliana Rangel. **Análise da concordância nominal na fala de Vitória/ES: o linguístico, o social e o estilístico**. 2018. 213f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **A regra de concordância de número no sintagma nominal em português**. 1978. 172f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Reanálise da concordância nominal em português**. 1988. 560f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Sobre a atuação do princípio da saliência fônica na concordância nominal. In: TARALLO, Fernando (Org.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas: Pontes, 1989. p. 301-332

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Variação da concordância nominal no português do Brasil: influência das variáveis posição, classe gramatical e marcas precedentes. In: GROBE, Sybille; ZIMMERMAN, Klaus (Eds.). **“Substandard” e mudança no Português do Brasil**. Frankfurt am Main: TFM, 1998a. p. 153-188.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo linguístico. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 29-59, 1998b.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Phrase-level parallelism effect noun phrase number agreement. **Language Variation and Change**, Cambridge University Press, v. 13, p. 91-107, 2001.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Verdadeiro respeito pela fala do outro: realidade possível?. **Revista Letra**, Rio de Janeiro, v.1 e 2, p. 51-62, 2013.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. De volta ao passado para buscar entender o futuro: revisitando efeitos lexicais na concordância nominal em amostras da fala carioca de 1980. In: REZENDE, Patrick; BRAMBILA, Guilherme (Orgs.). **Percursos em Linguística: teorias, abordagens e propostas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 11-72.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFFINO, Giovanni (Org.). **Dialetologia, geolinguística, sociolinguística**. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998, p.509-523.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Mudança sem mudança: a

concordância de número no português brasileiro. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v.9, n.18, p.107-129, 2006.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 147-178.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Sociolinguistic correlates of negative evaluation: variable concord in Rio de Janeiro. **Language Variation and Change**, Cambridge University Press, v.26, p. 331-357, 2014.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da ABRALIN**, v. eletrônico, n. especial, p. 121-146, 2011.

SCHILLING-ESTES, Natalie. Investigating stylistic variation. In: CHAMBERS, Jack K; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. (Eds.). **The handbook of language variation and change**. Cambridge: Blackwell, 2002, p. 375-401.

SILVA, Janaína Biancardi da. **Uma reflexão sobre a concordância nominal na fala capixaba e suas contribuições para o ensino de língua portuguesa**. 2011. 25f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Departamento de Línguas e Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

SILVA, Janaína Biancardi da; SCHERRE, Maria Marta Pereira. A concordância nominal na fala capixaba: fatores sociais. In: CARDOSO, Caroline Rodrigues; SCHERRE, Maria Marta Pereira; LIMA-SALLES, Heloísa Maria Moreira; PACHECO, Cíntia (Orgs.). **Variação linguística, contato de línguas e educação: contribuições do III encontro do grupo de estudos avançados de sociolinguística da Universidade de Brasília**. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 129-143.

SOUSA, Andressa Rebonato de. **Concordância nominal: variação e estilo**. Trabalho apresentado no Seminário de TCC Letras Neolatinas da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

SOUZA, Elaine Cristina Borges de. **Análise da variação estilística na concordância nominal de número de uma falante pouco escolarizada**. 2017. 48f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Português) – Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

SOUZA, Marco Aurélio Silva; BASTOS, Líliliana Cabral; PEREIRA, Maria das Graças Dias. A fala-em-interação institucional de reporters aéreos e locutores de rádio do Rio de Janeiro. In: BAALBAKI, Angela; CARDOSO, Janaína; ARANTES, Poliana; BERNARDO, Sandra (orgs.). **Linguagem: teoria, análise e aplicações**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras, 2015. p. 493-511.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Analysing Sociolinguistic Variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

TRUDGILL, Peter. Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich. **Language in Society**, Cambridge University Press, v. 1, p. 179-195, 1972.

VALLE, Carla Regina Martins. **Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos**: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição. 2014. 415f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

VALLE, Carla Regina Martins; GÖRSKI, Edair Maria. Por um tratamento multidimensional da variação estilística na entrevista sociolinguística. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de (Orgs.). **Variação estilística**: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Florianópolis: Insular, 2014. p. 93-122.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 51-58.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UFES – Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Ciências Humanas e Naturais
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Participante da pesquisa

Senhor(a) Voluntário(a),

Convido-o(a) a participar da pesquisa com o título de “Variação e estilo: uma investigação de falantes capixabas em diferentes situações comunicativas” a ser realizada no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Essa pesquisa tem como objetivo observar o comportamento linguístico de adultos capixabas em diferentes situações comunicativas a fim de verificar o efeito do estilo sobre fenômenos linguísticos variáveis.

Serão utilizados os seguintes procedimentos para a coleta de dados:

- 1) Gravações naturais de fala com o conhecimento do(a) participante – serão gravadas produções linguísticas do(a) participante em contextos interacionais informais e formais. Nesse procedimento, o(a) Sr.(a) será informado, antecipadamente, o momento exato em que estará sendo gravado.
- 2) Gravações naturais de fala sem o conhecimento do(a) participante – serão gravadas produções linguísticas do(a) participante em contextos interacionais informais e formais. Nesse procedimento, o(a) Sr.(a) não será informado sobre o momento exato em que estará sendo gravado.

Sua participação não trará qualquer benefício direto, mas proporcionará um melhor conhecimento a respeito da alternância estilística do falante do português brasileiro, fundamental para ampliar o conhecimento relativo aos estudos linguísticos. Na avaliação da pesquisadora, não há riscos envolvidos nas gravações de fala. No entanto, há que se considerar a possibilidade de risco mínimo no sentido de que o participante pode, em qualquer momento da gravação, se sentir desconfortável, mudar de ideia quanto à sua participação ou até mesmo ter um mal súbito não relacionado com a situação de gravação. Em qualquer uma das circunstâncias mencionadas, ou na ocorrência de outra não prevista, a gravação será suspensa e toda atenção será dispensada ao participante. Em qualquer circunstância será demonstrado ao voluntário agradecimento pela sua participação, completando ou não a gravação.

É assegurado ao participante o direito de recusar-se a ser gravado em situações que ocasionem constrangimentos de qualquer natureza. Também é assegurado, ao final da coleta de dados, o acesso à transcrição do material linguístico gravado sem o conhecimento do Sr.(a) para a autorização ou não de seu uso.

Informo que o (a) Sr.(a) tem a garantia, em qualquer etapa do estudo, de esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato

com a pesquisadora responsável Juliana Rangel Scardua por meio do e-mail: juliana.scardua@hotmail.com ou através do celular (27) 997485908.

Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e assim deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo, punição ou atitude preconceituosa, bem como é garantido o direito de buscar indenização em caso de eventual dano decorrente da pesquisa.

Em casos de denúncias ou intercorrências na pesquisa, o CEP deverá ser contatado pessoalmente, pelo telefone (27) 3145-9820, pelo e-mail cep.goiabeiras@gmail.com ou pelo correio no seguinte endereço: Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910.

O (A) Sr.(a) tem o direito de ser mantido(a) atualizado(a) sobre os resultados parciais das pesquisas e, caso seja solicitado, darei todas as informações que solicitar.

Não existirão despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Entretanto, se houver alguma despesa não prevista, o participante será ressarcido. Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados serão veiculados através da tese, de capítulos de livros, de artigos científicos em revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível a identificação de sua participação.

A seguir, está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida.

Consentimento livre e esclarecido

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das características do estudo acima citado que li ou que foram lidas para mim.

Eu discuti com a pesquisadora Juliana Rangel Scardua sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízos. Eu receberei uma via desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com o pesquisador responsável por essa pesquisa. Além disso, estou ciente de que eu e o pesquisador responsável deveremos rubricar todas as folhas desse TCLE e assinar na última folha.

Assinatura do participante

Nome do(a) participante da pesquisa

data ____/____/____

Assinatura do(a) participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável

Nome do(a) pesquisador(a) responsável

data: ____/____/____

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UFES – Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Ciências Humanas e Naturais
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – Terceiros (Participantes indiretos da pesquisa)

Senhor(a) Voluntário(a),

Convido-o(a) a participar indiretamente da pesquisa com o título de “Variação e estilo: uma investigação de falantes capixabas em diferentes situações comunicativas” a ser realizada no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Essa pesquisa tem como objetivo observar o comportamento linguístico de adultos capixabas em diferentes situações comunicativas a fim de verificar o efeito do estilo sobre fenômenos linguísticos variáveis.

Será utilizado o seguinte procedimento para a coleta de dados do(a) voluntário(a):

- 1) Gravações naturais de fala com o conhecimento do(a) participante – serão gravadas produções linguísticas do(a) participante em contextos interacionais informais e formais. Nesse procedimento, o(a) Sr.(a) será informado, antecipadamente, o momento exato em que estará sendo gravado.
- 2) Gravações naturais de fala sem o conhecimento do(a) participante – serão gravadas produções linguísticas do(a) participante em contextos interacionais informais e formais. Nesse procedimento, o(a) Sr.(a) não será informado sobre o momento exato em que estará sendo gravado.

Sua atuação consistirá em participar das conversas gravadas com o(a) voluntário(a). Essa participação não trará qualquer benefício direto, mas proporcionará um melhor conhecimento a respeito da alternância estilística do falante do português brasileiro, fundamental para ampliar o conhecimento relativo aos estudos linguísticos. Na avaliação da pesquisadora, não há riscos envolvidos nas gravações de fala. No entanto, há que se considerar a possibilidade de risco mínimo no sentido de que o participante pode, em qualquer momento da gravação, se sentir desconfortável, mudar de ideia quanto à sua participação ou até mesmo ter um mal súbito não relacionado com a situação de gravação. Em qualquer uma das circunstâncias mencionadas, ou na ocorrência de outra não prevista, a gravação será suspensa e toda atenção será dispensada ao participante. Em qualquer circunstância será demonstrado ao voluntário agradecimento pela sua participação, completando ou não a gravação.

É assegurado ao participante o direito de recusar-se a ser gravado em situações que ocasionem constrangimentos de qualquer natureza. Também é assegurado, ao final da coleta de dados, o acesso à transcrição do material linguístico gravado sem o conhecimento do Sr.(a) para a autorização ou não de seu uso.

Informo que o (a) Sr.(a) tem a garantia, em qualquer etapa do estudo, de esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com a pesquisadora responsável Juliana Rangel Scardua por meio do e-mail: juliana.scardua@hotmail.com ou através do celular (27) 997485908.

Também é garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e assim deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo, punição ou atitude preconceituosa, bem como é garantido o direito de buscar indenização em caso de eventual dano decorrente da pesquisa.

Em casos de denúncias ou intercorrências na pesquisa, o CEP deverá ser contatado pessoalmente, pelo telefone (27) 3145-9820, pelo e-mail cep.goiaberais@gmail.com ou pelo correio no seguinte

endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 ç Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910.

O (A) Sr.(a) tem o direito de ser mantido(a) atualizado(a) sobre os resultados parciais das pesquisas e, caso seja solicitado, darei todas as informações que solicitar.

Não existirão despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Entretanto, se houver alguma despesa não prevista, o participante será ressarcido. Eu me comprometo a não utilizar os seus dados coletados indiretamente na pesquisa e nunca tornar possível a identificação de sua participação.

A seguir está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida.

Consentimento livre e esclarecido

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das características do estudo acima citado que li ou que foram lidas para mim.

Eu discuti com a pesquisadora Juliana Rangel Scardua sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízos. Eu receberei uma via desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com o pesquisador responsável por essa pesquisa. Além disso, estou ciente de que eu e o pesquisador responsável deveremos rubricar todas as folhas desse TCLE e assinar na última folha.

Assinatura do participante

Nome do(a) participante da pesquisa

data ____/____/____

Assinatura do(a) participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável

Nome do(a) pesquisador(a) responsável

data: ____/____/____

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

APÊNDICE B – RODADAS PRINCIPAIS DO COLABORADOR GABRIEL

Rodada 1 (análise A) – Situações comunicativas

Number of cells: 128
Application value(s): PZ
Total no. of factors: 24

Group P Z Total %

POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL

Group # 1 -- A: 0.945, W: 0.270, n: 0.087, D: 0.204

1 (2)	P	Z				
A N	331	3	334	43.2	Antes do núcleo (0,945)	
%	99.1	0.9				
n N	205	168	373	48.3	Núcleo na 2ª posição (0,087)	
%	55.0	45.0				
W N	39	13	52	6.7	Núcleo a partir da 2ª posição (0,270)	
%	75.0	25.0				
D N	10	4	14	1.8	Depois do núcleo (0,204)	
%	71.4	28.6				

Total N	585	188	773
%	75.7	24.3	

SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS

Group # 2 -- -: 0.437, +: 0.753

2 (3)	P	Z			
+ N	116	27	143	18.5	[+ saliente] (0,753)
%	81.1	18.9			
- N	469	161	630	81.5	[- saliente] (0,437)
%	74.4	25.6			

Total N	585	188	773
%	75.7	24.3	

MARCAS PRECEDENTES

Group # 3 -- p: 0.388, z: 0.532, n: 0.808, R: 0.579, M: 0.326

3 (4)	P	Z			
n N	69	20	89	19.4	Numeral não terminado em -s (0,808)
%	77.5	22.5			
R N	32	18	50	10.9	Numeral terminado em -s (0,579)
%	64.0	36.0			
p N	124	130	254	55.3	Uma marca formal (0,388)
%	48.8	51.2			
z N	19	4	23	5.0	Duas ou mais marcas formais (0,532)
%	82.6	17.4			

M N 30 13 43 9.4 Mistura de marcas (0,326)
% 69.8 30.2

Total N 274 185 459
% 59.7 40.3

SITUAÇÃO COMUNICATIVA

Group # 4 -- t: 0.594, c: 0.642, f: 0.363, F: 0.218, i: 0.273, M: 0.209, a: 0.141, m: 0.605, p: 0.678, v: 0.772, s: 0.439

4 (12) P Z
a N 32 29 61 7.9 Amigos íntimos (0,141)
% 52.5 47.5

M N 20 13 33 4.3 Amigos íntimos e familiares da namorada [+ próximos] (0,209)
% 60.6 39.4

m N 31 8 39 5.0 Amigos íntimos e familiares da namorada [- próximos] (0,605)
% 79.5 20.5

i N 7 5 12 1.6 Familiares da namorada [+próximos] (0,273)
% 58.3 41.7

F N 59 38 97 12.5 Familiares da namorada [-próximos] (0,218)
% 60.8 39.2

f N 68 30 98 12.7 Familiares da namorada [+próximos] e [-próximos] (0,363)
% 69.4 30.6

s N 36 16 52 6.7 Colegas do futebol (0,439)
% 69.2 30.8

c N 35 9 44 5.7 Colegas do bairro (0,642)
% 79.5 20.5

t N 80 16 96 12.4 Colegas do trabalho (0,594)
% 83.3 16.7

p N 27 5 32 4.1 Estudo com a prima (0,678)
% 84.4 15.6

v N 190 19 209 27.0 Consulta nutricional e apresentação de seminário (0,772)
% 90.9 9.1

Total N 585 188 773
% 75.7 24.3

CONHECIMENTO DA GRAVAÇÃO [não selecionado]

5 (13) P Z
s N 96 14 110 14.2 Com conhecimento da gravação [0,762]
% 87.3 12.7

n N 489 174 663 85.8 Sem conhecimento da gravação [0,452]
% 73.8 26.2

Total N 585 188 773
% 75.7 24.3

TOTAL N 585 188 773
% 75.7 24.3

Name of new cell file: Gabriel - situações comunicativas.cel

• BINOMIAL VARBRUL • 16/05/2022 08:59:12
 Name of cell file: Gabriel - situações comunicativas.cel

Averaging by weighting factors.
 Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:
 Convergence at Iteration 2
 Input 0.757
 Log likelihood = -428.822

----- Level # 1 -----

Run # 2, 4 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.902
 Group # 1 -- A: 0.923, W: 0.246, n: 0.117, D: 0.214
 Log likelihood = -311.447 Significance = 0.000

Run # 3, 2 cells:
 Convergence at Iteration 4
 Input 0.758
 Group # 2 -- -: 0.482, +: 0.578
 Log likelihood = -427.347 Significance = 0.089

Run # 4, 6 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.607
 Group # 3 -- p: 0.382, z: 0.755, n: 0.691, R: 0.535, M: 0.599
 Log likelihood = -383.965 Significance = 0.000

Run # 5, 11 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.783
 Group # 4 -- t: 0.581, c: 0.519, f: 0.386, F: 0.301, i: 0.280, M: 0.299, a: 0.234, m: 0.518, p: 0.600, v:
 0.735, s: 0.384
 Log likelihood = -392.763 Significance = 0.000

Run # 6, 2 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.761
 Group # 5 -- s: 0.682, n: 0.468
 Log likelihood = -423.550 Significance = 0.002

Add Group # 1 with factors AWnD

----- Level # 2 -----

Run # 7, 8 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.905
 Group # 1 -- A: 0.937, W: 0.206, n: 0.101, D: 0.214
 Group # 2 -- -: 0.432, +: 0.769
 Log likelihood = -290.610 Significance = 0.000

Run # 8, 11 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.902

Group # 1 -- A: 0.922, W: 0.320, n: 0.113, D: 0.262

Group # 3 -- p: 0.408, z: 0.531, n: 0.746, R: 0.602, M: 0.359

Log likelihood = -295.055 Significance = 0.000

Run # 9, 41 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.921

Group # 1 -- A: 0.937, W: 0.216, n: 0.102, D: 0.165

Group # 4 -- t: 0.667, c: 0.525, f: 0.406, F: 0.242, i: 0.334, M: 0.249, a: 0.128, m: 0.533, p: 0.620, v: 0.749, s: 0.452

Log likelihood = -270.577 Significance = 0.000

Run # 10, 8 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.906

Group # 1 -- A: 0.926, W: 0.249, n: 0.113, D: 0.226

Group # 5 -- s: 0.750, n: 0.455

Log likelihood = -301.896 Significance = 0.000

Add Group # 2 with factors -+

----- Level # 3 -----

Run # 11, 20 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.902

Group # 1 -- A: 0.933, W: 0.302, n: 0.099, D: 0.284

Group # 2 -- -: 0.431, +: 0.773

Group # 3 -- p: 0.414, z: 0.525, n: 0.759, R: 0.573, M: 0.326

Log likelihood = -275.054 Significance = 0.000

Run # 12, 67 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.922

Group # 1 -- A: 0.947, W: 0.181, n: 0.091, D: 0.164

Group # 2 -- -: 0.437, +: 0.754

Group # 4 -- t: 0.634, c: 0.540, f: 0.405, F: 0.239, i: 0.319, M: 0.231, a: 0.150, m: 0.560, p: 0.633, v: 0.743, s: 0.481

Log likelihood = -255.799 Significance = 0.000

Run # 13, 15 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.908

Group # 1 -- A: 0.939, W: 0.208, n: 0.098, D: 0.223

Group # 2 -- -: 0.435, +: 0.761

Group # 5 -- s: 0.732, n: 0.458

Log likelihood = -283.353 Significance = 0.000

Add Group # 3 with factors pznRM

----- Level # 4 -----

Run # 14, 115 cells:

MELHOR RODADA!!!

No Convergence at Iteration 20

Input 0.922

Group # 1 – POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL

A: 0.945, ANTES DO NÚCLEO

n: 0.087, NÚCLEO NA 2ª POSIÇÃO

W: 0.270, NÚCLEO A PARTIR DA 2ª POSIÇÃO

D: 0.204, DEPOIS DO NÚCLEO

Group # 2 – SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS

+: 0.753, [+SALIENTE]

-: 0.437, [-SALIENTE]

Group # 3 – MARCAS PRECEDENTES

n: 0.808, NUMERAL NÃO TERMINADO EM -S

R: 0.579, NUMERAL TERMINADO EM -S

p: 0.388, UMA MARCA FORMAL

z: 0.532, DUAS OU MAIS MARCAS FORMAIS

M: 0.326, MISTURA DE MARCAS

Group # 4 – SITUAÇÃO COMUNICATIVA

a: 0.141, AMIGOS ÍNTIMOS

M: 0.209, AMIGOS ÍNTIMOS E FAMILIARES DA NAMORADA [+PRÓXIMOS]

m: 0.605, AMIGOS ÍNTIMOS E FAMILIARES DA NAMORADA [-PRÓXIMOS]

i: 0.273, FAMILIARES DA NAMORADA [+PRÓXIMOS]

F: 0.218, FAMILIARES DA NAMORADA [-PRÓXIMOS]

f: 0.363, FAMILIARES DA NAMORADA [+PRÓXIMOS] e [-PRÓXIMOS]

s: 0.439, COLEGAS DO FUTEBOL

c: 0.642, COLEGAS DO BAIRRO

t: 0.594, COLEGAS DO TRABALHO

p: 0.678, ESTUDO COM A PRIMA

v: 0.772, CONSULTA E APRESENTAÇÃO DE SEMINÁRIO

Log likelihood = -236.470 Significance = 0.000

Run # 15, 34 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.905

Group # 1 -- A: 0.934, W: 0.307, n: 0.097, D: 0.294

Group # 2 -- -: 0.432, +: 0.769

Group # 3 -- p: 0.421, z: 0.508, n: 0.750, R: 0.566, M: 0.329

Group # 5 -- s: 0.705, n: 0.464

Log likelihood = -270.098 Significance = 0.003

Add Group # 4 with factors tcfFiMampvs

----- Level # 5 -----

Run # 16, 128 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.923

Group # 1 -- A: 0.945, W: 0.269, n: 0.086, D: 0.204

Group # 2 -- -: 0.437, +: 0.752

Group # 3 -- p: 0.388, z: 0.528, n: 0.807, R: 0.581, M: 0.326

Group # 4 -- t: 0.342, c: 0.682, f: 0.406, F: 0.250, i: 0.310, M: 0.241, a: 0.164, m: 0.647, p: 0.716, v:
0.784, s: 0.484

Group # 5 -- s: 0.762, n: 0.452

Log likelihood = -234.766 Significance = 0.069

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 1 2 3 4

Best stepping up run: #14

Stepping down...

----- Level # 5 -----

Run # 17, 128 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.923

Group # 1 -- A: 0.945, W: 0.269, n: 0.086, D: 0.204

Group # 2 -- -: 0.437, +: 0.752

Group # 3 -- p: 0.388, z: 0.528, n: 0.807, R: 0.581, M: 0.326

Group # 4 -- t: 0.342, c: 0.682, f: 0.406, F: 0.250, i: 0.310, M: 0.241, a: 0.164, m: 0.647, p: 0.716, v: 0.784, s: 0.484

Group # 5 -- s: 0.762, n: 0.452

Log likelihood = -234.766

----- Level # 4 -----

Run # 18, 110 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.624

Group # 2 -- -: 0.447, +: 0.719

Group # 3 -- p: 0.367, z: 0.732, n: 0.751, R: 0.517, M: 0.578

Group # 4 -- t: 0.336, c: 0.647, f: 0.399, F: 0.279, i: 0.304, M: 0.282, a: 0.189, m: 0.596, p: 0.712, v: 0.783, s: 0.447

Group # 5 -- s: 0.761, n: 0.452

Log likelihood = -251.568 Significance = 0.000

Run # 19, 89 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.925

Group # 1 -- A: 0.937, W: 0.292, n: 0.096, D: 0.191

Group # 3 -- p: 0.380, z: 0.510, n: 0.804, R: 0.609, M: 0.364

Group # 4 -- t: 0.341, c: 0.669, f: 0.403, F: 0.252, i: 0.308, M: 0.259, a: 0.143, m: 0.624, p: 0.694, v: 0.803, s: 0.454

Group # 5 -- s: 0.778, n: 0.448

Log likelihood = -248.032 Significance = 0.000

Run # 20, 73 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.923

Group # 1 -- A: 0.947, W: 0.179, n: 0.090, D: 0.163

Group # 2 -- -: 0.437, +: 0.753

Group # 4 -- t: 0.373, c: 0.587, f: 0.452, F: 0.276, i: 0.362, M: 0.267, a: 0.176, m: 0.607, p: 0.677, v: 0.755, s: 0.530

Group # 5 -- s: 0.770, n: 0.450

Log likelihood = -253.696 Significance = 0.000

Run # 21, 34 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.905

Group # 1 -- A: 0.934, W: 0.307, n: 0.097, D: 0.294

Group # 2 -- -: 0.432, +: 0.769

Group # 3 -- p: 0.421, z: 0.508, n: 0.750, R: 0.566, M: 0.329

Group # 5 -- s: 0.705, n: 0.464

Log likelihood = -270.098 Significance = 0.000

Run # 22, 115 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.922

Group # 1 -- A: 0.945, W: 0.270, n: 0.087, D: 0.204
 Group # 2 -- -: 0.437, +: 0.753
 Group # 3 -- p: 0.388, z: 0.532, n: 0.808, R: 0.579, M: 0.326
 Group # 4 -- t: 0.594, c: 0.642, f: 0.363, F: 0.218, i: 0.273, M: 0.209, a: 0.141, m: 0.605, p: 0.678, v:
 0.772, s: 0.439
 Log likelihood = -236.470 Significance = 0.069

Cut Group # 5 with factors sn

----- Level # 3 -----

Run # 23, 98 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.621
 Group # 2 -- -: 0.447, +: 0.718
 Group # 3 -- p: 0.367, z: 0.735, n: 0.752, R: 0.515, M: 0.578
 Group # 4 -- t: 0.587, c: 0.604, f: 0.357, F: 0.245, i: 0.268, M: 0.248, a: 0.166, m: 0.552, p: 0.672, v:
 0.769, s: 0.402
 Log likelihood = -253.930 Significance = 0.000

Run # 24, 78 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.924
 Group # 1 -- A: 0.937, W: 0.293, n: 0.096, D: 0.191
 Group # 3 -- p: 0.379, z: 0.513, n: 0.805, R: 0.607, M: 0.364
 Group # 4 -- t: 0.616, c: 0.627, f: 0.358, F: 0.218, i: 0.270, M: 0.225, a: 0.122, m: 0.579, p: 0.653, v:
 0.787, s: 0.408
 Log likelihood = -249.901 Significance = 0.000

Run # 25, 67 cells:
 Convergence at Iteration 8
 Input 0.922
 Group # 1 -- A: 0.947, W: 0.181, n: 0.091, D: 0.164
 Group # 2 -- -: 0.437, +: 0.754
 Group # 4 -- t: 0.634, c: 0.540, f: 0.405, F: 0.239, i: 0.319, M: 0.231, a: 0.150, m: 0.560, p: 0.633, v:
 0.743, s: 0.481
 Log likelihood = -255.799 Significance = 0.000

Run # 26, 20 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.902
 Group # 1 -- A: 0.933, W: 0.302, n: 0.099, D: 0.284
 Group # 2 -- -: 0.431, +: 0.773
 Group # 3 -- p: 0.414, z: 0.525, n: 0.759, R: 0.573, M: 0.326
 Log likelihood = -275.054 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 5
 Best stepping up run: #14
 Best stepping down run: #22

Rodada 2 (análise B) – Situações comunicativas

Number of cells: 128
Application value(s): PZ
Total no. of factors: 23

Group	P	Z	Total	%
-------	---	---	-------	---

POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL

Group # 1 -- A: 0.945, N: 0.103, D: 0.089

1 (2)	P	Z				
A N	331	3	334	43.2	Antes do núcleo (0,945)	
%	99.1	0.9				
N N	244	181	425	55.0	Núcleo a partir da 1ª posição (0,103)	
%	57.4	42.6				
D N	10	4	14	1.8	Depois do núcleo (0,089)	
%	71.4	28.6				

Total N	585	188	773
%	75.7	24.3	

SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS

Group # 2 -- -: 0.437, +: 0.753

2 (3)	P	Z			
+ N	116	27	143	18.5	[+ saliente] (0,753)
%	81.1	18.9			
- N	469	161	630	81.5	[- saliente] (0,437)
%	74.4	25.6			

Total N	585	188	773
%	75.7	24.3	

MARCAS PRECEDENTES

Group # 3 -- p: 0.345, z: 0.771, n: 0.777, R: 0.532, M: 0.600

3 (4)	P	Z			
n N	69	20	89	19.4	Numeral não terminado em -s (0,777)
%	77.5	22.5			
R N	32	18	50	10.9	Numeral terminado em -s (0,532)
%	64.0	36.0			
p N	124	130	254	55.3	Uma marca formal (0,345)
%	48.8	51.2			
z N	19	4	23	5.0	Duas ou mais marcas formais (0,771)
%	82.6	17.4			
M N	30	13	43	9.4	Mistura de marcas (0,600)
%	69.8	30.2			

Total N	274	185	459
%	59.7	40.3	

 SITUAÇÃO COMUNICATIVA

Group # 4 -- t: 0.593, c: 0.653, f: 0.363, F: 0.218, i: 0.275, M: 0.210, a: 0.141, m: 0.597, p: 0.677, v: 0.772, s: 0.437

4 (12)		P	Z				
a	N	32	29	61	7.9	Amigos íntimos (0,141)	
	%	52.5	47.5				
M	N	20	13	33	4.3	Amigos íntimos e familiares da namorada [+próximos] (0,210)	
	%	60.6	39.4				
m	N	31	8	39	5.0	Amigos íntimos e familiares da namorada [-próximos] (0,597)	
	%	79.5	20.5				
i	N	7	5	12	1.6	Familiares da namorada [+ próximos] (0,275)	
	%	58.3	41.7				
F	N	59	38	97	12.5	Familiares da namorada [- próximos] (0,218)	
	%	60.8	39.2				
f	N	68	30	98	12.7	Familiares da namorada [+próximos] e [-próximos] (0,363)	
	%	69.4	30.6				
s	N	36	16	52	6.7	Colegas do futebol (0,437)	
	%	69.2	30.8				
c	N	35	9	44	5.7	Colegas do bairro (0,653)	
	%	79.5	20.5				
t	N	80	16	96	12.4	Colegas do trabalho (0,593)	
	%	83.3	16.7				
p	N	27	5	32	4.1	Estudo com a prima (0,677)	
	%	84.4	15.6				
v	N	190	19	209	27.0	Consulta e apresentação de trabalho (0,772)	
	%	90.9	9.1				
Total N		585	188	773			
	%	75.7	24.3				

5 (13)		P	Z				
s	N	96	14	110	14.2	Com conhecimento da gravação [0,762]	
	%	87.3	12.7				
n	N	489	174	663	85.8	Sem conhecimento da gravação [0,452]	
	%	73.8	26.2				

Total N		585	188	773
	%	75.7	24.3	

TOTAL N		585	188	773
	%	75.7	24.3	

Name of new cell file: Gabriel - situações comunicativas.cel

• BINOMIAL VARBRUL • 16/05/2022 08:57:33
 Name of cell file: Gabriel - situações comunicativas.cel

Averaging by weighting factors.
 Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:
 Convergence at Iteration 2
 Input 0.757
 Log likelihood = -428.822

----- Level # 1 -----

Run # 2, 3 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.901
 Group # 1 -- A: 0.923, N: 0.129, D: 0.215
 Log likelihood = -315.401 Significance = 0.000

Run # 3, 2 cells:
 Convergence at Iteration 4
 Input 0.758
 Group # 2 -- -: 0.482, +: 0.578
 Log likelihood = -427.347 Significance = 0.089

Run # 4, 6 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.607
 Group # 3 -- p: 0.382, z: 0.755, n: 0.691, R: 0.535, M: 0.599
 Log likelihood = -383.965 Significance = 0.000

Run # 5, 11 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.783
 Group # 4 -- t: 0.581, c: 0.519, f: 0.386, F: 0.301, i: 0.280, M: 0.299, a: 0.234, m: 0.518, p: 0.600, v:
 0.735, s: 0.384
 Log likelihood = -392.763 Significance = 0.000

Run # 6, 2 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.761
 Group # 5 -- s: 0.682, n: 0.468
 Log likelihood = -423.550 Significance = 0.002

Add Group # 1 with factors AND

----- Level # 2 -----

Run # 7, 6 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.905
 Group # 1 -- A: 0.938, N: 0.110, D: 0.215
 Group # 2 -- -: 0.431, +: 0.772
 Log likelihood = -293.693 Significance = 0.000

Run # 8, 11 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.902

Group # 1 -- A: 0.922, N: 0.132, D: 0.121

Group # 3 -- p: 0.365, z: 0.766, n: 0.710, R: 0.557, M: 0.624

Log likelihood = -295.674 Significance = 0.000

Run # 9, 30 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.921

Group # 1 -- A: 0.937, N: 0.112, D: 0.165

Group # 4 -- t: 0.658, c: 0.511, f: 0.407, F: 0.243, i: 0.356, M: 0.250, a: 0.128, m: 0.546, p: 0.618, v: 0.754, s: 0.435

Log likelihood = -273.672 Significance = 0.000

Run # 10, 6 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.905

Group # 1 -- A: 0.926, N: 0.125, D: 0.227

Group # 5 -- s: 0.744, n: 0.456

Log likelihood = -306.281 Significance = 0.000

Add Group # 2 with factors -+

----- Level # 3 -----

Run # 11, 20 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.902

Group # 1 -- A: 0.934, N: 0.118, D: 0.130

Group # 2 -- -: 0.431, +: 0.772

Group # 3 -- p: 0.370, z: 0.770, n: 0.722, R: 0.526, M: 0.600

Log likelihood = -275.750 Significance = 0.000

Run # 12, 48 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.922

Group # 1 -- A: 0.947, N: 0.098, D: 0.163

Group # 2 -- -: 0.436, +: 0.758

Group # 4 -- t: 0.625, c: 0.529, f: 0.402, F: 0.240, i: 0.337, M: 0.230, a: 0.150, m: 0.573, p: 0.630, v: 0.750, s: 0.466

Log likelihood = -258.060 Significance = 0.000

Run # 13, 11 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.908

Group # 1 -- A: 0.939, N: 0.108, D: 0.224

Group # 2 -- -: 0.433, +: 0.765

Group # 5 -- s: 0.727, n: 0.459

Log likelihood = -286.711 Significance = 0.000

Add Group # 3 with factors pznRM

----- Level # 4 -----

Run # 14, 115 cells:

MELHOR RODADA!!!

Convergence at Iteration 10

Input 0.922

Group # 1 – POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL

A: 0.945, ANTES DO NÚCLEO

N: 0.103, NÚCLEO A PARTIR DA 1ª POSIÇÃO

D: 0.089, DEPOIS DO NÚCLEO

Group # 2 – SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS

+: 0.753, [+SALIENTE]

-: 0.437, [-SALIENTE]

Group # 3 – MARCAS PRECEDENTES

n: 0.777, NUMERAL NÃO TERMINADO EM -S

R: 0.532, NUMERAL TERMINADO EM -S

p: 0.345, UMA MARCA FORMAL

z: 0.771, DUAS OU MAIS MARCAS FORMAIS

M: 0.600, MISTURA DE MARCAS

Group # 4 – SITUAÇÃO COMUNICATIVA

a: 0.141, AMIGOS ÍNTIMOS

M: 0.210, AMIGOS ÍNTIMOS E FAMILIARES DA NAMORADA [+PRÓXIMOS]

m: 0.597, AMIGOS ÍNTIMOS E FAMILIARES DA NAMORADA [-PRÓXIMOS]

i: 0.275, FAMILIARES DA NAMORADA [+PRÓXIMOS]

F: 0.218, FAMILIARES DA NAMORADA [-PRÓXIMOS]

f: 0.363, FAMILIARES DA NAMORADA [+PRÓXIMOS] e [-PRÓXIMOS]

s: 0.437, COLEGAS DO FUTEBOL

c: 0.653, COLEGAS DO BAIRRO

t: 0.593, COLEGAS DO TRABALHO

p: 0.677, ESTUDO COM A PRIMA

v: 0.772, CONSULTA E APRESENTAÇÃO DE SEMINÁRIO

Log likelihood = -237.040 Significance = 0.000

Run # 15, 34 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.904

Group # 1 -- A: 0.935, N: 0.116, D: 0.132

Group # 2 -- -: 0.432, +: 0.768

Group # 3 -- p: 0.375, z: 0.764, n: 0.711, R: 0.517, M: 0.614

Group # 5 -- s: 0.705, n: 0.464

Log likelihood = -270.835 Significance = 0.003

Add Group # 4 with factors tcfFiMampvs

----- Level # 5 -----

Run # 16, 128 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.923

Group # 1 -- A: 0.946, N: 0.103, D: 0.089

Group # 2 -- -: 0.437, +: 0.752

Group # 3 -- p: 0.345, z: 0.768, n: 0.776, R: 0.534, M: 0.600

Group # 4 -- t: 0.341, c: 0.693, f: 0.405, F: 0.251, i: 0.312, M: 0.242, a: 0.164, m: 0.640, p: 0.715, v: 0.784, s: 0.482

Group # 5 -- s: 0.762, n: 0.452

Log likelihood = -235.332 Significance = 0.069

No remaining groups significant

Groups selected while stepping up: 1 2 3 4

Best stepping up run: #14

Stepping down...

----- Level # 5 -----

Run # 17, 128 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.923

Group # 1 -- A: 0.946, N: 0.103, D: 0.089

Group # 2 -- -: 0.437, +: 0.752

Group # 3 -- p: 0.345, z: 0.768, n: 0.776, R: 0.534, M: 0.600

Group # 4 -- t: 0.341, c: 0.693, f: 0.405, F: 0.251, i: 0.312, M: 0.242, a: 0.164, m: 0.640, p: 0.715, v: 0.784, s: 0.482

Group # 5 -- s: 0.762, n: 0.452

Log likelihood = -235.332

----- Level # 4 -----

Run # 18, 110 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.624

Group # 2 -- -: 0.447, +: 0.719

Group # 3 -- p: 0.367, z: 0.732, n: 0.751, R: 0.517, M: 0.578

Group # 4 -- t: 0.336, c: 0.647, f: 0.399, F: 0.279, i: 0.304, M: 0.282, a: 0.189, m: 0.596, p: 0.712, v: 0.783, s: 0.447

Group # 5 -- s: 0.761, n: 0.452

Log likelihood = -251.568 Significance = 0.000

Run # 19, 89 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.925

Group # 1 -- A: 0.938, N: 0.114, D: 0.082

Group # 3 -- p: 0.337, z: 0.755, n: 0.772, R: 0.562, M: 0.640

Group # 4 -- t: 0.340, c: 0.679, f: 0.403, F: 0.253, i: 0.310, M: 0.260, a: 0.143, m: 0.618, p: 0.693, v: 0.802, s: 0.452

Group # 5 -- s: 0.778, n: 0.448

Log likelihood = -248.566 Significance = 0.000

Run # 20, 53 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.923

Group # 1 -- A: 0.948, N: 0.098, D: 0.163

Group # 2 -- -: 0.436, +: 0.757

Group # 4 -- t: 0.360, c: 0.577, f: 0.450, F: 0.277, i: 0.382, M: 0.267, a: 0.176, m: 0.620, p: 0.674, v: 0.761, s: 0.515

Group # 5 -- s: 0.772, n: 0.450

Log likelihood = -255.900 Significance = 0.000

Run # 21, 34 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.904

Group # 1 -- A: 0.935, N: 0.116, D: 0.132

Group # 2 -- -: 0.432, +: 0.768

Group # 3 -- p: 0.375, z: 0.764, n: 0.711, R: 0.517, M: 0.614

Group # 5 -- s: 0.705, n: 0.464

Log likelihood = -270.835 Significance = 0.000

Run # 22, 115 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.922

Group # 1 -- A: 0.945, N: 0.103, D: 0.089

Group # 2 -- -: 0.437, +: 0.753
 Group # 3 -- p: 0.345, z: 0.771, n: 0.777, R: 0.532, M: 0.600
 Group # 4 -- t: 0.593, c: 0.653, f: 0.363, F: 0.218, i: 0.275, M: 0.210, a: 0.141, m: 0.597, p: 0.677, v:
 0.772, s: 0.437
 Log likelihood = -237.040 Significance = 0.069

Cut Group # 5 with factors sn

----- Level # 3 -----

Run # 23, 98 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.621
 Group # 2 -- -: 0.447, +: 0.718
 Group # 3 -- p: 0.367, z: 0.735, n: 0.752, R: 0.515, M: 0.578
 Group # 4 -- t: 0.587, c: 0.604, f: 0.357, F: 0.245, i: 0.268, M: 0.248, a: 0.166, m: 0.552, p: 0.672, v:
 0.769, s: 0.402
 Log likelihood = -253.930 Significance = 0.000

Run # 24, 78 cells:
 Convergence at Iteration 10
 Input 0.924
 Group # 1 -- A: 0.938, N: 0.114, D: 0.082
 Group # 3 -- p: 0.337, z: 0.757, n: 0.773, R: 0.560, M: 0.640
 Group # 4 -- t: 0.615, c: 0.636, f: 0.358, F: 0.219, i: 0.272, M: 0.226, a: 0.122, m: 0.573, p: 0.652, v:
 0.787, s: 0.406
 Log likelihood = -250.440 Significance = 0.000

Run # 25, 48 cells:
 Convergence at Iteration 8
 Input 0.922
 Group # 1 -- A: 0.947, N: 0.098, D: 0.163
 Group # 2 -- -: 0.436, +: 0.758
 Group # 4 -- t: 0.625, c: 0.529, f: 0.402, F: 0.240, i: 0.337, M: 0.230, a: 0.150, m: 0.573, p: 0.630, v:
 0.750, s: 0.466
 Log likelihood = -258.060 Significance = 0.000

Run # 26, 20 cells:
 Convergence at Iteration 8
 Input 0.902
 Group # 1 -- A: 0.934, N: 0.118, D: 0.130
 Group # 2 -- -: 0.431, +: 0.772
 Group # 3 -- p: 0.370, z: 0.770, n: 0.722, R: 0.526, M: 0.600
 Log likelihood = -275.750 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: 5
 Best stepping up run: #14
 Best stepping down run: #22

Rodada 3 (análise A) – Traços estilísticos

Number of cells: 93
Application value(s): PZ
Total no. of factors: 19

Group	P	Z	Total	%
-------	---	---	-------	---

POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL
Group # 1 -- A: 0.938, w: 0.295, n: 0.093, D: 0.295

1 (2)	P	Z			
A N	331	3	334	43.2	Antes do núcleo (0,938)
%	99.1	0.9			
n N	205	168	373	48.3	Núcleo na 2ª posição (0,093)
%	55.0	45.0			
w N	39	13	52	6.7	Núcleo a partir da 2ª posição (0,295)
%	75.0	25.0			
D N	10	4	14	1.8	Depois do núcleo (0,295)
%	71.4	28.6			
Total N	585	188	773		
%	75.7	24.3			

SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS
Group # 2 -- -: 0.437, +: 0.753

2 (3)	P	Z			
+ N	116	27	143	18.5	[+ saliente] (0,753)
%	81.1	18.9			
- N	469	161	630	81.5	[- saliente] (0,437)
%	74.4	25.6			
Total N	585	188	773		
%	75.7	24.3			

MARCAS PRECEDENTES

Group # 3 -- p: 0.395, z: 0.495, n: 0.799, R: 0.595, M: 0.317

3 (4)	P	Z			
n N	69	20	89	19.4	Numeral não terminado em -s (0,799)
%	77.5	22.5			
R N	32	18	50	10.9	Numeral terminado em -s (0,595)
%	64.0	36.0			
p N	124	130	254	55.3	Uma marca formal (0,395)
%	48.8	51.2			
z N	19	4	23	5.0	Duas ou mais marcas formais (0,495)
%	82.6	17.4			
M N	30	13	43	9.4	Mistura de marcas (0,317)
%	69.8	30.2			

Total N 274 185 459
% 59.7 40.3

ENQUADRE INTERATIVO

Group # 4 -- c: 0.412, n: 0.687

4 (8) P Z
n N 217 24 241 31.2 Não conversa (0,687)
% 90.0 10.0

c N 368 164 532 68.8 Conversa (0,412)
% 69.2 30.8

Total N 585 188 773
% 75.7 24.3

PROXIMIDADE ENTRE OS INTERLOCUTORES

Group # 5 -- 1: 0.428, 0: 0.638

5 (10) P Z
0 N 226 35 261 33.8 Distanciamento (0,638)
% 86.6 13.4

1 N 359 153 512 66.2 Proximidade (0,428)
% 70.1 29.9

Total N 585 188 773
% 75.7 24.3

TÓPICO DISCURSIVO

Group # 6 -- l: 0.657, c: 0.452

6 (11) P Z
l N 141 35 176 22.8 Assuntos acadêmicos/profissionais (0,657)
% 80.1 19.9

c N 444 153 597 77.2 Assuntos cotidianos (0,452)
% 74.4 25.6

Total N 585 188 773
% 75.7 24.3

CONHECIMENTO DA GRAVAÇÃO

Group # 7 -- s: 0.771, n: 0.450

7 (13) P Z
s N 96 14 110 14.2 Com conhecimento da gravação (0,771)
% 87.3 12.7

n N 489 174 663 85.8 Sem conhecimento da gravação (0,450)
% 73.8 26.2

Total N 585 188 773
% 75.7 24.3

TOTAL N 585 188 773
% 75.7 24.3

• BINOMIAL VARBRUL • 16/05/2022 09:09:22

Name of cell file: Gabriel - traços estilísticos.cel

Averaging by weighting factors.

Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:

Convergence at Iteration 2

Input 0.757

Log likelihood = -428.822

----- Level # 1 -----

Run # 2, 4 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.902

Group # 1 -- A: 0.923, w: 0.246, n: 0.117, D: 0.214

Log likelihood = -311.447 Significance = 0.000

Run # 3, 2 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.758

Group # 2 -- -: 0.482, +: 0.578

Log likelihood = -427.347 Significance = 0.089

Run # 4, 6 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.607

Group # 3 -- p: 0.382, z: 0.755, n: 0.691, R: 0.535, M: 0.599

Log likelihood = -383.965 Significance = 0.000

Run # 5, 2 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.776

Group # 4 -- c: 0.393, n: 0.723

Log likelihood = -406.747 Significance = 0.000

Run # 6, 2 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.768

Group # 5 -- 1: 0.416, 0: 0.661

Log likelihood = -415.114 Significance = 0.000

Run # 7, 2 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.758

Group # 6 -- l: 0.563, c: 0.481

Log likelihood = -427.564 Significance = 0.118

Run # 8, 2 cells:

Convergence at Iteration 5

Input 0.761

Group # 7 -- s: 0.682, n: 0.468

Log likelihood = -423.550 Significance = 0.002

Add Group # 1 with factors Awnd

----- Level # 2 -----

Run # 9, 8 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.905

Group # 1 -- A: 0.937, w: 0.206, n: 0.101, D: 0.214

Group # 2 -- -: 0.432, +: 0.769

Log likelihood = -290.610 Significance = 0.000

Run # 10, 11 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.902

Group # 1 -- A: 0.922, w: 0.320, n: 0.113, D: 0.262

Group # 3 -- p: 0.408, z: 0.531, n: 0.746, R: 0.602, M: 0.359

Log likelihood = -295.055 Significance = 0.000

Run # 11, 8 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.911

Group # 1 -- A: 0.924, w: 0.225, n: 0.117, D: 0.232

Group # 4 -- c: 0.391, n: 0.726

Log likelihood = -293.366 Significance = 0.000

Run # 12, 8 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.908

Group # 1 -- A: 0.924, w: 0.237, n: 0.116, D: 0.234

Group # 5 -- 1: 0.408, 0: 0.674

Log likelihood = -298.784 Significance = 0.000

Run # 13, 8 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.902

Group # 1 -- A: 0.923, w: 0.246, n: 0.118, D: 0.204

Group # 6 -- l: 0.545, c: 0.487

Log likelihood = -310.974 Significance = 0.341

Run # 14, 8 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.906

Group # 1 -- A: 0.926, w: 0.249, n: 0.113, D: 0.226

Group # 7 -- s: 0.750, n: 0.455

Log likelihood = -301.896 Significance = 0.000

Add Group # 2 with factors -+

----- Level # 3 -----

Run # 15, 20 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.902

Group # 1 -- A: 0.933, w: 0.302, n: 0.099, D: 0.284

Group # 2 -- -: 0.431, +: 0.773

Group # 3 -- p: 0.414, z: 0.525, n: 0.759, R: 0.573, M: 0.326

Log likelihood = -275.054 Significance = 0.000

Run # 16, 16 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.914

Group # 1 -- A: 0.938, w: 0.184, n: 0.102, D: 0.235

Group # 2 -- -: 0.433, +: 0.768
 Group # 4 -- c: 0.392, n: 0.725
 Log likelihood = -274.273 Significance = 0.000

Run # 17, 16 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.911
 Group # 1 -- A: 0.939, w: 0.194, n: 0.100, D: 0.247
 Group # 2 -- -: 0.431, +: 0.773
 Group # 5 -- 1: 0.406, 0: 0.678
 Log likelihood = -278.402 Significance = 0.000

Run # 18, 16 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.906
 Group # 1 -- A: 0.937, w: 0.205, n: 0.102, D: 0.199
 Group # 2 -- -: 0.431, +: 0.771
 Group # 6 -- l: 0.560, c: 0.482
 Log likelihood = -289.831 Significance = 0.215

Run # 19, 15 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.908
 Group # 1 -- A: 0.939, w: 0.208, n: 0.098, D: 0.223
 Group # 2 -- -: 0.435, +: 0.761
 Group # 7 -- s: 0.732, n: 0.458
 Log likelihood = -283.353 Significance = 0.000

Add Group # 4 with factors cn

----- Level # 4 -----

Run # 20, 35 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.912
 Group # 1 -- A: 0.934, w: 0.293, n: 0.097, D: 0.344
 Group # 2 -- -: 0.434, +: 0.762
 Group # 3 -- p: 0.402, z: 0.480, n: 0.794, R: 0.583, M: 0.313
 Group # 4 -- c: 0.376, n: 0.753
 Log likelihood = -254.850 Significance = 0.000

Run # 21, 28 cells:
 Convergence at Iteration 8
 Input 0.915
 Group # 1 -- A: 0.938, w: 0.185, n: 0.101, D: 0.241
 Group # 2 -- -: 0.432, +: 0.770
 Group # 4 -- c: 0.415, n: 0.681
 Group # 5 -- 1: 0.464, 0: 0.571
 Log likelihood = -273.356 Significance = 0.182

Run # 22, 31 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.914
 Group # 1 -- A: 0.938, w: 0.183, n: 0.102, D: 0.223
 Group # 2 -- -: 0.432, +: 0.769
 Group # 4 -- c: 0.393, n: 0.723
 Group # 6 -- l: 0.542, c: 0.488
 Log likelihood = -273.926 Significance = 0.423

Run # 23, 27 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.917
 Group # 1 -- A: 0.940, w: 0.187, n: 0.098, D: 0.247
 Group # 2 -- -: 0.438, +: 0.751
 Group # 4 -- c: 0.385, n: 0.738
 Group # 7 -- s: 0.760, n: 0.452
 Log likelihood = -265.079 Significance = 0.000

Add Group # 3 with factors pznRM

----- Level # 5 -----

Run # 24, 54 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.912
 Group # 1 -- A: 0.935, w: 0.295, n: 0.096, D: 0.349
 Group # 2 -- -: 0.434, +: 0.763
 Group # 3 -- p: 0.403, z: 0.483, n: 0.792, R: 0.585, M: 0.310
 Group # 4 -- c: 0.395, n: 0.719
 Group # 5 -- 1: 0.471, 0: 0.557
 Log likelihood = -254.329 Significance = 0.310

Run # 25, 59 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.913
 Group # 1 -- A: 0.935, w: 0.281, n: 0.098, D: 0.297
 Group # 2 -- -: 0.434, +: 0.764
 Group # 3 -- p: 0.392, z: 0.503, n: 0.804, R: 0.591, M: 0.320
 Group # 4 -- c: 0.376, n: 0.753
 Group # 6 -- l: 0.601, c: 0.470
 Log likelihood = -253.037 Significance = 0.059

Run # 26, 57 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.915
 Group # 1 -- A: 0.936, w: 0.302, n: 0.094, D: 0.362
 Group # 2 -- -: 0.438, +: 0.751
 Group # 3 -- p: 0.408, z: 0.448, n: 0.789, R: 0.577, M: 0.316
 Group # 4 -- c: 0.370, n: 0.765
 Group # 7 -- s: 0.740, n: 0.457
 Log likelihood = -248.097 Significance = 0.000

Add Group # 7 with factors sn

----- Level # 6 -----

Run # 27, 76 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.916
 Group # 1 -- A: 0.936, w: 0.307, n: 0.093, D: 0.370
 Group # 2 -- -: 0.438, +: 0.751
 Group # 3 -- p: 0.409, z: 0.452, n: 0.785, R: 0.580, M: 0.313
 Group # 4 -- c: 0.394, n: 0.720
 Group # 5 -- 1: 0.460, 0: 0.578
 Group # 7 -- s: 0.748, n: 0.455
 Log likelihood = -247.121 Significance = 0.171

Run # 28, 81 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.917
 Group # 1 -- A: 0.937, w: 0.290, n: 0.095, D: 0.307
 Group # 2 -- -: 0.438, +: 0.751
 Group # 3 -- p: 0.396, z: 0.476, n: 0.800, R: 0.586, M: 0.322
 Group # 4 -- c: 0.367, n: 0.769
 Group # 6 -- l: 0.613, c: 0.466
 Group # 7 -- s: 0.750, n: 0.455
 Log likelihood = -245.963 Significance = 0.042

Add Group # 6 with factors lc

----- Level # 7 -----

Run # 29, 93 cells: **MELHOR RODADA!!!**
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.919

Group # 1 – POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL
 A: 0.938, ANTES DO NÚCLEO
 n: 0.093, NÚCLEO NA 2ª POSIÇÃO
 w: 0.295, NÚCLEO A PARTIR DA 2ª POSIÇÃO
 D: 0.295, DEPOIS DO NÚCLEO

Group # 2 – SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS
 +: 0.753, [+SALIENTE]
 -: 0.437, [-SALIENTE]

Group # 3 – MARCAS PRECEDENTES
 n: 0.799, NUMERAL NÃO TERMINADO EM -S
 R: 0.595, NUMERAL TERMINADO EM -S
 p: 0.395, UMA MARCA FORMAL
 z: 0.495, DUAS OU MAIS MARCAS FORMAIS
 M: 0.317, MISTURA DE MARCAS

Group # 4 – ENQUADRE INTERATIVO
 n: 0.687, NÃO CONVERSA
 c: 0.412, CONVERSA

Group # 5 – PROXIMIDADE ENTRE OS INTERLOCUTORES
 0: 0.638, DISTANCIAMENTO
 1: 0.428, PROXIMIDADE

Group # 6 – TÓPICO DISCURSIVO
 l: 0.657, ASSUNTOS ACADÊMICOS/PROFISSIONAIS
 c: 0.452, ASSUNTOS COTIDIANOS

Group # 7 – CONHECIMENTO DA GRAVAÇÃO
 s: 0.771, COM CONHECIMENTO
 n: 0.450, SEM CONHECIMENTO

Log likelihood = -243.352 Significance = 0.024

Add Group # 5 with factors 10

Best stepping up run: #29

 Stepping down...

----- Level # 7 -----

Run # 30, 93 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.919
 Group # 1 -- A: 0.938, w: 0.295, n: 0.093, D: 0.295
 Group # 2 -- -: 0.437, +: 0.753
 Group # 3 -- p: 0.395, z: 0.495, n: 0.799, R: 0.595, M: 0.317
 Group # 4 -- c: 0.412, n: 0.687
 Group # 5 -- 1: 0.428, 0: 0.638
 Group # 6 -- l: 0.657, c: 0.452
 Group # 7 -- s: 0.771, n: 0.450
 Log likelihood = -243.352

----- Level # 6 -----

Run # 31, 78 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.631
 Group # 2 -- -: 0.446, +: 0.721
 Group # 3 -- p: 0.367, z: 0.741, n: 0.742, R: 0.522, M: 0.588
 Group # 4 -- c: 0.404, n: 0.702
 Group # 5 -- 1: 0.443, 0: 0.611
 Group # 6 -- l: 0.636, c: 0.459
 Group # 7 -- s: 0.761, n: 0.452
 Log likelihood = -260.183 Significance = 0.000

Run # 32, 65 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.921
 Group # 1 -- A: 0.929, w: 0.324, n: 0.103, D: 0.277
 Group # 3 -- p: 0.386, z: 0.482, n: 0.796, R: 0.621, M: 0.350
 Group # 4 -- c: 0.402, n: 0.707
 Group # 5 -- 1: 0.430, 0: 0.634
 Group # 6 -- l: 0.652, c: 0.454
 Group # 7 -- s: 0.793, n: 0.445
 Log likelihood = -257.502 Significance = 0.000

Run # 33, 51 cells:
 Convergence at Iteration 12
 Input 0.920
 Group # 1 -- A: 0.941, w: 0.188, n: 0.097, D: 0.228
 Group # 2 -- -: 0.436, +: 0.756
 Group # 4 -- c: 0.427, n: 0.658
 Group # 5 -- 1: 0.433, 0: 0.629
 Group # 6 -- l: 0.596, c: 0.471
 Group # 7 -- s: 0.782, n: 0.447
 Log likelihood = -261.887 Significance = 0.000

Run # 34, 77 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.917
 Group # 1 -- A: 0.939, w: 0.294, n: 0.092, D: 0.268
 Group # 2 -- -: 0.435, +: 0.759
 Group # 3 -- p: 0.396, z: 0.530, n: 0.787, R: 0.601, M: 0.320
 Group # 5 -- 1: 0.365, 0: 0.748
 Group # 6 -- l: 0.695, c: 0.440
 Group # 7 -- s: 0.771, n: 0.450
 Log likelihood = -247.816 Significance = 0.005

Run # 35, 81 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.917

Group # 1 -- A: 0.937, w: 0.290, n: 0.095, D: 0.307

Group # 2 -- -: 0.438, +: 0.751

Group # 3 -- p: 0.396, z: 0.476, n: 0.800, R: 0.586, M: 0.322

Group # 4 -- c: 0.367, n: 0.769

Group # 6 -- l: 0.613, c: 0.466

Group # 7 -- s: 0.750, n: 0.455

Log likelihood = -245.963 Significance = 0.024

Run # 36, 76 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.916

Group # 1 -- A: 0.936, w: 0.307, n: 0.093, D: 0.370

Group # 2 -- -: 0.438, +: 0.751

Group # 3 -- p: 0.409, z: 0.452, n: 0.785, R: 0.580, M: 0.313

Group # 4 -- c: 0.394, n: 0.720

Group # 5 -- 1: 0.460, 0: 0.578

Group # 7 -- s: 0.748, n: 0.455

Log likelihood = -247.121 Significance = 0.008

Run # 37, 76 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.914

Group # 1 -- A: 0.936, w: 0.282, n: 0.096, D: 0.290

Group # 2 -- -: 0.433, +: 0.767

Group # 3 -- p: 0.391, z: 0.515, n: 0.803, R: 0.597, M: 0.316

Group # 4 -- c: 0.411, n: 0.688

Group # 5 -- 1: 0.447, 0: 0.602

Group # 6 -- l: 0.629, c: 0.461

Log likelihood = -251.574 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: None

Best stepping up run: #29

Best stepping down run: #30

Rodada 4 (análise B) – Traços estilísticos

Number of cells: 93
 Application value(s): PZ
 Total no. of factors: 18

Group P Z Total %

POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL

Group # 1 -- A: 0.939, N: 0.111, D: 0.134

1 (2)	P	Z	Total	%	
A N	331	3	334	43.2	Antes do núcleo (0,939)
%	99.1	0.9			
N N	244	181	425	55.0	Núcleo a partir da 2ª posição (0,111)
%	57.4	42.6			
D N	10	4	14	1.8	Depois do núcleo (0,134)
%	71.4	28.6			
Total N	585	188	773		
%	75.7	24.3			

SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS

Group # 2 -- -: 0.437, +: 0.753

2 (3)	P	Z	Total	%	
+ N	116	27	143	18.5	[+ saliente] (0,753)
%	81.1	18.9			
- N	469	161	630	81.5	[- saliente] (0,437)
%	74.4	25.6			
Total N	585	188	773		
%	75.7	24.3			

MARCAS PRECEDENTES

Group # 3 -- p: 0.350, z: 0.751, n: 0.765, R: 0.546, M: 0.599

3 (4)	P	Z	Total	%	
n N	69	20	89	19.4	Numeral não terminado em -s (0,765)
%	77.5	22.5			
R N	32	18	50	10.9	Numeral terminado em -s (0,546)
%	64.0	36.0			
p N	124	130	254	55.3	Uma marca formal (0,350)
%	48.8	51.2			
z N	19	4	23	5.0	Duas ou mais marcas formais (0,751)
%	82.6	17.4			
M N	30	13	43	9.4	Mistura de marcas (0,599)
%	69.8	30.2			
Total N	274	185	459		
%	59.7	40.3			

ENQUADRE INTERATIVO

Group # 4 -- c: 0.412, n: 0.688

4 (8)	P	Z				
n	N	217	24	241	31.2	Não conversa (0,688)
	%	90.0	10.0			

c	N	368	164	532	68.8	Conversa (0,412)
	%	69.2	30.8			

Total N	585	188	773
%	75.7	24.3	

PROXIMIDADE ENTRE OS INTERLOCUTORES

Group # 5 -- 1: 0.429, 0: 0.636

5 (10)	P	Z				
0	N	226	35	261	33.8	Distanciamento (0,636)
	%	86.6	13.4			

1	N	359	153	512	66.2	Proximidade (0,429)
	%	70.1	29.9			

Total N	585	188	773
%	75.7	24.3	

TÓPICO DISCURSIVO

Group # 6 -- l: 0.658, c: 0.452

6 (11)	P	Z				
l	N	141	35	176	22.8	Assuntos acadêmicos/profissionais (0,658)
	%	80.1	19.9			

c	N	444	153	597	77.2	Assuntos cotidianos (0,452)
	%	74.4	25.6			

Total N	585	188	773
%	75.7	24.3	

CONHECIMENTO DA GRAVAÇÃO

Group # 7 -- s: 0.770, n: 0.450

7 (13)	P	Z				
s	N	96	14	110	14.2	Com conhecimento da gravação (0,770)
	%	87.3	12.7			

n	N	489	174	663	85.8	Sem conhecimento da gravação (0,450)
	%	73.8	26.2			

Total N	585	188	773
%	75.7	24.3	

TOTAL N	585	188	773
%	75.7	24.3	

Name of new cell file: Gabriel - traços estilísticos.cel

• BINOMIAL VARBRUL • 16/05/2022 09:10:33
 Name of cell file: Gabriel - traços estilísticos.cel

Averaging by weighting factors.
 Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:
 Convergence at Iteration 2
 Input 0.757
 Log likelihood = -428.822

----- Level # 1 -----

Run # 2, 3 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.901
 Group # 1 -- A: 0.923, N: 0.129, D: 0.215
 Log likelihood = -315.401 Significance = 0.000

Run # 3, 2 cells:
 Convergence at Iteration 4
 Input 0.758
 Group # 2 -- -: 0.482, +: 0.578
 Log likelihood = -427.347 Significance = 0.089

Run # 4, 6 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.607
 Group # 3 -- p: 0.382, z: 0.755, n: 0.691, R: 0.535, M: 0.599
 Log likelihood = -383.965 Significance = 0.000

Run # 5, 2 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.776
 Group # 4 -- c: 0.393, n: 0.723
 Log likelihood = -406.747 Significance = 0.000

Run # 6, 2 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.768
 Group # 5 -- 1: 0.416, 0: 0.661
 Log likelihood = -415.114 Significance = 0.000

Run # 7, 2 cells:
 Convergence at Iteration 4
 Input 0.758
 Group # 6 -- l: 0.563, c: 0.481
 Log likelihood = -427.564 Significance = 0.118

Run # 8, 2 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.761
 Group # 7 -- s: 0.682, n: 0.468
 Log likelihood = -423.550 Significance = 0.002

Add Group # 1 with factors AND

----- Level # 2 -----

Run # 9, 6 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.905

Group # 1 -- A: 0.938, N: 0.110, D: 0.215

Group # 2 -- -: 0.431, +: 0.772

Log likelihood = -293.693 Significance = 0.000

Run # 10, 11 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.902

Group # 1 -- A: 0.922, N: 0.132, D: 0.121

Group # 3 -- p: 0.365, z: 0.766, n: 0.710, R: 0.557, M: 0.624

Log likelihood = -295.674 Significance = 0.000

Run # 11, 6 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.911

Group # 1 -- A: 0.924, N: 0.127, D: 0.234

Group # 4 -- c: 0.389, n: 0.731

Log likelihood = -296.047 Significance = 0.000

Run # 12, 6 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.907

Group # 1 -- A: 0.925, N: 0.126, D: 0.235

Group # 5 -- 1: 0.407, 0: 0.676

Log likelihood = -302.244 Significance = 0.000

Run # 13, 6 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.902

Group # 1 -- A: 0.923, N: 0.129, D: 0.204

Group # 6 -- l: 0.547, c: 0.486

Log likelihood = -314.866 Significance = 0.302

Run # 14, 6 cells:

Convergence at Iteration 7

Input 0.905

Group # 1 -- A: 0.926, N: 0.125, D: 0.227

Group # 7 -- s: 0.744, n: 0.456

Log likelihood = -306.281 Significance = 0.000

Add Group # 2 with factors -+

----- Level # 3 -----

Run # 15, 20 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.902

Group # 1 -- A: 0.934, N: 0.118, D: 0.130

Group # 2 -- -: 0.431, +: 0.772

Group # 3 -- p: 0.370, z: 0.770, n: 0.722, R: 0.526, M: 0.600

Log likelihood = -275.750 Significance = 0.000

Run # 16, 12 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.914
 Group # 1 -- A: 0.938, N: 0.109, D: 0.237
 Group # 2 -- -: 0.432, +: 0.771
 Group # 4 -- c: 0.389, n: 0.730
 Log likelihood = -276.166 Significance = 0.000

Run # 17, 12 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.911
 Group # 1 -- A: 0.939, N: 0.108, D: 0.249
 Group # 2 -- -: 0.430, +: 0.776
 Group # 5 -- 1: 0.404, 0: 0.681
 Log likelihood = -280.918 Significance = 0.000

Run # 18, 12 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.905
 Group # 1 -- A: 0.938, N: 0.111, D: 0.199
 Group # 2 -- -: 0.431, +: 0.774
 Group # 6 -- l: 0.564, c: 0.481
 Log likelihood = -292.795 Significance = 0.185

Run # 19, 11 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.908
 Group # 1 -- A: 0.939, N: 0.108, D: 0.224
 Group # 2 -- -: 0.433, +: 0.765
 Group # 7 -- s: 0.727, n: 0.459
 Log likelihood = -286.711 Significance = 0.000

Add Group # 4 with factors cn

----- Level # 4 -----

Run # 20, 35 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.912
 Group # 1 -- A: 0.935, N: 0.115, D: 0.168
 Group # 2 -- -: 0.434, +: 0.762
 Group # 3 -- p: 0.359, z: 0.734, n: 0.761, R: 0.536, M: 0.581
 Group # 4 -- c: 0.376, n: 0.753
 Log likelihood = -255.569 Significance = 0.000

Run # 21, 21 cells:
 Convergence at Iteration 8
 Input 0.915
 Group # 1 -- A: 0.939, N: 0.108, D: 0.243
 Group # 2 -- -: 0.431, +: 0.773
 Group # 4 -- c: 0.411, n: 0.689
 Group # 5 -- 1: 0.466, 0: 0.567
 Log likelihood = -275.339 Significance = 0.199

Run # 22, 23 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.914
 Group # 1 -- A: 0.938, N: 0.109, D: 0.224
 Group # 2 -- -: 0.431, +: 0.772
 Group # 4 -- c: 0.390, n: 0.728

Group # 6 -- l: 0.545, c: 0.487
 Log likelihood = -275.767 Significance = 0.389

Run # 23, 20 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.917
 Group # 1 -- A: 0.940, N: 0.106, D: 0.248
 Group # 2 -- -: 0.436, +: 0.756
 Group # 4 -- c: 0.382, n: 0.743
 Group # 7 -- s: 0.756, n: 0.453
 Log likelihood = -267.228 Significance = 0.000

Add Group # 3 with factors pznRM

----- Level # 5 -----

Run # 24, 54 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.912
 Group # 1 -- A: 0.935, N: 0.115, D: 0.170
 Group # 2 -- -: 0.434, +: 0.763
 Group # 3 -- p: 0.359, z: 0.739, n: 0.758, R: 0.538, M: 0.583
 Group # 4 -- c: 0.395, n: 0.719
 Group # 5 -- 1: 0.471, 0: 0.556
 Log likelihood = -255.065 Significance = 0.321

Run # 25, 59 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.913
 Group # 1 -- A: 0.935, N: 0.115, D: 0.146
 Group # 2 -- -: 0.434, +: 0.763
 Group # 3 -- p: 0.351, z: 0.740, n: 0.773, R: 0.547, M: 0.576
 Group # 4 -- c: 0.376, n: 0.753
 Group # 6 -- l: 0.602, c: 0.470
 Log likelihood = -253.664 Significance = 0.051

Run # 26, 57 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.915
 Group # 1 -- A: 0.936, N: 0.113, D: 0.172
 Group # 2 -- -: 0.438, +: 0.750
 Group # 3 -- p: 0.362, z: 0.719, n: 0.753, R: 0.528, M: 0.600
 Group # 4 -- c: 0.370, n: 0.764
 Group # 7 -- s: 0.739, n: 0.457
 Log likelihood = -248.876 Significance = 0.000

Add Group # 7 with factors sn

----- Level # 6 -----

Run # 27, 76 cells:
 Convergence at Iteration 9
 Input 0.915
 Group # 1 -- A: 0.937, N: 0.112, D: 0.174
 Group # 2 -- -: 0.438, +: 0.751
 Group # 3 -- p: 0.362, z: 0.726, n: 0.748, R: 0.530, M: 0.604
 Group # 4 -- c: 0.394, n: 0.721
 Group # 5 -- 1: 0.461, 0: 0.576
 Group # 7 -- s: 0.747, n: 0.455
 Log likelihood = -247.929 Significance = 0.176

Run # 28, 81 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.917

Group # 1 -- A: 0.937, N: 0.113, D: 0.145

Group # 2 -- -: 0.438, +: 0.751

Group # 3 -- p: 0.353, z: 0.731, n: 0.767, R: 0.539, M: 0.595

Group # 4 -- c: 0.367, n: 0.768

Group # 6 -- l: 0.613, c: 0.466

Group # 7 -- s: 0.749, n: 0.455

Log likelihood = -246.648 Significance = 0.038

Add Group # 6 with factors lc

----- Level # 7 -----

Run # 29, 93 cells:

MELHOR RODADA!!!

Convergence at Iteration 13

Input 0.919

Group # 1 – POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL

A: 0.939, ANTES DO NÚCLEO

N: 0.111, NÚCLEO A PARTIR DA 1ª POSIÇÃO

D: 0.134, DEPOIS DO NÚCLEO

Group # 2 – SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS

+: 0.753, [+SALIENTE]

-: 0.437, [-SALIENTE]

Group # 3 – MARCAS PRECEDENTES

n: 0.765, NUMERAL NÃO TERMINADO EM -S

R: 0.546, NUMERAL TERMINADO EM -S

p: 0.350, UMA MARCA FORMAL

z: 0.751, DUAS OU MAIS MARCAS FORMAIS

M: 0.599, MISTURA DE MARCAS

Group # 4 – ENQUADRE INTERATIVO

n: 0.688, NÃO CONVERSA

c: 0.412, CONVERSA

Group # 5 – PROXIMIDADE ENTRE OS INTERLOCUTORES

0: 0.636, DISTANCIAMENTO

1: 0.429, PROXIMIDADE

Group # 6 – TÓPICO DISCURSIVO

l: 0.658, ASSUNTOS ACADÊMICOS/PROFISSIONAIS

c: 0.452, ASSUNTOS COTIDIANOS

Group # 7 – CONHECIMENTO DA GRAVAÇÃO

s: 0.770, COM CONHECIMENTO

n: 0.450, SEM CONHECIMENTO

Log likelihood = -244.056 Significance = 0.024

Add Group # 5 with factors 10

Best stepping up run: #29

Stepping down...

----- Level # 7 -----

Run # 30, 93 cells:

Convergence at Iteration 13

Input 0.919

Group # 1 -- A: 0.939, N: 0.111, D: 0.134

Group # 2 -- -: 0.437, +: 0.753

Group # 3 -- p: 0.350, z: 0.751, n: 0.765, R: 0.546, M: 0.599

Group # 4 -- c: 0.412, n: 0.688

Group # 5 -- 1: 0.429, 0: 0.636

Group # 6 -- l: 0.658, c: 0.452

Group # 7 -- s: 0.770, n: 0.450

Log likelihood = -244.056

----- Level # 6 -----

Run # 31, 78 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.631

Group # 2 -- -: 0.446, +: 0.721

Group # 3 -- p: 0.367, z: 0.741, n: 0.742, R: 0.522, M: 0.588

Group # 4 -- c: 0.404, n: 0.702

Group # 5 -- 1: 0.443, 0: 0.611

Group # 6 -- l: 0.636, c: 0.459

Group # 7 -- s: 0.761, n: 0.452

Log likelihood = -260.183 Significance = 0.000

Run # 32, 65 cells:

Convergence at Iteration 13

Input 0.921

Group # 1 -- A: 0.929, N: 0.123, D: 0.122

Group # 3 -- p: 0.341, z: 0.744, n: 0.762, R: 0.573, M: 0.637

Group # 4 -- c: 0.401, n: 0.707

Group # 5 -- 1: 0.431, 0: 0.633

Group # 6 -- l: 0.652, c: 0.454

Group # 7 -- s: 0.792, n: 0.445

Log likelihood = -258.193 Significance = 0.000

Run # 33, 38 cells:

Convergence at Iteration 12

Input 0.919

Group # 1 -- A: 0.942, N: 0.105, D: 0.229

Group # 2 -- -: 0.435, +: 0.761

Group # 4 -- c: 0.423, n: 0.666

Group # 5 -- 1: 0.436, 0: 0.624

Group # 6 -- l: 0.596, c: 0.471

Group # 7 -- s: 0.777, n: 0.449

Log likelihood = -264.177 Significance = 0.000

Run # 34, 77 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.916

Group # 1 -- A: 0.939, N: 0.110, D: 0.119

Group # 2 -- -: 0.435, +: 0.759

Group # 3 -- p: 0.351, z: 0.776, n: 0.752, R: 0.552, M: 0.603

Group # 5 -- 1: 0.365, 0: 0.747

Group # 6 -- l: 0.695, c: 0.440

Group # 7 -- s: 0.769, n: 0.450

Log likelihood = -248.495 Significance = 0.005

Run # 35, 81 cells:

Convergence at Iteration 8

Input 0.917

Group # 1 -- A: 0.937, N: 0.113, D: 0.145

Group # 2 -- -: 0.438, +: 0.751

Group # 3 -- p: 0.353, z: 0.731, n: 0.767, R: 0.539, M: 0.595

Group # 4 -- c: 0.367, n: 0.768

Group # 6 -- l: 0.613, c: 0.466

Group # 7 -- s: 0.749, n: 0.455

Log likelihood = -246.648 Significance = 0.024

Run # 36, 76 cells:

Convergence at Iteration 9

Input 0.915

Group # 1 -- A: 0.937, N: 0.112, D: 0.174

Group # 2 -- -: 0.438, +: 0.751

Group # 3 -- p: 0.362, z: 0.726, n: 0.748, R: 0.530, M: 0.604

Group # 4 -- c: 0.394, n: 0.721

Group # 5 -- 1: 0.461, 0: 0.576

Group # 7 -- s: 0.747, n: 0.455

Log likelihood = -247.929 Significance = 0.008

Run # 37, 76 cells:

Convergence at Iteration 12

Input 0.914

Group # 1 -- A: 0.936, N: 0.114, D: 0.140

Group # 2 -- -: 0.433, +: 0.766

Group # 3 -- p: 0.349, z: 0.752, n: 0.772, R: 0.552, M: 0.577

Group # 4 -- c: 0.411, n: 0.689

Group # 5 -- 1: 0.448, 0: 0.601

Group # 6 -- l: 0.630, c: 0.461

Log likelihood = -252.208 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: None

Best stepping up run: #29

Best stepping down run: #30

APÊNDICE C – RODADAS PRINCIPAIS DA COLABORADORA LAVÍNIA

Rodada 1 (análise A) – Situações comunicativas

Number of cells: 80
Application value(s): PZ
Total no. of factors: 17

Group P Z Total %

POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL
Group # 1 -- A: 0.836, W: 0.560, n: 0.154, D: 0.567

1 (2)	P	Z				
A N	355	5	360	43.7	Antes do núcleo (0,836)	
%	98.6	1.4				
n N	267	93	360	43.7	Núcleo na 2ª posição (0,154)	
%	74.2	25.8				
W N	37	5	42	5.1	Núcleo a partir da 2ª posição (0,560)	
%	88.1	11.9				
D N	50	11	61	7.4	Depois do núcleo (0,567)	
%	82.0	18.0				
Total N	709	114	823			
%	86.1	13.9				

SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS
Group # 2 -- -: 0.469, +: 0.638

2 (3)	P	Z			
+ N	131	18	149	18.1	[+ saliente] (0,638)
%	87.9	12.1			
- N	578	96	674	81.9	[- saliente] (0,469)
%	85.8	14.2			
Total N	709	114	823		
%	86.1	13.9			

MARCAS PRECEDENTES

Group # 3 -- M: 0.241, q: 0.012, p: 0.539, z: 0.527, h: 0.018, R: 0.535, n: 0.938

3 (4)	P	Z			
q N	1	16	17	3.5	Sprep sem marcas (0,012)
%	5.9	94.1			
n N	37	1	38	7.7	Numeral não terminado em -s (0,938)
%	97.4	2.6			
R N	26	10	36	7.3	Numeral terminado em -s (0,535)
%	72.2	27.8			

p	N	247	69	316	64.2	Uma marca formal (0,539)
	%	78.2	21.8			
z	N	40	2	42	8.5	Duas ou mais marcas formais (0,527)
	%	95.2	4.8			
M	N	26	4	30	6.1	Mistura de marcas (0,241)
	%	86.7	13.3			
h	N	4	9	13	2.6	Zero imediatamente precedente (0,018)
	%	30.8	69.2			
Total	N	381	111	492		
	%	77.4	22.6			

SITUAÇÃO COMUNICATIVA

Group # 4 -- T: 0.437, A: 0.382, C: 0.407, P: 0.933

4 (12)	P	Z				
A	N	456	85	541	65.7	Amigo íntimo (0,382)
	%	84.3	15.7			
T	N	72	15	87	10.6	Amigo íntimo e colegas da universidade (0,437)
	%	82.8	17.2			
C	N	65	12	77	9.4	Colega da universidade (0,407)
	%	84.4	15.6			
P	N	116	2	118	14.3	Apresentação de seminário (0,933)
	%	98.3	1.7			
Total	N	709	114	823		
	%	86.1	13.9			
TOTAL	N	709	114	823		
	%	86.1	13.9			

Name of new cell file: Lavínia - situações comunicativas.cel

• BINOMIAL VARBRUL • 16/05/2022 14:50:45

Name of cell file: Lavínia - situações comunicativas.cel

Averaging by weighting factors.

Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:

Convergence at Iteration 2

Input 0.861

Log likelihood = -331.063

----- Level # 1 -----

Run # 2, 4 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.927
 Group # 1 -- A: 0.848, W: 0.369, n: 0.185, D: 0.264
 Log likelihood = -276.135 Significance = 0.000

Run # 3, 2 cells:
 Convergence at Iteration 4
 Input 0.862
 Group # 2 -- -: 0.492, +: 0.538
 Log likelihood = -330.816 Significance = 0.488

Run # 4, 8 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.805
 Group # 3 -- M: 0.611, q: 0.015, p: 0.464, z: 0.828, h: 0.097, R: 0.386, n: 0.899
 Log likelihood = -278.220 Significance = 0.000

Run # 5, 4 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.882
 Group # 4 -- T: 0.391, A: 0.418, C: 0.421, P: 0.886
 Log likelihood = -318.708 Significance = 0.000

Add Group # 1 with factors AWnD

----- Level # 2 -----

Run # 6, 8 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.928
 Group # 1 -- A: 0.857, W: 0.355, n: 0.177, D: 0.248
 Group # 2 -- -: 0.466, +: 0.648
 Log likelihood = -272.311 Significance = 0.008

Run # 7, 18 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.932
 Group # 1 -- A: 0.831, W: 0.456, n: 0.170, D: 0.517
 Group # 3 -- M: 0.338, q: 0.016, p: 0.519, z: 0.608, h: 0.026, R: 0.484, n: 0.930
 Log likelihood = -234.593 Significance = 0.000

Run # 8, 16 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.940
 Group # 1 -- A: 0.853, W: 0.391, n: 0.183, D: 0.223
 Group # 4 -- T: 0.362, A: 0.417, C: 0.402, P: 0.902
 Log likelihood = -261.751 Significance = 0.000

Add Group # 3 with factors MqpzhRn

----- Level # 3 -----

Run # 9, 31 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.930
 Group # 1 -- A: 0.830, W: 0.465, n: 0.168, D: 0.543
 Group # 2 -- -: 0.466, +: 0.651
 Group # 3 -- M: 0.307, q: 0.016, p: 0.529, z: 0.598, h: 0.021, R: 0.478, n: 0.923
 Log likelihood = -231.371 Significance = 0.012

Run # 10, 51 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.948

Group # 1 -- A: 0.838, W: 0.536, n: 0.158, D: 0.525

Group # 3 -- M: 0.282, q: 0.011, p: 0.525, z: 0.553, h: 0.023, R: 0.540, n: 0.942

Group # 4 -- T: 0.420, A: 0.384, C: 0.398, P: 0.936

Log likelihood = -220.402 Significance = 0.000

Add Group # 4 with factors TACP

----- Level # 4 -----

Run # 11, 80 cells:

MELHOR RODADA!!!

No Convergence at Iteration 20

Input 0.946

Group # 1 – POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO SINTAGMA NOMINAL

A: 0.836, ANTES DO NÚCLEO

n: 0.154, NÚCLEO NA 2ª POSIÇÃO

W: 0.560, NÚCLEO A PARTIR DA 2ª POSIÇÃO

D: 0.567, DEPOIS DO NÚCLEO

Group # 2 – SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS

+: 0.638, [+SALIENTE]

-: 0.469, [-SALIENTE]

Group # 3 – MARCAS PRECEDENTES

q: 0.012, SPREP SEM MARCAS

n: 0.938, NUMERAL NÃO TERMINADO EM -S

R: 0.535, NUMERAL TERMINADO EM -S

p: 0.539, UMA MARCA FORMAL

z: 0.527, DUAS OU MAIS MARCAS FORMAIS

M: 0.241, MISTURA DE MARCAS

h: 0.018, ZERO IMEDIATAMENTE PRECEDENTE

Group # 4 – SITUAÇÃO COMUNICATIVA

A: 0.382, AMIGO ÍNTIMO

T: 0.437, AMIGO ÍNTIMO E COLEGAS DA UNIVERSIDADE

C: 0.407, COLEGA DA UNIVERSIDADE

P: 0.933, APRESENTAÇÃO DE SEMINÁRIO

Log likelihood = -217.915 Significance = 0.028

Add Group # 2 with factors -+

Best stepping up run: #11

Stepping down...

----- Level # 4 -----

Run # 12, 80 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.946

Group # 1 -- A: 0.836, W: 0.560, n: 0.154, D: 0.567

Group # 2 -- -: 0.469, +: 0.638

Group # 3 -- M: 0.241, q: 0.012, p: 0.539, z: 0.527, h: 0.018, R: 0.535, n: 0.938

Group # 4 -- T: 0.437, A: 0.382, C: 0.407, P: 0.933

Log likelihood = -217.915

----- Level # 3 -----

Run # 13, 53 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.838

Group # 2 -- -: 0.470, +: 0.633

Group # 3 -- M: 0.584, q: 0.012, p: 0.465, z: 0.832, h: 0.088, R: 0.417, n: 0.904

Group # 4 -- T: 0.455, A: 0.392, C: 0.428, P: 0.911

Log likelihood = -226.577 Significance = 0.001

Run # 14, 51 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.948

Group # 1 -- A: 0.838, W: 0.536, n: 0.158, D: 0.525

Group # 3 -- M: 0.282, q: 0.011, p: 0.525, z: 0.553, h: 0.023, R: 0.540, n: 0.942

Group # 4 -- T: 0.420, A: 0.384, C: 0.398, P: 0.936

Log likelihood = -220.402 Significance = 0.028

Run # 15, 31 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.940

Group # 1 -- A: 0.860, W: 0.378, n: 0.177, D: 0.214

Group # 2 -- -: 0.470, +: 0.631

Group # 4 -- T: 0.375, A: 0.416, C: 0.407, P: 0.898

Log likelihood = -258.972 Significance = 0.000

Run # 16, 31 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.930

Group # 1 -- A: 0.830, W: 0.465, n: 0.168, D: 0.543

Group # 2 -- -: 0.466, +: 0.651

Group # 3 -- M: 0.307, q: 0.016, p: 0.529, z: 0.598, h: 0.021, R: 0.478, n: 0.923

Log likelihood = -231.371 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: None

Best stepping up run: #11

Best stepping down run: #12

Rodada 2 (análise B) – Situações comunicativas

Number of cells: 80
Application value(s): PZ
Total no. of factors: 16

Group	P	Z	Total	%
-------	---	---	-------	---

POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL

Group # 1 -- A: 0.846, W: 0.187, D: 0.409

1 (2)	P	Z			
A N	355	5	360	43.7	Antes do núcleo (0,846)
%	98.6	1.4			
W N	304	98	402	48.8	Núcleo a partir da 1ª posição (0,187)
%	75.6	24.4			
D N	50	11	61	7.4	Depois do núcleo (0,409)
%	82.0	18.0			

Total N	709	114	823
%	86.1	13.9	

SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS

Group # 2 -- -: 0.470, +: 0.635

2 (3)	P	Z			
+ N	131	18	149	18.1	[+ saliente] (0,635)
%	87.9	12.1			
- N	578	96	674	81.9	[- saliente] (0,470)
%	85.8	14.2			

Total N	709	114	823
%	86.1	13.9	

MARCAS PRECEDENTES

Group # 3 -- M: 0.532, q: 0.011, p: 0.473, z: 0.823, h: 0.030, R: 0.464, n: 0.919

3 (4)	P	Z			
q N	1	16	17	3.5	Sprep sem marcas (0,011)
%	5.9	94.1			
n N	37	1	38	7.7	Numeral não terminado em -s (0,919)
%	97.4	2.6			
R N	26	10	36	7.3	Numeral terminado em -s (0,464)
%	72.2	27.8			
p N	247	69	316	64.2	Uma marca formal (0,473)
%	78.2	21.8			
z N	40	2	42	8.5	Duas ou mais marcas formais (0,823)
%	95.2	4.8			
M N	26	4	30	6.1	Mistura de marcas (0,532)
%	86.7	13.3			

h N 4 9 13 2.6 Zero imediatamente precedente (0,030)
 % 30.8 69.2

Total N 381 111 492
 % 77.4 22.6

 SITUAÇÃO COMUNICATIVA

Group # 4 -- T: 0.444, A: 0.388, C: 0.417, P: 0.923

4 (12) P Z
 A N 456 85 541 65.7 Amigo íntimo (0,388)
 % 84.3 15.7

T N 72 15 87 10.6 Amigo íntimo e colegas da universidade (0,444)
 % 82.8 17.2

C N 65 12 77 9.4 Colega da universidade (0,417)
 % 84.4 15.6

P N 116 2 118 14.3 Apresentação de seminário (0,923)
 % 98.3 1.7

Total N 709 114 823
 % 86.1 13.9

 TOTAL N 709 114 823
 % 86.1 13.9

Name of new cell file: Lavínia - situações comunicativas.cel

• BINOMIAL VARBRUL • 16/05/2022 10:16:55

Name of cell file: Lavínia - situações comunicativas.cel

Averaging by weighting factors.

Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:

Convergence at Iteration 2

Input 0.861

Log likelihood = -331.063

----- Level # 1 -----

Run # 2, 3 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.926

Group # 1 -- A: 0.850, W: 0.198, D: 0.266

Log likelihood = -278.404 Significance = 0.000

Run # 3, 2 cells:

Convergence at Iteration 4

Input 0.862

Group # 2 -- -: 0.492, +: 0.538

Log likelihood = -330.816 Significance = 0.488

Run # 4, 8 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.805

Group # 3 -- M: 0.611, q: 0.015, p: 0.464, z: 0.828, h: 0.097, R: 0.386, n: 0.899

Log likelihood = -278.220 Significance = 0.000

Run # 5, 4 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.882

Group # 4 -- T: 0.391, A: 0.418, C: 0.421, P: 0.886

Log likelihood = -318.708 Significance = 0.000

Add Group # 3 with factors MqpzhRn

----- Level # 2 -----

Run # 6, 17 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.935

Group # 1 -- A: 0.839, W: 0.193, D: 0.416

Group # 3 -- M: 0.553, q: 0.015, p: 0.473, z: 0.807, h: 0.036, R: 0.434, n: 0.916

Log likelihood = -235.592 Significance = 0.000

Run # 7, 16 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.807

Group # 2 -- -: 0.467, +: 0.645

Group # 3 -- M: 0.598, q: 0.015, p: 0.471, z: 0.827, h: 0.086, R: 0.379, n: 0.888

Log likelihood = -239.539 Significance = 0.000

Run # 8, 30 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.842

Group # 3 -- M: 0.604, q: 0.011, p: 0.458, z: 0.832, h: 0.097, R: 0.427, n: 0.912

Group # 4 -- T: 0.441, A: 0.394, C: 0.422, P: 0.913

Log likelihood = -230.309 Significance = 0.000

Add Group # 4 with factors TACP

----- Level # 3 -----

Run # 9, 51 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.949

Group # 1 -- A: 0.845, W: 0.190, D: 0.385

Group # 3 -- M: 0.567, q: 0.011, p: 0.465, z: 0.818, h: 0.036, R: 0.474, n: 0.926

Group # 4 -- T: 0.426, A: 0.389, C: 0.409, P: 0.927

Log likelihood = -221.873 Significance = 0.000

Run # 10, 53 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.838

Group # 2 -- -: 0.470, +: 0.633

Group # 3 -- M: 0.584, q: 0.012, p: 0.465, z: 0.832, h: 0.088, R: 0.417, n: 0.904

Group # 4 -- T: 0.455, A: 0.392, C: 0.428, P: 0.911

Log likelihood = -226.577 Significance = 0.008

Add Group # 1 with factors AWD

----- Level # 4 -----

Run # 11, 80 cells:

MELHOR RODADA!!!

No Convergence at Iteration 20

Input 0.948

Group # 1 – POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL

A: 0.846, ANTES DO NÚCLEO

W: 0.187, NÚCLEO A PARTIR DA 1ª POSIÇÃO

D: 0.409, DEPOIS DO NÚCLEO

Group # 2 – SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS

+: 0.635, [+SALIENTE]

-: 0.470, [-SALIENTE]

Group # 3 – MARCAS PRECEDENTES

q: 0.011, SPREP SEM MARCAS

n: 0.919, NUMERAL NÃO TERMINADO EM -S

R: 0.464, NUMERAL TERMINADO EM -S

p: 0.473, UMA MARCA FORMAL

z: 0.823, DUAS OU MAIS MARCAS FORMAIS

M: 0.532, MISTURA DE MARCAS

h: 0.030, ZERO IMEDIATAMENTE PRECEDENTE

Group # 4 – SITUAÇÃO COMUNICATIVA

A: 0.388, AMIGO ÍNTIMO

T: 0.444, AMIGO ÍNTIMO E COLEGAS DA UNIVERSIDADE

C: 0.417, COLEGA DA UNIVERSIDADE

P: 0.923, APRESENTAÇÃO DE SEMINÁRIO

Log likelihood = -219.567 Significance = 0.035

Add Group # 2 with factors -+

Best stepping up run: #11

Stepping down...

----- Level # 4 -----

Run # 12, 80 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.948

Group # 1 -- A: 0.846, W: 0.187, D: 0.409

Group # 2 -- -: 0.470, +: 0.635

Group # 3 -- M: 0.532, q: 0.011, p: 0.473, z: 0.823, h: 0.030, R: 0.464, n: 0.919

Group # 4 -- T: 0.444, A: 0.388, C: 0.417, P: 0.923

Log likelihood = -219.567

----- Level # 3 -----

Run # 13, 53 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.838

Group # 2 -- -: 0.470, +: 0.633

Group # 3 -- M: 0.584, q: 0.012, p: 0.465, z: 0.832, h: 0.088, R: 0.417, n: 0.904

Group # 4 -- T: 0.455, A: 0.392, C: 0.428, P: 0.911

Log likelihood = -226.577 Significance = 0.001

Run # 14, 51 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.949

Group # 1 -- A: 0.845, W: 0.190, D: 0.385

Group # 3 -- M: 0.567, q: 0.011, p: 0.465, z: 0.818, h: 0.036, R: 0.474, n: 0.926

Group # 4 -- T: 0.426, A: 0.389, C: 0.409, P: 0.927

Log likelihood = -221.873 Significance = 0.035

Run # 15, 24 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.939

Group # 1 -- A: 0.861, W: 0.192, D: 0.216

Group # 2 -- -: 0.470, +: 0.633

Group # 4 -- T: 0.381, A: 0.416, C: 0.413, P: 0.895

Log likelihood = -261.676 Significance = 0.000

Run # 16, 30 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.933

Group # 1 -- A: 0.840, W: 0.191, D: 0.430

Group # 2 -- -: 0.466, +: 0.650

Group # 3 -- M: 0.525, q: 0.015, p: 0.481, z: 0.812, h: 0.031, R: 0.426, n: 0.906

Log likelihood = -232.417 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: None

Best stepping up run: #11

Best stepping down run: #12

Rodada 3 (análise A) – Traços estilísticos

Number of cells: 68
Application value(s): PZ
Total no. of factors: 17

Group	P	Z	Total	%

POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL				
Group # 1 -- A: 0.837, W: 0.563, n: 0.153, D: 0.563				
1 (2)				
A	N	P	Z	
		355	5	360 43.7
		% 98.6	1.4	Antes do núcleo (0,837)
n	N	267	93	360 43.7
		% 74.2	25.8	Núcleo na 2ª posição (0,153)
W	N	37	5	42 5.1
		% 88.1	11.9	Núcleo a partir da 2ª posição (0,563)
D	N	50	11	61 7.4
		% 82.0	18.0	Depois do núcleo (0,563)
Total N		709	114	823
		% 86.1	13.9	

SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS				
Group # 2 -- -: 0.466, +: 0.649				
2 (3)				
+	N	P	Z	
		131	18	149 18.1
		% 87.9	12.1	[+ saliente] (0,649)
-	N	578	96	674 81.9
		% 85.8	14.2	[- saliente] (0,466)
Total N		709	114	823
		% 86.1	13.9	

MARCAS PRECEDENTES				
Group # 3 -- M: 0.233, q: 0.014, p: 0.537, z: 0.525, h: 0.019, R: 0.538, n: 0.937				
3 (4)				
q	N	P	Z	
		1	16	17 3.5
		% 5.9	94.1	Sprep sem marcas (0,014)
n	N	37	1	38 7.7
		% 97.4	2.6	Numeral não terminado em -s (0,937)
R	N	26	10	36 7.3
		% 72.2	27.8	Numeral terminado em -s (0,538)
p	N	247	69	316 64.2
		% 78.2	21.8	Uma marca formal (0,537)
z	N	40	2	42 8.5
		% 95.2	4.8	Duas ou mais marcas formais (0,525)

M N 26 4 30 6.1 Mistura de marcas (0,233)
% 86.7 13.3

h N 4 9 13 2.6 Zero imediatamente precedente (0,019)
% 30.8 69.2

Total N 381 111 492
% 77.4 22.6

ENQUADRE/PROXIMIDADE INTERACIONAL

Group # 4 -- c: 0.405, a: 0.908

4 (8) P Z
a N 116 2 118 14.3 Não conversa entre [- próximos] (0,908)
% 98.3 1.7

c N 593 112 705 85.7 Conversa entre [+ próximos] (0,405)
% 84.1 15.9

Total N 709 114 823
% 86.1 13.9

TÓPICO DISCURSIVO

Group # 5 -- l: 0.574, c: 0.442

5 (11) P Z
l N 331 30 361 43.9 Assuntos acadêmicos/profissionais (0,574)
% 91.7 8.3

c N 378 84 462 56.1 Assuntos cotidianos (0,442)
% 81.8 18.2

Total N 709 114 823
% 86.1 13.9

TOTAL N 709 114 823
% 86.1 13.9

Name of new cell file: Lavínia - situações comunicativas.cel

• BINOMIAL VARBRUL • 16/05/2022 10:25:37

Name of cell file: Lavínia - situações comunicativas.cel

Averaging by weighting factors.

Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:

Convergence at Iteration 2

Input 0.861

Log likelihood = -331.063

----- Level # 1 -----

Run # 2, 4 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.927

Group # 1 -- A: 0.848, W: 0.369, n: 0.185, D: 0.264
Log likelihood = -276.135 Significance = 0.000

Run # 3, 2 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.862
Group # 2 -- -: 0.492, +: 0.538
Log likelihood = -330.816 Significance = 0.488

Run # 4, 8 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.805
Group # 3 -- M: 0.611, q: 0.015, p: 0.464, z: 0.828, h: 0.097, R: 0.386, n: 0.899
Log likelihood = -278.220 Significance = 0.000

Run # 5, 2 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.882
Group # 4 -- c: 0.415, a: 0.886
Log likelihood = -318.775 Significance = 0.000

Run # 6, 2 cells:
Convergence at Iteration 4
Input 0.870
Group # 5 -- l: 0.623, c: 0.403
Log likelihood = -322.400 Significance = 0.000

Add Group # 1 with factors AWnD

----- Level # 2 -----

Run # 7, 8 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.928
Group # 1 -- A: 0.857, W: 0.355, n: 0.177, D: 0.248
Group # 2 -- -: 0.466, +: 0.648
Log likelihood = -272.311 Significance = 0.008

Run # 8, 18 cells:
No Convergence at Iteration 20
Input 0.932
Group # 1 -- A: 0.831, W: 0.456, n: 0.170, D: 0.517
Group # 3 -- M: 0.338, q: 0.016, p: 0.519, z: 0.608, h: 0.026, R: 0.484, n: 0.930
Log likelihood = -234.593 Significance = 0.000

Run # 9, 8 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.939
Group # 1 -- A: 0.853, W: 0.390, n: 0.183, D: 0.223
Group # 4 -- c: 0.408, a: 0.902
Log likelihood = -261.982 Significance = 0.000

Run # 10, 8 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.932
Group # 1 -- A: 0.852, W: 0.387, n: 0.183, D: 0.238
Group # 5 -- l: 0.636, c: 0.392
Log likelihood = -266.535 Significance = 0.000

Add Group # 3 with factors MqpzhRn

----- Level # 3 -----

Run # 11, 31 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.930

Group # 1 -- A: 0.830, W: 0.465, n: 0.168, D: 0.543

Group # 2 -- -: 0.466, +: 0.651

Group # 3 -- M: 0.307, q: 0.016, p: 0.529, z: 0.598, h: 0.021, R: 0.478, n: 0.923

Log likelihood = -231.371 Significance = 0.012

Run # 12, 29 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.948

Group # 1 -- A: 0.838, W: 0.538, n: 0.157, D: 0.526

Group # 3 -- M: 0.279, q: 0.012, p: 0.526, z: 0.554, h: 0.023, R: 0.538, n: 0.941

Group # 4 -- c: 0.390, a: 0.936

Log likelihood = -220.481 Significance = 0.000

Run # 13, 30 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.937

Group # 1 -- A: 0.834, W: 0.455, n: 0.170, D: 0.490

Group # 3 -- M: 0.344, q: 0.018, p: 0.507, z: 0.615, h: 0.033, R: 0.505, n: 0.936

Group # 5 -- l: 0.627, c: 0.400

Log likelihood = -227.789 Significance = 0.000

Add Group # 4 with factors ca

----- Level # 4 -----

Run # 14, 49 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.946

Group # 1 -- A: 0.836, W: 0.563, n: 0.154, D: 0.566

Group # 2 -- -: 0.470, +: 0.634

Group # 3 -- M: 0.237, q: 0.013, p: 0.539, z: 0.528, h: 0.018, R: 0.534, n: 0.936

Group # 4 -- c: 0.392, a: 0.932

Log likelihood = -218.101 Significance = 0.032

Run # 15, 41 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.948

Group # 1 -- A: 0.838, W: 0.532, n: 0.158, D: 0.519

Group # 3 -- M: 0.285, q: 0.013, p: 0.522, z: 0.557, h: 0.025, R: 0.542, n: 0.942

Group # 4 -- c: 0.401, a: 0.916

Group # 5 -- l: 0.563, c: 0.451

Log likelihood = -219.041 Significance = 0.092

Add Group # 2 with factors -+

----- Level # 5 -----

Run # 16, 68 cells:

MELHOR RODADA!!!

No Convergence at Iteration 20

Input 0.947

Group # 1 – POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL

A: 0.837, ANTES DO NÚCLEO

n: 0.153, NÚCLEO NA 2ª POSIÇÃO

W: 0.563, NÚCLEO A PARTIR DA 2ª POSIÇÃO

D: 0.563, DEPOIS DO NÚCLEO

Group # 2 – SALIÊNCIA FÔNICA

+: 0.649, [+SALIENTE]

-: 0.466, [-SALIENTE]

Group # 3 – MARCAS PRECEDENTES

q: 0.014, SPREP SEM MARCAS

n: 0.937, NUMERAL NÃO TERMINADO EM -S

R: 0.538, NUMERAL TERMINADO EM -S

p: 0.537, UMA MARCA FORMAL

z: 0.525, DUAS OU MAIS MARCAS FORMAIS

M: 0.233, MISTURA DE MARCAS

h: 0.019, ZERO IMEDIATAMENTE PRECEDENTE

Group # 4 – ENQUADRE/PROXIMIDADE INTERACIONAL

a: 0.908, NÃO CONVERSA ENTRE [-PRÓXIMOS]

c: 0.405, CONVERSA ENTRE [+PRÓXIMOS]

Group # 5 – TÓPICO DISCURSIVO

l: 0.574, ASSUNTOS ACADÊMICOS/PROFISSIONAIS

c: 0.442, ASSUNTOS COTIDIANOS

Log likelihood = -216.127 Significance = 0.048

Add Group # 5 with factors lc

Best stepping up run: #16

Stepping down...

----- Level # 5 -----

Run # 17, 68 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.947

Group # 1 -- A: 0.837, W: 0.563, n: 0.153, D: 0.563

Group # 2 -- -: 0.466, +: 0.649

Group # 3 -- M: 0.233, q: 0.014, p: 0.537, z: 0.525, h: 0.019, R: 0.538, n: 0.937

Group # 4 -- c: 0.405, a: 0.908

Group # 5 -- l: 0.574, c: 0.442

Log likelihood = -216.127

----- Level # 4 -----

Run # 18, 44 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.840

Group # 2 -- -: 0.467, +: 0.647

Group # 3 -- M: 0.575, q: 0.013, p: 0.463, z: 0.834, h: 0.094, R: 0.420, n: 0.903

Group # 4 -- c: 0.417, a: 0.882

Group # 5 -- l: 0.573, c: 0.443

Log likelihood = -224.719 Significance = 0.001

Run # 19, 41 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.948

Group # 1 -- A: 0.838, W: 0.532, n: 0.158, D: 0.519

Group # 3 -- M: 0.285, q: 0.013, p: 0.522, z: 0.557, h: 0.025, R: 0.542, n: 0.942

Group # 4 -- c: 0.401, a: 0.916

Group # 5 -- l: 0.563, c: 0.451

Log likelihood = -219.041 Significance = 0.017

Run # 20, 24 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.942

Group # 1 -- A: 0.862, W: 0.379, n: 0.176, D: 0.207

Group # 2 -- -: 0.466, +: 0.650

Group # 4 -- c: 0.426, a: 0.857

Group # 5 -- l: 0.592, c: 0.428

Log likelihood = -255.458 Significance = 0.000

Run # 21, 52 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.935

Group # 1 -- A: 0.834, W: 0.478, n: 0.165, D: 0.527

Group # 2 -- -: 0.462, +: 0.667

Group # 3 -- M: 0.291, q: 0.017, p: 0.522, z: 0.592, h: 0.026, R: 0.501, n: 0.930

Group # 5 -- l: 0.633, c: 0.395

Log likelihood = -223.918 Significance = 0.000

Run # 22, 49 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.946

Group # 1 -- A: 0.836, W: 0.563, n: 0.154, D: 0.566

Group # 2 -- -: 0.470, +: 0.634

Group # 3 -- M: 0.237, q: 0.013, p: 0.539, z: 0.528, h: 0.018, R: 0.534, n: 0.936

Group # 4 -- c: 0.392, a: 0.932

Log likelihood = -218.101 Significance = 0.048

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: None

Best stepping up run: #16

Best stepping down run: #17

Rodada 4 (análise B) – Traços estilísticos

Number of cells: 68
Application value(s): PZ
Total no. of factors: 16

Group P Z Total %

POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL
Group # 1 -- A: 0.847, N: 0.187, D: 0.398

1 (2)	P	Z				
A N	355	5	360	43.7	Antes do núcleo (0,847)	
%	98.6	1.4				
N N	304	98	402	48.8	Núcleo a partir da 1ª posição (0,187)	
%	75.6	24.4				
D N	50	11	61	7.4	Depois do núcleo (0,398)	
%	82.0	18.0				

Total N	709	114	823
%	86.1	13.9	

SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS
Group # 2 -- -: 0.467, +: 0.645

2 (3)	P	Z			
+ N	131	18	149	18.1	[+ saliente] (0,645)
%	87.9	12.1			
- N	578	96	674	81.9	[- saliente] (0,467)
%	85.8	14.2			

Total N	709	114	823
%	86.1	13.9	

MARCAS PRECEDENTES

Group # 3 -- M: 0.528, q: 0.013, p: 0.470, z: 0.827, h: 0.033, R: 0.466, n: 0.918

3 (4)	P	Z			
q N	1	16	17	3.5	Sprep sem marcas (0,013)
%	5.9	94.1			
n N	37	1	38	7.7	Numeral não terminado em -s (0,918)
%	97.4	2.6			
R N	26	10	36	7.3	Numeral terminado em -s (0,466)
%	72.2	27.8			
p N	247	69	316	64.2	Uma marca formal (0,470)
%	78.2	21.8			
z N	40	2	42	8.5	Duas ou mais marcas formais (0,827)
%	95.2	4.8			
M N	26	4	30	6.1	Mistura de marcas (0,528)
%	86.7	13.3			

h N 4 9 13 2.6 Zero imediatamente precedente (0,033)
% 30.8 69.2

Total N 381 111 492
% 77.4 22.6

ENQUADRE/PROXIMIDADE INTERACIONAL

Group # 4 -- c: 0.411, a: 0.895

4 (8) P Z
a N 116 2 118 14.3 Não conversa entre [- próximos] (0,895)
% 98.3 1.7

c N 593 112 705 85.7 Conversa entre [+ próximos] (0,411)
% 84.1 15.9

Total N 709 114 823
% 86.1 13.9

TÓPICO DISCURSIVO

Group # 5 -- l: 0.574, c: 0.442

5 (11) P Z
l N 331 30 361 43.9 Assuntos acadêmicos/profissionais (0,574)
% 91.7 8.3

c N 378 84 462 56.1 Assuntos cotidianos (0,442)
% 81.8 18.2

Total N 709 114 823
% 86.1 13.9

TOTAL N 709 114 823
% 86.1 13.9

Name of new cell file: Lavínia - situações comunicativas.cel

• BINOMIAL VARBRUL • 16/05/2022 10:26:58
Name of cell file: Lavínia - situações comunicativas.cel

Averaging by weighting factors.
Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:
Convergence at Iteration 2
Input 0.861
Log likelihood = -331.063

----- Level # 1 -----

Run # 2, 3 cells:
Convergence at Iteration 6
Input 0.926

Group # 1 -- A: 0.850, N: 0.198, D: 0.266
 Log likelihood = -278.404 Significance = 0.000

Run # 3, 2 cells:
 Convergence at Iteration 4
 Input 0.862
 Group # 2 -- -: 0.492, +: 0.538
 Log likelihood = -330.816 Significance = 0.488

Run # 4, 8 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.805
 Group # 3 -- M: 0.611, q: 0.015, p: 0.464, z: 0.828, h: 0.097, R: 0.386, n: 0.899
 Log likelihood = -278.220 Significance = 0.000

Run # 5, 2 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.882
 Group # 4 -- c: 0.415, a: 0.886
 Log likelihood = -318.775 Significance = 0.000

Run # 6, 2 cells:
 Convergence at Iteration 4
 Input 0.870
 Group # 5 -- l: 0.623, c: 0.403
 Log likelihood = -322.400 Significance = 0.000

Add Group # 3 with factors MqpzhRn

----- Level # 2 -----

Run # 7, 17 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.935
 Group # 1 -- A: 0.839, N: 0.193, D: 0.416
 Group # 3 -- M: 0.553, q: 0.015, p: 0.473, z: 0.807, h: 0.036, R: 0.434, n: 0.916
 Log likelihood = -235.592 Significance = 0.000

Run # 8, 16 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.807
 Group # 2 -- -: 0.467, +: 0.645
 Group # 3 -- M: 0.598, q: 0.015, p: 0.471, z: 0.827, h: 0.086, R: 0.379, n: 0.888
 Log likelihood = -239.539 Significance = 0.000

Run # 9, 16 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.842
 Group # 3 -- M: 0.601, q: 0.012, p: 0.459, z: 0.835, h: 0.095, R: 0.425, n: 0.910
 Group # 4 -- c: 0.403, a: 0.913
 Log likelihood = -230.469 Significance = 0.000

Run # 10, 16 cells:
 Convergence at Iteration 10
 Input 0.828
 Group # 3 -- M: 0.607, q: 0.016, p: 0.456, z: 0.830, h: 0.113, R: 0.408, n: 0.908
 Group # 5 -- l: 0.618, c: 0.407
 Log likelihood = -241.673 Significance = 0.000

Add Group # 4 with factors ca

----- Level # 3 -----

Run # 11, 29 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.949

Group # 1 -- A: 0.845, N: 0.190, D: 0.385

Group # 3 -- M: 0.564, q: 0.012, p: 0.465, z: 0.820, h: 0.036, R: 0.472, n: 0.924

Group # 4 -- c: 0.395, a: 0.927

Log likelihood = -221.964 Significance = 0.000

Run # 12, 29 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.838

Group # 2 -- -: 0.471, +: 0.630

Group # 3 -- M: 0.579, q: 0.012, p: 0.466, z: 0.834, h: 0.086, R: 0.415, n: 0.900

Group # 4 -- c: 0.404, a: 0.911

Log likelihood = -226.798 Significance = 0.008

Run # 13, 24 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.845

Group # 3 -- M: 0.602, q: 0.012, p: 0.456, z: 0.835, h: 0.103, R: 0.430, n: 0.912

Group # 4 -- c: 0.413, a: 0.890

Group # 5 -- l: 0.561, c: 0.452

Log likelihood = -228.662 Significance = 0.060

Add Group # 1 with factors AND

----- Level # 4 -----

Run # 14, 49 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.948

Group # 1 -- A: 0.846, N: 0.187, D: 0.407

Group # 2 -- -: 0.470, +: 0.631

Group # 3 -- M: 0.530, q: 0.012, p: 0.473, z: 0.825, h: 0.029, R: 0.463, n: 0.916

Group # 4 -- c: 0.398, a: 0.922

Log likelihood = -219.768 Significance = 0.039

Run # 15, 41 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.949

Group # 1 -- A: 0.846, N: 0.191, D: 0.376

Group # 3 -- M: 0.569, q: 0.012, p: 0.461, z: 0.821, h: 0.040, R: 0.476, n: 0.926

Group # 4 -- c: 0.407, a: 0.905

Group # 5 -- l: 0.564, c: 0.450

Log likelihood = -220.472 Significance = 0.088

Add Group # 2 with factors -+

----- Level # 5 -----

Run # 16, 68 cells:

MELHOR RODADA!!!

No Convergence at Iteration 20

Input 0.948

Group # 1 – POSIÇÃO RELATIVA E LINEAR DOS ELEMENTOS DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL

A: 0.847, ANTES DO NÚCLEO

N: 0.187, NÚCLEO A PARTIR DA 1ª POSIÇÃO

D: 0.398, DEPOIS DO NÚCLEO

Group # 2 – SALIÊNCIA FÔNICA NA RELAÇÃO SINGULAR/PLURAL DOS ITENS NOMINAIS
 +: 0.645, [+SALIENTE]
 -: 0.467, [-SALIENTE]

Group # 3 – MARCAS PRECEDENTES
 n: 0.918, NUMERAL NÃO TERMINADO EM -S
 R: 0.466, NUMERAL TERMINADO EM -S
 p: 0.470, UMA MARCA FORMAL
 z: 0.827, DUAS OU MAIS MARCAS FORMAIS
 M: 0.528, MISTURA DE MARCAS
 h: 0.033, ZERO IMEDIATAMENTE PRECEDENTE
 q: 0.013, SPREP SEM MARCAS

Group # 4 – ENQUADRE/PROXIMIDADE INTERACIONAL
 a: 0.895, NÃO CONVERSA ENTRE [-PRÓXIMOS]
 c: 0.411, CONVERSA ENTRE [+PRÓXIMOS]

Group # 5 – TÓPICO DISCURSIVO
 l: 0.574, ASSUNTOS ACADÊMICOS/PROFISSIONAIS
 c: 0.442, ASSUNTOS COTIDIANOS

Log likelihood = -217.789 Significance = 0.048

Add Group # 5 with factors lc

Best stepping up run: #16

Stepping down...

----- Level # 5 -----

Run # 17, 68 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.948
 Group # 1 -- A: 0.847, N: 0.187, D: 0.398
 Group # 2 -- -: 0.467, +: 0.645
 Group # 3 -- M: 0.528, q: 0.013, p: 0.470, z: 0.827, h: 0.033, R: 0.466, n: 0.918
 Group # 4 -- c: 0.411, a: 0.895
 Group # 5 -- l: 0.574, c: 0.442
 Log likelihood = -217.789

----- Level # 4 -----

Run # 18, 44 cells:
 No Convergence at Iteration 20
 Input 0.840
 Group # 2 -- -: 0.467, +: 0.647
 Group # 3 -- M: 0.575, q: 0.013, p: 0.463, z: 0.834, h: 0.094, R: 0.420, n: 0.903
 Group # 4 -- c: 0.417, a: 0.882
 Group # 5 -- l: 0.573, c: 0.443
 Log likelihood = -224.719 Significance = 0.001

Run # 19, 41 cells:

No Convergence at Iteration 20
 Input 0.949
 Group # 1 -- A: 0.846, N: 0.191, D: 0.376
 Group # 3 -- M: 0.569, q: 0.012, p: 0.461, z: 0.821, h: 0.040, R: 0.476, n: 0.926
 Group # 4 -- c: 0.407, a: 0.905
 Group # 5 -- l: 0.564, c: 0.450
 Log likelihood = -220.472 Significance = 0.021

Run # 20, 18 cells:

Convergence at Iteration 6

Input 0.941

Group # 1 -- A: 0.863, N: 0.191, D: 0.208

Group # 2 -- -: 0.465, +: 0.652

Group # 4 -- c: 0.427, a: 0.853

Group # 5 -- l: 0.590, c: 0.429

Log likelihood = -258.187 Significance = 0.000

Run # 21, 52 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.939

Group # 1 -- A: 0.844, N: 0.190, D: 0.402

Group # 2 -- -: 0.462, +: 0.664

Group # 3 -- M: 0.524, q: 0.016, p: 0.470, z: 0.821, h: 0.040, R: 0.446, n: 0.914

Group # 5 -- l: 0.633, c: 0.395

Log likelihood = -225.050 Significance = 0.000

Run # 22, 49 cells:

No Convergence at Iteration 20

Input 0.948

Group # 1 -- A: 0.846, N: 0.187, D: 0.407

Group # 2 -- -: 0.470, +: 0.631

Group # 3 -- M: 0.530, q: 0.012, p: 0.473, z: 0.825, h: 0.029, R: 0.463, n: 0.916

Group # 4 -- c: 0.398, a: 0.922

Log likelihood = -219.768 Significance = 0.048

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: None

Best stepping up run: #16

Best stepping down run: #17

APÊNDICE D – TESTE DE SIGNIFICÂNCIA ESTATÍSTICA

Teste: núcleo na segunda posição e núcleo a partir da segunda posição

Log likelihood: -236.470 (análise A – sem amálgama)

Log likelihood: -234.040 (análise B – com amálgama)

Cálculo: $236.470 - 234.040 = 2.430 \times 2 = 4.860$

Grau de liberdade: 1

Valor na Tabela de distribuição do qui-quadrado: 3.841

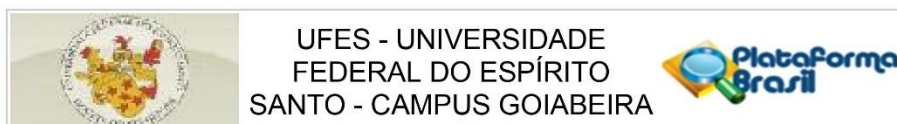
Conclusão: $4.860 > 3.841$, ou seja, a diferença entre os fatores núcleo na segunda posição e núcleo a partir da segunda posição é estatisticamente significativa.

Graus de liberdade	Nível de significância				
	0,95	0,90	0,10	0,05	0,01
1	0,004	0,016	2,706	3,841	6,635
2	0,103	0,211	4,605	5,991	9,210
3	0,352	0,584	6,251	7,815	11,345
4	0,771	1,064	7,779	9,488	13,277
5	1,145	1,610	9,236	11,071	15,086
6	1,635	2,204	10,645	12,592	16,812
7	2,167	2,833	12,017	14,067	18,475
8	2,733	3,490	13,362	15,507	20,090
9	3,325	4,168	14,648	16,919	21,666
10	3,940	4,856	15,987	18,307	23,209

Fonte: Guy e Zilles (2007, p. 234) – adaptado.

ANEXOS

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Variação e estilo: uma investigação de falantes capixabas em diferentes situações comunicativas

Pesquisador: Juliana Rangel Scardua

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 24101519.7.0000.5542

Instituição Proponente: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUISTICA - PPGEL

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.749.668

Apresentação do Projeto:

O presente estudo investiga a variação da concordância nominal, que se apresenta sob a forma de duas variantes no português brasileiro: presença de marcas plurais em todos os elementos flexionáveis do sintagma nominal ou ausência de marcas plurais em alguns elementos flexionáveis do sintagma nominal. Para o desenvolvimento da pesquisa, iremos constituir, por meio da observação participante, uma amostra de gravações naturais de fala, investigando dois falantes: um homem e uma mulher capixaba, de 15-25 anos, de ensino superior, interagindo com diferentes interlocutores, em contextos informais e formais. É importante frisar aqui que a identificação dos participantes será preservada, seguindo o princípio ético da metodologia sociolinguística que garante anonimato aos voluntários que aceitam participar das pesquisas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Analisar a concordância nominal em situações naturais de fala com o intuito de colaborar para o conhecimento linguístico do português brasileiro.

Objetivo Secundário: 1) Captar alternâncias estilísticas por meio de contextos comunicativos diversos; 2) Analisar o efeito de variáveis linguísticas sobre a presença ou ausência da marcação de plural nos sintagmas nominais; 3) Verificar se homens e mulheres têm o mesmo grau de trânsito estilístico; 4) Refletir sobre o papel do estilo na variação da concordância nominal.

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN
Bairro: Goiabeiras **CEP:** 29.075-910
UF: ES **Município:** VITORIA
Telefone: (27)3145-9820 **E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.749.668

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Não há riscos envolvidos nas gravações de fala. No entanto, há que se considerar a possibilidade de risco mínimo no sentido de que o participante pode, em qualquer momento da gravação, se sentir desconfortável, mudar de ideia quanto à sua participação ou até mesmo ter um mal súbito não relacionado com a situação de gravação. Em qualquer uma das circunstâncias mencionadas, ou na ocorrência de outra não prevista, a gravação será suspensa e toda atenção será dispensada ao participante. Em qualquer circunstância será demonstrado ao voluntário agradecimento pela sua participação, completando ou não a gravação.

Benefícios:

Ampliação do conhecimento sobre a concordância nominal de número na comunidade de Vitória e, por conseguinte, no português brasileiro; produção de evidências para avançar na compreensão do papel do estilo na variação linguística.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto tem grande relevância científica e social, podendo vir a contribuir para o avanço do conhecimento da área em questão.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Com base na Resolução CNS nº 466/2012 e Resolução CNS 510/2016, foram analisados os seguintes quesitos:

1) Folha de Rosto para pesquisa envolvendo seres humanos:

Adequada.

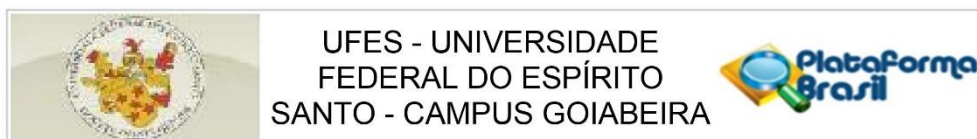
Todos os campos estão preenchidos. A folha é assinada pelo Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística.

2) Projeto de Pesquisa Detalhado:

Adequado.

O arquivo "VARIÇÃO E ESTILO: UMA INVESTIGAÇÃO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL EM DIFERENTES SITUAÇÕES COMUNICATIVAS", submetido na categoria Projeto de Pesquisa Detalhado, totaliza 17 páginas, nas quais estão apresentados, de modo estruturado e detalhado, em seções específicas, a literatura científica sobre a área em questão; as discussões pertinentes ao objeto de estudo; os objetivos da pesquisa; os procedimentos metodológicos; os critérios de seleção de participantes; os recursos metodológicos a serem utilizados; os procedimentos de análise e o

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN
Bairro: Goiabeiras **CEP:** 29.075-910
UF: ES **Município:** VITÓRIA
Telefone: (27)3145-9820 **E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.749.668

cronograma. Nos anexos são apresentados as escalas e instrumentos utilizados na pesquisa.

3) Termos de Consentimento Livre e Esclarecido & Assentimento Livre e Esclarecido:

Adequados.

Contemplam os itens solicitados pela Resolução nº466/2012 e Resolução CNS 510/2016.

4) Cronograma:

Adequado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto tem grande relevância científica e social, com possibilidade de benefício direto aos participantes.

O protocolo de pesquisa encontra-se em consonância com as Resoluções 466/2012 e 510/2015 do CNS.

Portanto, o parecer é favorável à aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1443860.pdf	17/10/2019 16:39:03		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	17/10/2019 16:38:12	Juliana Rangel Scardua	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_atualizada.pdf	17/10/2019 16:34:16	Juliana Rangel Scardua	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA.docx	04/10/2019 23:41:19	Juliana Rangel Scardua	Aceito

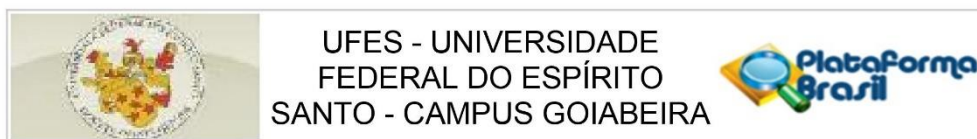
Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Fernando Ferrari,514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN
Bairro: Goiabeiras **CEP:** 29.075-910
UF: ES **Município:** VITORIA
Telefone: (27)3145-9820 **E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.749.668

VITORIA, 06 de Dezembro de 2019

Assinado por:
KALLINE PEREIRA AROEIRA
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Fernando Ferrari,514-Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN
Bairro: Goiabeiras **CEP:** 29.075-910
UF: ES **Município:** VITORIA
Telefone: (27)3145-9820 **E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com

ANEXO B – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

...	Pausa
.	Entonação descendente
?	Entonação ascendente
,	Entonação de continuidade
↑	Som mais agudo
↓	Som mais grave
-	Marca de corte abrupto
: ou ::	Prolongamento do som (maior duração)
<u>Palavra</u>	Sílaba enfatizada
PALAVRA	Fala em intensidade maior (“volume” alto)
°palavra°	Fala em intensidade menor (“volume” baixo)
>palavra<	Fala acelerada
<palavra>	Fala desacelerada
Hh	Aspiração ou riso
.hh	Inspiração audível
[]	Início e fim de falas simultâneas/sobrepostas
=	Eloquções contíguas, sem intervalo
()	Fala que não pôde ser transcrita
(palavra)	Transcrição duvidosa
(())	Comentários, descrição de atividade não vocal
“palavra”	Discurso direto

Fonte: Garcez; Bulla e Loder, 2014, p. 272 – adaptado